UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA SOCIAL
DOUTORADO EM HISTÓRIA

BENTO TEIXEIRA E A “ESCOLA DE SATANÁS”
O Poeta que teve a “prisão por recreação, a solidão por companhia
e a tristeza por prazer”.

Professor Orientador: Anita Waingort Novinsky
Aluna: Eneida Beraldi Ribeiro
Dezembro de 2006.

Resumo

A perseguição Inquisitorial no Brasil no final do século XVI foi responsável por desvendar uma das personalidades mais representativas da população colonial: Bento Teixeira. Cristão novo, professor e letrado, foi preso pelo Tribunal do Santo Ofício da Inquisição no ano de 1595 por crimes de Judaísmo. Durante seu processo redigiu inúmeros textos através dos quais buscava a vida. Nesses textos trouxe à tona o cotidiano dos cárceres, a corrupção dos funcionários da Inquisição e a compra de “perdões gerais”. A vida e os costumes nas principais capitanias do Brasil são vislumbrados e deles emergem uma população cripto judia em luta contra a exclusão e o preconceito.

Abstract

The Inquisition persecution in the end of the 15 century was responsible to show one of the most representative personalities of the colonial population: Bento Teixeira. New Christian, teacher and scholar, he was prisoner by the Holy Inquisition, in 1595 for Judaism crimes. During the process he wrote numerous tests in which he tried to save his life. Through these tests he showed the prison's daily routine and the corruption of the Inquisitors. The Brazilian colonial life was described and appears a cryptojewish community fighting against exclusion and prejudice.

Índice

Agradecimentos

Introdução

Capítulo Primeiro: O Brasil nos tempos de Bento Teixeira

1. Como se vivia
2. O que se aprendia
3. O Cotidiano e a Fé
4. O Clero Católico: suas limitações e seus vícios.
5. Os homens de “ida e vinda”

Capítulo Segundo: O Marranismo

1. Conceito Teórico e a nova categoria: Os Cristãos Novos
2. A Inquisição e a Primeira “Vassourada” na Colônia¹
3. O “Melhor da Terra”²

Capítulo Terceiro: O Primeiro poeta das Américas: Bento Teixeira.

1. Visto pela Historiografia
2. Sua formação, suas paixões e seus pesares.
3. Denúncias contra o herege.
4. O Crime: Judaísmo

¹ Termo utilizado por Capistrano de Abreu em Introdução ao livro da Primeira Visitação do santo ofício às partes do Brasil. Confissões e Denúncias da Bahia.

² Termo utilizado por Anita Novinsky em Cristãos Novos na Bahia: A Inquisição.

Capítulo Quarto: O Inferno

1. Os “Interrogatórios”
2. Estratégias de salvação: o Jogo, a dissimulação e a camuflagem
3. A “Escola de Satanás” A Corrupção do Santo Ofício
4. Os depoimentos sobre o Poeta
5. Representações contra o Catolicismo.

Capítulo Quinto: O “Ladrão de Casas”

1. Sua visão de Mundo
2. A Negação dos Dogmas
3. A Simbologia do “Ladrão de Casas”

Capítulo Sexto: O que era e o que parecia ser

1. O Mundo contraditório e o Dualismo de Bento Teixeira
2. Sua dissimulação
3. Representações do Judaísmo.

Conclusão

Agradecimentos

Não foi com pouca insistência que Anita Novinsky me aceitou para trabalhar com seu grupo. A ela agradeço a oportunidade de realizar um desejo antigo, dedicar-me à pesquisa histórica. Seus profundos conhecimentos são generosamente compartilhados e suas atitudes nos revelam que somente com disciplina e dedicação alcançamos as metas desejadas. Sua amizade calorosa tem mansamente compensado a rigidez da orientadora.

O prazer pela leitura nasceu de meus pais. O exemplo de perseverança, que demonstraram durante toda a vida, me trouxe até aqui. A eles, todos os agradecimentos são insuficientes.

Meus filhos, que suportaram as longas ausências da mãe, foram meu porto seguro nessa caminhada. Ao Pedro, agradeço a compreensão e o apoio que, juntos, aprendemos a construir.

Às minhas irmãs, Eloisa e Estela e à tia Bela pelo companheirismo. Aos amigos pelo incessante apoio. Aos colegas de trabalho na Escola Germano Negrini por todos os momentos de cumplicidade.

Às Professoras Zilda Márcia Iokoy Grícoli e Rifka Berezin, agradeço pelas sugestões ao trabalho feitas durante o Exame de Qualificação.

Agradeço especialmente alguns amigos, sem os quais o trabalho de pesquisa teria sido muito mais árduo: Lina Gorenstein, Benair Ribeiro, Marcelo Amaral, Paulo Valadares, Renata Sancovsky e Robson Luiz Lima.

Ao CEDIC/PUC pelo empréstimo da máquina leitora de microfilme, que em muito facilitou o trabalho de transcrição do Processo Inquisitorial.

À Secretaria de Estado da Educação de São Paulo agradeço o auxílio efetivado pela Bolsa Mestrado e, em especial a todas as pessoas da Diretoria de Ensino da cidade de São Roque, que não mediram esforços em minimizar o peso da burocracia. A todos meus sinceros agradecimentos.

**O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.**

Fernando Pessoa

Introdução

O presente trabalho tem por objetivo reconstruir a vida, o pensamento e o destino do primeiro poeta da América, Bento Teixeira. Os textos escritos por Bento Teixeira na prisão do Santo Ofício serão transcritos de seu processo e analisados na base dos estudos teóricos de Anita Novinsky.

Bento Teixeira, cristão novo, mestre de moços natural da cidade do Porto, mas morador no Brasil desde tenra idade, foi preso pelo Tribunal da Inquisição no ano de 1595. Sua prisão se deu como consequência de denúncias que o implicavam com o judaísmo.

O processo inquisitorial que foi movido contra Bento Teixeira apresenta uma especificidade. Ao réu foi concedido o direito de defesa por texto próprio. Os Inquisidores deram a Bento Teixeira a oportunidade de expressar o seu suposto arrependimento em folhas de papel que constantemente pedia e que lhe eram cedidas com o aval do Inquisidor e a assinatura do notário.

Bento Teixeira ficou nos cárceres da Inquisição durante três anos. Durante os dois últimos anos principalmente, redigiu um discurso inspirado na sua tristeza e solidão. Nesse discurso, a erudição do poeta se revela abordando Filosofia, Literatura e Teologia. Bento Teixeira dominava o espanhol e o latim fluentemente.

A postura de Bento Teixeira enquanto réu seguiu uma dinâmica comum a quase todos. Num primeiro momento, a negação a qualquer tipo de heresia é o que mais se encontra nos processos inquisitoriais. Com o passar do tempo, a solidão, o desespero e o abandono nos quais os presos eram mantidos, os levavam a confessar, muitas vezes o que nunca haviam praticado.

A confissão para os Inquisidores representava a aceitação do erro. A esta devia se seguir o arrependimento. Somente dessa maneira o réu poderia ter chances de sair dos cárceres, reconciliado com a Igreja, uma vez que para a Inquisição não havia absolvição. A confissão tinha de remontar a tempos passados, posto que ao réu não era dado o conhecimento das denúncias que o haviam levado à prisão. Precisava revolver a memória e denunciar também.

Os cristãos novos, descendentes dos judeus convertidos ao cristianismo, tinham que relembrar os hábitos familiares, práticas diárias, nomes de amigos para tentar acertar com os dados que os Inquisidores possuíam.

O objetivo expresso pela Inquisição era igual a da igreja; defender a fé católica. A obediência aos dogmas cristãos e a reverência às autoridades religiosas eram essenciais para uma vida espiritual adequada. Mas não garantiam estarem livres das perseguições inquisitoriais. No ano de 1492, na Espanha, milhares de judeus se converteram ao Cristianismo, outros abandonaram o país. O projeto dos reis católicos, Fernando e Isabel, era unificação da Espanha; uma só religião.

A Igreja e o estado trataram questões políticas, religiosas, comportamentais e ideológicas, usando a Inquisição, instituída em 1478, como forma de pressão. A sociedade espanhola perdeu suas tradicionais características de tolerância e respeito étnico que a caracterizaram no tempo do domínio árabe.

Os judeus que não dispunham de condições para saírem da Espanha, ou que preferiram nela permanecer, converteram-se. Com a conversão passaram a ser denominados de “conversos”, e como eram todos batizados, ficavam subordinados à Inquisição. Muitos partiram para outras terras; que lhes permitia manter a religião judaica. Esse processo causou a desestruturação das famílias e, do ponto de vista financeiro, causou a ruína de muitos. ‘Obrigados a venderem rapidamente seus bens, judeus perderam imóveis, investimentos e não puderam recolher suas dívidas, mas eram obrigados a quitarem o que deviam aos cristãos velhos. Parte dos judeus, que se recusou a converter, obteve permissão para entrar no reino de Portugal, mediante pagamento e com a condição de lá ficarem pelo período de oito meses. Aos poucos, foram se integrando e desenvolvendo suas atividades profissionais.

A decisão do monarca português D. Manuel de excluir do reino todos os judeus desferiu um golpe mortal na população judaica. No ano de 1497, o rei determinou todos os judeus deveriam se converter ou abandonar Portugal. A

expulsão fazia parte das exigências do contrato de casamento que unia D. Manuel à Isabel, filha dos reis católicos Fernando e Isabel.

O que diferiu entre os fenômenos ibéricos foi o fato de na Espanha, mesmo com toda a brutalidade que implicava sua expulsão, os judeus ainda tiveram a possibilidade de partir. Em Portugal, o monarca proibiu a saída das famílias judias e forçou-as a se converterem. A atitude portuguesa foi muito mais violenta que a espanhola. Entretanto, é importante salientar, que a partir do decreto de expulsão determinava-se que durante vinte anos os judeus não poderiam ter investigada e julgada sua vida pregressa, no que tocava às práticas que se desenvolviam no interior dos lares. O prazo que foi prorrogado por D. Manuel por mais vinte deveria impedir as perseguições.

No ano de 1536 o rei de Portugal, D. João III, obtém do Papa a permissão para a instalação do Tribunal da Inquisição no reino. De Portugal, a instituição expandiu seu poder pelos domínios conquistados. No Brasil não houve a instalação de um Tribunal do Santo Ofício, porém a fiscalização se fez constante, através dos familiares e das Visitações. A primeira Visitação do Santo Ofício que levou Bento Teixeira ao cárcere, teve as capitanias da Bahia e de Pernambuco como alvos. Entre os anos de 1591 a 1595, Heitor Furtado de Mendonça recebeu e julgou, como Visitador, as denúncias e confissões apresentadas pela população.

Bento Teixeira foi preso por possuir e ler livros proibidos, traduzir a Bíblia para a linguagem vernácula, proferir impropérios à Virgem, desacreditar dos dogmas católicos, negar-se a colaborar com a greja e não trabalhar aos sábados.

Em Pernambuco, onde foi preso, Bento Teixeira redigiu seu primeiro texto. Nele, nega qualquer tipo de culpa, salientando que era homem cristão e, como mestre de moços, ensinava os bons princípios da religião aos seus alunos. Nos cárceres de Lisboa, continuou a escrever, ainda negando qualquer tipo de apostasia. Em fins de 1597, muda seu discurso e conta que tinha sido judeu até então, mas que arrependido pedia perdão e reconciliação com a igreja. Bento Teixeira descreve encontros, conversas, desentendimentos pessoais, dúvidas sobre religião e política. Tece uma rede de relacionamentos e parentescos dos habitantes do Brasil, com os quais convivera, alguns falsos,

em textos que Luiz Roberto Alves, em sua tese sobre o poeta¹, denominou de teatrais. Bento Teixeira se fez personagem e através de sua oralidade mudou uma série de dados do passado, misturando fatos reais com imaginários, recriando um discurso adaptado às condições em que se encontrava.

Ao lermos seus textos, temos a impressão de presenciarmos os encontros e as discussões. Os sentimentos que descreve são dos mais variados. Bento Teixeira fez história da memória. Trouxe à tona aspectos de uma sociedade, revelando as tensões vividas entre cristãos velhos e cristãos novos, e como elas eram vivenciadas pelo grupo excluído.

Bento Teixeira nos revela práticas judaicas que ainda estavam muito vivas no final do século XVI. Seus relatos mostram a insistência dos cristãos novos de preservarem sua história e suas crenças. Estavam a um século da conversão forçada. Nessa época, a repressão ainda não tinha sido introduzida de forma sistemática. E, entretanto, não havia mais sinagogas, a figura dos rabinos desaparecera e os livros tinham sido proibidos. A educação religiosa judaica se dava de maneira secreta por familiares e amigos. Orações manuscritas ainda circulavam até que os mais novos pudessem decorá-las. A aceitação dos dogmas católicos era muito pequena e a irreverência para com eles era extrema.

A distância da metrópole facilitava tais atitudes frente à religião oficial. Os representantes da Igreja no Brasil nem sempre primaram pelo trabalho de inserirem a população cristã nova no mundo católico que Portugal e a colonização exigiam, fiscalizando e punindo as heresias. Muitas vezes aceitaram os desacatos dos cristãos novos, sem tomarem qualquer atitude. Exemplo disso foi o cristão novo João Nunes, poderoso homem de negócios, que respondeu perante a Inquisição, pelo fato de manter um crucifixo em vaso imundo. Além disso, tomara por mulher a esposa de um comerciante. João Nunes, durante o processo de investigação no Brasil, teve o apoio de Cosmo Rangel, ouvidor do Eclesiástico, contra quem corriam boatos de que peitava os cristãos novos. Mesmo tendo sido preso o pedreiro que fizera a denúncia contra João Nunes, nenhuma documentação foi produzida. O pedreiro amedrontado voltou atrás em suas denúncias, e pouco tempo depois foi encontrado morto. O marido ultrajado, ao exigir a volta da esposa, foi mandado

¹ Alves, Luiz Roberto; *Confissão, Poesia, Inquisição*. Editora Ática, São Paulo, 1983.

em missão distante. João Nunes foi preso pela Inquisição, mas saiu com penas leves meses depois.

Bento Teixeira, por sua vez, sempre contou com o apoio dos padres jesuítas, que lhe garantiram a manutenção nos estudos, após a morte dos pais, e a reputação de bom aluno e mestre cristão. Inquiridos, durante o processo inquisitorial, nenhum jesuíta testemunhou contra o poeta.

As discussões, mais reiteradamente descritas por Bento Teixeira em seus textos, versavam sobre as práticas judaicas dos cristãos novos. Assim, vêm à tona as formas pelas quais esse grupo tentava cumprir o descanso semanal aos sábados e a alimentação prescrita no Judaísmo tradicional. A circuncisão, que era rara neste período no Brasil, aparece sendo discutida com frequência por Bento Teixeira. As rezas e orações, que ainda guardavam na lembrança, são resgatadas por este grupo com o qual Bento Teixeira mantinha conversações e, a esperança messiânica aparece sonhada cotidianamente.

O Messianismo que Bento Teixeira nos apresenta está intimamente ligado ao momento histórico em que vive. A vinda do Messias representaria para estes cristãos novos uma era benfazeja, quando não mais haveria perseguições, os mortos ressuscitariam e todos poderiam viver em paz. Os cristãos novos do Brasil sabiam que esse momento ainda estava muito distante. O tempo em que viviam era de incertezas. Tentavam reanimar a esperança, idealizando tempos melhores. Para esse grupo, a salvação da alma só seria possível através do judaísmo.

Os cristãos novos formavam um grupo com um nível cultural relativamente alto e com idéias críticas. A herança cultural que carregavam reforçava seu apego à história, que conheciam mesmo que pouco. A busca de uma identidade foi uma das tônicas principais. Pertencer ao grupo significava a possibilidade de manterem-se unidos dentro da excusão. Através do grupo era possível idealizar mudanças. Assim, o que Bento Teixeira nos apresentou nestes textos mostram o que os cristãos novos pensavam de si mesmo e do mundo no qual viviam.

Para o cristão novo era difícil mover-se no regime como o Absolutismo Monárquico e sua revolta se manifestava principalmente na crítica religiosa. O Catolicismo oficial oprimia e excluía.

Bento Teixeira descreveu suas relações com homens e mulheres no Brasil, assim como presos do Estaus, que com ele mantiveram contato. Através do relato e de suas discussões, Bento Teixeira descreve-nos um pouco do que seria a vida nos cárceres da Inquisição. Seus escritos deixam entrever que havia intensa comunicação feita através de códigos, que possibilitavam aos reus conversarem, mantendo os companheiros cientes de sua situação, frente ao Tribunal, ou seja, se estavam “negativos” ou já “confessos”. Havia troca de idéias, envio de mensagens para dentro e para fora da prisão, e até casamentos. Os companheiros de cela foram desnudados. Os diálogos que mantiveram foram transcritos de maneira detalhada. Os sentimentos externados e as posturas religiosas que confessaram a Bento Teixeira chegaram aos ouvidos dos Inquisidores por sua letra e sinal. O que significaram essas delações além da tentativa de salvar-se?

Os textos de Bento Teixeira extrapolaram o que era esperado pelos Inquisidores, e expressam uma coragem surpreendente. Chega a atacar o próprio Tribunal delatando práticas de corrupção interna como, por exemplo, a compra de uma permissão para que os reus se ausentassem dos navios, antes de serem entregues à prisão. Do interior dos cárceres descreveu as formas de comunicação entre os prisioneiros e as notícias tão esperadas sobre as compras dos “perdões gerais” pelos cristãos novos.

É preciso que se leiam esses textos com extremo cuidado. Dentro do jogo que arquitetou, Bento Teixeira colocou-se aos Inquisidores como homem arrependido e, que nesta condição, se dispunha a colaborar com os inimigos e a relatar o que via e ouvia. Foi mais além, escreveu que sua intenção, a partir do retorno ao Catolicismo, era sinceramente convencer os seus companheiros de cela, sobre a verdade e a misericórdia que o Tribunal do Santo Ofício lhes oferecia. Mostrou aos Inquisidores que a possibilidade de se “reconciliarem” passou a ser um bem que ele reconhecia e que estava disposto a se esforçar para que todos os presos chegassem à mesma conclusão. Como nos esclarece Anita Novinsky, aos poucos, a mentira se tornou realidade.

As colocações que Bento Teixeira nos relata sobre seus companheiros, devem ter sido as suas próprias. Encontrou uma maneira de externar seus pensamentos, afirmando serem de outros.

A leitura atenta de seus textos, nos revela seu “eu” verdadeiro. Conhecia profundamente a religião de seus antepassados. Os ensinamentos que a mãe lhe dera desde a adolescência e o convívio que manteve com inúmeros cristãos novos, além dos livros que possuía e lia revelam uma personalidade culta, esclarecida e crítica.

Bento Teixeira foi na colônia brasileira um dos homens mais preparados de seu tempo. Representava, ao lado de outras poucas personalidades do Brasil do século XVI, uma elite letrada, que lia obras e discutia valores morais, religiosos e políticos. A cultura da qual eram herdeiros era uma cultura transposta da Europa, que dificilmente se enquadrava nos padrões de vida mediana colonial. Nuances curiosas do pensamento colonial são revelados nos escritos do poeta.

Bento Teixeira foi além do cripto judaísmo. Durante o curto espaço de sua vida, nunca escondeu suas posições. Escancarava-as em impropérios à Virgem, aos cardeais, ao Papa e à Igreja, sempre publicamente.

Sabia que dependia dos favores e benesses dos jesuítas. Compreendia a hierarquia de poder e bajulou capitães donatários e proprietários de terra. Aproximou-se dos poderosos, cristãos velhos e novos, tornou-se amigo de uns e fez-se rabino para outros. Comerciante de poucos recursos alegou ter passado a vida em meio a dificuldades financeiras. Sua vida conturbada de homem dividido, entre o mundo que vivia e aquele com o qual sonhava transparecem seus discursos. Nem mesmo em sua vida familiar conseguiu encontrar o equilíbrio desejado. Foi infeliz em seu casamento. Traído constantemente pela esposa, chega a matá-la. Confessou que cometera o ato por amor e não pelas traições.

As testemunhas ouvidas durante seu inquérito nos confirmam as características que o próprio poeta, em seus textos, já descrevera para si. Homem de profundos conhecimentos; professor dedicado, católico fervoroso em seus atos e judeu declarado.

As pressões que Bento Teixeira sofreu tornaram-no um cético. No fundo, como muitos cristãos novos, ansiava por pertencer a uma sociedade que não se pautasse pelas dissimulações, pela hipocrisia, deslealdades e traições. Acreditava numa ética que estava longe de pautar as atitudes da época. Sua

fama de ser “brigoso”², de ter “má língua”, de não aceitar as imposições confirmam esses traços.

Bento Teixeira foi “reconciliado” com a Igreja e saiu no Auto de Fé que se realizou no ano de 1599 em Lisboa. Sua pena foi de “cárcere e hábito penitencial perpétuo”. Deveria, depois de passar pelas escolas Gerais, onde receberia as instruções sobre a religião, permanecer em Lisboa. Voltou ao “Estaus” doente e sem meios de curar-se. Procurou abrigo nos mesmos cárceres onde adquirira a doença³. Por fim, a morte. No ano de 1600, o médico do Santo Ofício, João Pinheiro, escrevia na página rosto de seu processo: “*É falecido Bento Teixeira*”. Observara antes que ele fora encontrado em “*cama com febre e lançando algum sangue pela boca, segundo pode julgar de um pano*” que lhe mostrara, necessitando de cuidados. Estes não foram suficientes.

Um ano depois, em 601, publica-se em Lisboa o livro de sua autoria: *Prosopopéia*. O poema escrito em homenagem ao capitão donatário Jorge de Albuquerque é a primeira obra de um escritor laico do Brasil a ser publicada. Por conta desta publicação, Bento Teixeira é considerado o primeiro poeta do Brasil. Seu texto mais rico, porém não é *Prosopopéia*, mas sim aquele escreveu buscando a vida. Se o poemeto⁴ não mereceu maiores considerações, além de ter sido feito, para muitos autores, como cópia remendada dos *Lusíadas*, o mesmo não acontece com os textos que a Inquisição guardou secretamente por tantos anos.

Se este trabalho pretende dar uma mostra de alguns valores do período colonial, através da ótica de Bento Teixeira, decifrar sua alma talvez não nos seja possível totalmente. Bento Teixeira é o exemplo do homem dividido, no modelo apresentado por Anita Novinsky. Criado por mãe judia, mas educado pelos padres jesuítas teve, como muitos marranos sua personalidade marcada pela dualidade. Para sobreviver, precisou exteriorizar uma atitude e uma crença católicas falsas perante a sociedade, enquanto no seu íntimo, e

² Temo utilizado pelos seus testemunhos em seu processo.

³ Não há no Processo nenhuma referência à sua saída e retorno aos cárceres. Mas é o que se deduz a partir da constatação de sua doença e morte. Também não há referências quanto à publicação de *Prosopopéia*. Se ele participou ou não no empenho de pública-la, não sabemos.

⁴ Assim o classifica Antonio Soares Amora em a “*Prosopopéia*” e seus temas de interesse; Jornal O Estado de São Paulo, Suplemento Literário, São Paulo, 22 de dezembro de 1956, reclamando que textos de tão pouco valor literário fossem transcritos e disseminados largamente.

entre os seus parentes e amigos as negava e ridicularizava.

Seu discurso é um jogo constante. Buscaremos analisar sua personalidade através dessa dubiedade. O contexto histórico e cultural do marranismo de seu tempo será analisado para melhor compreendermos sua visão de mundo. A história de sua vida é aquela que ele próprio nos conta. Os testemunhos ouvidos durante o processo, a confirmaram. .

O contexto social da colonização nos trópicos, um histórico da Inquisição e as transformações que ocorriam dentro da Igreja Católica por ocasião do Concílio de Trento serão abordados para que tenhamos um quadro geral do mundo e do momento em que viveu .

Capítulo Primeiro:

O Brasil nos tempos de Bento Teixeira

Como se vivia

Na segunda metade do século XVI a população brasileira era de 57 mil habitantes, sendo 25 mil brancos, 18 500 índios e 14 mil africanos⁵. A estratificação social se dava a partir da terra. Os senhores de engenho, os grandes proprietários, formavam a elite colonial. Na base, estava a escravidão. Dentre estes dois setores sociais, um contingente de homens livres, trabalhando nas fazendas como feitores e mestres de açúcares. Outros como vaqueiros, oficiais mecânicos ou mestres. Nas vilas, esses homens livres trabalhavam como ferreiros, oleiros, carreiros, sapateiros, alfaiates e pedreiros. Outros pequenos proprietários rurais cuidavam da extração do pau brasil, dos algodões e do gado.

Dos homens honrados da elite, destacavam-se aqueles que representavam a autoridade em exercício, tais como os funcionários régios, das donatárias e do governo geral, chamado de o “Senado da Câmara”.

Aos principais, se designavam aqueles que por sua situação econômica e financeira, desempenhavam um papel de liderança na capitania. Eram os homens da governança, os que exerciam postos de direção. Aparentados muitas vezes à casa donatária, eram ligados aos capitães como agregados.

Ao lado da ouvidoria Geral, havia a ouvidoria local do donatário, que quando desembarcou Heitor Furtado de Mendonça, estava a cargo de Pedro Homem de Castro. O ouvidor geral do Brasil era o Desembargador Gaspar de Figueiredo Homem. No campo eclesiástico, a maior autoridade era a da “ouvidoria da Vara”. Essa ouvidoria foi criada e exercida em 1571 e seu papel

era dirigir a Justiça em matéria religiosa, incluindo os delitos de pessoas da Igreja, isentas da alçada do poder civil. O cargo era ocupado por Diogo do Couto.

O colono brasileiro tinha poucas posses e regalias. Praticava uma economia de subsistência familiar, e se nos engenhos, as mesas eram fartas, mas com pouca qualidade, para o restante da população, a alimentação era escassa. As feiras incentivadas pela metrópole eram realizadas semanalmente, mas não tiveram grande relevo. A vida na vila, como no restante da colônia, era difícil e cara. Por isso, não havia luxos, fartura ou fausto.

Apesar de alguns relatos de época apontar excessos nos hábitos alimentares dos colonos, a realidade deveria ser bem diversa. Mesmo entre os jesuítas, que por contarem com hortas, rebanhos e culturas próprias se encontravam em uma situação privilegiada, a alimentação era considerada deficiente.

Como o meio circulante era escasso, as transações eram feitas, na maioria das vezes, sem pagamento imediato. Isso se dava pelo fato de que as dívidas contraídas deveriam ser pagas durante a época das colheitas, quando ao total das dívidas se cobravam juros muito altos. No restante, as transações rotineiras não passavam de escambo generalizado.⁶

Fica evidente a partir da leitura das confissões e denúncias do Santo Ofício, o quanto a vida desses colonos pouco apresentava em termos de diversão ou lazer. Alguns jogavam, muito poucos liam. A maioria passava seu tempo conversando, ou “tratando”, como era termo comum.

Neste contexto, as festas religiosas representavam um papel importante, porque constituíam uma das únicas formas de lazer, uma vez que numa sociedade carente de tudo, não havia espaço para o ócio.⁷ Eram momentos não só de demonstração da devoção, mas também oportunidade para os encontros, quermesses e confraternizações. Numa realidade de vida rural, os mais abonados contavam com propriedades nas vilas, para onde se dirigiam, nas comemorações religiosas.

⁵ Cálculos feitos a partir das informações de Gabriel Soares, Padre Cardim, Anchieta e Costa Porto.

⁶ Porto. Costa op. Cit.

⁷ Porto, Costa. Op cit.

As procissões congregavam clero e nobreza. As danças populares divertiam a ralé, e a música dos negros alegrava a população.⁸

Eram altos os gastos com as festas e procissões, demonstrando através deles, o poder que cada um desempenhava na vila, determinando seu papel social.

O que se aprendia

A educação do período colonial esteve restrita à Igreja. O padre tornou-se o letrado diante de uma massa populacional que não chegava, na maioria das vezes, às primeiras letras. Mesmo assim, é unânime dentre todos os cronistas e estudiosos da época, a constatação da pouca instrução e preparo destes padres, que deveriam servir de exemplo numa sociedade cheia de vícios e luxúria.

Por conta de muitos padres que demonstravam total desligamento das coisas da fé e dos bons costumes, ficava difícil a manutenção destes princípios numa terra tão distante e povoada por pessoas tão diferentes em suas formação, concepções e objetivos de vida.

Aos jesuítas principalmente, couberam as tarefas de atrair, pacificar, aldeiar e domesticar os índios⁹. Ampliando sua área de ação, instalaram os colégios. Tentavam impor rígida disciplina ao educar, e se destacaram como os que maior influência tiveram na formação dos filhos de colonos e na evangelização dos indígenas.

Os primeiros jesuítas que chegaram ao Brasil trabalharam desde cedo na conversão dos índios. Apareceram em Olinda em 1551 e tiveram a seu favor o próprio donatário, Duarte Coelho, que era contrário à escravização dos índios e sua exportação a outras praças. Mas já estava cansado quando os

⁸ Calmom, Pedro *“Dissipações dos fidalgos, nas missas esplendorosas, nos jogos públicos, nas esmolas, indumentária e armamento, as festas religiosas espalhavam a fama de certos santos prediletos e a de seus potentados perdulários”*

⁹ Calmon, Pedro op. Cit.

jesuítas chegaram e não tinha mais forças para combater os abusos, apesar de ter imposto regras claras e rígidas¹⁰.

As aulas primárias, em seus colégios, alfabetizavam e, nas escolas secundárias, formavam-se professores. As classes mais adiantadas ilustravam-se em belas artes e ciências sagradas. No primeiro ano de artes, “os mais inteligentes se encaminhavam para as dificuldades do latim, enquanto os menos aptos, abandonavam o colégio”¹¹. Ao final do curso de Artes, seguiam os estudos de Teologia, para os que pretendiam seguir a vida religiosa. Anchieta já apontava em 1584 a formação de mestres, não licenciados, “*formados em teologia de consciência, filosofia e latinidade*”.

Das escolas dos padres da Companhia de Jesus, encontramos unidades em Pernambuco, Bahia, Ilhéus, Porto Seguro, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Vicente e Piratininga.

Pernambuco contava com dois colégios importantes: o dos Jesuítas e o dos Beneditinos. Os beneditinos chegaram a Pernambuco no ano de 1596 e os Franciscanos em 1585.

Havia ainda duas escolas primárias particulares em Pernambuco: a de Bento Teixeira e a de Manuel de Oliveira. Alguns de seus habitantes eram homens letrados. Afirmavam que liam, outros haviam sido vistos lendo. Felipe Cavalcanti, por exemplo, sabia latim; João Nunes foi visto lendo “por um livro latim”¹²; Cristóvão Martins fora apontado como letrado ao lado de Jorge Barbosa Coutinho, “letrado, jurista e advogado”¹³; André Magro era jurista, graduado em leis; Padre Diogo Betria era “*sacerdote de missa, que nesta vila usa de advogado nos auditórios dela*”¹⁴.

Além das escolas na vila, alguns engenhos mantinham escola primária. O estudo era limitado aos homens. Algumas mulheres chegavam a aprender um pouco das letras, como Inês Fernandes e Maria de Faria. Para as meninas, a exceção foi a escola de Branca Dias, que as preparava para os serviços

¹⁰ Citado em Lima, Oliveira, carta de Padre Manuel da Nóbrega. “*Faltava-lhe muito para um bom regimento da Justiça.*”

¹¹ *idem*

¹² Denúncias do Santo Ofício

¹³ *idem*

¹⁴ *idem*

considerados femininos, não dispensando atenção às coisas de ler e escrever¹⁵.

O Cotidiano e a Fé

A vida era regrada pelos princípios religiosos, se bem que estes não fossem seguidos à risca. Para muitos autores, este fato deveu-se predominantemente à miscigenação entre as populações branca e índia e, posteriormente, branca, índia e negra. O resultado do encontro de culturas tão diversas, num contexto de pouco controle da Igreja, diluiu o rigor dos valores europeus.

Os morais de um contingente de degredados, como classificaram os cronistas da época, não ajudava na retidão de caráter dos povoadores¹⁶. Além disso, outros fatores contribuíram para a situação: a carência de mulheres brancas incentivava nos homens as uniões com as índias. O degredo de órfãos e muitas prostitutas tentaram diminuir o problema, dando aos casamentos legais maior importância. Os concubinatos passaram a ser punidos com altas taxas, em contraposição às facilidades e baixo custo que eram oferecidos aos casamentos religiosos.¹⁷ No processo de recuperação da igreja, diante do avanço do protestantismo, o sacramento do matrimônio passou a ser bastante valorizado. Ronaldo Vainfas assinala que depois da instituição do matrimônio e determinação de sua indissolubilidade, a Igreja pôde a partir de então, regular as relações entre as pessoas, os sentimentos domésticos, a convivência diária¹⁸, mas mesmo assim, os casos de bigamia eram numerosos.

A moral da colônia pelo que se infere das confissões do Santo Ofício era relaxada e se os pais espirituais da população, os padres, pouco exemplo

¹⁵ Bento Teixeira afirma em suas confissões que a mãe mantinha a prática de ensinar o judaísmo por dinheiro às filhas de cristãos novos, e mesmo Felipa Raposo, sua mulher, ensinava a ler e escrever.

¹⁶ Ressalva-se o fato de que o degredo era sentença comum em Portugal, tanto da justiça civil quanto religiosa, por isso, o degredado muitas vezes cumpria pena por crimes e atitudes que em nada desabonava seu caráter.

¹⁷ Priori, May del; Ao sul do corpo.

¹⁸ Vainfas, Rodolfo; Trópico dos Pecados.

podiam dar, o que não dizer desta, que sem freios, estipulava seus próprios valores?

Com relação à fé, Padre Vieira alertava que mesmo se falando muito, não havia vida de fé, pois eram todos “devotos do credo, mas hereges do mandamento”.

A oposição à Igreja católica se consolidava através dos cristãos novos, cuja presença foi notada desde o início do povoamento. Vieram fugidos ou degredados, ou como pessoas que no Brasil viam uma forma de conseguir meios melhores de sobrevivência.

A confissão tornou-se, nesse contexto, um instrumento de vigilância e repressão¹⁹. Através dos catecismos, sumas e manuais de confessionário, se vigiava e educava a massa de fiéis. Os mais recônditos sentimentos, as idéias trocadas entre amigos e mesmo as intimidades de casais eram escancaradas ao padre confessor, que tendo como base os manuais de confessionários estipulava para cada delito, um tipo de pena. A vida deixava de ser particular, era preciso para manter os fiéis sob rigoroso controle, determinar o que era certo e errado, o que era permitido e o que passava a ser proibido.

No campo das idéias o problema se tornava mais sensível. Pensar ou proclamar opiniões próprias era perigoso. Na grande maioria das vezes, no entanto, as pessoas não tinham a compreensão do porque estarem falando alguma heresia, pois desconheciam o processo de reformulação pelo qual a Igreja passava. O caso mais sintomático diz respeito à idéia de que a condição de casado seria preferível, ou tão boa quanto a do padre. No entender dessa população nada mais simples e claro. A própria Igreja não incentivava os casamentos? A vida regrada em família não era o objetivo principal que buscava o trabalho dos padres da Companhia? Era-lhes difícil ou impossível perceber que tais discussões tinham um caráter mais erudito, posto que se colocava em confronto com as proposições luteranas, perante as quais a situação em que a pessoa se encontrava casada seria superior aos que se dedicavam à vida sacerdotal.

O que o colono não entendia era que essa simples constatação significava para a Inquisição uma proposição herética, onde ele apenas via o estado em que homens e mulheres unidos e abrigados pelo matrimônio,

respondiam a uma necessidade da colônia e uma resposta acertada às exigências dessa mesma Igreja, que a partir da verbalização de suas idéias, passava a persegui-lo e a considerá-lo herege, dissidente, criminoso.

A visitação do Santo Ofício demonstrou que grande parte do que foi denunciado e confessado, encontrava-se no plano das atitudes. Em pernambuco, 'por exemplo, blasfêmia, bigamia e sodomia foram as denúncias e confissões mais freqüentes, como demonstra o exemplo que se segue. Das culpas confessadas, 30 eram de blasfêmia; 2 de bigamia; 11 sodomia e atitudes sexuais não permitidas ou mancebia; a participação ou a presença a cultos protestantes, por conta da apreensão de um navio por corsários franceses, 9; e práticas ditas judaicas, como jogar fora água dos potes, quando morria alguém em casa, 4. As outras eram por viver com e como os índios, juramento de vingança, além de 1 descrença de vida após a morte e de que todos iam para o Purgatório.²⁰

O Clero Católico: suas Limitações e seus Vícios

A Igreja na colônia decidia sobre as matérias ligadas à fé e aos costumes. Era também sua função a cobrança dos dízimos, sendo que a sonegação de tal imposto, constituía-se em crime na órbita civil e pecado na ordem religiosa.

Os integrantes do clero, porém, na sua maioria, não possuíam nenhuma vocação ou espírito apostólico. Viam na vida eclesiástica, um meio de fazer carreira e viver folgadoamente. O número de clérigos na colônia era pouco numeroso, ruim na moral e na ortodoxia.²¹ Já Manuel da Nóbrega constatava em carta de 1551, o desleixo moral e doutrinal do clero, pois escrevia que

“Estes têm mais ofícios de demônios, que de clérigos: porque além de seu mau exemplo e costumes, querem contrariar a doutrina do Cristo, e dizem

¹⁹ Vainfas op cit.

²⁰ Confissões de Pernambuco.

²¹ Porto, Costa

*publicamente aos homens que lhes é lícito estar em pecado com suas negras, pois que são suas cativas, e que podem Ter os salteados, pois que são cães, e outras coisas semelhantes para escusar pecados e abominações. De maneira que nenhum demônio temos cá que nos persiga senão estes”.*²²

Para Luís Palacin, assim como enviavam para o Brasil os malfeitores, limpando o reino de elementos indesejáveis, algo parecido acontecia com os eclesiásticos. Era a escória que aqui chegava vinda de Portugal. Eram sacerdotes suspensos das ordens religiosas, escandalosos, frades egressos dos conventos, que no Brasil eram recebidos com honras pelas autoridades. A característica que como um todo permeou esses homens da Igreja foi a ignorância²³. A distância dos homens da Igreja para com a sua comunidade, nos diz Vainfas, se dava pelo despreparo e ineficácia de seus membros, da mais alta hierarquia, aos curas paroquiais²⁴.

Esse foi um dos objetivos do trabalho pós Reforma: preparar os homens da Igreja e mantê-los apegados às coisas da moral e dos bons costumes, que na verdade, poucos seguiam. A vigilância sobre os clérigos passou a se intensificar, mesmo que nem todos os crimes por eles tenham passado à esfera inquisitorial. É ainda através de Vainfas que contamos que casos de padres fornicários e amancebados permaneciam na alçada do Juízo Eclesiástico e dos superiores das ordens religiosas, exceto o “abominável nefando”²⁵. A Igreja passa a não mais tolerar os padres que abandonassem o hábito e negassem os votos para se casarem no matrimônio, na forma tridentina. Também não eram bem vistos os que abandonassem as esposas, para entrar no clero, ou seja, o desrespeito aos sacramentos, da ordenação e do casamento, passa a ser vista como crime para a Inquisição.

A propagação da fé deu-se por obra dos catequistas, cujo papel primordial coube aos padres da Companhia de Jesus. É opinião de Oliveira Lima que a presença dos inicianos no Brasil manteve a Inquisição distante, possibilitando que sua população vivesse de forma mais livre à sua intransigência. A primeira visitação à Bahia em 1591 a 1592, seguida da de

²² Cartas do Brasil. Correspondência do Padre Manuel de Nóbrega

²³ Palacin, Luís; *Sociedade Colonial* de 1549 a 1599. Editora UFG, Goiânia, 1981

²⁴ Vainfas, op. cit

²⁵ Vainfas, op. Cit.

Pernambuco, nos anos de 1593 a 1595, pôs os colonos frente à fúria do Tribunal.²⁶ Para ele, a presença dos jesuítas foi preferível à dos dominicanos, que ele denominou de agentes apaixonados do tribunal, chegando mesmo a tentar destruir os jesuítas perante Felipe II.

Os beneditinos, franciscanos e carmelitas também tiveram papel de destaque no trabalho de catequese. E, apesar do pouco preparo, tanto intelectual, quanto postura religiosa e ética dos eclesiásticos, a presença destes contribuiu para a movimentação da vida comunitária da vila, no seu aspecto educacional, e na dinamização do culto externo, com suas festas tradicionais.

Os Homens de “ida e Vinda”

O colono brasileiro apresentou uma característica nômade, que para Nelson Omegna era uma vocação.²⁷ Essa vocação, digamos assim, se acentuou com a convivência que o branco teve com o elemento indígena. Aprofundado esse caráter, é visível notar a grande mobilidade que esses colonos apresentaram durante o transcorrer de suas vidas, principalmente os de origem cristã nova.

Apesar das dificuldades encontradas para o transporte entre as províncias, as viagens e mudanças eram constantes, bem como as idas à Europa, e à metrópole em especial. Essas últimas viagens eram mais numerosas, porque a travessia era mais fácil e rápida pelo oceano em direção à Europa, do que as viagens terrestres, ou mesmo as marítimas, que ao sabor dos ventos e calmarias, pelo nosso litoral, podia demorar muito mais que chegar ao velho continente²⁸. Aliado a esse fator, a presença de corsários em nossa costa foi sempre uma ameaça e um desafio a superar.

Pelos livros de denúncias e confissões do Santo Ofício depreende-se o tanto que esses primeiros colonizadores viajavam. A mesma pessoa que aqui

²⁶ *idem*

²⁷ Omegna, Nelson; *A cidade colonial*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio, 1961.

²⁸ Pieroni, Geraldo; *Vadios e Ciganos, Heréticos e Bruxas*.

nascera podia estar morando na Corte, mas já ter passado por inúmeras outras capitanias.

Encontramos com frequência a expressão estante, utilizada para especificar que tendo outras localidades por moradia, o denunciante ou confesso, se achavam de passagem no local da visitação. Assim constatou-se, por exemplo, de João Pinto, morador no Couto, mas estante em Pernambuco em 1593, de Simão Godinho, também estante, de partida para Angola, como de Fernão d’Alvares, na mesma situação.²⁹ Essa tendência também foi notada por José Gonçalves Salvador, que em suas obras destacou a presença de inúmeros cristãos novos viajando por todo o território brasileiro³⁰. Outro fato que se destaca é que, não foram raros os casos em que o denunciante relatava acontecimentos ocorridos em Portugal, ou em outras capitanias brasileiras, ou mesmo, durante viagens: exemplo disso foi um navio capturado por franceses, cuja tripulação enquanto esteve refém dos piratas, foi obrigada a assistir aos cultos protestantes destes³¹.

Bento Teixeira é um exemplo notável dessa característica do homem colonial. Tendo nascido no Porto, passou por diversas capitanias no Brasil, tendo em cada uma delas marcado sua presença. Morou no Espírito Santo, Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco. Uma breve descrição dos locais por onde “ia e vinha” no século XVI,

torna mais claro o estilo de vida que levavam seus habitantes.

Na capitania do Espírito Santo

²⁹ Denúncias do Santo Ofício . Pernambuco, 1593.

³⁰ Salvador, José Gonçalves: os Cristãos novos.

A capitania do Espírito Santo edificou-se no tempo das guerras contra os índios goitacases e foi doada ao donatário Vasco Fernandes Coutinho por D. João III. A Vila Nossa Senhora da Vitória posteriormente denominada de Vila Velha, recebeu “engenho de açúcar, como canas, que na terra deram muito bem” ³². Por consequência dos constantes conflitos com os índios, a vila se despovoou temporariamente, voltando a ser povoada com o nome de Espírito Santo, depois de mais vitórias sobre o aborígine. No século XVI, encontramos a capitania com duas vilas, numa das quais se encontrava o mosteiro dos padres da Companhia de Jesus, além de muitas fazendas. Na opinião de José Gonçalves Salvador, o Espírito Santo teve uma formação étnica e social mais semelhante a São Vicente que ao Rio de Janeiro. Fora a indústria açucararia, poucos meios restavam e, todos, muito precários. ³³ A presença de negros, ao contrário da Bahia, de Pernambuco e do Rio de Janeiro foi escassa.

A vida econômica da capitania, apesar dos problemas com a população indígena e com as ameaças constantes dos franceses, crescia e dava mostras de prodigalidade³⁴, dando ensejo aos tratos comerciais, que asseguraram o sustento à família de Bento Teixeira, enquanto no colégio dos padres da Companhia de Jesus, se garantiam as primeiras letras a ele e ao irmão, Fernão Roiz da Paz.

Nos finais do século XVI a capitania contava, segundo Varnhagen, cento e cinquenta vizinhos, seis engenhos de açúcar, gado e algodões ³⁵. A Companhia de Jesus, segundo o Padre Anchieta, não tinha aí colégio, apenas casa que era subordinada ao colégio do Rio de Janeiro ³⁶, mas possuía igreja regular e várias aldeias que administrava.

Na capitania do Rio de Janeiro

³¹ Foram reféns e se confessaram em 1593, em Pernambuco: Miguel Dias de Paes, João Afonso, Cristóvão Luís, Baltasar André, Gomes de Abreu Soares, Gaspar Amorim, Domingos Luís matosinhos, Mateus ribeiro e João Pires.

³² Sousa, Gabriel S.

³³ Os Cristãos Novos, Povoamento e conquista do Solo Brasileiro.

³⁴ *idem*

³⁵ Varnhagen

³⁶ Anchieta

Rio de Janeiro. A cidade que tem o nome de São Sebastião foi fundada pelo então sobrinho do governador geral, Estácio de Sá, após a guerra pela expulsão dos franceses da Baía de Guanabara. Lá se construíram muitos engenhos, havia gado, plantava-se trigo e cevada; marmelos, figos, romãs, toda a sorte de frutas de espinho, produzia-se vinhos e havia fartura de pescado e mariscos, além do pau-brasil. Gabriel S. Sousa relata que um nobre mosteiro e colégio da Companhia de Jesus se destacavam na paisagem do Rio.³⁷

Após vinte anos de fundação, segundo Varnhagen, havia na capitania cento e cinqüenta colonos e três engenhos. O colégio da Companhia de Jesus, ali situado ensinava o latim e recebia dinheiro das rendas públicas. Havia ainda a Casa de Misericórdia e o hospital.

Na Capitania da Bahia

No século XVI, que ora comporta a história de Bento Teixeira, a população da Bahia seria de uns dois mil colonos, quatro mil escravos africanos e seis mil índios cristianizados. Exportava açúcar de seus trinta e seis engenhos. Contava com dezesseis freguesias, um colégio de padres jesuítas, um mosteiro de São Bento, outro dos Capuchos, além de bons edifícios e mais de quarenta igrejas e capelas³⁸. O colégio da Companhia contava com aproximadamente sessenta discípulos, com aulas de primeiras letras, teologia, humanidades e Artes. Salvador era certamente um grande centro de comércio, onde confluíam pessoas de Portugal, Angola, Rio da Prata e outros lugares do mundo. No Colégio dos Jesuítas, o Padre Manuel da Nóbrega pregava aos colonos e dirigia a escola que atendia os filhos desses colonos, órfãos vindos de Lisboa e, mesmo, algumas crianças indígenas. Em 1569, o Bispo dá ao pároco da cidade as atribuições de ouvidor eclesiástico, constituindo-o ao mesmo tempo, delegado nos artigos do Santo Ofício, de cujo tribunal de Lisboa, era o bispo no Brasil, comissário ou sub inquisidor.³⁹

³⁷ *idem*

³⁸ Gabriel S. Sousa

³⁹ *idem*

Através das confissões produzidas com a vinda do Visitador, podemos apontar na região uma economia voltada principalmente à produção de açúcar. De um total de cento e oito pessoas que se apresentaram ao Visitador, cinco eram fazendeiros (1591-1592), vinte e seis eram lavradores, além de um caldeireiro e um mestre de açúcar.

Ainda desse total de cento e oito, setenta e cinco se disseram cristãos velhos e vinte e oito, cristãos novos. Sem precisar a condição, encontramos três mamelucos e um índio, mais dois ciganos. Logo, vinte e cinco por cento da população baiana, tendo a visitação, em seus trinta dias de graça em Salvador e nos trinta dias de graça no Recôncavo como fonte, era formada por cristãos novos.

Na Capitania de Pernambuco

Pernambuco foi o último local de morada de Bento Teixeira, tendo sido a capitania que mais progressos apresentou no período colonial e, especificamente, no século dezesseis. Seu processo colonizador foi iniciado com o capitão donatário Duarte Coelho que a recebe como doação de D. João III. Ao vir para o Brasil, Duarte Coelho encontrava-se casado com Dona Brites, irmã de Jerônimo de Albuquerque. Foi com ela e parentes que embarcou para Pernambuco em 1534. Varnhagen o classificou como “*de coração robusto, ambicioso e desejoso de ganhos*”⁴⁰, que constituíam características essenciais para fazer crescer tanto a capitania, quanto seus bens pessoais. Chegando a Pernambuco, passou a morar provavelmente em Igaraçu, também chamada de Vila de São Cosme e Damião, até escolher o alto das colinas, onde existia uma taba indígena, de nome Marim, fundando ali, a sede definitiva do governo, a vila de Olinda.⁴¹

Eram prerrogativas dos capitães donatários a escravização dos índios, proibida pela Coroa ao restante da população, podendo mesmo exportar algumas peças; dar sesmarias, condenar sem apelação; nomear oficiais de justiça; investir tabeliães e alcaides ou governadores militares das vilas.

⁴⁰ *idem*

⁴¹ Costa Porto

Tinham o direito de monopolizar os engenhos e a redízima - o dízimo de todos os dízimos, paga ao rei.⁴²

Para a sua capitania, Duarte Coelho enviou colonos, fazendo-lhes partido segundo seus próprios merecimentos. Não foram poucas as dificuldades que encontrou para estabelecer a ordem na capitania. A decisão de Portugal de mandar para o Brasil, como degredados, toda a sorte de sentenciados da Justiça e da Igreja, tornou seu trabalho mais árduo. Em inúmeras ocasiões escreve o donatário a El Rei, pedindo que suspendesse as penas de degredo para Pernambuco, pois que *“Nenhum fruto nem bem fazem na terra, mas muito mal e dano, e por sua causa se fazem cada dia males, e temos perdido o crédito que até aqui tínhamos com os índios, porque o que Deus e a natureza não remediou, como eu posso remediar, Senhor, senão com cada dia os mandar enforcar, o que é grande descrédito e menoscabo com os índios.”*⁴³ E acrescenta: *“São piores aqui do que peste, pelo que peço a Vossa Excelência, pelo amor de Deus, que tal peçonha, para aqui não me mande.”*⁴⁴

Sua preocupação maior era a de que os degredados recebiam o perdão pelas culpas cometidas e, a partir do degredo, podiam ingressar na sociedade colonial, colaborando no processo de sua construção. A questão central de Duarte Coelho era a de que pelos crimes praticados e já sentenciados, os degredados estavam inocentados, mas tal decisão não deveria ser mantida, caso cometessem outros delitos em sua capitania. Foi freqüente a informação de que fazia o máximo para manter a população disciplinada, sob suas ordens, mas não cansou de desabafar com El Rei através das cartas, que lhe remetia, como essa datada de março de 1546, onde afirma que *“Os delitos e malefícios aqui cometidos e feitos, aqui hão de ser punidos e castigados, como for razão e justiça, e se de minhas terras fugirem alguns malfeitores para outras, com temor do castigo, ou de outras para a minha, essa tal liberdade e privilégio não lhes deve valer, porque se assim for, como estes outros capitães costumam fazer, digo, Senhor, e afirmo, que se não povoará a terra, mas em breve tempo se despovoará o povoado e irá tudo ao través.”*⁴⁵

⁴² Lima, Oliveira op cit

⁴³ Cartas de Duarte Coelho a El Rei.

⁴⁴ idem

⁴⁵ Cartas de Duarte Coelho a El Rei

A maioria dos degredados tinha por destino as capitanias de Pernambuco e São Vicente, e apesar do grande número de marginais que lá desembarcaram, muitos desses degredados haviam sido condenados por crimes leves. Por isso, como nos alerta Pieroni, não devemos considerar a todos como *“detritos humanos”* ou *“resíduos da sociedade”* ⁴⁶. Isso porque se contavam em Portugal 256 delitos com penas de degredo, assim como a Inquisição, extremamente rigorosa, para cá mandava seus réus, que no dizer de Gilberto Freyre, eram muitos deles, dos *“melhores súditos do reino”* ⁴⁷. Dentre os crimes punidos com o degredo encontravam-se maus costumes, imoralidades, opiniões e pensamentos. Numa época de rigor para com as atitudes e nenhuma complacência para com qualquer tipo de oposição à ordem estabelecida, tornava-se delicado determinar que maus costumes, opiniões ou pensamentos seriam perniciosos à sociedade. O Barão Homem de Melo já se colocava, afirmando que

“O que nos deve a justo título admirar, é que a nação inteira não fosse degredada em massa” ⁴⁸.

Por isso, parte dessa população degredada, nada tinha de criminosa, que pudesse atrapalhar o trabalho árduo de colonização. Ao contrário, muitos deles estabeleceram-se definitivamente na capitania, contribuindo para seu desenvolvimento.

Com esse continente populacional mais os índios que atraiu e os negros trazidos em abundância da África, Duarte Coelho prosseguia seu trabalho de colonização. Foi no arrecife que assentou a capital. Varnhagen nos informa que o capitão levantou *“uma espécie de castelo quadrado, à maneira dos solares da idade Média, pois em Pernambuco renasciam as tradições que na Europa morriam”* ⁴⁹. Olinda provavelmente tenha sido ainda segundo esse autor o nome de alguma Quinta, ou casa, ou burgo, na qual se edificou a capital, negando dessa maneira a hipótese de que seu nome derivaria da expressão de espanto diante da beleza da região. ⁵⁰

⁴⁶ Pieroni

⁴⁷ Freyre, Gilberto; Casa Grande e Senzala.

⁴⁸ Citado em Hélio Viana; Estudos de História Colonial. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1948

⁴⁹ Varnhagen

⁵⁰ Southey, Robert; História do Brasil: Oh, que linda situação para se fundar uma vila

Através do trabalho, a capitania prosperava, produzindo algodão e cana. Mesmo com a reputação de governar com muito rigor, Duarte Coelho recebeu um contingente grande de colonos, que na sua maioria vinha de Porto Seguro. Esses colonos trabalhavam como oleiros, pedreiros, ferreiros e carpinteiros.

A ocupação da capitania por Duarte Coelho fez-se pela faixa litorânea, da foz do Jussará até o Capibaribe, o “rio dos cedros” ⁵¹. O urbanismo estava representado pelas vilas de Igaraçu e Olinda, sendo esta última o centro mais desenvolvido da colônia.

Mas, a vida era rural e se baseava na terra. Dela se sustentavam a riqueza e a nobreza coloniais. Padre Cardim contabilizou em 1584 sessenta e seis engenhos em Pernambuco, que chegavam a lavrar em alguns anos até duzentas mil arrobas de açúcar. Em 1581, da capitania de Pernambuco partiram quarenta e cinco navios carregados de açúcar e pau-brasil⁵². Para o mesmo Padre Cardim, a prosperidade de Pernambuco e a sua riqueza, foram motivadas pela situação geográfica, mais próxima da metrópole. Há, no entanto que lembrar que comparando, as sedes das capitanias, mesmo as mais prósperas, todas não passavam de simples lugarejos⁵³..

Duarte Coelho deu à sua capitania o nome de Nova Lusitânia e parecia um prolongamento de Portugal. Destacava-se dentre as outras pelo “*ar civilizado que lhe emprestava a proximidade das terras de além mar*” ⁵⁴. Como um todo, a colônia apresentava grande atraso cultural, mas Pernambuco se destacava, figurando como centro de maior desenvolvimento cultural.

Dentre os objetivos do capitão, o que mais se destacou foi a implantação de engenhos de cana de açúcar, que era contratada na Europa pelo donatário, embora “*feita quase toda por judeus industriais, fugidos à fúria religiosa da metrópole e de operários de São Tomé e Madeira, conhecedores do processo*” ⁵⁵. A extração do pau-brasil era vista com grande preocupação pelo donatário, que a explicitava através também da correspondência que mantinha com Portugal, pedindo através delas que o rei suspendesse sua extração em

⁵¹ Porto, Costa

⁵² Prado, Paulo; Retrato do Brasil

⁵³ Abreu, Capistrano de

⁵⁴ Prado, Paulo

⁵⁵ Lima, Oliveira; op cit

Pernambuco.⁵⁶ Essa preocupação residia no fato de que a riqueza vegetal que alcançava grandes lucros na Europa trazia problemas à capitania, uma vez que seus exploradores utilizando-se dos indígenas, que em paga de sua força de trabalho recebiam espelhos; tecidos, e até armas, os distraiam do trabalho principal, que a seu ver era a manutenção das lavouras. Ele próprio, em suas cartas pediu permissão uma vez para si, outra para um funcionário da capitania, para a retirada de madeira, com a qual ele proveria algumas de suas necessidades, que ele não achava “*quem lhas fiasse*”⁵⁷, ao passo que seu funcionário pretendia conseguir com os frutos da venda, cabedal suficiente para a montagem de um engenho.

Depois de sua morte em agosto de 1553, Dona Brites de Albuquerque assumiu as funções administrativas e as de governo. Os filhos, Duarte Coelho de Albuquerque e Jorge de Albuquerque encontravam-se no tempo da morte do pai em Portugal, onde se educavam.

À época de sua morte, a metrópole praticava uma política de rígido exclusivismo, isolando-a de toda comunicação com os estrangeiros através do impedimento do comércio pelo interior, da região sul ao Rio da Prata, comércio que Oliveira Lima considerou favorável ao descobrimento de terras ainda inexploradas. As árvores produtoras de especiarias, a Coroa mandou que cortasse, para que não perdesse, através da concorrência dos produtos dessas, o lucro que obtinha na Índia. Somente em 1640, foi possível seu cultivo no Brasil.

Os índios dominados e apaziguados por Duarte Coelho iniciaram novas investidas contra a capitania após sua morte. Tomou a organização e a defesa da capitania, Jerônimo de Albuquerque⁵⁸. As lutas duraram até 1560, quando o donatário Duarte de Albuquerque Coelho retorna a Pernambuco acompanhado do irmão Jorge de Albuquerque. Depois de cinco anos de conflitos, dominaram os caetés e novamente partiram para Lisboa.

Costa Porto tendo as denúncias do Santo Ofício como fonte, aponta que apesar da maior proximidade da metrópole, Pernambuco à época da visitação, vivia completamente alheia ao que se passava na Europa. O contexto

⁵⁶ Cartas de Duarte Coelho a El Rei

⁵⁷ Cartas de Duarte Coelho a El Rei

⁵⁸ Irmão de Dona Brites, amancebado com uma índia, e posteriormente casado com mulher branca, a mando da rainha.

histórico talvez tenha influenciado esse alheamento, pois se vivia o momento da União Ibérica, que durou de 1580 a 1640, e a Espanha durante esse período, pouca atenção deu aos novos domínios.

A Nova Lusitânia apresentava segundo as mesmas fontes, uma população de oito mil homens brancos, dois mil escravos índios e dez mil africanos. Em *Diálogos da Grandeza do Brasil*, o personagem Brandônio classificou a capitania de Pernambuco como “*uma nova Guiné*”⁵⁹.

Na colônia os homens abastados contavam sua fortuna a partir do número de escravos que possuísem, sendo as descrições de elegantes vestuários, “leitos de damasco carmesim franjados de oiro, e ricas colchas da Índia”, referirem-se provavelmente somente à visita ilustre do padre Cardim. No dia a dia, tal ostentação não deveria ter lugar, por conta mesmo das difíceis tarefas que a subsistência impunha.

As casas, apesar de numerosas não apresentavam preocupação com a arquitetura.

⁵⁹ Citado em Costa Porto

Capítulo Segundo

O Marranismo

Conceito Teórico e a Nova Categoria

Por definição, o marrano corresponde ao judeu convertido ao Cristianismo ou de forma espontânea ou premido pelos editos de expulsão e conversão. O que o diferencia é o fato de que, mesmo convertido, ainda mantém traços e práticas de sua antiga crença, realizadas às escondidas. A professora Anita Novinsky⁶⁰ nos acrescenta mais uma definição: marrano é o homem dividido, inconformado, não só no plano de vista religioso, mas um inconformado com as idéias, posturas e instituições de sua época. O Marrano está sempre à procura de uma verdade própria, de respostas às suas incansáveis questões, de sua enfim, compreensão do mundo.

Na Espanha, o cristão novo surge pelos fins do século XIV, com o que o Professor Saraiva identificou por explosão de um ressentimento confinado⁶¹.

No ano de 1391, o arqui-diácono Ferrán Martinez desencadeou uma chacina e pilhagem dos judeus em Andaluzia. A conversão ao Cristianismo, em diferentes níveis de aceitação, se verificava como consequência dos massacres, nesse mesmo ano. O programa se estendeu às comunidades de Castela e Aragão, e para evitar a morte, vários grupos de judeus se converteram. Vicente Ferrer também se destaca neste processo fazendo pregações em diferentes regiões da Espanha durante os anos de 1412 a 1414. Para Henry Charles Lea, essas “*pregações foram o pretexto para manifestações anti-semitas que provocaram novas conversões coletivas*”⁶².

O estabelecimento da Inquisição transformou a realidade desses grupos e impossibilitou a desejada integração. O Frei Dominicano Tomás de Torquemada, de origem cristã nova, foi um elemento fundamental nas decisões

⁶⁰ Novinsky, Anita; *Cristãos Novos na Bahia*, capítulo 5 O Homem Dividido, páginas 141 a 162. Editora Perspectiva. São Paulo, 1992.

⁶¹ Saraiva, Antonio José. *Inquisição e Cristãos Novos*.

⁶² Lea, Henry Charles; *The Inquisition of the Middle Ages*.

políticas dos reis católicos de Espanha, Fernando e Isabel. Através de seus esforços a Inquisição foi estabelecida em Castela no ano de 1478. Durante os anos de 1483 a 1498, ano de sua morte, Torquemada ocupou o cargo de Inquisidor Geral, espalhando pelo reino o medo, que suas atitudes violentas, adotadas para o funcionamento do Tribunal, provocavam. Para Torquemada, Estado e religião tinham tão íntima relação, que não se podia faltar à afeição de uma, sem prejuízo da outra⁶³. Convenceu Isabel de que sua manutenção no poder só se daria se destruísse a heresia. Para ele a Inquisição era o meio eficaz de extirpá-la. No entanto, grande parte dos autores que se especializaram nesse tema⁶⁴, tem por opinião que a Inquisição, a partir dos métodos que adotou, acabou por disseminar o Judaísmo e não eliminá-lo. O principal alvo da Inquisição Ibérica era o cristão novo. Acreditava-se que mesmo no convertido, o crime de Judaísmo se perpetuava, uma vez que era passado pelo sangue. Todo cristão que descendesse de judeus, seria potencialmente culpado por práticas de judaísmo, e mereceria então, a pena de morte.

Torquemada foi também quem influenciou os reis a assinarem o edito de expulsão dos judeus da Espanha em 31 de março de 1492. Por este edito, os judeus tinham quatro meses para liquidar suas posses e partir. É opinião de Saraiva, que talvez, os reis não quisessem uma segunda geração de cristãos novos, ou de cristãos novos novos, no topo dos velhos cristãos novos, descendentes dos conversos de 1391⁶⁵.

A Inquisição se estabeleceu na Espanha, como uma instituição da Igreja, sendo como tal, dependente da autoridade papal⁶⁶. Seu objetivo era poder resolver o que se considerava o problema tanto social quanto religioso do Estado. Assim, mesmo que suas características religiosas tenham sido usadas como pretexto, ela se transformou no instrumento de intervenção na vida pública, manipulado pela Coroa. A Igreja, nesse contexto, foi encarregada de colocar a Inquisição em funcionamento, pois contava com meios para a criação

⁶³ Beinart, Haim; *Los Judios de Espana*.

⁶⁴ Autores como, por exemplo, Antonio José Saraiva, D. Luís da Cunha, Natan Wachtel.

⁶⁵ Saraiva, op. Cit.

⁶⁶ Beinart, op cit.

de uma organização eficiente, que enfrentava o problema colocado pelos conversos⁶⁷.

Os conversos passaram a ser julgados porque como cristãos, tinham violado as leis do Cristianismo, sendo então considerados traidores, desleais tanto ao Estado quanto à Coroa. Os seus bens, portanto, por pertencerem a traidores, eram confiscados.

Após a expulsão da Espanha, os judeus partiram para inúmeras regiões sofrendo os mais variados tipos de violência, como ataques de piratas ou abandono em terras desconhecidas.

Portugal na Idade Média reconheceu, antes de qualquer outro país da Europa, os direitos dos judeus. Assim, a propaganda oficiosa antijudaica, penetrou mais tarde na sociedade. Mesmo com os constantes desentendimentos entre os exilados portugueses e os castelhanos, Portugal tornou-se o país de asilo, por excelência, quando os judeus dos reinos vizinhos, se viram expostos a situações perigosas. As comunidades judaicas, aproximadamente mais de quarenta, podiam acumular riquezas, possuíam direitos e garantia de exercício de culto. Monopolizavam operações financeiras, cobrança das rendas do Estado, e das grandes casas senhoriais, administração das alfândegas, tesoureiros do rei, banqueiros, arrematantes da cobrança de rendas. Nestas funções de técnicos financeiros, eram indispensáveis à Coroa.

No pólo oposto havia uma enorme gama de artesãos: tecelões, ourives, marceneiros, barbeiros, sapateiros, caldeireiros, seleiros, cordoeiros, oleiros e cesteiros. Também se dedicavam às funções intelectuais, e Saraiva os aponta como “os herdeiros da cultura árabe”.

Em fins do século XIV, a maior parte da Península Ibérica encontrava-se em situação de crise. Do ponto de vista econômico, as pestes, as aventuras militares e as contínuas revoltas enfraqueceram as monarquias espanholas. Em Portugal, a estrutura política sofre forte abalo, quando uma burguesia nascente se volta contra o poder da classe opressora. A burguesia judia vê-se

⁶⁷ Saraiva, op cit.

então identificada com a classe dominante, e sente os primeiros sintomas de luta competitiva.

Após os massacres de 1391, Portugal começa a receber refugiados espanhóis. Em Portugal, a diferença residia na ausência do problema do converso. Os fugitivos que procuravam o Reino integravam-se na sociedade judaica, ou na cristã, não criando problemas sérios. No ano de 1492, com a expulsão dos reinos espanhóis, os judeus foram refugiar-se em massa em Portugal, e foi nesse momento, que a questão judaica, passou para o primeiro plano.

Dom Manuel, pressionado pela Espanha, concorda em expulsá-los do reino, mostrando, entretanto, que não queria perdê-los. O edito de expulsão data de 1496 e a conversão forçada se deu no ano de 1497. O rei proibiu a saída aos judeus, previamente combinada, que se negavam a conversão. Ordenou por outro lado, que os convertessem pela força. Foram batizados por padres e sacrários, e muitos, acabaram ficando. Ainda na visão de Saraiva, a comunidade hebraica ia a caminho da integração, quando em 1536, “o estabelecimento da Inquisição veio interromper esse processo”.

Do batismo forçado nasceram os cristãos novos, mas de uma forma diferente, se comparada com a Espanha. Isso porque lá, na época da expulsão, já era grande o número de conversos, além do que, muitos judeus puderam optar pelo exílio, ao passo que, em Portugal, eles não tiveram chance de escolha alguma. Toda a população hebraica foi convertida, forçosamente ao Cristianismo, e logo após a conversão, não havia problema religioso quanto aos antigos hebreus. Em Portugal foi concedido aos cristãos novos o prazo de vinte anos, depois renovado por mais vinte, que proibia qualquer tipo de investigação sobre os rituais religiosos que esses cristãos novos fizessem no interior dos seus lares.

A Inquisição

A Inquisição tem em suas origens as acusações como pedra fundamental. No princípio, elas eram responsabilidade das autoridades que se ocupavam em reunir informações provenientes do público, que pudessem conduzi-la ao descobrimento de crimes e identificação de criminosos. Uma vez que contassem com denúncias suficientes, o juiz em pessoa procedia à investigação, ou inquisição do suspeito.

Os primeiros antecedentes desse procedimento podem ser encontrados no Direito Romano da época imperial. Desde muito se tendeu a considerar o dissidente religioso como alguém que agredia a majestade divina, e é significativo que os primeiros procedimentos inquisitoriais ocorreram no contexto da luta contra a dissidência religiosa. Com a expansão desta, na segunda metade do século XII, introduziram-se modificações na legislação, com o propósito de combatê-la. O Papa Lúcio III e o Imperador Frederico I, no sínodo de Verona de 1184, decretaram a excomunhão dos hereges. Os que se recusassem a retratar-se ou que depois de fazê-lo, reincidiam, eram entregues ao poder civil para castigo. Em 1215, como resposta aos decretos de IV Concílio de Latrão, vários governantes decretaram a pena de morte para o delito de heresia reiterada. Em 1231, o Papa Gregório IX e o imperador Frederico II, estabeleceram uma legislação coerente contra os hereges. Pela primeira vez, foram claramente formuladas as diferentes penas para heresia, que iam de penas leves à morte. Aos poucos, o procedimento inquisitorial facultava às autoridades eclesiásticas iniciarem juízos contra os clérigos mais exaltados, e apesar de mostrar-se como uma força inteligente, cobrou um significado novo com o aparecimento da Inquisição.

A Inquisição recebeu seu nome do processo inquisitorial, e era responsável pelas inquisições ou investigações oficiais feitas pelos juizes inquisitoriais, e como instituição, adotou o procedimento inquisitorial ao seu objetivo próprio: a erradicação da heresia.

Como diz Norman Cohn, o procedimento inquisitorial se fez “potencialmente terrível” ⁶⁸. Ele era extremamente desfavorável ao acusado. As regras do processo, na visão do Professor Saraiva, eram incompatíveis com uma verdadeira imparcialidade dos juízos e levavam automaticamente à condenação de inocentes.

Para operar como instituição, a Inquisição precisava, como nos coloca Novinsky⁶⁹, do cristão novo, e, assim como tinha interesse em limitar-lhe a ação, também dele necessitava para assegurar as suas bases financeiras, sem as quais, não teria como sobreviver. A fim de alcançar esse cristão novo, serviu-se a Inquisição do cristão velho. Oferecia a ele em troca de denúncias, uma participação na ideologia aristocrática dominante, permitindo-lhe participar dos conceitos de honra, fidalguia e nobreza, fornecendo-lhe em recompensa o “mito” da pureza de sangue.

As denúncias eram seu marco inicial. Estas poderiam vir de qualquer pessoa, idônea, ou não e, de qualquer idade. Eram também aceitas, até mesmo, cartas anônimas. Nessas condições, deduz-se que tais denúncias nem sempre eram verdadeiras, pois podiam conter em si, invejas, vinganças, ressentimentos. À Inquisição, isso não importava, mas sim e apenas as denúncias. Se os inquisidores achavam que se tratasse de matérias de delito, se ditava o auto de prisão. Um notário de seqüestro acompanhava a prisão. Ele era responsável por levantar os bens dos réus. Os réus eram então entregues ao alcaide, privados de armas, de dinheiro e jóias. A partir de então ficavam incomunicáveis.

Seguiam-se os interrogatórios, nos quais o réu havia de declarar espontaneamente suas culpas. Essas, no entanto, eram mantidas em segredo, e o réu precisava adivinhar quais denúncias poderiam lhe ter sido feitas, bem como o local, a data e as pessoas que com ele estiveram na ocasião da dita falta.

Havia três sessões de interrogatórios: a primeira era a de *genealogia*, dez dias após a prisão, e esta versava sobre a identificação e biografia do acusado, o cumprimento dos deveres religiosos e os parentes. A segunda sessão era

⁶⁸ Cohen, Norman; Los Demônios Familiares.

denominada *in genere*, ou na generalidade. Nesta, realizada um mês depois da prisão era para se saber das crenças e cerimônias religiosas, das quais o réu era acusado. E, finalmente, a sessão *in specie*, ou na especialidade, que tratava dos fatos constantes das denúncias, e se fazia “dentro do mais breve tempo que fosse possível”.

O procedimento também poderia incluir se necessário, o uso da tortura. Antes que as sessões de tormento iniciassem, o réu era obrigado a assinar documento no qual se responsabilizava por qualquer dano físico que pudesse advir da tortura. Isso porque, os inquisidores não se consideravam culpados pelo uso da força. Eram obrigados a utilizá-la porque o réu se negava a confessar suas culpas, expondo-se então, voluntariamente ao perigo. As confissões feitas no tormento eram apresentadas ao réu vinte e quatro horas depois para ratificação. A confissão durante o tormento era uma das formas que poderiam livrar o acusado da pena capital.

O réu poderia contar, para auxiliá-lo em sua defesa, com um advogado. O problema era que esse advogado de defesa era escolhido pelo Santo Ofício, sendo antes de tudo, um funcionário dessa máquina administrativa. Como funcionário estava a seu serviço, tendo que lhe prestar contas, da maneira como conduzia a defesa e, da justiça ou injustiça com que defendia o réu, de quem era afinal, um eventual denunciante. O advogado não conhecia o processo, apenas os libelos e sentenças comunicadas ao réu, além de não poder acompanhá-lo nos interrogatórios, ou outras diligências. Nesse esquema, se inviabilizava a defesa sincera, imparcial e justa⁷⁰.

Do acusado se exigia uma confissão, conhecida como testemunho, antes da condenação. Tal testemunho implicava também a denúncia de outras pessoas: parentes, amigos, conhecidos, que pudessem da mesma forma, ter incorrido em erros semelhantes. Formava-se assim, uma rede, que invariavelmente impelia à mentira e às falsas denúncias. Além das torturas, os réus podiam permanecer presos por tempo indeterminado, com dieta de pão e água. Um prisioneiro capaz de suportar o suplício, insistindo em sua inocência, poderia permanecer encarcerado por toda a vida. Os que confessavam deviam

⁶⁹ Novinsky, Anita Cristãos Novos na Bahia.

⁷⁰ Saraiva, op. Cit.

comparecer perante a Mesa do Santo Ofício para confirmação três dias depois, e sustentação da confissão, feita por sua livre vontade, e não como resultado de pressão, tortura ou receio desta. Cumprida a praxe, estava reconciliado com a Igreja. Mas para extirpar sua culpa, era-lhe estipulada uma pena, que ia da prisão, ao uso do sambenito, as galés, o exílio, a catequese.

Se, pelo contrário, retratava sua confissão, por exemplo, afirmando que havia sido extraída sob tortura, era considerado reincidente em sua heresia e, como a Igreja não estava autorizada a matar, era entregue às autoridades civis, para ser queimado vivo⁷¹.

O segredo devia ser mantido em todas as instâncias do processo. O réu que, mesmo depois de libertado, comunicasse a outras pessoas o que havia se passado naquela Santa Casa poderia ser novamente preso, porque a violação do segredo era equiparada ao crime de heresia.

O processo inquisitorial, para Antonio José Saraiva não era apenas especial, mas um simulacro de processo, um conjunto de formas ambíguas e ilusórias, que permitiam ao julgador, uma decisão puramente arbitrária. Os Inquisidores eram colocados numa postura de benignidade, paciência e caridade. Eram quase vítimas da obstinação dos réus que se recusavam às confissões, a quem realmente pretendiam beneficiar com a misericórdia.

Mas o que era pecado? O que deveria ser confessado? O que deveria ser denunciado?

A Inquisição deixava claras as possibilidades de delitos judaizantes através dos Regimentos e Monitórios. Dentre eles eram crimes: os jejuns judaicos, o uso de roupas limpas às sextas feiras, dia em que os judeus se preparavam para o Sábado, quando lhes era proibido qualquer tipo de trabalho, bem como a limpeza da casa e o preparo da alimentação para o dia seguinte. Limpar a casa varrendo da porta ao centro da sala, jogar a água dos cântaros após a morte de algum parente, amortilhar o corpo em lençol limpo, colocar junto ao corpo a ser enterrado moedas de ouro, ou alguma jóia, comer peixe de escama, não comer carne de porco, não dizer glória patri ao final das orações, negarem qualquer dogma católico, não cultuar santos, etc.

⁷¹ Saraiva, op cit.

Como se vê, as denúncias que os inquisidores esperavam não iam de encontro com atitudes que pudessem desestabilizar a Igreja, mas se prendiam a alguns ritos judaicos, que com o passar do tempo, iam cada vez mais se distanciando das verdadeiras práticas. As constantes proibições mantinham judeus e cristãos novos longe dos seus manuais, dos seus livros, afastando-os das verdadeiras práticas.

As denúncias, portanto, objetivavam pelo menos teoricamente, ao extermínio de qualquer forma de lembrança do judaísmo, para que assim a comunidade católica pudesse enfim respirar, aliviada e livre de qualquer ameaça à sua santa fé.

Mas as confissões exigidas pelos Inquisidores durante os processos fabricavam, mais uma vez, na opinião do Professor Saraiva, os marranos. Isso porque para conseguirem a liberdade, ou penas mais brandas, os réus haviam de confessar que no fundo, criam na lei de Moisés e, de uma forma ou de outra, haviam cometido algumas práticas judaicas como delitos. Mesmo que fossem inocentes, que cressem piamente nos dogmas do catolicismo, que freqüentassem as missas, (o que era obrigatório) e agissem de forma cristã, deveriam confessar seu judaísmo. Daí porque foi preciso, quando não existisse, criá-lo.

Os cristãos novos tinham árduo trabalho na educação dos filhos. Primeiramente, deviam integrá-los ao catolicismo através do batismo e iniciá-los em seus cultos, ensinando as orações, os sacramentos e as formas de agir. Era preciso, antes de tudo, parecer cristão. Depois, era preciso prepará-los para uma provável prisão. O cristão novo era um prisioneiro virtual. Por isso, desde a adolescência, era orientado nas formas de proceder, para poderem livrar-se das penas mais pesadas.

Aprendiam então os princípios que seus pais, avós e tios ainda guardavam da religião. Publicamente, os Monitórios antecipavam os crimes que a Inquisição esperava ver confessados. Por tais razões, mesmo que a família sinceramente acreditasse na Igreja Católica e nela quisesse se manter teria que quotidianamente relembrar os preceitos do judaísmo, para defender as próprias vidas.

A notícia de uma prisão já fazia com que seus parentes e amigos mais próximos se mantivessem prevenidos contra qualquer denúncia. Como não se imaginava a forma que o processo iria tomar, nem a quem o réu poderia denunciar, não eram poucos os que mudavam para outras regiões, em busca de um refúgio, que pudesse, se não impossibilitar a prisão, ao menos, adiá-la.

Com medo dos confiscos que a Inquisição realizava incessantemente, os cristãos novos tentavam manter consigo riquezas móveis, que pudessem carregar facilmente, como jóias, dinheiro, obras de arte. As propriedades imóveis, por exemplo, na capitania de São Paulo, eram desprezadas em detrimento desse tipo de riquezas móveis.

Os confiscos resultaram em imensa riqueza para a Igreja e Estado, ao mesmo tempo em que colaboraram decididamente para as graves crises econômicas, que tanto a Espanha quanto Portugal atravessaram.

Aos réus, nem às famílias eram dadas garantias de posse dos bens e, conseqüente manutenção do estilo de vida que levavam. Mesmo depois de libertos, quando conseguiam se reconciliar com a Igreja, nada recebiam de volta. No Brasil, José Gonçalves Salvador, no corpo de sua obra, cita inúmeros casos de famílias de ex-presos que reivindicavam a devolução dos bens confiscados. Na quase totalidade dos casos, como resposta, a Inquisição alegava que seus cofres se encontravam em dificuldades, negando assim, a devolução do que injustamente havia sido confiscado.

Embora, de Direito, as fazendas confiscadas pertencessem ao Rei, de fato eram administradas e usufruídas pelos Inquisidores. A Inquisição representou, por um lado, a criação de novos empregos para candidatos à profissão eclesiástica e, de uma nova fonte de recursos, por confisco aos cristãos novos. Ela não era uma empresa comercial, mas um processo de distribuir dinheiro e bens pelo seu pessoal, “uma forma de pilhagem como a guerra, simplesmente, mais burocrática”⁷². O descaminho dos bens confiscados era institucional, era uma forma não regularizada e não burocrática de apropriação. Não estava na lei, mas estava nos costumes⁷³.

⁷² Saraiva op cit página 257.

⁷³ Saraiva, op cit. Página 261.

A suspensão dos confiscos aos cristãos novos pelos reis, aliada à permissão de acesso aos cargos proibidos, funcionou como solução para a superação de graves problemas econômicos do reino de Portugal.

À promessa de suspensão de confisco se seguia a exigência de pagamento de elevadas somas em dinheiro, para cobrir eventuais rombos de caixa, para montar exércitos e financiar guerras. Junto à suspensão dos confiscos, geralmente também conseguiam promessa de que em determinados anos, toda a comunidade cristã nova estaria livre das perseguições da Inquisição. O que realmente se lamentava era a pouca disposição dos monarcas em manterem suas palavras. Assim, dívidas contraídas com os cristãos novos eram esquecidas, ou por decreto, se institucionalizava que não mais seriam pagas. A Inquisição pressionava os monarcas, e estes, facilmente voltavam atrás em suas decisões, e a caça aos marranos, secundada pelo confisco de seus bens persistiam.

Os confiscos e as ações inquisitoriais foram amplamente criticados, se bem que de forma não agressiva, para que seus autores não caíssem como foi o caso do Padre Vieira, nas garras da Inquisição. Cristãos novos e católicos mais esclarecidos viam tais ações como obstáculo ao crescimento da nação portuguesa.

O Melhor da Terra

A presença do elemento cristão novo no Brasil data do início de nossa colonização. Perseguido, foragido, vivendo em constante pressão e num clima de medo, ele percebeu rapidamente que esses domínios portugueses tão distantes do reino e tão adversos a qualquer tentativa efetiva de povoamento por parte da metrópole, seria um paraíso para suas pretensões, de pelo menos, um cheiro de liberdade.

Mesmo a expedição de Cabral já contava com um desses elementos. Era Gaspar da Gama, e vamos facilitar a explanação não citando aqueles

geógrafos, cartógrafos e navegadores que foram essenciais ao desenvolvimento dos estudos náuticos, e às descobertas. Fiquemos, pois, no território brasileiro.

Fernão de Noronha foi um dos primeiros elementos da nação a desembarcar no Brasil. Ele encabeçava a primeira associação de cristãos novos, na concessão de terras a serem colonizadas. Era sua incumbência a extração de pau brasil e o envio de uma quantidade previamente estipulada dessa madeira, anualmente para Portugal⁷⁴.

A introdução da cana de açúcar foi, em grande parte, um empreendimento de judeus. Nessa atividade facilmente se incorporaram nas mais diferentes regiões: Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, São Vicente. Rapidamente passaram a ser grandes senhores de engenho, proprietários não só de terras, mas também de inúmeros escravos. A sua posição econômica garantia privilégios políticos e sociais, uma vez que era parte integrante do grupo que se convencionou denominar de “homens bons”, detentores dos poderes de decisão política na colônia.

Sua participação não esteve restrita aos engenhos. Encontramos judeus entre os mineradores, bandeirantes, eclesiásticos, funcionários públicos, comerciantes, intelectuais, traficantes de índios, e artesãos. Não houve uma única atividade em que não estiveram presentes. Daí concluir que seu número na colônia tenha sido relativamente grande.

No funcionalismo estatal, transpuseram as barreiras dos Estatutos de Pureza de Sangue, vindo a exercer cargos e ofícios em todos os setores da vida pública. Assim, colocavam-se a par de tudo. Os cristãos novos conheciam os segredos das sacristias, o que se passava nas Câmaras Municipais, o que diziam os testamentos, a quanto montavam as heranças. Nada lhes escapava. Nessas funções, auxiliavam os companheiros em suas pretensões, fossem elas obter um cargo, realizar um bom negócio ou escapar a certos deslizes. A influência dos clérigos, funcionários e de poderosos mercadores e senhores de engenho da etnia, muito contribuiu para o fortalecimento da tolerância que usufruíam no Brasil.

⁷⁴ Wiznitzer, Arnold; *Os Judeus no Brasil Colonial*.

A característica mais marcante de nossa colonização foi sem dúvida, a miscigenação que aqui se operou entre os índios, os negros e os brancos. E, entre esses, os cristãos novos. Se aos primeiros, a cor da pele determinava não só a condição social, mas a condição de liberdade ou escravidão, ao cristão novo, nada denunciava fisicamente, sua situação de pária no reino. Como não havia Tribunal da Inquisição no Brasil, e como foi em um número significativo que os cristãos novos aqui chegaram, transformaram-se em senhores das terras e gentes, casando-se tanto com índios, quanto com negros, além de casarem com cristãos velhos.

A fisionomia da população brasileira foi assim se tornando diferente da realidade européia. “Nenhum povo colonizador excedeu ou sequer igualou nesse ponto aos portugueses. Foi misturando-se gostosamente com mulheres de cor logo ao primeiro contato, e multiplicando-se em filhos mestiços que uns milhares apenas de machos atrevidos conseguiram, firmar-se na posse de terras vastíssimas e competir com povos grandes e numerosos na extensão de domínio colonial e na eficácia de ação colonizadora”.

É visão de Sérgio Buarque sobre a gente de origem semita como “gente de uma mobilidade, de uma plasticidade, de uma adaptabilidade tanto social como física, que facilmente se surpreendem no português navegador e cosmopolita do século XV. Hereditariamente predisposto à vida nos trópicos por um longo habitat tropical, o semita móvel e adaptável como nenhum outro, terá dado ao colonizador português do Brasil, algumas de suas principais condições físicas e psíquicas de êxito e de resistência. Entre outras, o realismo econômico que desde cedo corrigiu os excessos de espírito militar e religioso na formação Brasileira”.

As migrações de hebreus se intensificaram depois da conversão e expulsão forçadas.

Para José Gonçalves Salvador os cristãos novos descobriram o Brasil⁷⁵. Seus locais de preferência foram Bahia, Pernambuco e o Rio de Janeiro. Na região sudeste, a capitania do Espírito Santo foi a que talvez mais cristãos novos recebeu. No Rio de Janeiro, os primeiros que chegaram à capitania

⁷⁵ Salvador, José Gonçalves, op. Cit.

gozavam de estima geral, prosperando rapidamente. O meio não permitia a ninguém levar a sério qualquer discriminação racista.

A exploração do sertão também contou com a participação dos elementos cristãos novos. A atividade exigia mobilidade constante, e essa mobilidade era natural aos judeus. Na visão de Gebhardt, o judaísmo foi caracterizado pela experiência do exílio. À essa mobilidade se somou a ação do Santo Ofício. À simples notícia de visitaço fazia com que expedições rapidamente se organizassem, adentrando os sertões e nele ficando por meses, dificultando o trabalho dos visitantes.

Quando das invasões estrangeiras, os cristãos novos estiveram em ambos os lados. O exemplo mais marcante relaciona-se à invasão dos holandeses. Fundando um núcleo populacional de importância, contaram com alguns cristãos novos ao seu lado. Houve mesmo, no período de sua estadia no Brasil, os trabalhos de uma sinagoga, tal a liberdade religiosa que imperou. Nas guerras de expulsão a estes mesmos holandeses, salienta a professora Anita Novinsky que ao lado dos portugueses contavam inúmeros cristãos novos⁷⁶. De onde se pode concluir que não havia um lado específico de atuação desse grupo. Agiam e decidiam individualmente, os caminhos que seguiriam.

O preconceito, no entanto, foi uma realidade marcante no Brasil colonial. A professora Tucci Carneiro afirma que a discriminação existia sustentada pela ordem legal e simbólica herdada de Portugal⁷⁷. Mas as atitudes se abrandavam pela miscigenação, falta de pessoas para determinadas funções, distância de Portugal, a constante assimilação de valores culturais do branco aristocrático por aqueles que pretendiam ascender na escala social.

No caso dos cristãos novos, as manifestações de preconceito foram mais evidentes sob o aspecto legal do que prático, mas gerou um clima de insegurança e desigualdade, marcado pela constante ameaça de limpeza de sangue.

Os cristãos novos no Brasil tiveram mais condições de se passarem por cristãos velhos. Eles ascenderam na hierarquia social e desfrutaram de

⁷⁶ Novinsky, Anita. Op. Cit.

estabilidade econômica. Mesmo assim, o mito de pureza de sangue persistiu incentivado com certeza pelas visitas do Santo Ofício.

Na colônia era difícil a fiscalização dos Estatutos. Os cristãos novos chegavam aos cargos importantes por falsos atestados de gênero. No Brasil, algumas expressões tomavam o mesmo significado: cristão novo equivalia a homens de negócios, que por sua vez lembravam os impuros de sangue, o judeu. De uma forma geral, os portugueses eram conhecidos como os homens da nação, cristãos novos.

A religião do colono era de fachada, mais de verniz do que de consciência. A tática de compelir a todos pela força ao batismo, criou nas consciências violentadas, que persistiam na velha fé, a necessidade de se refugiarem no fingimento.

No Brasil, parte da gente de nação era opulenta, poderosa, soberba. Aqui faltou um instrumental condicionador das delações e dos ódios, posto que o Tribunal do Santo Ofício foi um tribunal de ocasião, de visitas esparsas e episódicas. Mesmo assim, faltava-lhe o poder de julgar. De qualquer forma, já era o suficiente para recordar velhos terrores medievais. A presença do Tribunal constituía-se em instrumento condicionador de toda de toda uma psicologia coletiva feita de delações.

Pela análise das denúncias e confissões produzidas a partir das Visitas do Santo Ofício ao Brasil, Anita Novinsky concluiu não ter havido um marranismo no Brasil, mas vários. A razão é que ele se mostrou diferenciado de uma região para outra, e até dentro de um mesmo meio social, ou dentro de uma mesma família, entre marido e mulher, entre pais e filhos. Ela distinguiu o cristão novo brasileiro em três categorias: a primeira, daqueles descendentes de judeus que assumiram fielmente a religião cristã, integrando-se plenamente, tanto do ponto de vista religioso, como político e cultural. A segunda categoria é formada por aqueles que, no fundo, se mantiveram fiéis à religião antiga, mesmo através de práticas mal delineadas e às vezes até semi-inconscientes. Em terceiro lugar, os que se constituíram a maioria: não eram nem judeus, nem cristãos. Depois de várias gerações, os cristãos novos não mais se integravam no judaísmo, mas também não aceitavam o

⁷⁷ Carneiro, Tucci, op cit.

catolicismo, dentro do qual viviam facilmente. Caracterizou-se por ser “um homem dividido, nem judeu, nem cristão, mas cristão novo com a graça de Deus” ⁷⁸.

A primeira “Vassourada” na Colônia

A primeira Visitação oficial do Tribunal do Santo Ofício da Inquisição ao Brasil data do ano de 1591. Nessa ocasião, Heitor Furtado de Mendonça⁷⁹ chega à capital baiana onde ficaria até setembro de 1593. A Segunda etapa da Visitação foi destinada à capitania de Pernambuco e se estendeu até o ano de 1595. Sua função como Visitador era a de receber denúncias e confissões que contivessem erros de doutrina e desvios na prática religiosa, para poder julgar e puni-las.

O funcionamento da Visitação era claro. A partir da publicação do Monitório⁸⁰ afixado nas portas das Igrejas, todos os habitantes da região estariam obrigados a se confessar ou denunciar atitudes ou posturas nele contidas. O Santo Ofício determinava os chamados trinta dias de “graça”, período no qual os que se confessassem espontaneamente, a princípio estariam livres das penas de prisão e confisco de bens. As penas variaram em grau: em grande parte foram penas espirituais, como obrigação de orações e confissões. Mas Heitor Furtado não se esquivou de determinar penas maiores como prisão e chegou a realizar autos de fé na colônia⁸¹ e transferiu para Portugal os casos que ele considerou mais graves.

Para esta primeira Visitação, o licenciado Heitor Furtado de Mendonça usou do Monitório de 1536, formulado por D. Diogo da Silva, e do regimento de 1552, promulgado pelo infante D. Henrique, inquisidor geral. ⁸²

⁷⁸ Novinsky, Anita; Cristãos Novos na Bahia: a Inquisição. Editora Perspectiva. São Paulo, 1992, página 162.

⁷⁹ Além do Inquisidor, a Visitação exigia mais duas pessoas: o notário e o meirinho.

⁸⁰ Monitório Geral; lista de práticas e atitudes consideradas heréticas pela Inquisição, com a finalidade de esclarecer a população sobre os crimes que deveriam ser denunciados. In Novinsky, Anita; Prisioneiros do Brasil.

⁸¹ Fato apontado por alguns autores como Ronald Raminelli e mencionado por Bento Teixeira, que assistiu a um desses Autos de Fé.

⁸² Mendonça, Heitor Furtado de; Primeira Visitação do Santo Ofício às partes do Brasil, 1591-1592. Série Eduardo Prado, Para se conhecer melhor o Brasil. São Paulo, 1922.

Desse Monitório constavam como crimes, muitos deles relacionados às práticas judaicas, a serem denunciados e confessados, os que se seguem:

- A Guarda dos sábados sem trabalhar
- Vestirem roupas limpas às sextas feiras
- Limpar a casa e cozinhar às sextas feiras, preparando-se para os descansos aos sábados;
- Acender candeeiros limpos às sextas feiras, deixando-os acesos por toda a noite, até que se apagassem;
- Matar animais aves que haviam de comer, segundo ritual judaico, sem fazê-los sofrer. Não comer carne de porco, toucinho, lebre, coelho, aves afogadas, enguia, polvo, arraia e pescado que não tivesse escama;
- Fazer os jejuns dos judeus às segundas e quintas feiras;
- Comemorar o Êxodo do Egito com a festa da Páscoa;
- Rezar a oração do Padre Nosso sem mencionar a palavra Jesus no final;
- Enterrar seus mortos segundo costumes judaicos, amortalhando-os com lençol novo e limpo, lançando fora a água dos potes e cântaros e cobrindo os espelhos;
- Banhar os defuntos
- Abençoar os filhos e netos baixando a mão pelo rosto, sem fazer o sinal da cruz;
- Seguir os ritos e cerimônias maometanas;
- Expressar ou pronunciar opiniões consideradas heréticas pela Igreja, como “não haver Paraíso, nem glória para os bons, “Purgatório” e “Inferno” para os maus”. Dizer que não havia mais que nascer e morrer;
- Não crer no Santíssimo Sacramento do altar, nem nos dogmas da santa fé católica;
- Não crer nos artigos da Santa fé católica;
- Não acreditar na santificação das missas;
- Não acreditar na Confissão e na absolvição através dos padres e sacerdotes;
- Dizer que a alma saída do corpo entra em outro, e sai a andar até o juízo;
- Dizer que o indivíduo poderia salvar-se em qualquer religião;
- Negar a virgindade de Nossa Senhora;

- Afirmar que Jesus não é deus verdadeiro, mas homem e que não era o Messias prometido;
- Negar a santidade do casamento religioso praticando a Bigamia;
- Invocar o Diabo, fazer malefícios e feitiçarias, ofertar a alma ao Diabo;
- Ter a posse ou ler obras proibidas pela Igreja e ler a Bíblia traduzida para o português;
- Rescindir nos crimes de heresia e apostasia;
- Induzir o judaísmo ou seita maometana;

Os conversos que violavam as leis do Cristianismo tornaram-se o alvo principal da Inquisição Ibérica e passaram a ser julgados como cristãos. Os conversos que realmente acreditavam na religião adotada, carregavam em si a mácula de terem pertencido ao grupo judeu. Julgados uns e outros, ambos como hereges, eram considerados traidores e poderiam ter seus bens confiscados.

Na verdade, numerosos pretextos foram forjados para justificar os confiscos, que se tornaram a única renda do Tribunal do Santo Ofício. Este se constituiu numa máquina burocrática onerosa que sustentava os grandes gastos eclesiásticos, como também, supria as dificuldades econômicas do Estado. A existência do infiel e do herege passou a ser fundamental para a manutenção da máquina inquisitorial. As heresias que perseguiram eram na verdade, determinadas pelo Santo Ofício, e diziam respeito à fé e aos comportamentos externos que pouco podiam determinar a profundidade da crença religiosa ou sua negação. Por tais crimes, a Inquisição prendeu na Espanha e em Portugal um grande número de pessoas consideradas hereges, pois guardavam a crença e praticavam costumes e ritos judaicos que eram praticados de forma clandestina.

Através das denúncias, faremos um levantamento dos “crimes” mais citados.

Em Pernambuco, do total de pessoas que se apresentaram setenta e uma se disseram cristãs velhas, ou seja, quase toda a totalidade dos denunciante; oito eram cristãos novos; dois de disseram meio cristãos novos; um não identificou sua condição e uma índia brasila, convertida ao catolicismo.

Para o período da Graça concedido a Igaraçu, Freguesia de santos Cosme e Damião, que se realizou de janeiro a fevereiro do ano de 1594, apresentaram-se sessenta denunciante, sendo que destes, 45 eram cristãos velhos; 10, cristãos novos, um escravo negro e uma indígena. Como se percebe, o mesmo que ocorrera no tempo da graça na vila de Olinda, no que dizia respeito à condição de cristãos novos e velhos.

Cristãos Velhos	45
Cristãos Novos	11
½ Cristão Novos	2
Escravo negro	1
Índia	1
Total	60

As denúncias mais freqüentes foram as relativas a Blasfêmias, Bigamia e heresias judaicas. As profissões dos denunciante eram das mais variadas. lam de homens da governança, senhores de engenho, lavradores, padres, carpinteiros, sapateiros e toda a gama de atividades que a colônia agasalhava.⁸³

Com relação às denúncias apresentadas, podemos discutir que sobre a bigamia, deve ser considerado é o contexto histórico da Reforma Tridentina, que na sua intenção de reformular o clero, despreparado e distante de sua comunidade, e de aproximar os fiéis, remodelou alguns de seus preceitos e deu ênfase a outros já existentes. Passa a partir de então, a dar destaque ao sacramento do matrimônio, em contraposição ao luteranismo, que o via como uma instituição de pouco valor. Essa ênfase foi notada principalmente nos padres da Companhia de Jesus, que no seu trabalho de evangelização, voltaram sua atenção ao casamento, como forma de domesticar o pecado de mil faces e convertê-lo em instrumento da fé. A aculturação dos índios consistia

⁸³ Vide Apêndice

em fazê-los casar.⁸⁴ Logo, negar o casamento, que deveria ser eterno, casando-se novamente, era uma afronta ao sacramento.

As confissões passaram também a ter um papel importante no cenário da Contra Reforma. Através delas se dava o controle absoluto da vida dos fiéis. Sua negação também passou a ser considerada crime. Opuseram-se a elas os protestantes, que a consideravam charlatanice. Num painel de contraposição ao protestantismo, podemos entender melhor a relevância que assumiram as confissões, além de ser um fator de vigilância.

No esforço de remodelar o clero, dando-lhe uma conotação de maior pureza, posto que mais próximo de Deus, condenou-se a luxúria, valorizando-se o estado celibatário dos padres.

A população, mesmo entendendo que os padres se encontravam numa condição, teoricamente superior à sua, pouco entendia dessa discussão, sobre a importância do estado de casado⁸⁵. Em realidade, o povo percebia que padres desrespeitavam os votos, amancebando-se e formando famílias. Um casal que, obedecendo as ordens do Senhor, casava e procriava, tinha mais honradez em suas atitudes que os padres.

Os crimes de sodomia foram exortados. Ronaldo Vainfas esclarece que talvez por não entenderem o universo feminino, o lesbianismo recebia penas moderadas. O homossexualismo, porém podia ser punido com a morte⁸⁶.

Apresentaram-se ao inquisidor as pessoas que tinham algo a confessar ou denunciar contra um conhecido, um vizinho ou parente. O grau de afinidade entre as pessoas, o parentesco, as amizades e os sentimentos eram postos de lado, uma vez que iniciada a Visitação, todos queriam se ver livres o quanto antes das garras da Inquisição, e para tal, havia que se seguir a praxe instituída pela instituição. Por isso, todas as denúncias, mesmo contra pais, mulheres, maridos ou filhos eram feitas nessa intenção.

Mesmo assim, deve-se considerar que essas denúncias não eram espontâneas. Houve resistência constante à máquina inquisitorial, com exemplos na Bahia, de recusa da população de apresentarem-se à Mesa, só o fazendo após a intensificação da pressão.

⁸⁴ Vainfas, Ronaldo; Trópico dos Pecados.

⁸⁵ Vainfas, Ronaldo; Trópico dos Pecados.

⁸⁶ No Brasil não houve nenhum caso de sentença de morte por homossexualismo e lesbianismo.

Os laços de afetividade, os vínculos que se estreitavam entre a comunidade foram se desestruturando à medida que todos eram incitados a denunciar.

As denúncias que iam de bigamia à sodomia, de blasfêmia à proposições consideradas heréticas, ou apenas o relato do comportamento sexual entre marido e mulher, tornava ainda mais pública a vida particular dos colonos⁸⁷, que deixava de existir. Os indivíduos expunham seus mais recônditos desejos, permissivos ou ingênuos atos sexuais, perante um juiz que nunca haviam visto, que não os conhecia, que não mantinha com eles nenhum laço de intimidade, amizade ou mero conhecimento.

E, se como já foi exposto, se a maioria dos denunciante era formada por cidadãos cristãos velhos, o que podemos deduzir de tais dados? Será que compactuavam com os princípios da Inquisição, ou viram na denúncia, principalmente contra cristãos novos, uma forma de manter a atenção do inquisidor voltada unicamente para eles, sem dar-lhes tempo de observar seus próprios?

A pesquisadora Anita Novinsky já apontava que as denúncias de cristãos velhos a cristãos novos consistia numa forma de participar da esfera social mais privilegiada. Mesmo sem os bens materiais desejados, o simples fato de não possuir sangue infecto e, poder assim denunciar os que o possuíam, os igualava aos melhores e puros.⁸⁸

O maior número de acusações de judaísmo recebidas nas Denúncias da Bahia e de Pernambuco foram contra João Nunes⁸⁹, o casal Branca Dias, Diogo Fernandes e filhos, o casal Heitor Antunes, Ana Rodrigues⁹⁰ e filhos, a família de Maria Lopes e do médico João Vaz Serrão, Fernão Soares, o irmão Diogo Soares e Bento Teixeira.

João Nunes, homem rico e poderoso foi preso e julgado pela Inquisição. Seus crimes foram posse de um crucifixo em sua casa, guardado num vaso imundo onde fazia seus feitos corporais⁹¹, a leitura da Bíblia em latim, e por viver em mancebia com uma mulher casada. O marido, ao reclamar da situação de adultério, fora preso a mando do ouvidor Jorge Camello. Como se

⁸⁷ A própria distribuição espacial das casas coloniais, muito próximas, deixavam às claras o que deveria ser vida privada. A Visitação só fez tornar oficial o bisbilhotar.

⁸⁸ Novinsky, Anita; Cristãos Novos na Bahia. A Inquisição. Editora Perspectiva, São Paulo,

⁸⁹ Ver trabalho de dissertação de Mestrado de Assis, Ângelo.

⁹⁰ Ver trabalho de Assis, Angelo.

percebe, as relações de poder no Pernambuco colonial eram baseadas na riqueza e posse de terras. As autoridades, que pelos relatos conviviam com o denunciado, comendo e bebendo em sua casa, possibilitavam que mantivesse a relação com mulher casada e, no que diz respeito ao crucifixo, não só não tomou nenhuma atitude, como prendeu a testemunha ocular, que tempos depois acabou morta, provavelmente, a seu mando.

As denúncias eram graves. João Nunes ainda deu por arremate o argumento, em resposta a João da Rosa, de que a corrupção não passava de coisa normal. Este cristão novo, tabelião do público e judicial pretendia abandonar o ofício, pelos maus costumes que tinham os oficiais da justiça, e por não concordar com eles, ao que João Nunes o desaconselhava.⁹²

Falas também denunciadas por Belchior da Rosa, pai de João da Rosa, que assim confirmava os maus hábitos da justiça colonial, que de todas as formas defendeu o onzeneiro, até a chegada do visitador.

Outros denunciados inúmeras vezes foram os irmãos Fernão Lopes e Diogo Soares, ricos proprietários de terras. Contra eles foi apresentada denúncia de que um negro em uma de suas fazendas havia se benzido dizendo: Boi, corda, faca, cavalo, Amém, Jesus⁹³, ao que os dois irmãos se riram, mostrando desdém à religião, além de possuírem a Toura⁹⁴, que era o Pentateuco em hebraico. Foi freqüente nas Denúncias a impressão de que alguns cristãos novos tivessem por suas imagens de animais de madeira ou outros materiais, que lembravam a figura de um boi ou touro. Isso foi confundido com a posse do livro sagrado para os judeus. Assim o sabemos, por exemplo, através de Mônica, brasileira⁹⁵, que estando por ordem de seus amos trabalhando em casa de Fernão Soares, encontrou na varanda, a Toura, *um boi feito de barro dourado, com cornos e com malhas pretas, pernas encolhidas e um prego no traseiro*. Contou ao inquisidor que levou a tal figura para si, e que por tal, foi mais tarde procurada por Fernão Soares para lhe

⁹¹ Denúncias de Pernambuco-

⁹² O argumento de João Nunes a João da Rosa foi de “todos o faziam até o Papa, por isso, não devia largar o dito ofício”. Denúncias de Pernambuco.

⁹³ Denúncia de Antonio Seixas, cristão velho de Portugal.

⁹⁴ Denúncia de Martim Moreira, cristão velho de Coimbra.

⁹⁵ Denominação dos índios da terra.

restituir a imagem levada. Não foi essa a única vez em que tais confusões se deram.

Os denunciados nos interessam aqui na medida em que mantiveram contato com Bento Teixeira em tratos, comunicações e discussões, ampliando nossa compreensão do momento vivido por ele.

João Nunes, somente é citado por Bento Teixeira durante o processo inquisitorial como um dos homens, que pelo poder e riqueza compravam regalias, comunicação com pessoas de fora da prisão e absolvição.

Com os irmãos Fernão Lopes e Diogo Soares também não teve maior aproximação, porém com os outros denunciados e suas famílias cultivou amizade, recebeu ajuda, praticou o comércio e manteve tratos judaizantes: as esnogas.

Capítulo Terceiro

O Primeiro Poeta das Américas

Bento Teixeira

Visto pela Historiografia

A bibliografia que trata de Bento Teixeira é muito extensa, em consequência mesmo, de sua posição no panorama da literatura nacional. Como primeiro poeta laico brasileiro⁹⁶ a ter um livro publicado, passou a figurar em todos os compêndios da história de nossa literatura. Além da *Prosopopéia*, publicada em 1601, Bento Teixeira nos deixou sua defesa no Tribunal do Santo Ofício. Como se sabe, acreditou-se por muito tempo na existência de um Bento Teixeira Pinto, natural e morador na capitania de Pernambuco, autor da *Prosopopéia*, e da obra que com ela se publicou no ano de 1601, em Lisboa: *Naufrágio Que passou Jorge de Albuquerque Coelho*, além dos *Diálogos das Grandezas do Brasil*. Foi através das pesquisas de Varnhagen que se esclareceu a autoria de uma única obra, a *Prosopopéia*, tirando-lhe as demais⁹⁷. Outros textos, sonetos, que ele garantiu aos Inquisidores ter escrito

⁹⁶ Em um artigo intitulado “Inquisição amordaça o primeiro poeta do Brasil” para o Suplemento Dominical do *Diário de Notícias de Lisboa*, datado de 05/07/1992, Victor Luis Eleutério, relata suas pesquisas sobre Bartolomeu Fragoso, nascido em Lisboa em 1566, mas tendo vindo para o Brasil aos 13 anos. Aos 25 anos recebia o hábito clerical. Foi acusado na Bahia em 7 de Agosto de 1591, por ser cristão novo, mas acabou sendo condenado por luteranismo. Assim como Bento Teixeira, era afeiçoado à obra de Jorge de Montemayor, de quem possuía *Diana*. Os poemas de sua autoria foram encontrados junto ao Processo Inquisitorial que contra ele se instaurou. Neles, segundo Eleutério, Bartolomeu Fragoso revelou certo sentimento nacional, denotando um brasileiroismo. Teve por “padrinho” literário Ruy Teixeira, um português a quem dedicou a obra que esperava ver publicada. Apesar da precedência dos versos aos de Bento Teixeira, escritos provavelmente entre 1579 e 1591, estes não chegaram a ser publicados, mas merecem nota de esclarecimento. Consultados, Luiz Forjaz Trigueiros, Jorge Amado, Alçada Batista, João Maia, Josué Montelo, Cláudio Veiga, Renato Terter de Castro e Antonio Houaiss, se mostraram entusiastas pela descoberta, mas negaram o conhecimento da existência deste poeta, que precisa seguramente ser averiguado. Bartolomeu Fragoso denunciou outro licenciado de nome Domingos Pires a 28 de Agosto de 1591. Nessa ocasião disse ser cristão velho, filho de Amador Fernandes e Vitória Fragoso, licenciado em Artes de 25 anos e confessou que como Bento Teixeira tinha e costuma ler o livro *Diana* de Jorge de Montemayor. In *Confissões da Bahia 1591-1593*, páginas 52-53.

⁹⁷ *Diálogos das Grandezas do Brasil* foi escrito por Ambrósio Fernandes Brandão. Esta obra sistematiza através do Diálogo entre duas personagens, Brandônio e Alviano, as informações sobre o Brasil. Descrevem os limites geográficos das capitanias, citando seus arrendatários ou se pertenciam à Fazenda Real. Compara clima, vegetação, homens e costumes do Brasil aos de Portugal. Descreve a situação

em homenagem a Nossa Senhora, e que estariam em posse do Inquisidor Heitor Furtado de Mendonça, não foram anexados ao Processo Inquisitorial, apesar de algumas testemunhas argüidas confirmarem sua composição.

Com a publicação dos manuscritos das *Confissões e Denúncias da Bahia e Pernambuco*, por Paulo Prado, os historiadores passaram a contar com uma rica fonte de informações produzidas pela primeira Visitação do Santo Ofício ao Brasil entre os anos de 1591 a 1595. Através desses documentos, surgia um Bento Teixeira cristão novo, natural do Porto, e não de Pernambuco⁹⁸. Do Processo Inquisitorial que se moveu contra ele, emergia um judaizante e sacrílego, um homem que dizia impropérios e que matara a mulher. Depois de quatro anos nos cárceres, Bento Teixeira teria recebido da Inquisição uma pena⁹⁹, considerada branda, para alguns historiadores, por ter tido a influência de Jorge de Albuquerque a quem dedicara o poema *Prosopopéia*, versão contestada posteriormente¹⁰⁰.

A história de vida de Bento Teixeira através do Processo Inquisitorial foi elaborada por José Antônio Gonsalves de Mello na obra *Estudos*

econômica da colônia, a vida dos escravos, a ineficiência da Justiça. O autor, dono de engenho, homem de armas e coletor de impostos era cristão novo e alguns autores, como Jaime Cortesão, vêem em sua obra marcas de Judaísmo, pela utilização apenas do Antigo Testamento, mas também pela omissão em discutir a conversão do gentio ao Cristianismo e salvação das almas pela fé católica. Windmüller, Käthe; Omissão como Confissão: Os Diálogos das Grandezas do Brasil de Ambrósio Fernandes Brandão. Novinsky, Anita e Carneiro, M. Tucci; In *Inquisição: Ensaio sobre Mentalidade, Heresias e Arte*. Expressão e Cultura. EDUSP, São Paulo, 1992. Páginas 408 a 417. e *O Naufrágio que passou Jorge de Albuquerque Coelho* é de autoria de Afonso Luís Piloto e Antonio de Castro.

⁹⁸ Gilberto Freyre lembra que a primeira vez em que se considerou que Bento Teixeira, cristão novo, tivesse sido o autor da *Prosopopéia* foi por ele sugerida em Prefácio à reedição do poema, publicado Carlos Pereira da Costa (Recife, 1927), e do ponto de vista da interpretação do texto, pelo Professor Joaquim Ribeiro. Rodolfo Garcia o admitiu posteriormente. Em trabalho de 1961, Gonsalves de Mello, na obra *Estudos Pernambucanos*, em capítulo específico o confirma. In *Sobrados e Mucambos. Decadência do Patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. Editora Record, Rio de Janeiro/ São Paulo, 10ª. Edição, 1990, página 348.

⁹⁹ Prisão e Hábito penitencial perpétuo. Anita Novinsky refuta que sua pena tenha sido branda, uma vez que acima dela, havia apenas a execução pela Justiça secular.

¹⁰⁰ Rodolfo Garcia em sua Introdução à *Primeira Visitação do Santo Ofício às partes do Brasil. Denúncias de Pernambuco, 1593-1595.*, de Heitor Furtado de Mendonça, São Paulo, 1929, páginas XXVI a XXIX, após concluir que pela leitura do Processo Inquisitorial, Bento Teixeira poderia ser o autor da *Prosopopéia* e outras obras de maior fôlego, argumenta que “do caráter de tão pouco simpática personagem não se pode ter bom juízo à vista das muitas acusações que lhe são feitas e que, bem fundadas, devem conter mais verdades do que mentiras”. Termina dizendo que Bento Teixeira não recebeu do Santo Ofício “o castigo merecido” porque contava com a influência muito poderosa, talvez de Jorge de Albuquerque a quem bajulava com a sua obra.

*Pernambucanos*¹⁰¹ e posteriormente por Arnold Wiznitzer¹⁰², através de pesquisas no então Arquivo da Torre do Tombo.

Wiznitzer afirmou que o autor da *Prosopopéia* provavelmente fosse um judeu, na medida em que disse ter encontrado nos versos do poema lembranças da cultura judaica. Assim, relacionou definitivamente o discutido poeta à personagem histórica desvendada pelas Denúncias.

Para acabar com tais discussões, o livro de autoria de Galante de Sousa, sob o título *Em Torno do poeta Bento Teixeira*, fruto de uma pesquisa de Mestrado pela Universidade de São Paulo, publicado em 1973, pelo Instituto de Estudos Brasileiros, nos fornece informações mais precisas. Nele, o autor demonstra a preocupação em esclarecer a existência de apenas um Bento Teixeira, provando que Bento Teixeira da Silva, ou Pinto considerado por muitos como o autor da *Prosopopéia*, e de pelo menos outras três obras, não existiram. As suas pesquisas também elucidaram a autoria do *Naufrágio Que passou Jorge de Albuquerque Coelho*, e que peças de teatro, como o *Rico Avarento* e outras, não são efetivamente de sua autoria.

O *Naufrágio*, texto publicado conjuntamente na primeira edição, foi outro destaque de sua análise. A autoria dessa obra, a princípio, teria sido dada a um piloto de navio que fora convidado pelo Governador para acompanhar a viagem e dela fazer anotações. Para Galante, tal afirmação não parece viável, uma vez que acredita que tais anotações foram posteriormente redigidas por outro escritor, dando origem à obra.

Galante de Sousa foi à busca do histórico da *Prosopopéia*. Indica-nos suas publicações, ano, forma, introdução e prefaciador, primeiro editor, e a localização de cada exemplar.

Escrita em louvor a Jorge de Albuquerque, Governador Geral de Pernambuco, *Prosopopéia* relata em tom épico a natureza privilegiada da terra que este administrou temporariamente, a luta contra os índios, o naufrágio pelo qual passou, quando voltava a Portugal, e a sua heróica resistência ao lado de D. Sebastião, durante a batalha de Alcácer Quibir, sua prisão e posterior resgate.

¹⁰¹ Mello, José Antônio Gonsalves de Mello: Estudos Pernambucanos. *Crítica e Problemas de algumas fontes da História de Pernambuco*. 2ª. Edição aumentada. Governo de Pernambuco, Diretoria de Assuntos Culturais, Recife, 1986.

As considerações acerca do poema são inúmeras. Alguns analistas a descreveram como uma grande obra, enquanto que para outros, não passava de um poemeto¹⁰³ de pouco valor. Num balanço, a obra não mantém uma unanimidade sobre o seu mérito. Em estilo camoniano, a *Prosopopéia* não alcança o mesmo brilho dos *Lusíadas*, em que Bento Teixeira se inspirou, sendo considerada uma cópia remendada da obra portuguesa.

Alguns historiadores de Literatura explicavam que o poema não era tão ruim assim. Rubens Borba de Moraes o desculpava, uma vez que era o primeiro que se escrevia no Brasil, e que no futuro faríamos coisas melhores¹⁰⁴. Afrânio Peixoto, publicando o poema na coleção *Clássicos Brasileiros*, da Academia, perdoava também a mediocridade dos versos.

A questão, colocada por Wiznitzer, para provar que a autoria da *Prosopopéia* era de um judeu, foi justificada por algumas passagens, que ele considerou de inspiração judaica. Wiznitzer partiu da existência da figura de uma fênix, encontrada no final do poema publicado em 1601, para propor que esta significaria o emblema da segunda comunidade judaico-portuguesa de Amsterdã, fundada por portugueses ex-marranos¹⁰⁵. Ainda para este autor, alguns versos do poema, como “o amor é tão forte quanto a morte”, que circundava a figura da fênix, significaria que a Inquisição podia queimar os

¹⁰² Wiznitzer, Arnold; *Judeus no Brasil Colonial*. Editora Pioneira, São Paulo, 1966.

¹⁰³ Assim o classifica Antonio Soares Amora em a “*Prosopopéia*” e seus temas de interesse, reclamando que textos de tão pouco valor literário fossem transcritos e disseminados largamente. Passagens como a descrição de Pernambuco, foram consideradas sem maiores apreciações, apenas pela repetição, e acabaram fazendo parte de antologias. Para ele, os motivos de interesse seriam a estilização heróica de um episódio da formação histórica do Brasil, o que representa por vezes de reflexão moral, e o que tem, por um lado, de aceitação, de outro, de reação, em face da lição dos *Lusíadas*, no início de sua carreira de modelo épico, fortemente questionador e influente. in Suplemento Literário, de *O Estado de São Paulo*, 22/12/1956. José Aderaldo Castello, em texto *Bento Teixeira, um iniciador*, do mesmo jornal e suplemento a 26 de janeiro de 1957, coloca-o como mau versejador, e sua obra apenas como um rascunho. Acha que talvez, para a época em que viveu, o século XVI, a demonstração de um espírito, que recebeu uma tênue camada de verniz, fosse suficiente para impressionar, porque o essencial era a manifestação pública de admiração e irrestrito louvor ao mecenas. Mas, reconhece em Bento Teixeira a vontade inicial de escrever para o Brasil, manifestação de uma atitude que pode ser dada como antecipadora daquela expressa por Frei José de Santa Rita Durão no Prólogo de o *Caramuru*. Manifesta um autêntico sentimento nativista, atingindo a maior glorificação do herói na exaltação dos seus feitos ao lado de D. Sebastião e, seguindo o modelo da poesia épica nem língua portuguesa, inaugura entre nós o Ciclo épico Camoniano. Podemos ainda citar como críticos negativos do poema, Moacir de Albuquerque (1934, pg 119-129); Massaud Moisés (1987, pg. 22); Celso Pedro Luft (1967, pg 291); Ronald de Carvalho (1968, pg. 78). Gilberto Freyre, Pedro Calmon Afonso Arinos de Mello Franco, se não chegam a elogiar a obra, ressaltam sua importância como percussora da boa poesia brasileira.

¹⁰⁴ Moraes, Rubens Borba, *Muitas Perguntas e Poucas Respostas sobre o Autor da Prosopopéia*, Comentário, 1º Trimestre, 1964, pg. 79.

¹⁰⁵ Marranos: judeus convertidos que mantinham práticas da antiga religião às escondidas.

judeus, mas não podia destruir o Judaísmo imortal. Tal tese foi refutada por Rubens Barbosa de Moraes, que em texto de 1964; *Muitas perguntas e poucas respostas sobre o autor da Prosopopéia*, esclareceu que era costume nas tipografias da época, escolherem figuras que serviriam como enfeite, quando o texto terminava no início ou meio da página. Assim, a fênix, que ele vê como um pelicano, fora colocado por uma questão técnico-tipográfica, sem nenhuma significação oculta, refutando a tese de Wiznitzer.

Sonia Siqueira, ao lado de José Antônio Gonsalves de Mello, foi uma das primeiras a trabalhar em um artigo¹⁰⁶ o homem, o réu e o poeta, utilizando os textos que ele redigiu na prisão. Em sua visão Bento Teixeira foi um cripto judeu e provavelmente tenha escolhido esta opção, em oposição ao Cristianismo, porque percebeu nela a possibilidade de exercitar a supremacia da sua inteligência¹⁰⁷. Nessa condição foi elemento de coesão entre os cristãos novos, agindo também como prosélito.

A partir de *Prosopopéia*, considerada como documento histórico, o homem Bento Teixeira e a vida pernambucana do final do século XVI podem ser compreendidos. O poema revela traços da consciência que o autor desenvolveu, acomodando-se ao mundo cristão, pela educação e necessidade, mas integrando-se ao mundo judaico, pelo nascimento e opção. Seu texto reflete a busca da unidade e coerência, de superação das frustrações e de adaptação a um contexto social¹⁰⁸ que o excluía. Frustrado por não conseguir ascender socialmente, escreve. Respondendo a uma situação que o afligia, criou através da imaginação, um mundo que corresponderia às aspirações de seu grupo. Acrescenta que através de seus versos se delineiam sua visão de mundo. Os bens materiais aos quais não tinha acesso, por ser pobre, a vida cultural precária da colônia, que ele despreza, por que é um meio que não o valoriza por seus méritos intelectuais.

Através de seus relatos, Bento Teixeira se colocou na condição de ser o único capaz de immortalizar os feitos das personagens, pois o Rei era avaro em

¹⁰⁶ O cristão novo Bento Teixeira: Cripto Judaísmo no Brasil Colônia. *Revista de História*, São Paulo volume XIV, número 90, 1972.

¹⁰⁷ Idem pg. 418.

¹⁰⁸ Idem páginas 436 a 442.

premiar os serviços prestados¹⁰⁹. Jorge de Albuquerque Coelho, aristocrata, é descrito como herói fidalgo, puro de sangue, defensor da fé e da Pátria. Contém ainda valores das camadas médias, como o serviço ou a segurança, a prudência, o saber e a inteligência.

As características judaicas transparecem na idéia de um deus único e criador da vida. A história do povo judeu é lembrada veladamente: diásporas, heroísmo dos antepassados, resistência, lealdade, sacrifício para se alcançar o direito à Terra Prometida. O grupo judeu é apresentado como precedente ao cristão, e teria sofrido a ingratidão de reis e poderosos. Para a autora, Bento Teixeira inseriu no poema mensagens específicas aos cristãos novos, levando a eles uma consciência mais avançada¹¹⁰.

Outra obra que trata do poeta e da *Prosopopéia* é de autoria de Luís Roberto Alves, e foi fruto de uma tese de Doutorado na Universidade de São Paulo: *Confissão, Poesia e Inquisição* publicada em São Paulo no ano de 1983. Nesse livro, Alves traça um paralelo entre os dois escritos de Bento Teixeira, o poema épico e a sua defesa no processo inquisitorial. Tenta alinhar o estilo do poeta nas duas formas de expressão. Faz uma análise literária do processo inquisitorial, mostrando que este é uma mescla de documento histórico e peça literária, mais precisamente, teatral.

Alves afirma que Bento Teixeira era um homem dividido e em busca da unificação. Em suas tomadas de posição ele não agiu conforme as doutrinas morais e religiosas de seus antigos pais, mas segundo o seu estado de consciência, sua condição social e suas possibilidades de interpretar a realidade. Ele criou um mundo individual reversível, na tentativa de recuperar os valores perdidos. Como cristão novo, tentou adaptar-se à religião da época, o que lhe garantiria certa segurança, ao mesmo tempo em que pretendeu construir um novo reino. Para Alves, foram os cristãos novos aqueles que, nos seus diálogos, devoção e ensino, além de outras produções culturais, teriam tido o privilégio de terem ligado os fios da religiosidade cristã-judaica.

Os textos que Bento Teixeira redigiu na prisão foram a consequência de uma das prioridades do Santo Ofício: *tudo escriturar para constar em todo*

¹⁰⁹ Idem. Página 446.

¹¹⁰ Idem. Página 451.

tempo, aceitando o discurso de “própria letra e sinal”, que tornou-se em si marca da verdade.

Bento Teixeira guiou-se por algumas obras para compor sua defesa, em especial: *O Guia de pecadores* de Frei Luís de Granada e *Consolaçam às Tribulações de Israel*, de Samuel Usque, embora, como afirma Alves, tenham sido as imagens e os textos tomados com mais liberdade, como convém a uma nova experiência. Através destes textos, Bento Teixeira mostrou os extremos do dilaceramento do espírito, ao mesmo tempo em que descreveu um projeto de falsa purificação. Para Alves, o poeta aprendeu uma lição vigente no Barroco: o de que o estilo metamorfoseia o conteúdo, a tal ponto que as palavras e idéias com que joga, podem dar-lhe prazer, mesmo perante de certos desgostos.

E continua: a escritura de Bento Teixeira não esconde posições religiosas judaicas. Os fatos religiosos são revelados com tal amplitude que ganham a devida posição numa terra tão misturada de crenças como o Brasil.

Bento Teixeira é para esse autor uma pessoa em mudança. Assim como a *Prosopopéia*, que guarda em si toda reaquisição da voz do passado, com capacidade de iluminar o presente, e de tornar vivo o que se encontrava esquecido ou morto. A pessoa em mudança transforma-se em nova figura.

Essa atitude encontrou eco na confissão, onde a palavra dos antigos não é verdade em si, mas um valor metamorfoseado na experiência do homem novo, que apesar dos defeitos, “*tem na sua boca a verdade que os meios acomodados e a mudança de figura vital permitem aprender*”¹¹¹.

Bento Teixeira usou em seu poema a figura de Proteu, que Alves analisou como não podendo ter sido melhor escolha, já que ninguém seria melhor para descobrir as verdades acomodadas do que aquele capaz de se metamorfosear, porque só pode falar verdade quem (se) muda. Para ele, a *Prosopopéia* é uma fábula historicizada. Ao alcançar o estado de graça, Proteu pode chegar a invocar a alta Cúria, expressão específica para Deus, também usada no Processo; daí a um passo, chega à marca do fiel, do convertido.

Alves ainda afirma que, se enquanto na confissão, a linguagem buscou o passado e certas oposições viram o presente, no poema simulou-se o futuro e

¹¹¹ Processo Inquisitorial contra Bento Teixeira.

as oposições do narrador presentificaram realidades éticas. Se Bento Teixeira tivesse que narrar fatos presentes, sua linguagem não fluiria, porque o presente é o momento do drama.

Para Alves, Bento Teixeira faz parte inequívoca da gênese artístico-histórica de Gregório de Matos, Padre Vieira e outros, que o superaram em engenho, arte e experiência.

O autor ainda aponta em sua análise que os dois textos – o confessional e o épico – se cruzam, trocando significações que vão formar um universo de certa coerência em meio à fluidez, sedimentando posições onde as contradições pareciam ser um fim em si. Os encontros criam figurações. Os fins e os meios foram as idéias-força que criaram imagens e que ganharam relevo nas encruzilhadas dos textos.

Bento Teixeira, cristão novo, ainda na porta do Barroco, propôs pelos meios convenientes a um cristão novo, que se alterassem as relações entre subordinadores e subordinados, raízes dos demais problemas. Sua resposta em nível individual foi a pena, que se considerou branda: a de morte prematura por doença. No nível coletivo, a continuação dos organismos montados, e mais ferozes, alimentados pela crescente centralização do poder.

As leituras indicam que os dois textos de Bento Teixeira são construídos por uma proposição que já está respondida, ou seja: os meios acomodados estão para um bom fim, assim como os meios não acomodados estão para um mau fim. Bento Teixeira manifestou-se diferentemente do modo como os cristãos novos se expressavam, pois os conteúdos da palavra humana levam à morte, enquanto só a forma garante o equilíbrio e, portanto, a vida.

Jogando com dados difusos e criando uma coerência, o poeta transformou em verdade, aquilo que na boca do povo era heresia.

Finalizando; para Luís Roberto Alves, Bento Teixeira não foi o que um letrado ou poeta não deveria ser: um conformista.

Outra obra sobre Bento Teixeira é de autoria de Gilberto Vilar e foi publicada em 1995, *Onde se conta a história de Bento Teixeira, cristão novo, instruído, desbocado e livre. Primeiro poeta do Brasil, perseguido e preso pela Inquisição*. Trata-se de um romance, mas conta a história do poeta apoiado e inspirado nas pesquisas sobre a sua vida. Bento Teixeira é colocado como um intelectual muito acima dos padrões da região à época, e traça seu perfil de

intelectual reprimido, desde a infância no Brasil até sua morte, nos cárceres da Inquisição de Lisboa. Além de intelectual, não media palavras e discutia em nível de igualdade, ou acima dela, questões teológicas, sociais e políticas com padres e autoridades. O livro fala de sua infância, os pais e a educação dividida entre o judaísmo materno e a luta paterna para que o filho seguisse o caminho da cristandade.

É visão do autor que o poeta depois da prisão, ao entender o processo mental através do qual os inquisidores estruturavam seu trabalho de investigação, passa também a utilizá-lo, num estranho jogo, raramente visto neste tipo de processo. De posse de papel que incessantemente pedia à Mesa, e sendo estranhamente atendido, Bento Teixeira compôs sua defesa baseado num intenso estudo da Bíblia e diversas outras leituras, muitas delas proibidas pelo Santo Ofício.

Lúcia Helena Costigan em artigo de 1997, sobre “Intelectuais Pós Modernos e Letrados Barrocos (Cripto judeus)” também tem Bento Teixeira e *Prosopopéia* como partes de seu objeto de estudo. Sua intenção foi encontrar um conceito mais apropriado para o Barroco, comparando o indivíduo deste período ao atual. Para ela, o Barroco americano é dialógico e dialético. Na colônia, representou o modelo escolhido pelas classes dominantes, que com ele tencionavam manter as normas de hierarquia social. Mas o Barroco também serviu a que letrados heterodoxos o utilizassem como discurso que se opunha à política e ao poder metropolitano, permitindo a desconstrução e oferecendo a possibilidade de crítica e resistência. Esse modelo foi adotado pelos cristãos novos, cripto judeus, como Bento Teixeira, Luis de Carvajal e Ambrósio Fernandes Brandão. Apontou que na *Prosopopéia*, o cripto judeu tem o mérito de se identificar, através da voz poética, com a caracterização bifronte, agindo como cristão em público, mas que em quatro paredes seguia sendo judeu¹¹². Bento Teixeira com esse texto teria inaugurado uma espécie de Barroco como crítica de oposição na poesia colonial brasileira. Seu poema que abriga aspectos biográficos, abre espaço para a estória de si próprio e do grupo ao qual pertencia, apontando o autor como o herói da épica. Utilizou o

¹¹² Costigan, Lúcia Helena; Intelectuais Pós Modernos e Letrados Barrocos (Cripto judeus), Globalização, Meio Ambiente e Crítica de Oposição, in *Revista do Instituto de Filosofia, Letras e Cultura*. Universidade Federal de Ouro Preto, número 4, Dezembro de 1997. Páginas 30 a 38.

modelo camoniano não como cópia, mas como instrumento para despistar a censura inquisitorial. Sua ironia transpareceria na afirmação de que mais do que Jorge de Albuquerque, seria ele o poeta, que ficaria na “memória” e na “história”¹¹³. Metamorfoseado em Proteu e agindo como Moisés, o letrado apontou a Nova Lusitânia, Pernambuco, como a Terra Prometida, onde os cripto judeus teriam condições de fugirem da política imperialista imposta depois da União Ibérica. Conclui afirmando que o vaticínio acabou se concretizando com a invasão holandesa, período em que os cristãos novos puderam viver com relativa tolerância religiosa.

Kênia Maria de Almeida Pereira elaborou um trabalho em que faz um paralelo entre as obras de Bento Teixeira e Antonio José da Silva, considerando-os autores que representam *A Poética da Resistência*¹¹⁴. Alega em sua introdução que, apesar das marcantes diferenças entre os estilos, os dois autores têm em comum o fato de terem vivido numa época em que a censura da Inquisição amordaçava a ciência, a cultura e as artes e que ambos sofreram o terror impetrado pela Inquisição numa mesma dimensão: eram escritores cristãos novos e como tal foram presos.¹¹⁵

A autora parte de trabalhos anteriores para justificar que *Prosopopéia* de Bento Teixeira representa um texto de um homem dividido e angustiado com sua realidade, e que através deste poema, que é um elogio ao capitão donatário, não deixa de transmitir uma mensagem de caráter judaico a seus companheiros de grupo¹¹⁶. Acrescenta que alguns aspectos do poema não foram suficientemente analisados e que, se na maioria das vezes é considerado um plágio dos *Lusíadas* de Camões, ela o vê muito mais ousado, no que tange à sua resistência. Concorda com Alfredo Bosi, que afirmou que o poeta resistiu através do símbolo fechado, confundindo a censura e disfarçando as referências anteriores¹¹⁷. Assim, defende que Bento Teixeira ao não citar nenhum nome de santos do Catolicismo, o que foi recorrente no

¹¹³ Idem, página 36, Aspas da autora.

¹¹⁴ Obra publicada pela *A poética da Resistência em Bento Teixeira e Antonio José da Silva, o Judeu*. Editora Anna Blume, São Paulo, 1998.

¹¹⁵ Op. Cit página 18.

¹¹⁶ Suas inferências partiram basicamente do trabalho de Sonia Siqueira, O Cristão Novo Bento Teixeira: Cripto Judaísmo no Brasil Colônia. *Revista de História*, São Paulo, volume XLIV, ano 90, páginas 395-467, abril/junho.

¹¹⁷ Bosi, Alfredo, *O ser e o tempo na Poesia*. Editora Cultrix, São Paulo, 1990.

poema português, reforça a observância da Lei de Moisés¹¹⁸. Bento Teixeira, da mesma maneira, não cita os nomes de Deus e de Jesus, referindo-se a este último de maneira indireta. A autora questiona se este fato não representou um protesto do autor, já que o verdadeiro Cristo ainda estava por nascer. Em outra passagem significativa, Bento Teixeira envia para o Olimpo, não só Cristo como o católico herói Duarte de Albuquerque. Kênia se pergunta como isso não foi percebido pela censura inquisitorial, ou se os censores acharam que o poeta apenas mesclava o pagão aos ritos cristãos¹¹⁹.

Marcante na *Prosopopéia* é a figura de Proteu. O narrador do poema, escolhido por Bento Teixeira representa um deus que poderia assumir aparências falsas e que seria difícil de ser apanhado¹²⁰. Lembra que esta escolha do autor pode se relacionar às dificuldades dos cristãos novos em se manterem cripto judeus¹²¹. Levando em consideração que a figura de Proteu esteja relacionada ao inconsciente, como defende Chevalier, consultado pela autora¹²², sua imagem lembraria o cristão novo, que como Proteu, é rebelde e atormentado. Associa também este deus aos Profetas bíblicos. Proteu, diz a autora, só se entrega mediante tortura, depois de bem amarrado, quando todas as artimanhas para se libertar escassearam: um símbolo forte de resistência¹²³.

Kênia Pereira relaciona que quando Bento Teixeira escolheu Tritão para apresentar o poema aos seus leitores, ele o fez pensando na marca de dualidade que a personagem apresenta. Meio homem, meio peixe, ele está assim composto de duas faces, e como Proteu, estaria em condições de se metamorfosear e transgredir, socorrendo-se em seus disfarces para fugir sempre¹²⁴.

Também foi preocupação da autora analisar o Messianismo explícito na *Prosopopéia*. No entanto, adverte que o Messianismo que Bento Teixeira assume é outro que o exposto na obra. Assim, ao discutir o Sebastianismo, que encontrou espaço fértil em Portugal, após a morte de D. Sebastião na Batalha de Alcácer Quibir, concluiu que Bento Teixeira teria migrado deste

¹¹⁸ Pereira, 1998, página 80.

¹¹⁹ Pereira, 1998, página 80.

¹²⁰ Pereira, página 79.

¹²¹ A autora aqui está se referindo ao texto de Sonia Siqueira supra citado.

¹²² Chevalier, J. e Cheerbrant, A. *Dicionário de Símbolos*. São Paulo, José Olympio, 1993. citado em Pereira, pg. 83.

¹²³ Pereira, 1998, página 84.

Messianismo para o judaico. Em versos nacionalistas ele estaria dissimulando outra mensagem. Argumenta que o momento em que Bento Teixeira viveu foi de intensos debates sobre o assunto, e que ao falar de Sebastianismo (restauração do reino político) estava na verdade se referindo à espera do Messias pelos cristãos novos, que restauraria o reino de Deus. Realmente, nos textos que redigiu na prisão, o Messianismo judaico é recorrente e retornaremos a ele em capítulo específico.

O título do poema chamou a atenção da pesquisadora e ela se perguntou por que essa escolha de Bento Teixeira. Considerou que é frágil a interpretação que se deu até então, ou seja, a de que Bento Teixeira apenas a usou como figura de linguagem: a que dá vida e voz a seres inanimados. Seria muito simplista, diz ela, dar voz ativa a Proteu. Argumenta que provavelmente Bento Teixeira tenha entrado em contato com a cabala¹²⁵, e talvez estivesse enviando em seu texto mensagens cifradas aos grupos sefaradis, um criptograma indecifrável a se insinuar no título e a confundir aqueles que não fossem portadores do mesmo conhecimento.

Sua discussão é aprofundada ao destacar a presença dos números (3,7,9) considerados cabalísticos no corpo do poema. O número três chama nossa atenção, porque para Chevalier, já citado, o número três é o número da forma. E aqui transcrevemos: “não pode existir corpo sem as três dimensões (comprimento, largura e profundidade). Não pode haver ação alguma sem haver três condições: o sujeito que age, o objeto em que se reflete a ação e o agir. Por fim, o três equivale à rivalidade (o dois) superada; exprime um mistério de ultrapassagem, de síntese de reunião, de união, de resolução”. Kênia Pereira nos alerta que Bento Teixeira tinha o conhecimento da idéia do ternário, de onde tudo provém e que a soube usar com perfeição¹²⁶. Alinhava

¹²⁴ Pereira, 1998, painas 85-86.

¹²⁵ Bento Teixeira em seus textos faz referências aos judeus cabalistas. Portanto, a teoria da autora acha nos textos do réu, condições de se sustentar.

¹²⁶ Kênia Pereira retoma a Cabala para explicar que os números são classificados em três ternários: O primeiro é de ordem intelectual e pertence ao pensamento puro ou ao espírito; inclui o Pai-princípio, o Verbo-pensamento criador, a Virgem mãe que concebe e compreende. O segundo ternário é de ordem moral e relativo ao sentimento e ao exercício da vontade, ou seja, à alma; reúne a graça misericordiosa, o julgamento rigoroso e a beleza sensível. O terceiro ternário é de ordem dinâmica: relaciona-se com a ação realizadora, e por isso, com o corpo; engloba o princípio que dirige o progresso, a ordem correta da execução, as energias realizadoras do plano. (Chevalier e Cheerbrant, 1993, página 901). Quando Bento Teixeira fez elogio a Jorge de Albuquerque, comparando-o a dois chefes militares da Roma antiga, para

que Luís Roberto Alves também já ressaltara esse tópico, defendendo a idéia de que Bento Teixeira aspirava por se harmonizar, enquanto réu, com o povo e a Inquisição, formando deste modo uma trindade equilibrada que o libertaria da morte.

Prosopopéia para Pereira não é uma cópia dos *Lusíadas*, mas Bento Teixeira o utilizou como sua fonte inspiradora. Escolheu o poeta maior para lhe servir de guia e mentor, marca característica do Renascimento. Bento Teixeira não o copiou, na medida em que *Prosopopéia* tem enredo e desenvolvimento próprios; não parodiou, porque em nenhum momento ridicularizou seu modelo e não parafraseou, porque o enredo é distinto.

Prosopopéia é redimida de todas as opiniões que a minorizaram e é elevada por esta autora à obra de contestação, trilhando o caminho da intertextualidade e apresentando mensagens cripto judaicas. Bento Teixeira subverteu além do cotidiano colonial. Imortalizou a rebeldia em seus versos, misturando todos os seus conhecimentos. *Prosopopéia* traz em si um pouco dos *Lusíadas*, mas também da *Eneida*, de Virgílio; de *Metamorfoses* de Ovídio, a mística judaica e a numerologia nas suas entrelinhas.

Num trabalho mais recente, Adma Muhama¹²⁷ vê na obra *Prosopopéia* mais que a iniciadora de uma tradição de nativismo. Se o ofício do poeta é apresentar à leitura dos patronos imagens de feitos gloriosos, para que sua visão mova-os à prática de novos feitos, numa sociedade em que cabe à nobreza o desempenho de ações virtuosas, Bento Teixeira assim o fez com o homem que transformou em herói pelos versos. Como poema épico, usou na *Prosopopéia*, figuras de linguagem, assim como Camões, que tinham por efeito evidenciar a comunidade de saberes que situa num espaço de referências-poeta e leitores -, excluindo os que as desconhecem. Assim, evidencia-se o conhecimento que o poeta tem da arte, isto é, sua familiaridade com a técnica poética, ao mesmo tempo em que prova sua condição de letrado. Bento Teixeira escreve para leitores cultos, leitores de Virgílio, Ovídio e Camões.

ela é prova de que ele tinha os conhecimentos acerca da trindade, sabendo relacionar de forma perfeita a “coroa”, a “sabedoria” e a “inteligência”, de forma disfarçada em simples elogios.

¹²⁷ A *Prosopopéia* de Bento Teixeira: Epopéia de Derrotas. In Fernandes, Annie e Oliveira, Paulo (org.) *Literatura Portuguesa Aquém- Mar*. Programa de Pós Graduação em Literatura Portuguesa.. Editora Komedi. Campinas, São Paulo, 2005.

Se Camões finaliza seu poema exigindo para si honras heróicas, desde que, com sua ação de poetar, demonstrou fazer de um homem, herói, na *Prosopopéia*, a exibição é frontal. O poeta atinge o final declarando ser sua obra, obra sua – as ações heróicas só o sendo pela arte que as dota de tal caráter. É como se no fim o poeta não dissimulasse que ações como dizimar índios, impedir o canibalismo dos marinheiros, resistir ao medo de fugir dos mouros não são ações próprias de uma epopéia – exceto se o poeta elevá-las por meio dos conceitos. O decurso das ações pode se assemelhar mais do que os *Lusíadas* ao das ações da *Eneida*: saída da pátria, derrota no mar, guerra contra outra nação. Porém seu sentido é descendente. Não dispondo de ações épicas, *Prosopopéia* engendra conceitos épicos, que como previsível, acompanha os *Lusíadas*. Para a autora, de épico a *Prosopopéia* detém apenas o louvor às ações virtuosas dos grandes homens, tudo o mais sendo perdas e danos à pátria, ao império, às conquistas. É uma imitação que afinal, reverte importantes aspectos do épico camoniano.

O recurso usado pelo autor foi de constituir uma prosopopéia de Proteu, uma vez que é por intermédio dele que o poeta nos relata não a epopéia de Jorge de Albuquerque, mas a fundação da Nova Lusitânia, que projetada sempre para o futuro, só se completaria quando novos feitos históricos fossem realizados, pois do presente o que se vê é a barbárie, a desordem, a derrota.

Completa, esclarecendo que apesar disso, o futuro pode ser diferente, e o canto poderá se modificar. Proteu o sabe, como sabe o poeta. Ou seja, a partir de 1580, com a União Ibérica, a Lusitânia histórica já não existe mais, mas do outro lado do oceano, há a Nova, cujos heróis já têm um poema no qual podem se espelhar para as futuras ações, assim como a *Prosopopéia* espelhara-se nos *Lusíadas* para aprender a cantá-los. Seus heróis não descobriram novas terras, mas estão preparados para construir uma nova terra. Não ainda Brasil, mas uma Lusitânia nova, cuja história está por fazer.

Se Camões finaliza seu poema exigindo para si honras heróicas, desde que, com sua ação de poetar, demonstrou fazer de um homem, herói, na *Prosopopéia*, a exibição é frontal. O poeta atinge o final declarando ser sua obra, obra sua – as ações heróicas só o sendo pela arte que as dota de tal caráter. É como se no fim o poeta não dissimulasse que ações como dizimar índios, impedir o canibalismo dos marinheiros, resistir ao medo de fugir dos

mouros não são ações próprias de uma epopéia – exceto se o poeta elevá-las por meio dos conceitos. O decurso das ações pode se assemelhar mais do que os *Lusíadas* ao das ações da *Eneida*: saída da pátria, derrota no mar, guerra contra outra nação. Porém seu sentido é descendente. Não dispondo de ações épicas, *Prosopopéia* engendra conceitos épicos, que como previsível, acompanha os *Lusíadas*. Para a autora, de épico a *Prosopopéia* detém apenas o louvor às ações virtuosas dos grandes homens, tudo o mais sendo perdas e danos à pátria, ao império, às conquistas. É uma imitação que afinal, reverte importantes aspectos do épico camoniano.

O recurso usado pelo autor foi de constituir uma prosopopéia de Proteu, uma vez que é por intermédio dele que o poeta nos relata não a epopéia de Jorge de Albuquerque, mas a fundação da Nova Lusitânia, que projetada sempre para o futuro, só se completaria quando novos feitos históricos fossem realizados, pois do presente o que se vê é a barbárie, a desordem, a derrota.

Completa, esclarecendo que apesar disso, o futuro pode ser diferente, e o canto poderá se modificar. Proteu o sabe, como sabe o poeta. Ou seja, a partir de 1580, com a União Ibérica, a Lusitânia histórica já não existe mais, mas do outro lado do oceano, há a Nova, cujos heróis já têm um poema no qual podem se espelhar para as futuras ações, assim como a *Prosopopéia* espelhara-se nos *Lusíadas* para aprender a cantá-los. Seus heróis não descobriram novas terras, mas estão preparados para construir uma nova terra. Não ainda Brasil, mas uma Lusitânia nova, cuja história está por fazer.

Sua formação, suas Paixões e seus Pesares.

Na base dos textos que Bento Teixeira redigiu e das confissões que fez perante os Inquisidores após sua prisão, reconstruímos sua biografia.

Bento Teixeira viajou e residiu em diversas capitânias.

Ambos Seus pais eram os cristãos novos Manoel Álvares de Barros e Lianor Rodrigues. Estabeleceram-se inicialmente na capitania do Espírito Santo, onde o menino Bento Teixeira freqüentou a escola da Companhia de Jesus.

Quando Bento Teixeira aproximava-se de seus doze anos de idade, entre os anos de 1572 e 1574, a família mudou-se para o Rio de Janeiro. Nesta

capitania, continuou os estudos com os padres, dedicando-se ao estudo de latim.

Em virtude de dificuldades financeiras, a família mudou-se para a Bahia, onde podiam contar com o auxílio de parentes de sua mãe de Bento Teixeira.

Na Bahia morrem os pais. Sem condições de arcar com seus estudos, passa a receber ajuda financeira do Bispo Dom Antonio Barreiros, “*que vendo seu bom modo de proceder, dava-lhe o necessário e o sustentava no estudo da latinidade.*”¹²⁸ Bento Teixeira o chamava de “*pai benigno dos pobres.*”¹²⁹

D. Antonio Barreiros havia sido prior de Avis e na opinião de Frei Vicente de Salvador era homem benigno, esmoler e dotado de muitas virtudes.¹³⁰

Herdou alguns negócios do pai e muito moço viajava pelo Brasil para buscar e entregar mercadorias. Contraiu inúmeras dívidas que terminaram em conflitos.

Após uma forte discussão, quando lhe atirou Manuel de Góes no rosto um “púcaro de sujidades”, a mando do irmão, Tristão Ribeiro¹³¹, desistiu dos estudos e mudou-se para Ilhéus, onde se apaixonou e se casou com Felipa Raposo, cristã velha por parte de pai, André Gavião.

Em Ilhéus Bento Teixeira criou uma escola de latim no engenho de Diogo de Meireles¹³².

Casado e com problemas financeiros, viajou para Pernambuco, instalando-se em Olinda. Montou escola de ler e escrever e latim, onde no período de dois anos, ensinou a mais de sessenta moços a doutrina cristã.

De Ilhéus mandou trazer a esposa. Logo, iniciaram-se os problemas que teve com ela durante quase todo o casamento.

Mudou-se para Igaraçu, que é a Vila dos Santos Cosme e Damião, a cinco léguas de Pernambuco, onde novamente construiu uma escola, lá permanecendo por mais quatro anos.

Por uma segunda vez voltou a Pernambuco com a mulher, onde criou nova escola. Foi quando Felipa Raposo com suas traições levou ao

¹²⁸ Processo Inquisitorial 5206 contra Bento Teixeira.

¹²⁹ Idem

¹³⁰ Salvador, Frei Vicente de; Historia do Brasil.

¹³¹ A citação aos irmãos está no Processo Inquisitorial, sendo que seus nomes não aparecem nem nas Confissões, nem nas Denúncias da Bahia e de Pernambuco.

¹³² Cristão novo, também judaizante pelos relatos de Bento Teixeira, proprietário de engenhos.

agravamento da relação. Mudou-se então para o Cabo de Santo Ângelo, nas terras de João Pais¹³³.

Na sua escola em Marim, Olinda recebeu muitos filhos de cristãos velhos, que os tiravam do Colégio da Companhia de Jesus, para entregar-lhe a educação.

Após haver matado a esposa, Bento Teixeira homizia-se no convento de São Bento, sendo recebido por Frei Damião, que ele conhecera em Ilhéus e que lhe tinha ódio capital. *“Com as mãos de Esau me recebeu”*. Manteve discussões acerca da religião e, ele acreditava terem sido o Frei Damião e Felipa Raposo os responsáveis pelas denúncias que o levaram à prisão.

Bento Teixeira tenta fugir do Mosteiro, ajudado por um amigo cristão novo, o comerciante João Batista. A fuga foi frustrada por duas vezes: a primeira, pelo saque dos franceses à nau, que os levaria, e a segunda, quando o Rei de Espanha proibiu a entrada na região de ao Tucumã pelo Rio da Prata.

Frustradas as tentativas de fuga de Bento Teixeira, é preso pelo Santo Ofício, a vinte de agosto de 1595, pelo Santo Ofício. Matar não era crime. crime era pensar e ter idéias. Bento Teixeira morre nos cárceres da Inquisição de Lisboa, na solidão que foi sua constante companheira no ano de 1600.

Na primeira página de seu processo inquisitorial encontramos a um canto a anotação de seu falecimento. O médico João Pinheiro, que a mando dos inquisidores examina o réu, tendo-o achado

“em cama com febre e lançando algum sangue pela boca, segundo pude julgar de um pano que se me mostrou, e assim me pareceu doente e Ter necessidade de se curar”.¹³⁴

¹³³ João Pais era capitão do cabo de Santo Agostinho, homem muito rico que chegou a fazer oito engenhos que repartiu com os oito filhos que teve e coube a cada um o seu de legítima. In Salvador, Frei Vicente de; História do Brasil.

Considerações de Bento Teixeira sobre a sua família.

Bento Teixeira nos discursos que redigiu na prisão textos alinhavou os passos de sua defesa. Os textos não são uniformes, dizem respeito à sua família, formação intelectual, à sua educação judaica e às pessoas com as quais manteve as chamadas esnogas. Curiosos são os dados e juízos que fez sobre sua própria vida.

Foi de sua mãe que recebeu seus primeiros ensinamentos sobre o Judaísmo. Ao mencionar o pai Manoel Álvares de Barros o descreve como “apartado” da Lei de Moisés. Refere-se a um tio rabino com o qual a mãe havia aprendido a religião judaica. Em todas as regiões do Brasil onde viveram, a mãe de Bento Teixeira, Lianor Rodrigues, era considerada mulher “antiga e sábia”, uma espécie de heresiarca, procurada pelos outros cristãos novos para ensinar as práticas da Lei de Moisés¹³⁵.

As personalidades dos pais de Bento Teixeira parece terem sido muito fortes. Na capitania do Rio de Janeiro, Manoel Álvares foi preso por Antonio Salema¹³⁶, por razões que não vêm mencionadas nos documentos. Em casa, conversando com amigos, cristãos novos influentes, Lianor Roiz, sua mãe, pediu-lhes que matassem o Governador “que não fazia mais que encher a boca de judeus” e ainda que soltassem o marido. Bento Teixeira não nos fornece maiores informações, apenas esclarece que o pedido da esposa não poderia ser atendido porque Antonio Salema era homem de muito poder na capitania.

¹³⁴ Processo 5206, página 2, rolo 1

¹³⁵ Ensinou em particular a filha de Diogo de Escovar, de quem alugava a casa, por vinte cruzados. Processo Inquisitorial.

¹³⁶ Antonio de Salema era natural de Alcácer do Sal e fizera seus estudos de Direito na Universidade de Coimbra. Foi nomeado Lente de Instituta a 14 de dezembro de 1565 e um ano depois lhe coube a Regência do Código. Para a missão do Brasil, Antonio de Salema recebeu a autoridade de Desembargador da Casa de Suplicação, por Carta Régia de 2 de março de 1570. O Desembargador saiu de Lisboa em 6 de junho de 1570, junto com D. Luís de Vasconcelos, sua frota foi atacada pelos franceses Jacques Sória e Capdeville, causando à morte do Governador e de 40 jesuítas que o acompanhavam. Antonio Salema conseguiu chegar à Bahia e desempenhou o cargo de Governador das Terras do Sul entre 1571 e 1573. Em janeiro de 1574 seguiu para o Rio de Janeiro e sua ação iria ter uma correspondência com o período de Governo da Capitania exercido por Cristóvão de Barros. Antonio Salema voltou a Portugal aonde veio a falecer como Desembargador dos Agravos.

Lianor Rodrigues era ousada e não media conseqüências de suas palavras. Pediu então a Francisco Gomes Pereira, cristão novo, meirinho da alçada do mesmo Salema e a Afonso Cotrim, cristão novo, procurador do número no Rio de Janeiro que *“acabassem com ele, dado os cargos que ocupavam e soltassem Manoel Álvares, e o condenasse por alguma pena de dinheiro para obras pias”*.

Na sessão de gênero que os Inquisidores fizeram com Bento Teixeira, o poeta afirmou que não sabia de parentes que tivessem sido presos pelo Santo Ofício e que desconhecia os nomes dos avós. Afirmou ainda ter por único irmão Fernão Roiz de Pais. Sobre o irmão há duas versões: uma a de que se criou no Porto como católico, em casa de cristão velho até os vinte anos, quando veio para o Brasil e dividiu moradia com ele. Quando e como se deu a separação dos irmãos não sabemos. Por outro lado, vários testemunhos afirmaram que Lianor Rodrigues e Manoel Álvares mantiveram os dois filhos desde tenra idade no Colégio da Companhia de Jesus¹³⁷. Fernão Roiz, segundo Gonçalves Salvador, permaneceu no Rio, de Janeiro, ou pelo menos por lá andou, por volta de 1577, quando então contava com a idade de dezessete anos.¹³⁸ Vamos reencontrar Fernão Roiz nas Denúncias em 1595, quando estava com 35 anos de idade, solteiro, morador na Ilha de Tamaracá ensinando moços a ler e escrever¹³⁹. Ele também foi citado no dia 15 de dezembro de 1594 por Balthasar da Fonseca¹⁴⁰, que denunciou Vasco Rodrigues Bacelar¹⁴¹, Antonio Gonçalves¹⁴² e Pero Vieira¹⁴³. Durante uma

¹³⁷ Testemunhos de Isabel Fernandes, cristão nova aos 23 de setembro de 1595, Simão Fernandes, cristão velho, no mesmo dia. Processo inquisitorial.

¹³⁸ Gonçalves, José Salvador, Os Cristãos Novos, Povoamento e Conquista do solo brasileiro. Editora Pioneira, São Paulo, 1976. Denúncias de Pernambuco. São Paulo, 1929. Páginas 378/379.

¹³⁹ Denúncia feita contra Francisco Lopes e Álvaro Pacheco em 4 de Julho de 1595. Denúncias de Pernambuco, página 451.

¹⁴⁰ Balthasar da Fonseca; tido por cristão velho, pedreiro, casado com Isabel Nogueira, de 35 anos denunciou Antonio Gonçalves, carpinteiro, cristão velho, porque este teve diferenças com Jacome Lopes, cristão novo, lavrador. Antonio Gonçalves dissera na ocasião que falava tanta verdade como o evangelho de São João. A isso presenciou Fernão Roiz. Denúncias de Pernambuco. Pag. 375.

¹⁴¹ Vasco Rodrigues Bacelar, cristão velho, casado com Andreza de Freitas disse que Deus Nosso Senhor não era homem humano, senão Deus e que deixara a humanidade na terra. Denúncias de Pernambuco, 15 de Dezembro de 1594. Denúncias de Pernambuco. Pag. 374.

¹⁴² Vide nota 128.

¹⁴³ Pero Vieira, cristão novo, lavrador, genro de Maria Pires, disse que estando um infiel com um punhal sobre um cristão para o matar que arrenegasse. Que se arrenegasse com a boca e não com o coração que mesmo depois de arrenegar o infiel o matasse, que não iria ao inferno. Denúncias de Pernambuco. Pag 375-376.

discussão entre Antonio Gonçalves¹⁴⁴ e Jacome Lopes¹⁴⁵. Fernão Roiz foi apontado como testemunha. Ele próprio relata o acontecido na denúncia que fez contra o mesmo Antonio Gonçalves no dia 10 de dezembro de 1594.

No decorrer de suas confissões, Bento Teixeira mencionou primos e outros parentes: Henrique Rodrigues Barcelos¹⁴⁶, tio; Manoel de Medeiros, sobrinho de Henrique Rodrigues Barcelos, e logo primo também de Bento Teixeira; Rui Teixeira¹⁴⁷, primo; Antonio Teixeira¹⁴⁸, filho de Rui Teixeira. Miguel Fernandes foi dado como parente de Bento Teixeira em testemunho de Paulo Serrão¹⁴⁹. Frei Belchior¹⁵⁰ em seu testemunho disse que Bento Teixeira era parente de um João Teixeira, que vindo do Brasil, o acolheu.

Mais tarde, em texto que escreveu na prisão, Bento Teixeira esclareceu que Miguel Fernandes e Sebastião Ferreira, este último, sobrinho de sua mãe, eram primos e estavam casados cada um com uma filha de Rui Teixeira¹⁵¹. Diogo Fernandes Teves, primo de Bento Teixeira, também estaria casado com uma sua sobrinha, filha de Rui Teixeira. Outros primos citados foram Francisco Fernandes, André Teixeira e Jerônimo Rodrigues.

Foi na prisão em Lisboa, do encontro que teve com outro preso, Lopo Nunes, que surgiram outros nomes. Os dois se descobriram parentes, pois Lopo Nunes era sobrinho de Fernão Álvares (cirurgião), que era irmão de seu pai, parentes por sua vez, de Lianor Rodrigues.

Manoel Esteves foi apontado como primo em segundo grau de Lianor Rodrigues. Antonio Fernandes, parente de ambos, teria vivido na Bahia, quando Bento Teixeira ainda morava no Rio de Janeiro, e que da Bahia foi a Portugal, onde estava à época muito rico.

Antonia Nunes, irmã de Lopo Nunes declarou que tinha por parentes Gabriel Ribeiro, Manoel Medeiros e James Lopes da Costa, que Bento Teixeira

¹⁴⁴ Vide Nota 128.

¹⁴⁵ Vide nota 128.

¹⁴⁶ Henrique Rodrigues Barcelos estava amancebado com Processo inquisitorial

¹⁴⁷ Por informação de Diogo D'orta, Rui Teixeira encontrava-se no tempo da prisão de Bento Teixeira morando em Piza. Processo inquisitorial.

¹⁴⁸ Bento Teixeira o cita uma vez como sobrinho e outra como primo. Processo inquisitorial.

¹⁴⁹ Paulo Serrão, cristão velho, apresentou-se ao Inquisidor em 23 de setembro de 1595, informou que parentes do réu Henrique Roiz Barcelos e Miguel Fernandes, mas não soube precisar o parentesco. Processo inquisitorial.

¹⁵⁰ Frei Belchior, Guardião do Mosteiro de santa Catherina, em denúncia em 24 de Outubro de 1597. Processo Inquisitorial.

¹⁵¹ Ver quem lhe deu a informação, Diogo ou Lopo Nunes.

disse ter apenas conhecido no Brasil. Ora, se Bento Teixeira e Lopo Fernandes tinham parentesco, mesmo que distante, e se Lopo Nunes era parente de James Lopes da Costa, haveria algum tipo de parentesco entre James Lopes e Bento Teixeira? Miguel Vaz, cirurgião, era outro irmão de Lopo Nunes, logo também primo de Bento Teixeira.

Parentes de Lianor Rodrigues, mãe de Bento Teixeira:

Manoel Esteves: Primo em segundo grau.

Fernão Álvares (tio pelo lado paterno de Lopo Nunes).

Fernando Luís (apontado como tio rabino)

Tios de Bento Teixeira pelo lado materno

Henrique Roiz Barcelos

Manoel de Medeiros

Primos de Bento Teixeira

Rui Teixeira

Antonio Teixeira (filho de Rui Teixeira)

Miguel Fernandes (casado com uma filha de Rui Teixeira)

Diogo Fernandes Teves (casado com outra filha de Rui Teixeira)

Francisco Fernandes

André Teixeira

Jerônimo Rodrigues

Sem grau de parentesco determinado:

João Teixeira

Antonio Fernandes (apontado por Lopo Nunes como parente dele e de Bento Teixeira)

Lopo Nunes

Miguel Vaz (irmão de Lopo Nunes)

Antonia Nunes (irmão de Lopo Nunes e Miguel Vaz)

Gabriel ribeiro

James Lopes da Costa

Demônios que têm ouvidos, e não ouvem e têm boca, e não falam.

Como dissemos Bento Teixeira em sua narrativa na prisão conta que recebeu a educação e formação religiosa de sua mãe, numa quinta feira de Endoenças, no Espírito Santo, quando tinha de 13 para 14 anos. Revela a vontade que tinha acompanhar a procissão dos disciplinantes, ao que sua mãe conseguiu dissuadi-lo. Mostrou-lhe que existia apenas um único Deus verdadeiro, “criador do céu e da terra, e que os pregadores católicos criam em ídolos”. Os outros deuses “*eram demônios, que tinham ouvidos e não ouviam, que tinham boca e não falavam*”¹⁵², opinião muitas vezes repetida entre os cristãos novos. Durante o período de um ano em que o pai se ausentou numa viagem de trabalho, Lianor Roiz aproveitou para ensinar o judaísmo ao filho. Repetia que a lei de Moisés era a melhor para a salvação das almas, e o convenceu a crer nos ensinamentos da mãe, que também lhe pedia que “tirasse os sábados e domingos, jejuando, não comendo senão à noite, para guarda da Lei de Moisés, principalmente às segundas e quintas feiras, e que, quando quebrava o jejum lhe havia de crescer um dente de ouro, e que nesses dias, a mãe lhe proibía de comer peixe sem escamas. Por meio desse jejum, Deus perdoava os pecados, além de dar grande merecimento a quem o fizesse.

¹⁵² Processo Inquisitorial 5206

Havia outras instruções que lhe dava a mãe; sobre a alimentação, não devia comer carne que fosse afogada, porque ofendia a Deus. Com relação às orações, foi-lhe ensinado que quando rezasse os salmos, não dissesse glória Patri e Filho e Espírito Santo, mas que louvasse o Senhor Deus, que havia tirado o seu povo do Egito.

Tomando conhecimento da iniciação religiosa recebida pelo filho, o pai de Bento Teixeira, Manoel Álvares, reagiu com grande violência. Agrediu sua mãe com pancadas, destratando-a. Ao filho agrediu com um cabo de enxada, que lhe fez uma ferida na fronte cujas cicatrizes lhe ficaram pela vida afora. Nas repreensões que fez ao filho, deu-lhe razões, que Bento Teixeira conta ter considerado eficazes para que se mantivesse cristão. Colocado entre duas religiões, tão antagônicas, o menino viu-se atirado num conflito, que encontramos caracterizando-o mais tarde. Nas suas confissões perante os Inquisidores, Bento Teixeira revela que nesse momento, não sabia se era judeu ou cristão.

Na formação religiosa de Bento Teixeira influíram consideravelmente os vizinhos da família, Fernando Lopes e Francisco Mendes, que foram importantes na sua decisão de seguir o judaísmo e de se circuncidar.

Lianor Rodrigues tinha diversos parentes na Bahia, que os convidaram para lá se estabelecerem, e que em situação financeira confortável, poderiam auxiliar os pais de Bento Teixeira. A mudança para a Bahia colocou-o em contato com os primos que aproveitavam a sabedoria da tia para aprender mais sobre a Lei de Moisés. É interessante notar que em uma época tão remota, havia um núcleo judaizante, com cultura judaica. Um dos primos, Antonio Teixeira, pediu que Bento traduzisse o Deuteronômio. O ciclo familiar e de amigos o aproximavam cada vez mais do judaísmo.

Bento Teixeira tinha conhecimentos profundos de latim. A leitura da Bíblia em linguagem era proibida na época e a tradução, que confessou ter realizado, consta como um dos crimes que o levou à prisão.

O desejo de integração a um grupo, o medo, a insegurança a que estavam expostos os cristãos novos e a persistência da mãe foram as peças essenciais da escolha religiosa de Bento Teixeira. Além disso, a postura judaizante era a única forma de reação à religião católica, que se impunha como ditadora de regras, comportamentos e pensamentos. A necessidade que

Bento Teixeira tinha de expressar seus anseios e inquietações o afastaram do catolicismo.

Lianor Rodrigues e o papel das mulheres nas Sociedades Secretas

Lianor Roiz, compartilhou com os marranos seu conhecimento religioso e a origem dele. Considerada antiga e sábia era a ela que os cristãos novos procuravam para aprender as práticas da lei. Pelo processo, passamos, a saber, que sua instrução judaica deu-se ao lado das irmãs através de um tio, Fernando Luís, pai de James Lopes do Porto, rabino muito sábio¹⁵³. Pelo que contara Lianor Roiz, esse seu tio havia enterrado todos os livros que trazia tudo aquilo que se cumpria fazer pela guarda da lei de Moisés. Isso se deu porque o Bispo Dom João Soares havia levado a Inquisição a Coimbra, impossibilitando assim, a difusão dos preceitos religiosos, que se antes se faziam com cuidado e prudência, a partir de então passaram a ser guardados e tratados como segredo, e passados a um grupo fechado de parentes e amigos. O tio ensinara às sobrinhas que Davi profetizara a vinda do Messias, que não deveria tardar mais que vinte anos. Além das cerimônias tradicionais, o tio falava também da Inquisição, que trazia misérias a Portugal¹⁵⁴ e que, era o motivo de todos se encontrarem nessa época no Brasil.

Foi na capitania do Espírito Santo que, impressionado com os conhecimentos de Lianor Roiz, Diogo de Escovar, cristão novo, a contrata para ensinar a sua filha, Antonia Pais, os costumes e o temor a Deus, para que não soubesse a “*vasilha dos gentios*” donde a mãe da moça procedia. Isso ele fazia dizendo que a educação dos filhos homens na religião judaica, ele garantiria, mas como a esposa era seguidora do Cristianismo, passara a missão a uma marrana. Pelos ensinamentos a mãe de Bento Teixeira teria recebido a quantia de vinte cruzados.

A mulher teve um papel fundamental no ensino da religião. O judaísmo propriamente dito não teve possibilidade de ser praticado de forma consciente,

¹⁵³ Esta informação não procede, porque apesar de James Lopes da Costa ser o comerciante rico que a mãe cita, não era filho desse rabino Fernando Luís, e até agora pelas pesquisas não parece Ter parentesco com a família de Bento Teixeira. Por que ele faz tal alusão?

visto não haver livros, escolas e sinagogas. O que se deu foi a transmissão de alguns valores guardados da herança oral que eram passados principalmente pelas mulheres aos filhos, sobrinhos, netos ou vizinhos dentro da ambiente da casa, no qual a mulher era a figura principal.

Se a sinagoga¹⁵⁵ era uma escola, a casa passou a ser uma continuação dela, pois nela se cumpriam os preceitos da lei¹⁵⁶ e, no dizer da professora Anita Novinsky, o templo foi transferido para dentro da casa. Essa transmissão que se fazia de forma velada, pois exteriormente, todos tinham que parecer cristãos, teve para a Professora Novinsky, uma motivação externa; que era a perseguição da Inquisição, e um fator interno, que foi a presença dessa mulher e a memória histórica que esta preservava e transmitia¹⁵⁷. Por esse motivo, por conseguir manter, mesmo que precária e parcialmente, algumas lembranças da religião, as mulheres eram consideradas as hereges mais perigosas. Nesse processo, a mulher contribuiu para a descatalização da sociedade colonial¹⁵⁸, justificando em parte o ódio que sentiam contra elas os homens da Igreja. Em grande medida, o objetivo de cristianização de seus domínios era invariavelmente entorpecido pela constante ação dessas mulheres.

Bento Teixeira Comerciante

O comércio foi a primeira atividade profissional de Bento Teixeira. Foi nela introduzido por intermédio do pai junto com o irmão Fernão Roiz de Pais. Comerciou tecido, açúcar e pau Brasil. Os tratos comerciais deram origem a vários desentendimentos, chegando mesmo a romper amizades antigas, como foi com Jorge Tomás que não recebeu o pau Brasil prometido por Bento Teixeira. Ao lado do irmão teve diferenças com Gonçalo Velloso de Barros, sobre *“embarcação de um pouco de açúcar, e veio cobrar tal ódio ao réu e seu irmão e os mandou espancar”*.

¹⁵⁴ Ver considerações no Capítulo Contextualização Histórica: D. Luís da Cunha, padre Vieira etc.

¹⁵⁵ Johnson, Paul. História dos Judeus. Sinagogas surgiram como o lugar em que se ensinava a Bíblia.

¹⁵⁶ Ver artigos de Novinsky, Anita; Una nueva visión de lo femenino; O Papel da Mulher no Cripto Judaísmo Português.

¹⁵⁷ Idem

Os tratos comerciais também aproximavam os cristãos novos e os descobria como judaizantes. Assim aconteceu entre Bento Teixeira e Catherina Fernandes que foi comprar em sua casa um quarto de farinha para o pão, que só amassaria no domingo, pela guarda do sábado. Descobertos ambos passaram a discutir o que faziam em observância da lei de Moisés. Em outra situação, estando doente, recebeu Maria Fernandes de Paços que lhe pediu que lhe vendesse três varas de pano de linho, para fazer muito depressa uma camisa a seu marido, em lugar de uma que lhe tinham furtado à sua negra, porque se o marido descobrisse, havia de a espancar.

Derivadas das dificuldades financeiras pelas quais passou toda a sua vida, ou do comércio que praticava, Bento Teixeira contraiu dívidas com várias pessoas. Da mesma forma que no comércio, as pendências financeiras provocavam atrito com velhos companheiros. Assim foi com Maria Lopes, de família a ele tão chegada, a quem devia vinte e tantos mil réis. O mesmo motivo o afastou de Lianor da Rosa, João Vaz Serrão e Maria de Peralta. Gomes Lopes e Rodrigo Corrêa chegaram a prender Bento Teixeira por certo dinheiro devido a eles. Bento Teixeira discutiu seriamente com João Lins, ao ser cobrado de crédito emprestado e nunca pago. Devia também a Francisco de Sousa de Almeida, a quem disse ao ser cobrado, *que poria fogo em sua casa*.

Bento Teixeira, o Professor e o Letrado.

Formado pelo Colégio da Companhia de Jesus, tornou-se mestre de moços e homem de letras. Assim foi lembrado por todas as testemunhas. Bento Teixeira, foi iniciado numa cultura européia, sem vínculos com a realidade brasileira, que não dava condições de elaboração de uma cultura local. Esse conjunto de valores se caracterizava por ser mais força de conservação do que instrumento de espírito criador e crítico¹⁵⁹.

¹⁵⁸ Idem

¹⁵⁹ Siqueira, Sonia. IO cristão novo Bento Teixeira: Cripto Judaísmo no Brasil Colônia. *Revista de História*, São Paulo volume XIV, número 90, página 410.

Após a morte dos pais, para conseguir terminar os estudos, contou com o apoio financeiro do Bispo Antonio Barreiros, durante o curso de Artes e Latinidade e com a ajuda de Cosmo Rangel durante o curso de Casos.

A maioria das pessoas o qualificava como bom mestre, incentivando as práticas religiosas a seus alunos, mas seu gênio intempestivo não impediu que se desentendesse com pais e com alguns de seus discípulos, como Maria de Peralta (cujo filho Belchoir açoitava, e foi transferido para a escola da Companhia), Ana Duarte (cujo filho o chamava de “cornudo”), Cosmo Neto (não aceitou as atitudes do professor, trocando palavras injuriosas) que ou abandonaram o mestre ou trocaram sua escola por outra.

Em Olinda, onde montou escola, disse que ensinou mais de sessenta moços no espaço de dois anos. De Ilhéus manda trazer a esposa, pois esta havia sido a condição para lhe consignarem a quantia de cinqüenta mil réis de prêmio a cada ano. A esposa veio com o irmão, Martim Leitão, que então servia de ouvidor geral, e que por sua vez, tirou o dinheiro a Bento Teixeira, alegando que a Câmara não podia consignar renda a nenhuma pessoa, deixando-o com a mulher e sem dinheiro.

Montou escola mais uma vez em Igarasu, Marim, onde ficou por onze anos e finalmente, no cabo de Santo Ângelo, terra de João Pais, ensinando mais de trinta moços. Voltou a Pernambuco e dela para o Cabo de Santo Ângelo, onde também criou escolas.

Em sua defesa reiterou que sempre foi preferido nas praças por onde passou, e os pais lhe preferiam como professor dos filhos, tirando-os das escolas da Companhia e colocando-os sob sua orientação.

Como professor pôde manter contato com os pais de seus alunos que alguma ajuda lhe poderiam dar, como Violante Fernandes, Fernão Cabral e Bastião de Farias.

A Companhia lhe havia dado sólida base. Às principais leituras, como Virgílio e Ovídio, o estudo das Escrituras e dos casos, o livro *Símbolo da Fé* de Jerônimo Osório, acrescentou a de livros considerados proibidos pela Igreja, como *Diana*, além de *Consolação às Tribulações de Israel*.

Sua discussão com Frei Damião de que o homem é composto pelos quatro elementos e a argüição de que os motes da canção do Solo Uno e trino,

além de ter conotação religiosa, demonstram inegavelmente seu preparo intelectual.

Os pedidos de tradução da Bíblia em linguagem não lhe eram estranhos. Além do primo Antonio Teixeira, Violante Fernandes e Maria de Peralta também pediam que fizesse a versão de alguns livros do Antigo Testamento para o português. Com Pedro Álvares, que lia o livro de Esdras, discutia porque era apócrifo.

A leitura da Bíblia era proibida aos fiéis do Catolicismo. Só poderia ser feita na língua latina, e não poderia receber tradução para a língua vernácula, “em linguagem”, como diziam na época. O objetivo era impedir que interpretações diversas das da Igreja pudessem ser desenvolvidas. A compreensão dos fatos bíblicos deveria ser feita através dos representantes do Catolicismo e aceita sem discussões. O texto bíblico, que por sua abrangência e possibilidades de interpretações, deu origem a três religiões, as “religiões do Livro”, eram fonte inesgotável de estudo para os judeus, e continuou a ser para os cristãos novos. Não nos espanta que tenham sido inúmeros os pedidos para que Bento Teixeira a traduzisse, tendo sempre posteriormente, uma discussão sobre esses textos.

Bento Teixeira não era o único a dominar o latim. Alguns cristãos novos de seu círculo de amizade também compreendiam a língua. Assim, das relações de Bento Teixeira destacamos: Francisco Mendes, que possuía a Bíblia e pela qual fazia as cerimônias da Lei de Moisés; o primo Antonio Teixeira que lhe pediu a tradução por não dominar todos os vocábulos; Diogo de Meireles, ensinado por um judeu velho que viera do Marrocos; Francisco Pardo Grande, rabino que estivera muito tempo em Roma e Nápoles e lá tratava nas sinagogas dos judeus, Fernão Ribeiro de Sousa, senhor de engenho e Ambrósio Fernandes Brandão, autor dos *Diálogos da Grandeza do Brasil*.

Mas que representavam tais leituras?

Bento Teixeira não foi o único a confessar a posse de livros proibidos pela igreja.

Dentre o mais citado está *Diana* de autoria de Jorge de Montemayor¹⁶⁰. O poema escrito sobre um fundamento autobiográfico entrelaça expressões de amor, de sentimento de ausência junto a anedotas cortesãs. Escrito em espanhol possui fragmentos em português. O *“lusismo, que flui na alma do autor ao conceber a obra, é dentro do sistema expressivo, um motivo de estilo, de personalidade”*¹⁶¹.

Montemayor escreveu numa época em que a literatura portuguesa adota uma postura de defesa frente à agitação que se espalhava pela Europa e América. *Diana* atraiu a atenção da Corte sobre o autor que chegou em vida a ver cinco publicações de sua obra. Frei Bartolomeu Ponce testemunhou sua difusão e que foi tão estimada que *“não havia casa onde se não lesse, rua onde se não cantassem os seus versos, nem conversação onde se não engrandecesse o seu estilo, desejando toda a pessoa por autorizada que fosse, de ter particular conhecimento de seu autor”*¹⁶².

A obra ultrapassou as fronteiras ibéricas com inúmeras edições em espanhol e traduções para o francês, alemão, inglês, holandês e português. Conquistou público pela neutralidade do gênero pastoril, que mantinha temas greco latinos, o prestígio das letras espanholas, as particularidades próprias do livro, que abriram caminho na renovação do tema. Não estranha assim, o fato de exemplares de *Diana* estarem nas mãos de vários habitantes do Brasil.

¹⁶⁰ Jorge de Montemayor nasceu por volta do ano 1520 em Montemor-o-Velho, nas proximidades de Coimbra; adotou o apelido do lugar de origem, que traduziu para o castelhano e ficou conhecido por Monte Mayor ou Montemayor, e pelos dois nomes ficou conhecido. Português de nascimento foi por sua vontade e azar da vida, castelhano; e universal, como súdito de Carlos V. Nessa característica de seu apelido se encontra uma das características de sua vida e obra. Há poucos dados sobre o ambiente em que passou os primeiros anos de sua vida e sobre sua família. O testemunho de Juan de Alcalá, que em alguns versos de zombaria o ataca como judaizante, deve acolher-se com reserva. Sua origem foi humilde seu pai era plateiro, segundo Alcalá. Lopes Viera, que traduziu para o português alguns fragmentos de *Diana*, indica que o apelido Paiva e Pina, de nobre família de Monte Mor, aparece em versos de Montemayor e na elegia? Que à sua morte lhe dedicou Marcos Dorante. Resta então a hipótese do relacionamento com esta família, e ainda a possibilidade de ser filho ilegítimo de mãe espanhola. De suas obras, deduz-se que foi jovem de educação humanista não muito extensa, dado mais à música, aos versos e aos amores do que ao estudo. Abandonou o país nativo para buscar novos horizontes e substituiu os limites portugueses pela liberdade de ação e de vida que existia na corte espanhola. Contou com a proteção de D. Juana, irmã de Maria e de Felipe II. Em Portugal apaixonou-se, mas ao marchar com Felipe II para Inglaterra em 1554, a abandona. Esta sua amada casa-se em sua ausência, e ao voltar Montemayor, desalentado escreveu *Diana*. Conheceu Camões, Bernardim Ribeiro e Pero de Andrade Caminha. Esteve em Flandres, onde presenciou a guerra contra a França.

¹⁶¹ Estrada, Francisco Lopes in Jorge de Montemayor, Os sete Livros de *Diana*. Espasa- Calpe, S.A Madrid., PG. 23, Prólogo.

¹⁶² Frei Bartolomé Ponce In Jorge de Montemayor, Os sete Livros de *Diana*. Espasa- Calpe, S.A Madrid., PG. 26, Prólogo.

Montemayor inovou em *Diana* ao popularizar o gênero em meios que antes lhe eram impróprio, alcançando um público mais amplo e menos seletivo. O autor leva dramatização à obra, não dos personagens, mas dos sentimentos. É notável a profundidade psicológica através da qual alcança uma análise minuciosa do amor e gestos da alma. O texto possui uma unidade dinâmica, coordenando a paisagem, os personagens e os móveis de ação. Movendo-se conjuntamente, são como esferas umas dentro das outras que giram para manterem-se em equilíbrio. O mérito de Montemayor neste livro foi o de combinar a exaltação passional com a intenção de mesura do Renascimento, aliando sentimento de solidão.

Seu cenário é pastoril (paisagem não quieta, mas plena de sonoridade e harmonia musical, diante da qual se desencadeiam os sentimentos), mas chega ao fantástico (a partir do livro IV imagina um riquíssimo palácio, misto dos que havia visto, e mármore e metais invadem o livro substituindo a paisagem pastoril. Os trajes descrevem os quadros dos retratistas da época), cede lugar às vezes às paisagens conhecidas pelo poeta e também à vida agitada da cidade e da Corte.

Em seu livro as personagens são pastores que representam uma reação à vida cortesã, pois o autor ataca a nobreza herdada e defende a personalidade adquirida na vida, separa os bens de fortuna dos bens de natureza.

Nos primeiros livros, a personagem central é evocada pelos pastores como fonte de lágrimas e lamentos, não passando de uma bela ausência. É vista através de ilusões, e só aparece nos últimos livros chorando e cantando. Mal casada, preferia o cortejo. Salienta o prefaciador que *Diana* é de uma delicadeza extrema, uma verdadeira criação psicológica.

O amor segue uma escala de categorias que corresponde ao lugar que cada personagem ocupa na sociedade, real ou fictícia. Os pastores respondem sempre ao amor que tende ao virtuoso.

Diana como outras obras de Montemayor atraíram a atenção dos moralistas do século XVI, mas por motivos diversos. Francisco Lopes Estrada avalia que

“filosoficamente, como corpo de doutrina, nada há de reprovável na novela cujos protagonistas tendem sempre ao amor puro (...) Mas Diana conduzia a um negativismo na ação, cercada de quietismo amoroso. O tópico pastoril serviu para a expressão mística. Era um esbanjamento de imaginação, de sentimento, que se desfazia em um niilismo espiritual que acabava precisamente onde a Igreja havia instituído o sacramento do matrimônio. Houve pois, o ataque direto e indireto a Diana. Um foi a repressão diante os sermões e livros de moralidade, e o outro foi a versão ao divino dessas mesmas obras”.

e, continua, lembrando que apesar disso, a intenção de pureza coincidia com as normas morais da ortodoxia católica. A paixão amorosa se converteu em paixão espiritual enquanto os corpos contam apenas como vasos *da alma*. O predomínio do espiritual é apropriado para fazer da vida uma tendência à ascensão até o perfeito. O tema pastoril solta as amarras e se eleva às zonas espirituais e perde sua realidade novelesca, que pode ser expressão de outros estados da alma que também abandonam o corpo, para os quais é prisão.

É o mesmo autor que lembra, na biografia de Montemayor, que uma outra razão para a censura de seus livros foi devida em parte à negação de sua nacionalidade portuguesa;

“Proibirãose em Portugal as obras de lorge de Monte Maior parece que em castigo de dar a Reynos estranhos o que devia a este onde nascera, da qual culpa, sendo argüido, respondeu que não seria muyto que hum filho fosse ingrato a Portugal, poys Portugal o tinha sido a tantos filhos...”¹⁶³

Não raros, no entanto foram os pedidos à Inquisição, pedindo permissão para a leitura¹⁶⁴. Muitas outras pessoas confessaram a posse de *Diana*.

¹⁶³ Introdução de Lourenço Craaesbeeck à edição de Diana de Lisboa de 1624. In Jorge de Montemayor, Os sete Livros de Diana. Espasa- Calpe, S.A Madrid., PG. 9, Prólogo.

¹⁶⁴ Pedralves de Macelos, fidalgo da casa Del rei Nosso Senhor e Comendador do hábito de Cristo pediu e teve negada em 1612, a licença para ler as obras de Montemayor, a Condessa de Vila franca, duas filhas e sua nora, vista a qualidades das pessoas, teve a licença concedida. In Baião, Antonio; *A Censura Literária Inquisitorial. Estudos sobre a Inquisição Portuguesa*. Academia das Ciências de Lisboa, Imprensa da Universidade de Coimbra, 1919.

Também o liam Nuno Fernandes¹⁶⁵, Bartolomeu Fragoso¹⁶⁶ e Paula de Siqueira, que acabou sendo processada por Heitor Furtado de Mendonça¹⁶⁷.

Bento Teixeira lia também Frei Luís de Granada¹⁶⁸ e o Símbolo da fé, e do Bispo Jerônimo Osório¹⁶⁹ o livro *Nobilitate Lusitana* e de Samuel Usque conhecia *Consolação às Tribulações de Israel*, obra em que o autor refaz a trajetória do povo hebreu, salientando que aqueles que voltavam ao Judaísmo fortaleciam-se na antiga fé, superando todas as tribulações pelas quais tinham passado¹⁷⁰.

Entre os cristãos novos ávidos por conhecimento que a ausência de autoridades religiosas e livros dificultavam, Bento Teixeira era considerado muito sábio, afortunado por ter recebido a educação judaica da mãe e uma possibilidade de se tornar entre eles um rabino. Assim se expressou Gomes D'Ávila, cristão novo, primo de Lianor Rodrigues, sobre o menino que deveria ter aproximadamente 14 anos: “*Que fino rabi virá a ser esse nosso sobrinho*”, ao que Diogo Rodrigues, cristão novo acrescentou, rogando “*Faça-o Deus tão sábio na lei como Rabi Moisés*”.

Já mais velho, com aproximadamente 21 anos, continuou a ser assim considerado. Baltazar Pereira, cristão novo, mercador, lhe pagava “roupetas” em agradecimento ao que Bento Teixeira lhe havia ensinado. Lopo Fernandes e Fernão Ribeiro de Sousa, logo após sua prisão (com 35 anos), em bilhete, o

¹⁶⁵ Nuno Fernandes confessou possuir *Metamorfoses* de Ovídio e que sabia que ambos os livros eram defesos.

¹⁶⁶ Processado pela Inquisição é apontado como poeta. Junto a seu processo encontram-se versos que teriam sido escritos antes que a *Prosopopéia*. No entanto, não chegaram a ser publicados. Ver capítulo Bento Teixeira e a *Prosopopéia* na *Historiografia Brasileira*.

¹⁶⁷ Paula de Siqueira, cristã velha, casada com Antonio de Faria confessou que leu inúmeras vezes o poema, sabendo-o até de cor. Lia-o também a pessoas de sua casa. Não entendia porque o livro era defeso, e que sua posse acarretaria a pena de excomunhão, mas mesmo sabendo da proibição continuou a fazer sua leitura. Além de *Diana*, possuía *Eufrosina*, mas não sabia que este era defeso. Entregou as obras ao Inquisidor sabendo que seriam queimadas. Extraído de seu Processo Inquisitorial gentilmente cedido pela Professora Anita Novinsky.

¹⁶⁸ Frei Luís de Granada: Espanhol de Granada viveu, pregou e morreu em Portugal. Foi a Portugal a pedido do cardeal D. Henrique, de quem foi confessor e conselheiro e de quem escreveu uma biografia. Considerado clássico é tido como um dos criadores da prosa espanhola. In Remédios, Mendes dos. *História da Literatura Portuguesa*. Pág. 193.

¹⁶⁹ D. Jerônimo Osório (1506-1580), estudou nas Universidades de Salamanca, Paris e Bolonha. Escreveu quase todas as suas obras em latim. N crônica de D. Manoel De rebus Emmanuelis gestis tem uma passagem aonde censura o rei pelo expediente iníquo e injusto da expulsão dos judeus.. In Remédios, Mendes dos. *História da Literatura Portuguesa*. Pág. 179.

¹⁷⁰ Kayserling, Meyer; *História dos Judeus em Portugal*. Editora Pioneira. São Paulo, 1971. Páginas 225-226.

chamam de irmão e *Senhor meu de alma*, por quem lastimavam o cárcere, e a perda da conversação.

A ferida Incurável

Bento Teixeira casou-se por amor.

Felipa raposo não era como Bento Teixeira, de origem judaica, e os conflitos entre a fé do poeta e o catolicismo da mulher foram fatores que influíram nos desentendimentos do casal, que terminaram em ato trágico.

Por amor, Bento Teixeira fez numerosos sacrifícios. Largou os estudos, mudou várias vezes de moradia, montou novas escolas e acabou se Judaísmo de Bento Teixeira e a resistência de Felipa Raposo em acompanhá-lo em seus rituais judaicos, parece que não foram os fatores essenciais que levaram o poeta à extrema violência de matá-la, mas as suas traições.

Felipa Raposo era professora, e ensinava meninas a cozer e bordar, principais ocupações orientadas para as mulheres, e ajudou o marido nas suas transações comerciais. Com os anos, a relação entre ambos se deteriorou e Felipa Raposo sublimou seus desapontamentos matrimoniais para fora do casamento¹⁷¹. As notícias sobre as relações extras conjugais que manteve, com dois padres e outros homens, corriam pelas pequenas vilas onde moravam e vexavam o poeta¹⁷². Difamava e ridicularizava o marido, que aconselhado pelos amigos a matá-la, respondia desalentado: se a matar que há de ser de mim? e angustiava-se ao lembrar que sua mulher *andava trocada em outra da que era...*

¹⁷¹ É textual de Bento Teixeira a frase sobre sua esposa que tanto adulterava “*por não lhe ficar animal que não entrasse como noutra arca de Noé*”¹⁷¹. Felipa Raposo manteve relacionamento com o Padre Diogo de Barbuda¹⁷¹, Francisco de Sousa de Almeida¹⁷¹, Antonio Lopes Sampaio, Diogo Luís Lagartixa e Paulo de Valcarena (sobrinho de Jorge Camelo). O Padre Duarte, também seu amante, dizia publicamente que de haveria de destruir Bento Teixeira.

¹⁷² Pero Lopes Galego disse certa vez a Bento Teixeira que “quiséramos eu valente para cortardes os cornos, e matardes o irregular Duarte Pereira que dormiu com nossa mulher publicamente um milheiro de vezes”. Bento Teixeira achando que o “negócio tornara-se público e que sua honra andava empenhada por casas alheias, e se fazia o inventário da sua vida, foi necessário por se conformar com o poeta e matá-la”. Processo Inquisitorial contra Bento Teixeira.

Felipa Raposo procurava justificar suas relações ilícitas, pois era casada com um “judeu” e para os cristãos novos manter relacionamentos fora do casamento não representava pecado.

As discórdias entre Bento Teixeira e Felipa Raposo acabaram adquirindo conotações vingativas, ofensivas e degradantes. Felipa Raposo aludia ao “sangue” nobre que lhe corria nas veias, enquanto Bento Teixeira era um “cristão novo fedorento”.

A vida na colônia brasileira, em seus primeiros dias, era marcada pela violência, e Felipa Raposo cogitou mandar matar o marido¹⁷³. Constan nos documentos que denunciou o Judaísmo do poeta, ao Visitador Heitor Furtado de Mendonça, porém esta não foi a razão da prisão de Bento Teixeira¹⁷⁴. Numerosas testemunhas comprovaram que ele era um “judeu”, um praticante e um blasfemador da religião cristã.

Bento Teixeira premido, entre seus sentimentos menosprezados, e a sua honra maculada, mata.

Também não foi a morte da mulher que lhe marcou o destino, mas o fato de ter antepassados judeus.

Denúncias contra o Herege

As denúncias contra Bento Teixeira não foram numerosas, mas continham informações que o inquisidor, com razão, classificou de heréticas, seguindo as instruções do monitório. Passemos a elas:

¹⁷³ Felipa Raposo considerava Bento Teixeira um homem mal condicionado, “um cristão novo fedorento, enquanto ela era uma cristã nova, de nobre geração”. Pelos relatos de Bento Teixeira, ela teria encomendado a morte do marido, e contratou para tal um mulato, mestre de açúcar, que se recusara ao trabalho, pois não matava homens como Bento Teixeira, por dinheiro.

¹⁷⁴ As considerações de Bento Teixeira sobre a mulher são fortes e foi a ela que creditou a sua prisão. “Tão nobre na geração como em seus próprios vícios foi a fonte de onde originaram meus trabalhos, e a prisão que de presente padeço”.

Bento Teixeira a comparou a uma “hidra de sete cabeças de tenção danada e zelo luciferino”, e que vomitaria toda sua peçonha e veneno infernal perante o visitador. Em confissão a uma amiga, Felipa Raposo admitia os adultérios e esperava que o marido cedo ou tarde dela se vingasse, sabia que sua situação era insuportável. Chegou a confessar a uma amiga que conhecia o ódio que Bento Teixeira nutria por ela, e sabendo que fazia o que não devia, ele acabaria por matá-la.

As discussões se tornaram freqüentes, e vendo Bento Teixeira que “o negócio era público, e que sua honra andava empenhada por casas alheias, e que se fazia inventário de sua vida, foi necessário por se conformar com o poeta (a ferida incurável deve ser destruída pela espada, para que não se contamine a parte sã), e matá-la”.

Na Bahia, Bento Teixeira recebeu sua primeira denúncia vinda de Manoel Chorro Diniz¹⁷⁵. Este era cristão velho, natural da vila de Setúbal, que cumpria degredo de morte neste Brasil, morador em Pernambuco, mas estante em Salvador naquela ocasião. Sua denúncia foi a de ter ouvido que Bento Teixeira fizera um “juramento pelo pentelho da Virgem Nossa Senhora”¹⁷⁶. Estando ele um dia em conversação com Tristão Barbosa, advogado da vila de Olinda, além de Manoel de Saa, escrivão do público e eclesiástico em Igarasu, na casa do dito escrivão, vieram a falar sobre o dito réu, e o dito juramento e que ele perguntara se o dito era verdade. Tristão Barbosa confirmou que ele mesmo o ouvira dizer e, que logo o fora denunciar à justiça e, que disso se fizera auto pelo escrivão Manoel de Saa¹⁷⁷. Manoel Chorro também relata em outra ocasião que estando na casa do governador conversando com três ou quatro pessoas sobre a Santa Inquisição, vieram a falar do dito juramento que era muito público, ao que respondeu Álvaro Barbalho, juiz na vila de Marim em Pernambuco, que também perante ele Bento Teixeira dissera que fora letrado, que havia de fazer grande proveito na Igreja de Deus ou lhe havia de fazer grande dano.¹⁷⁸

Em Pernambuco, a primeira pessoa que o denunciou foi um antigo aluno, Domingos Fernandes¹⁷⁹, cristão velho do Rio de Janeiro, que contava com apenas dezesseis anos de idade. Disse que o mestre de moços, Bento Teixeira, não tinha escola aos sábados, dia de guarda para os judeus, mandando que a ela não fosse ninguém. Apesar de nitidamente uma postura herética, foi citada apenas uma vez. Inquiridas outras testemunhas, nenhuma delas manteve a informação. Não era verdadeira a denúncia. Bento Teixeira afirmou que como mestre de moços lhe seria impossível guardar os sábados, uma vez que se o fizesse faria público seu Judaísmo.

Logo após Domingos Fernandes, denunciou contra Bento Teixeira, João da Rosa, meio cristão novo, lavrador e tabelião do público e judicial. Dele parte a acusação ouvida através de seu irmão, Antonio da Rosa, de que num dia, há

¹⁷⁵ Denúncia feita a 5 de outubro de 1591.

¹⁷⁶ Denúncias da Bahia, Pg. 511.

¹⁷⁷ Processo inquisitorial contra Bento Teixeira.

¹⁷⁸ Denúncias da Bahia, 5 de outubro de 1591.

¹⁷⁹ Denúncia feita a 5 de novembro de 1593. Denúncias de Pernambuco Pág. 40 a 41.

“um ano pouco mais ou menos, que Antonio cantando perante Bento Teixeira, a cantiga do

*”Trino, Sollo e Uno,
Uno, Sollo e Trino
no es outro alguno,
sino Dios Divino,*

este lhe respondera que

*” tal proposição era falsa”.*¹⁸⁰

Anna Lins, cristã velha, natural de Olinda, declarou que Bento Teixeira era chamado pela mulher de Antonio Barbalho, Violante Fernandes, cristã nova, para lhe declarar a Bíblia em linguagem, e que ele ia declará-la muitas vezes¹⁸¹.

Mateus de Freitas era cristão novo de Lisboa e, sobre Bento Teixeira afirmou *ter ouvido dizer* sobre um juramento que o poeta fizera em desonra da Virgem¹⁸². Esse tipo de testemunho foi comum no curso do processo que se instalou contra Bento Teixeira. Pelos testemunhos, apenas Tristão Barbosa teria presenciado Bento Teixeira fazer tal juramento, mas muitas pessoas eram taxativas em acusá-lo por terem ouvido o que alguém efetivamente presenciara. Assim, sem provas, apenas o ouvir dizer, os rumores, agravaram em muito a situação do réu.

Um fato presenciado por testemunhas e confessado por Bento Teixeira chama nossa atenção, não pelas falas em si, mas pelas idéias que elas contêm e, que foram explicitadas de forma clara sendo que, para o momento histórico do XVI, se mostrara agressiva e de postura herética. Brás da Mata, cristão velho de Lisboa, residente na capitania de Olinda exercia a profissão de mestre de obras. O pedreiro afirma que pelo menos há dois anos realizava uma obra de abóbada, na capela maior da Igreja Matriz. Dando andamento ao trabalho,

¹⁸⁰ Processo 5206 e Denúncias de Pernambuco, 5 de novembro de 1593, pág. 41.

¹⁸¹ Denúncia a 10 de novembro de 1593. Denúncias de Pernambuco, Pág. 54 a 58.

¹⁸² Denúncias de Pernambuco, 12 de novembro de 1593. Pág. 67 a 69.

foi buscar na casa de Bartolomeu Ledo, que possuía firma de tijolos, alguns para lhe comprar. Lá encontrou com Bento Teixeira, que levava tijolos para a sua casa. Indagado se não iria entregá-los à obra da igreja, respondeu que não, pois ele

“havia mister naquele tijolo para sua casa”,

já o tinha pago e

“que tão sagrada (quanto a Igreja) era a sua casa”¹⁸³,

o que scandalizou o pedreiro. Mesmo o denunciando, Brás da Mata arremata sua fala, talvez em parte por concordar com Bento Teixeira, ou talvez tentando diminuir a gravidade da denúncia, classificando-o *“homem ladino, discreto, de muito bom juízo e saber”*.¹⁸⁴

Gaspar Rodrigues denunciou Bento Teixeira porque entrando em casa dele há cinco anos, o achou lendo e lhe perguntou que livro lia. Bento Teixeira respondeu se tratar do livro Diana. O denunciante o repreendeu *“pois se sabia que era defeso, pera que ho lia?”*, obteve por resposta de Bento Teixeira

“que era verdade mas que ele o queimaria”¹⁸⁵.

Bento Teixeira não foi o único a ler Diana. Outros confessos declararam a posse e a leitura desse livro.

Jorge Thomas Pinto, cristão novo¹⁸⁶ relatou ao inquisidor que em sua casa, um dia lhe perguntara Bento Teixeira o que o pai lhe havia ensinado. Jorge Thomas respondeu que com o pai aprendera o Padre Nosso, a Ave Maria, o Credo e as demais orações e costumes de bom cristão. Bento Teixeira argumentou que o que Jorge Thomas aprendera era errado e questionou a

¹⁸³ Processo contra Bento Teixeira

¹⁸⁴ Denúncias da Pernambuco, 23 de novembro de 1593, pág 128.

¹⁸⁵ Denúncias de Pernambuco, 22 de janeiro de 1594, durante o período de graça concedido à Vila de Olinda. Pág. 170.

¹⁸⁶ Denúncias de Pernambuco, aos 4 e 5 dias do mês de junho de 1594. Páginas 287 a 291.

confissão e a comunhão, uma vez que ele confessava e comungava por cumprimento, já que não adiantava tomar sacramento, que logo

“se lançava traseiro fora”.

Ao expulsar Bento Teixeira de sua casa, “para não lhe ouvir tais heresias”, questionou por que Bento Teixeira dizia tais palavras, “uma vez que andava em hábito de clérigo e andava para se ordenar de missa”, recebendo por resposta

“que antes arrebatasse pelas ilhargas que chegar a ser de missa”

Gaspar Ruiz Cartagena¹⁸⁷, meio cristão velho, natural da cidade de Lisboa, de 35 anos pouco mais ou menos, morador em Olinda, denunciou que há seis ou sete anos que Bento Teixeira foi à sua casa para lhe pedir uma esmola, e depois que ele a deu foram ambos andar e, estando os dois a praticar, *“não afirma sobre que propósito, lhe disse o Bento Teixeira que os homens eram feitos à imagem e semelhança de Deus, e que por isso Deus lhes não daria no outro mundo penas, mas que a mesma consciência é que lá atormentava”*. Logo o denunciante o contradisse, dizendo que aquilo era mentira, posto que Deus dava grandes penas aos danados no inferno e também dava penas aos que estavam no purgatório, ao que Bento Teixeira se calou e sem mais passar se apartaram e nunca mais se trataram nem falaram nesta matéria nem em outra coisa.

Padre Frei Damião da Fonseca era presidente do Mosteiro de São Bento na Vila de Olinda, cristão (sic), natural da cidade de Braga de 33 anos. O padre que recebeu Bento Teixeira em seu mosteiro depois do assassinato de sua mulher, Felipa Raposo, relatou que estando em prática com ele e com outro clérigo do mosteiro, Frei Honório, disse Bento Teixeira

“que ainda que Adão não pecara que nem por isso houvera de deixar de morrer”

¹⁸⁷ Denúncias de Pernambuco a 24 de novembro de 1594. Pág. 352 a 354.

O padre o contradisse, mas Bento Teixeira ficou em seu dito, pelo que ele denunciante lhe mostrou logo Josephus Angles, o qual condena por heresia afirmar que se Adão não pecara haveria morte. Por sua vez, Bento Teixeira para confirmação do que tinha dito alegou umas razões filosóficas da composição do homem ser dos quatro elementos das quais razões ele pareceu não ter entendido, reiterando que *“Adão havia de morrer inda que não pecara”*.

188

Frei Damião continuou seu relato afirmando que em outro dia, estando com eles Cristóvão Dalpoem, parente do frei, Bento Teixeira alegou uma figura do Testamento Velho *“que ora não lembra tratando como se fora do tempo presente e estranhando ele denunciante aquele modo de sua alegação, lhe disse que tratasse aquelas coisas do testamento velho como cousas já passadas e acabadas”* e o dito Bento Teixeira lhe respondeu então o seguinte,

“cada um fala em sua crônica”

das quais palavras ele denunciante tomou ruim presunção do dito Bento Teixeira por ser da nação.

Frei Honório Cabral, cristão velho, frade sacerdote da Ordem de São Bento, residente no seu Mosteiro daquele Pernambuco, de 27 anos, cristão velho, natural de Vila Real compareceu à Mesa e denunciou que presenciou Bento Teixeira afirmar, em trato com Frei Damião que

“se Adão não comera o pomo vedado, nem por isso houvera de deixar de morrer”

Frei Honório Cabral não se lembrava exatamente o que se discutira, com toda certeza entendera pouco as explicações de Bento Teixeira, mas sua denúncia reiterava o crime de heresia apresentado por Frei Damião.¹⁸⁹

Denunciou também que em outro dia, no mesmo mosteiro, Bento Teixeira praticando com Frei Damião mais Cristóvão Dalpoem alegou um

¹⁸⁸ Denúncias de Pernambuco, a 6 de julho de 1595, Pg. 453 a 454.

¹⁸⁹ Denúncias de Pernambuco, a 18 de julho de 1595, pg. 459 a 460.

passo da escritura do testamento velho sobre a qual alegação lhe disse o Frei Damião certa palavra de que ele testemunha não está ora lembrado, então o dito Bento Teixeira respondeu uma das palavras seguintes,

“cada um alega com o seu texto, ou cada um alega com a sua crônica”,

a qual palavra o dito Bento Teixeira rindo-se como que galanteando-se motejava a si próprio de cristão novo, e neste sentido tomou ele testemunha que o dito Bento Teixeira disse a dita palavra.

A todos os denunciante foi questionado pelo visitador se o denunciado se encontrava em seu siso, sem perturbação, ou se proferiu palavras estando bêbado, ou fora de seu juízo. Tal procedimento foi utilizado pelo visitador como regra em todas as denúncias, tanto em Pernambuco, como na Bahia.

Em documento datado de 30 de março de 1595, os inquisidores Diogo Sousa e Marcos Teixeira consideraram que as culpas contra o réu eram de qualidade e que a partir de então viessem os testemunhos. Muitos deles o absolveram de toda a culpa, outros o enredaram de tal maneira que mesmo um observador desatento veria nesses testemunhos sérios desvios condenados pela Igreja daquele momento.

Finalmente, disse a justiça contra Bento Teixeira:

Sendo o réu cristão e batizado e como tal obrigado a ter e crer o que ensina a santa madre Igreja de Roma, ele o fez pelo contrário e se passou à Lei de Moisés, tendo crença nela e fazendo cerimônias e rituais contra a fé;

Que estando com certa pessoa, perguntou o que havia lhe ensinado seu pai, e este respondeu que as orações cristãs, ao que o réu disse que ia errado e dos sacramentos disse que o fazia por cumprimento, e que antes arrebentasse que ser de missa (pois andava em hábito de clérigo) e não acertava em ser cristão;

Guarda os Sábados;

Negar o mistério da Santíssima Trindade ao dizer que era falso o mote da canção do uno, sollo, trino;

Que em certa companhia disse não haver purgatório;

Sobre uma figura do Testamento, a tratou como se fora do tempo presente;

Disse que cada um fala em sua crônica, dando a entender que falava no testamento velho, por ser judeu.

Negou tijolos à Igreja;

Falou mal da Virgem e sua pureza. Fez juramento em seu desprezo; disse palavras torpes e desonestas em desprezo dos santos padres e sagrado colégio dos cardeais, comparando-os com coisas imundas;

Se gloriava de ser cristão novo, de ser boa a lei dos judeus e, que no Juízo Final isso se saberia;

Declarou a Bíblia, e tendo sido admoestado pela Mesa, perseverou em seus danados erros.

Lido o libelo foi-lhe pedido que confessasse, mas ele nega quase todas as acusações, com exceção daquelas que já tinha confessado e continuou afirmando que ser cristão novo ou velho não consistia senão em ser bom cristão. Pediu defesa e lhe foi nomeado o advogado Manoel Cabral.

De todos os denunciante, seis eram cristãos velhos, quatro se disseram cristãos novos e dois eram meio cristãos novos. As profissões, idades e moradia variaram. Assim tivemos:

<i>Nome</i>	<i>CN/CV</i>	<i>natural</i>	<i>profissão</i>	<i>Idade</i>	<i>moradia</i>	<i>Denúncia</i>
Manoel Chorro	CV	Sardoal	Degredo no Brasil	30	Pernambuco, estante na Bahia	Jura pela virgem
Domin-gos Fernan-des	CV	Rio de Janeiro	Estudan-te	16/17	Pernambuco	Não fazer escola aos sábados
João da Rosa	½ CN	Olinda	lavrador	32	Olinda	Canção

Anna Lins	CV	Olinda		38	Olinda	Bíblia latim
Mateus de Freitas	CV	Lisboa	Procurador da Corte	26/27	Olinda	Juras pela virgem
Brás da Matta	CN	Lisboa	pedreiro	55	Olinda	Tijolos para Igreja
Gaspar Rodri-gues	CN	Porto	lavrador	40	Olinda	Diana
Jorge Thomás	CN	Porto	Merca-dor		Capibari-be	O que ensinara o pai
Antonio da Rosa	CN	Olinda		31	Olinda	canção
Gaspar Ruiz Cartagena	½ CN	Olinda	lavrador	35	Olinda	Negação do purgatório
Frei Damião da Fonseca	CV	Braga	clérigo	33	Olinda	Adão, o testamen-to velho e a crônica.
Frei Honório Cabral	CV	Vila Real	clérigo	27	Olinda	O mesmo

Fonte: Denúncias da Bahia e Pernambuco e Processo Inquisitorial 5206 e Processo Inquisitorial contra Bento Teixeira.

Os inquisidores passaram então a levantar das denúncias apresentadas, os testemunhos que pudessem ratificá-las. O próprio réu na sessão de contraditas enumerava pessoas que pudessem testemunhar a seu favor, pedindo, por outro lado, que desconsiderassem as falas daqueles que lhe tinham “ódio capital”. Nas denúncias sempre era questionado pelos

inquisidores quem junto ao declarante estava, ouvira ou tinha notícia do relatado para servir também de testemunha. Dessa maneira era estruturado o processo de forma a levantar a maior quantidade de “provas” contra o réu. É inegável o esforço que dispensavam na busca desses testemunhos, que tinham por objetivo mais enredar o prisioneiro numa trama de difícil solução, do que buscar a verdadeira justiça.

Capítulo Quarto

O Inferno

Nos “Interrogatórios”, Estratégias de Salvação: O Jogo, a dissimulação e a camuflagem.

Bento Teixeira sabia como funcionava a Inquisição e como deveria agir. Todas as suas ações convergiam para a prática normalmente adotada pelos cristãos novos. Eles tinham plena consciência da necessidade de confessarem suas possíveis culpas e também de denunciar cristãos novos e velhos.

Assim, seguindo o que acreditava pudesse amenizar as denúncias que ele sabia que recebera Bento Teixeira se apresenta a 21 de janeiro de 1594, em Pernambuco, ou seja, um ano antes da sua prisão. Perante o inquisidor apontou como alguns de seus erros o fato de ter traduzido para o português o Pentateuco¹⁹⁰ de Moisés e o Deuterônimo por dinheiro, à instância do primo Antonio Teixeira, cristão novo por dez cruzados. Queria a tradução para levá-la consigo para Lisboa, e também do Levítico, que Bento Teixeira começou, mas depois de alguns capítulos desistiu.

Confessou que estando na Vila de Igarasu no ano de 1590, na rua junto de sua porta em estado de cólera, jurara pelas partes vergonhosas da Virgem Nossa Senhora, o que fez apenas uma vez e tendo sido repreendido pelos circunstantes, calou-se e se recolheu á sua casa. Confessou ainda que tendo comprado tijolos para sua casa, negou-se a entregá-los ao pedreiro que fazia um trabalho na Igreja, tendo sido seu argumento que sua casa era tão sagrada quanto a Igreja.

Das culpas estava arrependido e pedia perdão.

Na mesma ocasião denunciou Pedro Henriques, Lianor da Rosa, Pero Lopes Camelo e Maria de Peralta, antigos companheiros.

Apesar de ter se apresentado no período da Graça e ter seguido os costumes de todo cristão novo durante as visitas, o inquisidor Heitor

¹⁹⁰ Pentateuco: os cinco livros da Bíblia Hebraica.

Furtado de Mendonça achou graves as denúncias contra ele, e expede o mandato de prisão a 15 de agosto de 1595. No dia 20 de agosto ele é preso na cidade de Olinda.

Em Pernambuco, onde permaneceu por quatro semanas, antes de ser mandado a Lisboa, redigiu seu primeiro texto no qual pretendia, ao enumerar ao Inquisidor os nomes das pessoas cujas denúncias não deveriam ser consideradas. O texto é datado de 7 de setembro de 1595¹⁹¹.

Mas não convenceu e, o Inquisidor achando de peso as denúncias contra ele, o mandou para os Estaus, aonde chegou em 1 de janeiro de 1596. Com ele foram levados do Brasil Beatriz Fernandes, Afonso Fidalgo (de quem Bento Teixeira nos dá notícias no cárcere), Rui Gomes e André Pedro.

Bento Teixeira lembrou em seus textos que em todo o tempo sempre havia sido bom cristão, bom estudante e mestre. Apontava com insistência as pessoas que pudessem ter sido as autoras das denúncias¹⁹² que o haviam levado ao cárcere.

Também se defendeu ao escrever que fugiu à conversação dos cristãos novos, não tendo trato nem comércio, e que os queria mal¹⁹³ pelas atitudes que tinham, tendo mantido relações e tratos apenas com cristãos velhos, muitos dos quais, principais da terra. Justifica o ódio que tinham por ele com o caso do “púcaro de sujidades” que Manuel de Góes havia jogado em seu rosto. Completa afirmando que os cristãos novos folgaram com sua prisão e, que Duarte Dias Henrique, ao fazer uma visita a seu primo Miguel Dias na cadeia,

¹⁹¹ *Ilustríssimo senhor Heitor Furtado de Mendonça, Inquisidor nessas partes do Brasil a heréticas pravidades e apostasia. Eu, Bento Teixeira, homem pobre e necessitado preso pelo Santo Ofício nesta vila de Olinda, capitania de Pernambuco, vendo que há quatro semanas que estou preso e em todo esse decurso de tempo me não manda fatos a feito e por algumas conjeturas vou entendendo que V.M. se havia para com o favor divino ir a Portugal, e me levar preso consigo ou mandar, e lá pela larga distância e dificuldade de mar que há a esta capitania estarei no cárcere padecendo até vir de cá minha prova de contraditas e abonação da pessoa por lá em Portugal a não Ter. Requeiro a V.M. da parte do Santo Ofício como inquisidor que é e a obrigação que tem de ir reto, e como o pai piedoso de benigno peito, e amorosas entranhas me mande perguntar pelos artigos abaixo escritos as pessoas que no fim de cada um nomear; em modo que no Tribunal do Santo Ofício em Lisboa metropolitana ante o senhor inquisidor faça fé.*

¹⁹² Citou os nomes de Felipa Raposo e seus adúlteros, Frei Damião, Diogo de Meireles e sua viúva Margarida Fernandes, Padre Jerônimo Brás, Jerônimo Pardo, João Luís Homem, Izabel Lopes, Henrique Roiz Barcelos, Leonor da Rosa, Frei Damião, Cristóvão Dalpoem, Pero Lopes Galego, Simão de Proença, Estevão Ribeiro, Francisco de Sousa, Antonio Lopes Sampaio, Paulo de Valcacena, Jorge Camelo, Gonçalo Veloso de Barros, Manoel de Góes, Maria Lopes, Maria de Peralta.

¹⁹³ Escreveu: “abominando e detestando o depravado modo de agir deles”.

dissera publicamente que todo homem da nação que ia visitar Bento Teixeira era infame.

O Padre Simão de Proença foi lembrado várias vezes porque com ele o réu tivera palavras afrontosas em Igarasu, e, por isso, Bento Teixeira acreditava que o tivesse denunciado ao Santo Ofício.

Os padres da Companhia de Jesus, por sua vez, com quem Bento Teixeira estudara desde tenra idade, e de quem recebera ajuda material, foram citados durante todo o processo, para que pudessem dar a prova do comportamento que ele alega ter tido, ou seja: sempre “bom cristão e diligente estudante”.

Bento Teixeira destacou dentre seus inimigos Frei Damião, pelas constantes discussões que tiveram. Desmerecia o padre no que tangia ao conhecimento das Escrituras e capacidade de argumentação, aliada a conduta que ele desaprovava de sair com mulheres casadas. Também acreditava que a esposa o acusara. Das prováveis denúncias apontadas por Bento Teixeira foram concretizadas aquelas feitas por Frei Damião, Anna Lins, Tristão Barbosa e Brás da Mata.

Seu argumento mais tocante foi o de que o respeitasse não por ser cristão novo, “senão em ser bom cristão está o negócio, que antes que eu nascesse me perguntassem qual queria, se ser filho de cristão novo, merecera castigo, mas se Deus Nosso Senhor foi servido que meu pai fosse cristão novo e eu seu filho, que culpa tenho eu¹⁹⁴?”

Como última testemunha arrolada dá o nome do inquisidor Heitor Furtado de Mendonça, pois este, em sua opinião, sabia “muito bem o conceito que tinha de dele todo o Pernambuco¹⁹⁵”.

Até 28 de fevereiro de 1596, ou seja, um ano após a prisão, manteve uma postura negativa, afirmando que já havia confessado durante a visita feita no Brasil e que mais não tinha a dizer.

Os inquisidores pediram que ele abrisse os olhos da alma e procurasse trazer à memória todas as suas culpas e, que confessasse inteiramente para merecer a misericórdia que a Santa madre Igreja dava aos verdadeiros

¹⁹⁴ Processo inquisitorial contra Bento Teixeira.

¹⁹⁵ Processo inquisitorial contra Bento Teixeira.

confitentes, e senão que se fizesse justiça, e por não dizer suas culpas foi admoestado em forma e mandado ao seu cárcere.

Essas eram frases comuns que os inquisidores costumavam usar durante os processos. Acreditavam que sua função era a de chegar às confissões a qualquer custo. Este era o objetivo final. Mantinham-se na postura de quem estava sendo benevolente com outros, que teimavam em infringir normas, que a seu ver, deviam ser universais.

Bento Teixeira foi levado várias vezes à Mesa e perguntado de suas culpas. Disse novamente, em sessão de 5 de maio de 1597, dois anos após sua chegada a Lisboa, não ter nada a confessar. Reafirmou que ia à missa, confessava e comungava. Fora batizado na Igreja matriz da cidade do Porto, e crismado na Igreja do Espírito Santo no Brasil pelo Bispo D. Pero Leitão, tendo tido por padrinho, Manoel de Medeiros. Os padres retomam os discursos para que se confessasse e declarasse toda a verdade.

Em 5 de setembro do mesmo ano perguntam ao réu se havia cuidado em suas culpas. Respondeu que já havia dito tudo¹⁹⁶, não crendo na lei de Moisés. Disse nunca ter usado de costumes judeus, e sempre rezou todas as orações cristãs.

Reafirmou o caso dos tijolos e do juramento à virgem, mas negou sobre as penas do inferno e purgatório. Sobre Adão disse que não falara daquela forma e do Testamento Velho negou ter tratado como coisa antiga. Negou também que dissesse que cada um fala por sua crônica, ou opinião. Foi novamente advertido pelos Inquisidores dos perigos em se manter negativo.

Os Inquisidores pedem nova confissão a 9 de outubro de 1597. Avisam-no de que o processo estava em termos e que logo receberia o libelo do Santo Ofício contra ele.

Depois de anunciadas suas culpas. Bento Teixeira pediu e teve acesso a um advogado, Manoel Cabral. Com ele elaborou sua defesa e alegou:

¹⁹⁶ Bento Teixeira reafirmou *“que crê em Nosso Senhor Jesus Cristo e sempre o teve por Deus dos céus”*.

1. Ter sido sempre bom cristão e crente em Nosso Senhor Jesus Cristo, e de tal deu mostras ouvindo missa e fazendo todos os mais atos de bom cristão além de andar em confrarias;

2. Que rezou sempre como reza as orações da Santa Madre Igreja e ensinava toda doutrina cristã a seus discípulos, cristãos velhos de boa vida e costumes, no que não podia ter dito a pessoa alguma de sua nação que ia errada, porque confessava e comungava, e que pelo cumprimento do mundo o fazia;

3. Era devoto do Santíssimo Sacramento e lhe tinha reverência e nunca pôs palavra em seu desacato, nem deu a entender a pessoa alguma que não acertava em ser cristão, nem ele andou em tempo algum em hábito de clérigo em Pernambuco, mas sim na Bahia, em tempo de estudante;

4. Trabalhou aos sábados;

5. Que em louvor da Santíssima trindade fez muitos sonetos e tercetos e outras cantigas, confessando seu mistério;

6. Que é e foi devotíssimo da Sacratíssima virgem, rezando sempre seu rosário e terço;

7. Que sempre se sentiu bem como cristão da Igreja católica, e contra os cardeais em tempo algum portou palavras torpes, nem outras desonestas, em desprezo dos santos padres;

8. Teve a lei de Cristo por boa, e não a dos judeus, na qual nunca tivera crença, e nela esperava salvar-se. Nunca contra isso prestou palavras de escândalo nem declarou Bíblia a pessoas da nação, por não conversar com eles, o que faziam odiá-lo.

Ao mais, reportou-se ao que naquela Mesa havia declarado. Para todos os artigos, arrolou testemunhas destacando Heitor Furtado de Mendonça para os artigos cinco e seis, pois *“dão em prova deles os papéis que me tomou o visitador”*.¹⁹⁷

Ele reafirma no dia 20 de setembro de 1597 que os papéis que dava como prova desses dois artigos eram tercetos, trovas e sonetos *“que lhe acharam nos papéis que lhe tomou o visitador no Brasil e um livrinho em latim*

¹⁹⁷ Processo 5206.

de obras de devoção dos padres da Companhia de Jesus”, que também lhe fora tirado.

O processo seguiu com mais testemunhos, mas aos dezoito dias do mês de novembro de 1597, Bento Teixeira muda sua postura e faz as suas confissões relatando esnogas, práticas judaicas e hábitos alimentares. No ano seguinte faz seu relato sobre a corrupção que grassava nos Estaus e, por fim, chega mesmo a exigir dos Inquisidores uma definição para o seu caso. Teria ele percebido que suas chances de absolvição sem confissão de Judaísmo estivessem esgotadas? Ao que tudo indica sim, pois depois de quase três anos na prisão, os relatos que fez foram pormenorizados, delatando pessoas, discussões e opiniões.

Seu primeiro texto remonta à sua educação e formação religiosas, a intransigência do pai em aceitar os ensinamentos maternos e os atritos que mantiveram.¹⁹⁸ Dão-nos uma visão de como se relacionavam esses marranos, o que pensavam e discutiam. Um painel de alguns costumes e comportamentos da época também pode ser inferido dessas confissões. Essas não mantiveram uma seqüência cronológica exata. Pelas próprias condições em que se encontrava: preso, acuado, tentando a liberdade, algumas vezes Bento Teixeira, misturou em seus depoimentos os muitos lugares pelos quais passou. A tentativa foi de ordená-los no tempo e espaço.

As últimas letras escritas por ele na prisão foram ainda mais instigantes que as denúncias sobre corrupção, comunicação e compra de absolvições dentro da Inquisição.

Esse texto em particular nos situa sua prisão e as tentativas de fuga que a antecederam.

Se sua estratégia inicial foi negar as acusações de judaísmo, a partir de 1597 reviu sua atitude e iniciou sua confissão. Mesclada de documento escrito de próprio punho e confissão oral, fez um vasto levantamento de suas conversações e práticas, alinhou nomes, parentesco, e profissão. Também trocou nomes, inverteu datas e inventou personagens. Denunciou o próprio funcionamento do Santo Ofício quanto às práticas de compra de absolvição, comunicação entre os presos dentro da prisão e comunicação dos presos com

¹⁹⁸ Ver capítulo referente aos seus dados biográficos.

parentes fora dela. Para isso pedia e recebia folhas de papel que vinham com a anuência do inquisidor e a assinatura do notário. Pediu Mesa vinte e sete vezes, muitas das quais em duas sessões de manhã e à tarde¹⁹⁹. Recebeu mais de vinte folhas de papel²⁰⁰ nas quais escreveu sua defesa.

Bento Teixeira se dirige aos inquisidores através de texto produzido três anos após sua prisão, declarando estar livre do aleijão do judaísmo em que esteve entrevado por mais de vinte anos, que abandonava a antiga crença perante a Mesa e, que pedia por parte daqueles a liberdade e, que solto, pudesse fazer alguns serviços sendo benemérito daquela Casa, buscando meios acomodados para reconciliar muitos errados e apartados de sua santa fé.

Concluiu que ser judeu é mau e que a Lei de Cristo era boa, visto que a consciência o remordia, porque não mais a seguia, senão, agora fazia contra ela.

No mesmo texto em que apontou as formas de corrupção no Santo Ofício, Bento Teixeira inicia sua confissão, voltando atrás do que até então defendera, ou seja, uma postura exemplarmente cristã. Assume a partir de então ter sido judeu e seguido os preceitos da religião judaica²⁰¹.

¹⁹⁹ 18/11/1597, 19/11 (m/t); 20/11 (m/t); 22/11 (m/t); 24/11 (m/t); 24/11 (m/t); 26/11 (m/t); 29/11 (m/t); 1/12; 2/12; 3/12; 5/12; 6/12; 9/12; 11/12; 12/12 (m/t); 13/12 (m/t) 15/12 (m/t); 16/12; 17/12; 19/12; 20/12; 22/12; 30/12. No ano de 1598 pediu mesa nos dias 5/01; 10/01; 14/01; 22/01.

²⁰⁰ Recebeu duas folhas dia 5/12; três folhas dia 13/12; duas folhas dia 15/12; duas folhas dia 16/12; sete folhas dia 19/12; duas folhas dia 20/12 e mais duas no dia 22/01/1598.

²⁰¹ Inicia seu texto afirmando que *todos os rios nascem do mar e a ele tornam; e, pois, o princípio de minha confissão se originou desta santa Mesa do Conselho (centro de onde saem as direitas linhas da verdade para a circunferência da Cristandade). Parece conveniente à razão que, como o rio, torne a acabar nela, como em mar, donde posso dizer que nasci de novo e onde recebi da misericordiosa mão de Nosso Senhor Jesus Cristo donde posso dizer que nasci de novo e onde recebi da misericordiosa mão de Nosso Senhor Jesus Cristo tão afluentes bens, como foram deixar o Adão velho do Judaísmo pelo homem novo (que é o mesmo Cristo Jesus), as trevas palpáveis do Egito pelo sol da justiça, as cebolas e aos alhos de Menphis pelo maná celestial, a figura pelo figurado, a aparência pela existência, a matéria pela forma, a mentira já agora pela verdade permanente, a lei carregada e de tantas cerimônias pela evangélica e de jugo suave eleve de Cristo Redentor nosso. E, se os matemáticos (quando provam que a perfeição da figura circular está em ser redonda), dizem que por isso é perfeita, porque começa onde acaba e acaba onde começa (donde diz o Psalmista) benedices coronae anni benignitatis tuae²⁰¹, à imitação do rio, da figura circular e do ano quis acabar onde comecei, que enfim no ato do amor santo e singelo que há de haver reciprocção, e pois V.S.M.S., de sua parte, nunca faltam com a fineza e quilates deste, quero eu também de minha parte corresponder com o que devo, posto que, para chegar a por a raiva onde o amor, zelo, caridade de V.S.M.S. (que é apostólica) a põem, é necessário ser outra Águia caudal de Ezequiel, que subiu ao Monte Líbano e tirou a medula do cedro..*

Mas, pois, não posso (por minhas carregadas penas dos pecados me impedirem) voar tão alto, farei para responder com o muito que devo a Nosso Senhor Jesus Cristo e a essa santa Mesa e probática piscina (onde sarei da enfermidade e aleijão do judaísmo, em que estive entrevado vinte e tantos anos à imitação do paralítico) e que fez o

Ao denunciar as formas pelas quais os presos se comunicavam através de bilhetes e do perdão que aguardavam do papa, encerra seu texto que ratifica a sua nova posição de homem crente em Cristo e em sua lei, na igreja que o representa e disposto a tudo para auxiliar os inquisidores a exterminar os desvios do que agora passou a considerar a verdadeira fé.²⁰²

Quando lhe foi perguntado por outros presos porque ia tantas vezes à mesa, Bento Teixeira respondeu que o fazia para dizer suas culpas e agir como bom cristão. Ele salientou que sempre *“foi recebido pelos inquisidores com entranhas paternas, e foram três anos em que ele por Nosso Senhor Jesus Cristo, achou de abrir-lhes os olhos e comunicar a água perene de sua divina misericórdia”*, e continua afirmando *“que já andava tão outro do que ia, que se desconhecia, já tinha a prisão por recreação, a solidão por companhia, a tristeza por prazer, e finalmente, já não chorava, nem quando tangiam a campainha, lhe tremia o coração, mas antes alvoroçado, esperava que lhe*

patriarca Jacó, fugindo de Labão, e foi enterrar os ídolos que lhe trouxe ao pé de uma árvore chamada terebynto, que se interpreta confissão.

Assim eu, depois de deixar o povo antigo e de me esquecer da casa de meu pai, e fugir da observância da lei Velha, a quem servi não catorze anos como Jacó, mas vinte e quatro, não pela formosa Raquel (que a lei e graça dá, que é a glória), mas pela remelosa Lia (que é a terra da promessa que os judeus enganados com temporalidade falsa e vãmente esperam), enterrarei aos pés de V.v.s.s. (que como árvores plantadas no jardim da Igreja Católica florescem no fruto de boas obras em flores de maravilhosas virtudes e doutrina exemplar) todos os mais ídolos que me ficaram de Labão, porque, se for caso, quem venha após de mim, e alguma lembrança do passado (como Labão veio atrás de Jacó) não ache dentro de mim coisa que conheça por sua. E isto farei por dois r. respeitos: o primeiro e principal, por honra do Nosso Senhor Jesus Cristo e de sua santa fé católica. E o outro, porque V.v.s.s. entendam que, quando o bom Jesus foi servido olhar-me com seus divinos olhos de misericórdia, não foi para os tirar logo de mim, nem para eu fazer de presente minha confissão ordinária, senão verdadeira e inteira. E para que soltando-me das cadeias em laços enganosos o Leão infernal me tinha posto, lhe pudesse lá fora fazer alguns serviços, sendo benemérito desta Santa casa, buscando meios acomodados para reconciliar muitos errados e apartados de sua Santa Fé com essa mesa sagrada. E, posto que este ofício seja apostólico, e como tal reservado a V.v.s.s. e Deus Nosso Senhor não comunique suas verdades senão por instrumentos mais acomodados aos ouvidos de homens que eu, sei contudo que Saul, guardando asnas, foi depois profeta e que uma asna foi parte para desviar a Balan do mau caminho e zelo que levava para maldizer o povo de Deus, o qual depois bem disse. Assim, quererá o verbo eterno filho de Deus vivo, que é Jesus Cristo que à imitação de outra asna de Balan tire aqui alguns e lá fora muitos do ruim caminho que levam, para que assim bendigam o seu Criador, que os salvou e remiu com seu imaculado e precioso sangue e para todos ganhou de condigno a glória, fazendo eles de sua parte o que devem”.

²⁰²

Isto é o que ao presente me ocorreu, em que me pareceu ser necessário manifestar nesta santa Mesa como fiel, católico e verdadeiro cristão, e conduzido à luz da verdade que é a fé de Cristo Jesus Redentor e Senhor Nosso, na qual protesto viver e morrer, e nela só salvar-me, abominando, e detestando toda, e qualquer outra crença que não for ao nível dela, e de tudo que assina a santa e católica Igreja Romana crê, e tem, até por a vida pela confissão desta verdade quando for necessário. Pedindo a Nosso Senhor Jesus Cristo a V.v.s.s. na perfeição evangélica, dilatando-lhe a vida como dilata? A de Henoc, e Elias no paraíso terreal, para que como três rios caudalosos que dele saem, Eufrates, Ganges e Tigre fertilizem e reguem o campo espaçoso da Igreja católica com as cristalinas e prateadas águas de sua doutrina, Amém. Declaro mais, que todas as vezes que me ocorrer alguma coisa de que me parecer necessário advertir à santa Mesa, que protesto fazê-lo como bom, e verdadeiro cristão.

*viesses chamar, para acabar a sua confissão”, e então, conclui “que ali se veria o bem que traz a consciência que se encontrava descarregada e leve”.*²⁰³

O Jogo

Toda a sua tentativa de defesa através dos textos que redigiu nada mais foi que um jogo estrategicamente elaborado para o convencimento dos Inquisidores e de si próprio. Ele precisava passar aos seus juízes a idéia de arrependimento, era preciso confessar-se, e seguindo as regras já conhecidas delatar o maior número de pessoas com as quais convivera e judaizara. Era preciso, porém, resguardar um pouco da dignidade que ainda lhe restava. Brincar com os Inquisidores inventando nomes, trocando-os de ordem, apresentando genealogias falsas, faria com que ele ganhasse a simpatia, a confiança e um pouco mais de tempo. Ele sabia que as investigações seriam feitas a partir de seus testemunhos. O difícil para os Inquisidores seria achar um Lopo Fernandes, cujo registro não existe em nenhum documento, como cunhado de Bastião de Faria, ou o provável pai de James Lopes da Costa, um rabino de nome Fernando Luís, que teria sido tio de sua mãe e responsável pela educação judaica de toda uma geração.

Mas, a princípio as informações pareciam valiosas. Traziam relações com famílias ilustres e devem ter despertado grande curiosidade entre os Inquisidores. Os relatos das conversas com os outros presos era ainda mais valioso. Já foi apresentado que dentro das prisões, guardas e serviçais serviam como testemunhas dos réus quanto a jejuns, orações, impropérios, etc. Ele conseguiu seu intento. Manteve os Inquisidores em compasso de espera para novos dados. As folhas de papel que recebeu, por ordem do Inquisidor comprovam isso. Não foi como se vê algo pequeno e de pouca monta.

Seu jogo inicia-se ainda em Pernambuco, onde logo após sua prisão escreve seu primeiro texto. Neste ressalta a possibilidade de ter sido denunciado pela mulher e pelo Padre Simão de Proença, mas já em tom de

²⁰³ Processo 5206

diálogo com o Visitador, Inquisidor Heitor Furtado de Mendonça, esclarecia que sabia ser seu destino a prisão de Lisboa²⁰⁴, mas lembrava a ele o quão bom cristão havia sido até então²⁰⁵, um poeta que dedicara parte de seu tempo a escrever versos e trovas à Virgem Maria.

Pedi ao Inquisidor que buscasse entre as testemunhas que enumerou depoimentos de sua exemplar dedicação religiosa, como por exemplo, a Frei Belchior, Comissário da Ordem de São Francisco. Ele poderia testemunhar a opinião que a gente assim política e popular tinha de si. Em textos posteriores, já em Lisboa, deu como testemunha a ser arrolada o próprio Heitor Furtado de Mendonça, que ele escreveu sabia o que dele considerava todo o Pernambuco. Audacioso, inseriu em seu jogo todos os religiosos com quem conviveu. Da época dos primeiros estudos na Companhia de Jesus, o Bispo Antonio Barreiros, que o auxiliou financeiramente, ao próprio Inquisidor responsável por sua prisão²⁰⁶.

Considerou que acertar com todas as denúncias feitas contra si era impossível, pois passara sua vida em várias capitanias, por quase toda a costa brasileira, e como frágil e humano, poderia ter dito alguma coisa de que não estivesse advertido, mas pedia a misericórdia, e que confessado, mesmo não acertando todas as denúncias, que fosse solto. Aliava assim a uma obrigação sua, a dos Inquisidores. A confissão deveria levá-lo à liberdade.

Bento Teixeira não queria permanecer na prisão e propôs aos Inquisidores uma troca. Ao confessar, poderia sair e penitenciar-se, de forma a poder ajudar também os que se encontrassem ainda no erro. Assim, livre das garras do “leão infernal” que o havia preso em cadeias de laços enganosos,

²⁰⁴ “Ilustríssimo senhor Heitor Furtado de Mendonça, Inquisidor nessas partes do Brasil a heréticas pravidades e apostasia. Eu, Bento Teixeira, homem pobre e necessitado, preso pelo Santo Ofício nesta vila de Olinda, capitania de Pernambuco, vendo que há quatro semanas que estou preso e em todo esse decurso de tempo me não manda fatos a feito e por algumas conjeturas vou entendendo que V.M. se havia para com o favor divino ir a Portugal, e me levar preso consigo ou mandar, e lá pela larga distância e dificuldade de mar que há a esta capitania estarei no cárcere padecendo até vir de cá minha prova de contraditas e abonação da pessoa por lá em Portugal a não ter. Requeiro a V.M. da parte do Santo Ofício como inquisidor que é e a obrigação que tem de ir reto, e como o pai piedoso de benigno peito, e amorosas entranhas me mande perguntar pelos artigos abaixo escritos as pessoas que no fim de cada um nomear; em modo que no Tribunal do Santo Ofício em Lisboa metropolitana ante o senhor inquisidor faça fé”.

²⁰⁵ “Tendo todos em geral dele bom conceito por ser bom cristão, e diligente estudante, respondendo em tudo com os ofícios divinos, freqüentando as igrejas, confessando-se e comungando cada mês, como tinham de costume os bons estudantes sem nunca se lhe notar falta nem defeitos nenhum nas cousas de nossa santa fé”.

²⁰⁶ “Em minha abonação perante V.S.M.S. dou por testemunha o visitador Heitor Furtado de Mendonça o qual sabe muito bem o conceito que tinha de mim todo o Pernambuco”.

poderia fora fazer alguns serviços, sendo benemérito daquela Casa, buscando os “meios acomodados para reconciliar muitos errados e apartados de sua santa fé com aquela Mesa sagrada”.

Deu relevância ao trabalho inquisitorial ao afirmar que ninguém escapava livre das mãos da Inquisição, mas que esta deveria abrir-lhes a chance concreta de confissão, pela magnanimidade da parte dos Inquisidores. Declararia o essencial se o deixassem ir livre²⁰⁷. Sua presunção chega ao ponto de afirmar que já sabia por Sebastião de Peralta que tinha sido denunciado por Maria Lopes, mas que preferiu antes ir preso, a ser desonrado, onde tinha tanto crédito²⁰⁸.

Bento Teixeira declarou que a Mesa do Conselho tinha sido a responsável pelo seu arrependimento. Foi através dela que ele disse ter se curado do aleijão do Judaísmo, no qual esteve entrevado vinte e quatro anos à imitação do parálítico²⁰⁹. “Nela se podia dar remédio mais facilmente aos inconvenientes que se pode seguir que em outro nenhuma”. Frente a ela disse que fez por responder com o muito que devia a Nosso Senhor Jesus Cristo: “trocara a figura pelo figurado, a mentira pela verdade permanente”. Trocou a “lei carregada e de tantas cerimônias por aquela que era evangélica e de jugo suave”. Sua transformação tinha que ser radical, a ponto que os que o tivessem conhecido nunca mais o reconhecessem²¹⁰. A entrega era expressa de forma absoluta, pelo menos textualmente.

²⁰⁷ “Por tal motivo, recolher-me-ei em mim mesmo e me abrigarei em vós, que tendes não só função de inquisidores, mas abris o coração de pai para o vosso fortíssimo asilo de compaixão, o qual é, certamente, tão amplo que, seja quem for, dentre vós assistentes e julgadores, que ouse falar sem pensar, a meu respeito, algo falso ou adulterado, despojar-se-á totalmente da natureza humana, antes que possa desviar-vos da costumeira clemência para alguma desumanidade. Se ninguém até aqui escapou livre de vossas mãos, de modo excessivamente audacioso, para não dizer impudente, peço... Deixarei, portanto, o prosseguimento de minha prolixa oração, e por escrito, escreverei o final; declarei apenas o essencial para vós, se me deixardes ir livre. Isso haverá de redundar, não só em louvor de Cristo glorioso e sapientíssimo Redentor, mas também de vossa magnanimidade”.

²⁰⁸ “Sabia muito bem que só uma pessoa da nação me culpara que era Maria Lopes, a qual pelo seu próprio neto, Sebastião de Peralta, me mandou dizer que só duas palavras me acusou ante o visitador, só por se abonar de boa cristã mas não por ter tenção de me fazer mal, o qual Sebastião de Peralta mas disse interminis? Assim como mas levaram em culpa nesta santa casa, e porque o aviso foi já fora do tempo da graça, e não... sair em auto pelas ditas palavras em Pernambuco, por não ser desonrado aonde tinha tanto crédito, quis antes vir preso”.

²⁰⁹ “Mas, pois, não posso (por minhas carregadas penas dos pecados me impedirem) voar tão alto, farei para responder com o muito que devo a Nosso Senhor Jesus Cristo e a essa santa Mesa e probática piscina (onde sarei da enfermidade e aleijão do judaísmo, em que estive entrevado vinte e tantos anos à imitação do parálítico) e que fez o patriarca Jacó, fugindo de Labão, e foi enterrar os ídolos que lhe trouxe ao pé de uma árvore chamada terebynto, que se interpreta confissão”.

²¹⁰ “Quem venha após de mim, e alguma lembrança do passado (como Labão veio atrás de Jacó) não ache dentro de mim cousa que conheça por sua”.

As citações bíblicas, muitas vezes em latim, foram uma constante em seus textos. Fez comparações interessantes. Seu distanciamento da religião católica e posterior retorno foram associados a Saul e Balan. Escreveu que sabia que Saul, guardando asnas, foi depois profeta, e que uma asna foi parte para desviar a Balan do mau caminho e zelo que levava para maldizer o povo de Deus, o qual depois bem disse. Assim o desejava Deus, à imitação de outra asna de Balan, que tirasse a alguns da prisão e a muitos de fora dela, do ruim caminho que levavam, para que dessa forma bendissem o Criador, que os havia remido com seu precioso e imaculado sangue²¹¹.

Pronta e total a transformação: de rabino confesso e considerado por quase toda a costa do Brasil, Bento Teixeira se transformara na possibilidade de conversão dos presos judaizantes. Liberto, sua influência poderia ser ainda maior. Através de Jesus Cristo poderia, dentro da prisão, convencer alguns. Fora, muitos a ajudar. Presunção assumida exigia em contrapartida à confissão e aos trabalhos propostos de conversão, a sua libertação. Estava cansado. Já eram dois anos de prisão fétida, de distância das conversações, da possibilidade de expor seus pensamentos e de liberar uma energia e uma inteligência que incomodavam. Seu jogo deve ter lhe custado muito tempo de composição. Deve também ter representado uma fuga ao desespero do confinamento a um homem tão livre, com tantas casas e idéias em tantas andanças.

As folhas de papel que recebia eram preenchidas com textos que ele assegurou aos Inquisidores guardavam o rigor da verdade, mas não como “quem tinha sido, senão naquele em que transformara, ou seja, em bom e fiel cristão”. Escreveria nelas toda vez que lhe ocorresse algo que parecesse necessário advertir à Mesa. Esclarece aos Inquisidores, na continuidade de seu jogo, o que se passava no interior das prisões.

Disse conhecer os cristãos novos tão bem quanto a si próprio, por ter tratado com eles toda a sua vida, e que entre os ricos estruturava-se uma rede

²¹¹ “Sei, contudo que Saul, guardando asnas, foi depois profeta e que uma asna foi parte para desviar a Balan do mau caminho e zelo que levava para maldizer o povo de Deus, o qual depois bem disse. Assim, quererá o verbo eterno filho de Deus vivo, que é Jesus Cristo que à imitação de outra asna de Balan tire aqui alguns e lá fora muitos do ruim caminho que levam, para que assim bendigam o seu Criador, que os salvou e remiu com seu imaculado e precioso sangue e para todos ganhou de condigno a glória, fazendo eles de sua parte o que devem”.

de solidariedade ampla, na qual uns hipotecavam dinheiro na confiança de que os que fossem presos não entregassem os companheiros em confissão. Ao saírem da prisão, recebiam a continuidade da ajuda em dinheiro ou outros auxílios para reconstruírem suas vidas. A compra dos perdões que constituía uma prática constante o que ele salientou que o revoltava como fiel católico e verdadeiro cristão.

Não poupou elogios aos Inquisidores e à Inquisição. Afirmou a uma presa, Beatriz Gomes, que não era regra da Inquisição que se entregassem filhos, irmãos e maridos, “mas que a consciência de cada um era lá a medida certa, que não obrigavam ninguém a levar lá parentes inocentes”. Porém, como ela queria que os Inquisidores acreditassem que pessoas tão íntimas dela fossem inocentes, se ela era judia²¹²? O mesmo raciocínio disse ter desenvolvido com Diogo D’Orta e Lopo Nunes.

A necessidade de confessar levou-o a discussões com os companheiros da prisão. Diogo D’Orta, por exemplo, o procurava sempre, como outro Oráculo de Delfos. Bento Teixeira disse que tentava convencê-los a fazer aquilo que vinha fazendo: arrepender-se e reconciliar-se com a Igreja através da confissão.

Para Bento Teixeira, no jogo que estruturou, a confissão representava a possibilidade de corrigir os erros passados, seguindo alógica inquisitorial, mas admitiu que apesar do arrependimento, confessava por medo de perder a vida. A confissão que disse ter feito antes do arrependimento e do retorno à crença católica, mesmo que verdadeira, não era inteira. Reiterou diversas vezes o fato de que permaneceu por muito tempo negativo e tão judeu quanto seus companheiros, mas ao reencontrar o verdadeiro temor em Jesus, de quem andou por tantos anos apartado, não consentia mais em ter algo encoberto, inda que de pouco momento.

Os presos mantinham suas crenças no Judaísmo e na vinda do Messias. Era sua opinião manifesta que a espera do Messias desviava a confissão dos presos e a reconciliação com os que estavam fora. Com certeza essa crença

²¹² “Senhor, eu já fora confessar minhas culpas, mas dizem lá fora que quando homem confessa pedem a filha, irmãos, maridos e mais obrigações. A qual ... querendo eu atalhar disse: Isso que falam é falso, que a consciência de cada um é aqui a medida certa. Mas, contudo se fazem isso têm razão, porque se vos confessais que sois índia, e tende filhas, e irmãos, não é provável que também o são como vós”.

na vinda do Messias era o que o mantinha alerta e esperançoso. Pois, seu jogo denota esperança, de pelo menos minimizar o sofrimento pelo qual passava.

Os presos relatavam a Bento Teixeira o que tinham confessado, se haviam se retratado e quem tinham denunciado. Para eles o desespero era insuportável. A Inquisição enredava a todos sem saída. Mentir perante a Mesa era uma temeridade. Bento Teixeira, mais uma vez assume que concordava com os Inquisidores, para os quais a confissão era a única forma de não morrer, mas também o único caminho de se chegar a Deus. Entendia perfeitamente como os Processos poderiam transcorrer. Repreendendo Diogo D'Orta, que voltara atrás na denúncia contra o irmão, Bento Teixeira lhe afirmou que os Inquisidores logo saberiam de toda verdade e, mesmo Salomão, se fosse vivo e fosse àquela Casa preso, perderia o norte²¹³, o que não aconteceria a eles?

Os diálogos mantidos com os presos foram minuciosamente descritos. Os casamentos entre eles também. A compra de perdões e as comunicações proibidas escancaradas perante os Inquisidores. As informações em forma de Avisos foram detalhadas e esclarecedoras. Mas havia um preço. Cansado, há de três anos na prisão, Bento Teixeira exigiu que alguma recompensa lhe fosse autorizada. Depois de denunciar no final de seu último texto aqueles que devem ter sido alguns de seus maiores amigos, João Batista, Lopo Fernandes e Fernão Ribeiro, Bento Teixeira ponderou finalmente com as seguintes palavras:

E porque cuido que tenho satisfeito com tudo o que devo a minha consciência depois de agora declarar ante o senhor inquisidor Manoel Álvares Tavares o que passei com estas pessoas quero-me forrar de palavras pedindo a V.V.S.S. que é já também tempo de me ampliarem os favores, e restringirem os males, e castigos, porque diz o glorioso São Basílio que se o vaso de vidro está cheio de pó que basta sacudirem-no, e não esfregarem-no tanto que quebre, pois que coisa mais vidrosa que o mísero mortal, e lembro a V.V.S.S. em resolução o que diz o Doutor Angélico sit erranti medicina confessio²¹⁴, e pois, e de minha parte tenho correspondido em forma ... da boa e verdadeira

²¹³ “Não sabeis que se Salomão fora vivo, e viera nesta casa preso, que houvera de perder aqui o norte?”

²¹⁴ Que a confissão seja remédio para quem erra

confissão, resta agora a V.V.S.S não faltarem da sua, com a qual nunca faltaram a quem faz o que deve nesta santa Mesa.

Avisos aos Inquisidores

Bento Teixeira usou as regras da Casa para estruturar seu jogo e conseguir sair vivo da prisão. Parte de seus escritos refere-se a **Avisos** que deu aos Inquisidores sobre o que se passava internamente e como remediá-los.

Assim, deixava claro aos Inquisidores, por “descargo de consciência” e para que tomassem as devidas providências.

Bento Teixeira especificou nesses avisos como as comunicações se davam para fora da prisão. Explicou que escreviam a seus parentes de fora, dando-lhes conta do que se passava dentro da prisão, e em que termos ficavam seus negócios. Diziam os nomes de quem os havia denunciado, acrescentando que dariam todo o dinheiro que pedissem, porque os homens da nação não tinham vigor para suportar as violências que a Inquisição lhes impingia. Essa comunicação facilitava que os presos, ao indicarem testemunhas para a sessão de contraditas, estivessem preparados contra o que se pudesse dizer das culpas.

Os réus que saíam confessados sabiam que haviam levado à prisão pessoas importantes, que por sua vez, buscavam meios de acabarem com os dias de vida deles.

Os cristãos novos ricos pagavam por navios que os levariam a Flandres²¹⁵ e muitos possuíam rescritos de Sua Santidade que garantia que suas culpas fossem remetidas a Roma, onde se livrariam delas²¹⁶. O judeu pobre por seu lado, dava o que não tinha para ver um judeu grande na cadeia.

²¹⁵ Caso de Miguel Dias e Antonio Lopes.

²¹⁶ Um certo Ximenes, homem rico e influente tinha um desses escritos do papa para não poder ser preso pelo Santo Ofício.

No terceiro aviso, Bento Teixeira fala de uma presa velha admoestada pelas cozinheiras, que esperando ser ajudada por um seu parente de Lisboa, de nome Ximenes, não o denunciou. Ao que parece, a filha desta velha, Francisca Ximenes, também não denunciaria a este Ximenes, pois não “possuía outra honra e remédio, senão ele”, que possuía uma “reescrita” do Papa, para poder não ser preso, senão que remetessem suas culpas para Roma e que lá se livraria. Essas informações confirmam que os presos tinham conhecimento de que parentes ou amigos guardavam para si garantias de liberdade, e que alguns presos esperavam que tais garantias pudessem lhes ser estendidas, como no caso dessa velha. O fim do texto, porém marca o pessimismo que tomou conta da presa, pois como nos relata Bento Teixeira, ela afirmou “*saindo ele da prisão, que esperaria ela que lhe fizesse o dito Ximenes?*”.

No quarto aviso Bento Teixeira alerta novamente os Inquisidores de que os cristãos novos, principalmente os do Reino, tinham lançado fama de que possuíam garantias de Sua Santidade para não serem presos no Estaus, mas que suas culpas, como no caso do Ximenes já citado, eram remetidas para Roma, para lá se livrarem.

Bento Teixeira avisou aos Inquisidores que evitassem manter preso novo com velho negativo, porque este último, com sua pertinácia, convencia os outros, que vinham com tenção de confessar, de não o fazer. Ele lembrou que dava esse aviso com o devido exame da razão e experiência do que vira acontecer, sendo muito respeitado o preso que se mantinha convicto em não confessar. Esses mesmos presos negativos aconselhavam às mulheres que tratassem o tormento no potro ou polé, como se fossem dores de parto, e se fossem virgens, que fizessem de conta que lhes levavam a honra. Bento Teixeira ainda insistiu, no tocante às mulheres, que os Inquisidores buscassem saber se quando elas eram levadas a tormento se encontravam menstruadas, porque ele testemunhara que depois dos tratos elas passavam muito mal.

Avisou que os presos se usavam de códigos para comunicarem aos outros se depois dos tratos se mantinham negativos, ou se tinham dado em parentes e quais haviam sido.

Era costume que na época dos tratos, os cristãos novos se dissessem fiadores dos que estavam na prisão, e depois que estes tivessem confessado suas culpas e assumido o Judaísmo, saíam todos sambenitados²¹⁷.

Por fim, avisou os Inquisidores de um judeu rico, seu amigo João Batista, que ficara com o dinheiro da venda de alguns dos escravos de Bento Teixeira. Mais um nome na longa lista da Inquisição.

A Escola de Satanás, A Descrição do “Inferno”.

Bento Teixeira deixou um relato do interior de um cárcere. A postura dos Inquisidores frente aos réus, o despotismo, os desacordos emergem das palavras sempre temerosas do poeta.

Emerge o próprio “inferno”: a fome, os grilhões, a rudeza, e a violência entrecortam o processo de Bento Teixeira. Mas, emergem também os desabafos da alma entre os prisioneiros e o sentimento, o amor, o humano naquele submundo.

As celas eram limpas sob a inspeção do Alcaide, e durante a abertura das portas os presos aproveitavam se comunicar. De uma cela a outra se podia ouvir os gemidos, choros, gritos e sussurros dos outros réus, “asperamente” repreendidos pelos guardas.

Os guardas e espões mantinham constante vigília e denunciavam os presos por conversarem, rezarem, jejuarem e até mesmo pelo simples balbuciar. Essas denúncias eram anexadas aos autos e consideradas provas verídicas que podiam acrescentar culpas a já vulnerável condição desses homens e mulheres²¹⁸. Havia numerosas estratégias para se aumentar as

²¹⁷ “Em Évora são inquisidores Lopo Soares, D. João de Bragança, o qual como nem os presos no tempo dos tratos pendurados para lhe... tratos, diz... que eu fico por fiador que ele confessa sua culpa, com que é causa de dizerem, e confessarem que toda sua vida foram judeus, e de saírem sambenitados todos”.

²¹⁸ “Saberá V.M. como tenho sete testemunhas contra mim, cinco da nação, entre as quais conheço o testemunho de minha mulher, e de minha cunhada, e falam dos jejuns que dizem que eu fazia, sem comer senão à noite por guarda da lei de Moisés, e as outras falam de uma mortalha, dizendo que eu estivera numa casa aonde se amortalhara certa

provas contra os presos, como por exemplo, colocar os “negativos”, ou seja, os que se recusavam a confessar-se culpados, junto com outros réus já “confessados” para que fossem por estes vigiados e posteriormente confissões delatassem²¹⁹.

A grande preocupação dos Inquisidores era que os presos denunciassem. Para isso, o Alcaide Gaspar de Molina e os padres da Companhia de Jesus tentavam convencê-los dos benefícios que obteriam se denunciassem pais, companheiros e amigos.

Livres da prisão, não representava ainda um alívio para os “reconciliados”, porque depois de saírem do “inferno”, os esperava um novo “inferno”, o uso de uma roupa infamante, que os denegria perante o mundo: o sambenito. A miséria, a solidão e o remorso de terem denunciado parentes que amavam os dilaceravam. Esse remorso retornava às suas mentes nas palavras que repetiam: “que era preferível morrer a levar para aquele inferno pessoas caras”.

Foram mencionados por Bento Teixeira, como seus companheiros de prisão:

Antonio Nunes

Afonso Fidalgo (que foi preso com ele do Brasil) seria sobrinho de Gaspar Lopes, por parte da mulher.

Antão de Castro, (texto em separado), irmão de Isabel de castro, a conselho do Bispo Delvas, Inquisidor mor, confessara e dera na mãe e irmão e pedia que Bento Teixeira as avisasse para que também confessassem.

Antonio Lopes

Antonio Gonçalves (ou Aleixo Lopes, teria ouvido a discussão entre Bento Teixeira e Lopo Nunes e por pancadas na parede teria pedido que se calassem).

peessoa ao modo dos judeus, e as outras duas são cristãs velhas, e suspeito que são o alcaide, e um dos guardas aos quais eu disse”.

²¹⁹ “Primo, por amor do Deus que me perdoeis, porque eu até agora cuidei que os inquisidores nos mandaram meter aqui para dardes fé do que eu fazia, e que vos haviam de fazer mercês a conta disto, e que vejo que até agora sois tratado com igual violência como eu, com grilhões, com aspereza, fome, e outros infinitos meios sem meio, e saídos da Escola de Satanás, por onde daqui por diante vos tratarei como quem está no meu andar, e uma hora praticaremos na ciência, outra encomendar-nos-emos a Deus, e às vezes havemos de pelejar, e por fiar, porque não venham a entender o alcaide e guarda que somos parentes, e assim nos apartem se nos virem unidos, que enfim nesta Casa não folgam dever os homens como nós científicos em paz, senão em perpétua guerra e dissensão, e também é necessário ser assim, porque se nos apartarem, tenhamos contraditas um contra o outro”.

Aleixo Correa (ou Antonio Gonçalves, teria ouvido a discussão entre Bento Teixeira e Lopo Nunes e por pancadas na parede teria pedido que se calassem).

Antonio Roiz,

Adrião Álvares foi para as galés

Beatriz Gomes

Brás Dias de Évora foi para as galés

Diogo D’Orta (texto em separado)

Diogo Lopes

Gaspar Lopes, (texto em separado).

Gregório Lopes de Beja

Inês Álvares

Inês Lopes

Jorge Lopes foi companheiro de Bento Teixeira por trinta e tantos dias, contou da família Viegas e já tinha saído livre.

Lianor de Vera

Lopo Nunes²²⁰ (texto em separado)

Margarida Duarte

Maria Henrique de Salva terra casou-se com Bento Teixeira na prisão

Manoel Lopes (texto em separado)

Nicolau Nunes foi para as galés

Pero Vaz testemunha do casamento de Bento teixeira

Simão Fernandes

Filha do Viegas, tida por bastarda, estava negativa. Casara-se na prisão com Diogo D’Orta. O pai, Francisco Viegas, dera na filha e na mulher Antonia de Oliveira, no tormento.

Como já foi dito os presos ao se comunicarem entre si, davam a oportunidade de se conhecerem e aliviarem seu desespero. Bento Teixeira ao relatar tais comunicações possibilitou que os Inquisidores ficassem cientes do

²²⁰ Lopo Nunes foi citado por Miguel Dias de Paz, cristão novo, que confessou ter ficado preso num navio inglês, participando de cultos luteranos. No fim de sua confissão, disse no ano anterior, 1593, a Santa Inquisição teria prendido esse seu parente seu de Lopo Nunes, o moço, mercador, morador no Porto, e parente seu. Seria o mesmo que declarou ser parente de Bento Teixeira? Confissão feita a 26 de Outubro

que se passava entre eles, e a nós, conhecer um pouco mais de cada um deles. Os relatos são minuciosos e descrevem desses presos as famílias, as andanças, seus relacionamentos e seu drama em confessarem o que não consideravam crime. A persistência no Judaísmo e seus preceitos era para eles sua base de sustentação, o elo que os mantinha ligados a um mesmo grupo, com o qual se identificavam e através do qual tentavam alcançar a liberdade. Achavam-se todos inocentes, porque não consideravam ser culpa crer na lei de Moisés.

O Encontro com o Outro

Na solidão das gélidas prisões dos “Estaus”, os cristãos novos ansiavam em encontrar o “outro”, que nas mesmas condições divagava na dúvida, na incerteza e no medo. Atirado no submundo carcereiro, a ânsia de liberdade e a esperança de absolvição não arrefeciam, e várias tentativas eram feitas para ouvir a voz de seu vizinho, ou receber alguma notícia do mundo livre.

Os cristãos novos para comunicarem-se desenvolveram um verdadeiro sistema de códigos. Havia sinais transmitidos através de batidas, sendo que cada uma delas representava uma letra do alfabeto. Sigilosamente, rompiam buracos nas paredes das celas e, durante o silêncio da noite os abriam e se falavam, se consolavam, lembrando da família e mostrando sua tenacidade em continuar judeus. Durante o dia, os buracos eram cuidadosamente fechados com cal. Mas, o mais curioso é que, mesmo nas penumbras nascia o amor.

Surpreende, entre os quadros pintados por Bento Teixeira, a sua própria vida. No “inferno”, que ele descreve, nasceu uma nova paixão por Maria Henriques. No “inferno” ainda sonha com a vida, e planeja que se “Deus o tirar da prisão” com ela se casaria. A amizade existe também no “inferno”. E, se Maria Henriques saísse da prisão, antes do poeta, o amigo Pero Vaz e a sua mulher a recolheriam e abrigariam em sua casa até Bento Teixeira ser livre. O destino mudou os planos.

de 1594. Mello, José Antonio Gonsalves de; Confissões de Pernambuco. 1594-1595. Recife, 1970. Páginas 51 a 53

No documento Bento Teixeira textualmente usa o termo “casamento”. Espanta o leitor que fosse possível um enlace matrimonial sem nenhuma autoridade religiosa que o selasse. Provavelmente, se resumia em compromissos, palavras, promessas... Havia planos para que os casamentos que fossem arranjados durante as comunicações noturnas entre os presos, deveriam ser mantidos após a “reconciliação” com a Igreja. Bento Teixeira conta sobre cerimônias, quando os noivos juravam perante testemunhas que eram os próprios presos²²¹. Pelas fendas nas paredes se passavam presentes²²². São aspectos totalmente desconhecidos que Bento Teixeira nos revela. Podia despertar amor a condição degradante de um acusado em uma cela imunda?

Pelos buracos também se davam e tomavam presentes²²³. Afonso Fidalgo²²⁴, outro que fora preso no Brasil com Bento Teixeira²²⁵, arranjara nessa mesma ocasião casamento com Margarida Lemos, irmão de Pero Vaz.

Diogo D’orta, neto do famoso botânico Garcia D’Orta, casou com a filha do Viegas, sendo medianeiro Gaspar Lopes; Afonso Fidalgo e Margarida de Lemos²²⁶. O casamento de Bento Teixeira foi presenciado por cinco testemunhas, Pero Vaz de Gregório, Lopes de Beija, Simão Fernandes, cristão velho mulato, e de outra parte Lianor de Vera, Inês Álvares e Margarida Duarte.

Através de silenciosos sussurros, os cristãos novos aliviavam a sua dor e sentiam-se “pertencer”. Cada um carregava um fardo, e certamente o mais

²²¹“Assim que da maneira sobredita se fizeram alguns casamentos neste cárcere, como foi também Afonso Fidalgo com Margarida de Lemos, irmã do dito Pero Vaz, por saber cá dentro que o marido Pero Fernandes, cristão velho, era já falecido. E tiro eu daqui um corolário, que se a nação quiser abrir os olhos achara, que ainda em terra tenebrosa, e operta mortis coligime, terra mis, tenebrarum... lhe faz Nosso Senhor Jesus Cristo tantas mercês (estando ela cega com as palpáveis trevas de sua cegueira, e perfídia) como é casarem aqui mulheres e (sem nada) ,e que lá fora postas em sua liberdade, e com arrazoados dotes não foram aceitas”.

²²² E por estes mesmos buracos se casavam alguns com mulheres, porque eram buracos por onde se enxergavam muito bem os rostos, e se davam, e tomavam presentes.

²²³“Na parede da décima estava uma ruína, ou fenda que passava de parte a parte, a qual deixaram com as mais, que dito tenho, feitas os presos velhos, as quais faziam da maneira seguinte: tiravam rachas das tábuas da décima, ou de baixo, e arrancavam alguns pregos do mesmo tauoado os maiores quebravam em um resto, pedra ou tijolo, ou inda na mesma parede lhes faziam as pontas, e engastavam logo cinco ou seis rachas que tiravam do dito tauoado , e depois uns e outros se revezavam, e em duas , três noites faziam um buraco que passava de parte a parte, o qual tapavam com cal de madrugada (pelo qual tinham tigelas de cal amassadas debaixo do mesmo tablado), e depois que os guardas á noite visitavam as casas abriam os ditos buracos, e se punham a falar, com um acento tão brando e sossegado que nem os próprios que estavam na casa, seus companheiros entendiam o que falavam se não chegavam muito perto. E por estes mesmos buracos se casavam alguns com mulheres, porque eram buracos por onde se enxergavam muito bem os rostos, e se davam, e tomavam presentes. Processo Inquisitorial.

²²⁴ Seu processo não consta do livro Prisioneiros do Brasil, mas seu nome foi várias vezes lembrado pelas testemunhas. Em Lisboa, participou das comunicações e planos de futuro, incluindo os casamentos.

²²⁵ Além de Bento Teixeira e Afonso Fidalgo, foram levados aos Estaus Beatriz Fernandes (processo 4580), Rui Gomes e André Pedro (processo 1061)

doloroso era o de se verem “obrigados” a denunciar seus familiares, seus parentes mais queridos, seus pais, irmãos e amigos, se quisessem sobreviver. Esse fato levou muitos cristãos novos ao desespero.

Mas, nesse submundo surgiam também animosidades, divergência, atritos e vinganças.

O segredo dos réus acabou sendo descoberto. O Alcaide Gaspar de Molina, que os vigiava, os entregou às imundícies e suspendeu a limpeza das celas, o que significava não retirar os excrementos dos réus durante mais de uma semana, o que deveria tornar o clima insuportável. Tapou as fendas e ruínas, eliminou o pequeno convívio e os emudeceu.

Os cristãos novos conseguiam às vezes mandar notícias para seus familiares, em “manteos de canequim, lenços em pano de linho delgado, quando não papel”. Neles contavam o que se passava no interior dos cárceres, sobre o andamento dos processos e davam aos amigos informações sobre como justificar-se.

Quando um companheiro era liberto, os cristãos novos lhes davam escritos em tecido, e cozidos em gibões, para os entregar aos familiares. Podiam ter sucesso ou ser traídos, como o foi Diogo D’Orta, companheiro de Bento Teixeira.

Bento Teixeira conta que ele foi depositário desses escritos e ele próprio entregou papéis que trouxera do Brasil.

A leitura dos textos nos quais Bento Teixeira descreveu suas conversas com seus companheiros de cela não pode ser feita de maneira linear. Devemos buscar nos esclarecimentos que fez as suas posturas, e não a de seus companheiros, uma vez que acredito que esta foi a forma que o poeta encontrou de extravazar suas idéias, classificando-as segundo seu modo de ver o mundo, mas dando a elas autoria diversa.

Esse texto foi distribuído pelo réu em títulos, através dos quais descreveu em detalhes o relacionamento dele com os outros presos, e como era possível burlar as regras do Santo Ofício.

Seu primeiro título é o que passou com Manoel Lopes.

²²⁶ Pela informações de Bento Teixeira, Margarida de Lemos era irmão de pero Vaz, viúva de Pero Fernandes, cristão velho.

A primeira informação é a de que esse preso pediu a Bento Teixeira que comunicasse às irmãs Beatriz Gomes e Inês Lopes que já as denunciara. Presa também, Beatriz Gomes ao saber, responde que sabia ser norma da Inquisição ter de entregar todos os parentes e possíveis companheiros nas práticas do judaísmo.

O texto continuou, mas a partir de então, Bento Teixeira assumiu uma postura de defesa do Tribunal diante de Beatriz, pois escreve que a ela respondeu que deviam ser denunciados os verdadeiramente culpados, “*pois nada mais normal que se és judia, que sua família também o seja*”, ao que Beatriz disse que iria confessar suas culpas, apesar do que lhe havia dito o genro, Afonso Gomes, para que esperasse alguns meses, antes da confissão, até vir o perdão que se esperava de Madri, e que se os inquisidores lhe perguntassem se queria o perdão, que respondesse afirmativamente.

Nesse trecho o réu nos exemplifica mais uma vez, como eram numerosas as comunicações e como as informações realmente se disseminavam entre os presos. O esforço dos parentes e amigos era por todos sabido, bem como o andamento das negociações, os pedidos de perdão e como se comportar perante ele.

Bento Teixeira ainda perguntou a Beatriz o que faria caso o perdão não viesse, ao que relatou ter tido por resposta, que naquele caso, confessaria suas culpas.

O segundo título de seu texto refere-se ao que passou com Antão de Castro. Este lhe pediu que dissesse à sua prima Isabel de Castro, à mãe e à mulher, se com algumas delas falasse, que por conselho do Inquisidor mor iria confessar, e teria de denunciar a todas e ao irmão também. Por tal razão, pedia que se confessassem.

O contato com Diogo D'Orta²²⁷ foi longo e profundo. Diogo se abria, confiando ser Bento Teixeira, também um judeu, mas este se irritava com suas

²²⁷ Diogo Dorta, sobrinho neto do cientista Garcia de Orta, era filho de Manoel Dorta e Guimar Peres e neto de Catarina de Orta, irmã de Garcia de Orta, queimada pela Inquisição. Teve papel fundamental na propagação do judaísmo entre os marranos, servindo como agente secreto, auto denominando-se *correio*, levando e trazendo notícias, planos e ajuda financeira. Foi preso por acusação de cripto judaísmo em 5 de março de 1596. Seu processo apresenta diversos escritos que fizera em código ao irmão Fernão Dorta. Essas mensagens foram escritas em pedaços de pano, rasgados de sua camisa, e para redigi-las preparou a tinta com vinagre e fumo de candeia, que tirou de uma telha. Fez a pena de um pau de vassoura. Costurou os panos entre o forro dos calções de seu companheiro de cárcere Antonio de Mello e colocou o treslado do quarto pano na algibeira direita. Antonio de Mello não entrega as mensagens ao irmão de Diogo Dorta,

indecisões em confessar-se e retratar-se logo depois, chegando a discutir e mesmo a cortar a comunicação que mantinha com ele. Procurava Bento Teixeira constantemente para dividir com ele sua angústia e a pedir-lhe conselhos, “*como a outro Oráculo de Delfos*” e pedindo-lhe, desesperado, pelas chagas de Cristo que atendesse aos seus chamados.

Em trabalho sobre a família de Garcia de Orta, Anita Novinsky esclarece que seus membros, durante séculos estiveram vinculados ao judaísmo e durante várias gerações, membros da família foram perseguidos pela Inquisição. Na Itália, concentraram-se no gueto de Veneza, onde eram conhecidos como “judeus públicos” e onde agiam como “agentes secretos” e propagadores do Judaísmo. Criaram verdadeiras redes internacionais, com a finalidade de salvar seus correligionários do terror inquisitorial. Diogo d’Orta revelou em seu Processo Inquisitorial que fora verdadeiro entreposto comercial, servindo de trânsito para os cristãos novos negociarem com centros da Europa e África²²⁸. Como se verá, as informações que Bento Teixeira nos deixou sobre essa personagem, tão significativa, e que também tem em seu processo algumas características distintas corresponderam à verdade. Passemos a elas:

Diogo D’Orta, de suas passagens pelo Brasil, já conhecia Bento Teixeira de vista e pela fama. Por este conhecimento e pelas atitudes que este tomava na prisão, não mais chorando e se lamentando, Diogo havia pedido à Mesa que o dessem por companheiro, para guiá-lo e ensinar o caminho.

Informou que os homens da nação em Pernambuco estavam pedindo a Deus pela soltura de Bento Teixeira e, que esperavam que este fizesse sua confissão sem culpar ninguém, visto serem muitos os mortos de quem falar.

Era costume entre os prisioneiros da Inquisição denunciarem antes de tudo, pessoas já falecidas: pai, mãe ou tios que os haviam iniciado na infância ou adolescência, na religião judaica. Isso se dava porque aos Inquisidores

mas sim aos inquisidores, revelando-lhes ainda segredos de Diogo Dorta: que era judeu secreto, neto de Diogo Fernandes Badajoz, que fora penitenciado pela Inquisição. Recebeu pena de Cárcere e Hábito penitencial no mesmo Auto de Fé em que saiu Bento Teixeira a 31/01/1599. Da mesma forma, foi-lhe indicado um tempo em que deveria ser instruído nas Escolas Gerais. Dois anos depois é chamado á Mesa por não usar o hábito penitencial que tanto odiava. Vinte meses depois pede que tenha sua pena suspensa, pois estava pobre, sem condições de manter os filhos.. em 23 de Dezembro de 1603, após sete anos de sua prisão, é dispensado do hábito e cárcere. É proibido de sair do reino. Os irmãos fernão e Francisco D’Orta também foram presos e depois de penitenciados deixaram Portugal com suas famílias. In Novinsky, Anita; A Família Marrana de Garcia de Orta., pgs 361 e 363.

²²⁸ Novinsky, op. Cit.

interessava o maior número de possíveis heréticos denunciados e, aos prisioneiros, interessava tentar salvar parentes e amigos vivos, pois sabiam que denunciados, seriam também presos. Geralmente, a tática não funcionava, pois a Inquisição exigia denúncias de pessoas contemporâneas aos presos ainda vivas, que tivessem compartilhado com eles os possíveis crimes de judaísmo, ampliando dessa forma, a rede de possibilidades para que o Santo Ofício se mantivesse.

Duas normas da Inquisição tornavam-na extremamente vantajosas: a primeira era o fato de que os prisioneiros condenados tinham seus bens confiscados, e os que não chegavam à condenação eram obrigados a pagarem as custas dos processos. Assim, de qualquer maneira, os denunciados e os condenados pelo Tribunal convertiam-se em fonte de altas rendas para a igreja e para o Estado. Não é de se estranhar, portanto, que o maior número de perseguidos se encontrasse entre os cristãos novos. Esses, mesmo desenvolvendo todo o tipo de atividades econômicas, e não apenas o comércio, como o demonstra numerosos trabalhos,²²⁹ detinham grande parte da riqueza colonial.

Diogo D'Orta filho de Manoel Dorta, contratador da Casa da Índia, a esse tempo falecido já alguns anos. Diogo ficara com a casa, e trato do pai. No mesmo crédito e reputação estava o irmão, Fernão Dorta. Teria ainda mais um irmão de onze para doze anos, que não sabia onde se encontrava.

O “correio dos judeus”, como era conhecido Diogo D'Orta, corria o mundo (Índia, Angola, Brasil). Depois do Brasil, Diogo D'Orta foi a Veneza, onde esteve com uns primos, e lá conheceu Simão Fernandes Trancoso. Bento Teixeira nos informa em seus textos, que Simão Fernandes era um mercador reputado, tratado como fidalgo e morador na Rua Nova, a mesma onde morou o poeta e o famoso onzeneiro João Nunes. De lá, Siomão Fernandes teria fugido e andava por Veneza usando publicamente divisa de judeu. Casou-se conforme a lei de Moisés com uma sobrinha sua sem dispensa do Papa.

Em Veneza se comunicara com muitos judeus, que costumavam ir de Veneza para Solenique, que era metrópole e cabeça de todas as sinagogas dos judeus, onde havia grandes rabinos e sábios na Lei de Moisés. Movido das

²²⁹ Ver Novinsky, Anita. Cristãos Novos no Brasil e Salvador, José Gonçalves; Cristãos Novos e o comércio no Atlântico Meridional, Wiznitzer, Arnold; Os judeus no Brasil Colonial.

saudades de ver os irmãos, mãe, irmãs, e mais parentes determinou-se a ir para Lisboa, *“inda que os primos lá em Veneza como que adivinhavam este mal e desventuras, lhe dissessem por muitas vezes que arrenegasse do Diabo, pois estava bem e melhor não tentar o Senhor Deus”*. Teimoso, embarcou para a Itália chegando a Pisa. Nessa cidade encontrara o primo de Bento Teixeira, Rui Teixeira, que já lá sabia de sua prisão.

Conta Bento Teixeira que Diogo D’Orta havia sido preso pela denúncia de outro judeu, com o qual viajara. Durante essa viagem Diogo D’Orta teria se descoberto e declarado a ele. Preso, ficou recluso sozinho por cinqüenta dias, *“sem companhia, tratado com todo o rigor, aspereza e violência do mundo”*. Viu-se em estado miserável, e sendo “homem criado em muito mimo e regalo, foi constrangido e maltratado”.

A postura que Bento Teixeira nos relatou de Diogo D’Orta frente a Inquisição foi parecida com a sua. Num primeiro momento apresentou-se como católico exemplar e, num segundo momento, confessou crer na Lei de Moisés, não vendo nisso nenhum crime. A atitude foi clara e parece ter sido semelhante com os outros prisioneiros. Ao se conhecerem, os presos tentavam demonstrar sua inocência, apresentando-se como verdadeiros e exemplares cristãos. Com maiores informações uns dos outros, e sabendo da origem hebréia, ou apenas das práticas judaicas, abriam-se e confessavam suas origens e crenças.

Culpara o irmão Fernão D’Orta, mas, arrependido, voltara atrás em seu depoimento e sabendo que um preso estava prestes a ser libertado, depois da Auto de Fé, confiou a ele um bilhete ao irmão. Não tinha conhecimento se este o havia entregue a Fernão D’Orta ou aos Inquisidores²³⁰. Anita Novinsky em seu trabalho sobre a família D’Orta esclareceu que o bilhete foi entregue pelo réu aos Inquisidores, complicando ainda mais a situação de ambos.

²³⁰“Eu tive lá em cima um cristão velho por companheiro, o qual por lhe terem os inquisidores posto seu feito em bons termos esperava de sair no auto. E eu vendo isto debaixo de solene juramento fiei meu segredo ao dito cristão velho, e lhe dei um escrito para meu irmão, no qual lhe dava de espaço certo tempo que me a mim pareceu bastante, para ele ordenar e compor bem seus negócios, e nele lhe dizia o miserável estado e aperto em que ficava, e que no dito por mim limitado se aviasse e saísse fora do Reino, porque eu forçado dos inquisidores, e o mau trato que me davam o havia de culpar por necessidade, e para o cristão velho fazer isso de boa tinta, lhe dei um certo sinal (para lhe dar o dito meu irmão uns tantos cruzados. Mas, enfim eu não sei se lhe acharam o escrito, ou se o vilão ruim o foi entregar aos inquisidores, não se me quieta o coração, saber se meu irmão é ido, se não. Enfim, depois de passado o dito tempo que eu lhe limitei, fui à Mesa e disse o que sabia, parecendo-me que seria já fora do reino, mas a mim dá-me no coração que ele é preso, e se o negócio assim passa hei de me desdizer, inda que me custe a vida”.

Bento Teixeira lhe colocara que a atitude de entregar o irmão e depois voltar atrás em seu testemunho teria sido pior, porque a partir de então os Inquisidores iriam atrás do rastro de Fernão D’Orta, para confirmar as primeiras denúncias. Diogo D’orta muda de opinião e diz que preferia morrer dez vezes a entregar parentes e usar publicamente o sambenito. Acreditava que não era crime crer na Lei de Moisés. O grande receio de Diogo era, apesar de tudo, comprometer o irmão “*que era a luz de seus olhos*”, além de primos e primas bem casados, destruindo-lhes a vida.

Diogo ponderou que perante a Mesa do Santo Ofício tinha confessado muito mais do que acreditava terem sido suas denúncias, “*o porque o que o acusaram era quase nada, e o de se acusar e a outrem é o demônio de quem arrenego*”. Recebeu o libelo de revocante, que o pôs em desespero, chorando por mais de duas horas.

Junto a Bento Teixeira e Diogo Dorta, estavam presos também Antonio Roiz e Antonio Lopes. Estes dois já estavam confessados, mas demonstravam arrependimento. Em relação a ambos, Diogo Dorta tinha diferenças, nos termos usados por Bento Teixeira. Aos Inquisidores o poeta garantia que nada desabonava os dois presos.

Bento Teixeira, na mesma linha de pensamento, que usou com Diogo D’Orta, disse ter aconselhado a Gaspar Lopes, a fazer o mesmo e a pedir Mesa Inquisitorial, ou seja, apresentar-se aos Inquisidores para confessar.

Gaspar Lopes, que também mereceu de Bento Teixeira um título em seu texto, era irmão de Francisco Lopes e afirmava que estava certo em não confessar ser judeu e entregar parentes. Acreditava que dessa forma “*fazia um bem para si e para todos, apesar de saber que tinha sete testemunhas contra si, cinco cristãs novas (entre elas a mulher e a cunhada, que o denunciaram por jejuns e uso da mortalha nos mortos) e duas cristãs velhas; o Alcaide e um guarda*”²³¹.

Afirmou que teria de ser misericordioso com Bento Teixeira por duas razões: “*a primeira era a fama que este possuía e, a segunda, pelo sobrinho de Bento Teixeira, Antonio Teixeira (filho de Rui Teixeira), que estava casado com uma sobrinha dele*”. Ele considerava Bento Teixeira a “*chave do Brasil*” pelo

²³¹ Reiteramos nessa passagem, o que já foi discutido sobre os Inquisidores conseguirem, de dentro das celas, mais denúncias contra os presos.

conhecimento que tinha das pessoas e seus costumes. Estranhava por isso, as vezes que o companheiro pedia Mesa, temendo que ele estivesse levando inocentes à prisão.

Antonio Roiz confessou-se, mas dando mostras de arrependimento, chorava pela mulher e filhos. Bento Teixeira escreveu que o consolava, mas que nessa época encontrava-se ainda “negativo”. Antonio Lopes apregoava sua inocência, dizendo que “*havia de morrer pela verdade e não confessar*”, uma vez que não tinha cometido crime algum.

Lopo Nunes foi o outro companheiro de prisão do qual Bento Teixeira nos deu notícias. “*E que por se não perder neste Labirinto de Dédalo (que foi seu relacionamento com ele) deixou atado no ferrolho da porta (à imitação de Teseu) um fio para me depois saber sair com ele, de tão intrincados, e cegos rodeios*”.

Lopo Nunes disse ter sido preso porque ele, por guarda da lei de Moisés, não dormia com as freiras dos mosteiros que curava, porque não eram da sua lei. Dele suspeitavam que tivesse levado à morte um inquisidor, Ribafria pela “*ciência incógnita que sabia, mas ele confessava ser inocente, e que o inquisidor morrera de paixão*”.

Da família, Lopo Nunes achava que a mãe e a irmã haviam de denunciá-lo, pois praticavam na Lei de Moisés, fazendo suas cerimônias. Sua mãe o deixara crescer crendo no Judaísmo, apesar dos argumentos contrários de seu pai (que ele declarou ter morrido negativo na prisão). Essa contestação reafirmou o costume que as famílias marranas tinham de manter as crianças distantes de seus cultos até a proximidade da adolescência. Isso se dava porque mais velhos, poderiam guardar segredo sobre a crença e os ritos praticados. Na infância, era-lhes ensinado a obedecer aos ritos da Igreja católica, aprendendo suas orações e formas de comportamento. A educação religiosa ficava geralmente por conta das mães, tias ou tios. Era também necessário introduzir nos jovens o conhecimento sobre as formas de ação da Inquisição e como agir em caso de prisão. Constituía-se tal educação numa forma de manter a religião e a sobrevivência da comunidade judaica.

Por seu texto, nos diz que o prisioneiro ao chegar, “*ficou dias sem dizer palavras, comparando-o a uma mulher que passasse o tempo apenas fiando, e achava que havia sido colocado na mesma cela que Bento Teixeira, para que*

ambos se vigiassem”. Com o passar do tempo, percebeu que os dois recebiam o mesmo tratamento por parte dos Inquisidores, e mais confiante, passou a se abrir e a dar informações, propondo que *“praticassem na ciência, encomendando-se a Deus”*.

Descobriram-se primos distantes. Lopo Nunes, através do pai, sabia que no Brasil morava uma sua parenta, Lianor Rodrigues. Ao saber, Bento Teixeira caiu em profunda tristeza pelas saudades da mãe. Cuidaram os dois que o parentesco não fosse descoberto pelos Inquisidores, porque se o fosse, seriam separados.

Lopo Nunes sofrera muitas violências na prisão, tendo ficado *“três anos sem dormir, o corpo sem repouso e levado a ferros, um ano e meio em grilhões”*. Atormentava-o ainda mais ter sabido por outro preso, Adrião, o alfaiate, que seu pai padecera na Inquisição. Morreu negativo, para não levar à prisão a ele e outros parentes, como o Licenciado Fernão Dálvares, que era seu irmão, e outras pessoas como James Lopes da Costa, Gabriel Ribeiro, e Manoel de Medeiros.

Dos parentes, Lopo Nunes lembrou que eles ajudaram a embarcar de Lisboa para Flandres a mulher de um Antonio Fernandes, cristão novo, mercador chamado da Alemanha ou do Porto, que também era seu parente, e esteve muito tempo na Bahia, no tempo em que Bento Teixeira estava no Rio de Janeiro. Da Bahia, Antonio Fernandes teria ido para o Reino muito rico. Em Lisboa, praticando com um homem da nação, viu o meirinho do Santo Ofício prender o homem com quem falava. Ao assistir ao espetáculo, resolveu não ficar mais no reino, partindo para Flandres, de onde mandou buscar sua mulher, com a ajuda dos parentes.

Lopo Nunes ansiava por saber se James Lopes da Costa, Gabriel Ribeiro e Manoel de Medeiros eram idos para fora do Reino, e por muitas vezes perguntou ao Diogo Dorta pelas pancadas do A, B,C se os conhecia. Queria também saber de Diogo da Costa, irmão de James Lopes da Costa, que de Portugal teria ido para a Itália, acompanhado de um irmão seu. Digo Dorta lhe informara que Diogo da Costa ficara em Veneza, e o seu irmão se encontrava em Flandres, em negócio de importância. A informação o aliviou porque tinha feito uma declaração ante o inquisidor Bartolomeu da Fonseca em que dera informações sobre Diogo da Costa.

Sobre Manoel de Medeiros e James Lopes (os quais Bento Teixeira conhecia do Brasil, este último tendo sido dado como seu primo por Lianor Rodrigues) Diogo D'Orta disse que não os conhecia. Perguntou ainda mais por um irmão seu, de nome Miguel Vaz, cirurgião casado no Reino com uma cristã nova. Bento Teixeira teria estado com ele na frota que o levou preso para o Reino. E dizendo-lhe que era vindo e que vinha rico, respondeu ele: *“há de ser acolhido para bem, porque assim lhe releva, que minha mãe e irmã haviam de dar nele”*.

Lopo Nunes disse a Bento Teixeira que havia sido aconselhado por Manoel de Medeiros, James Lopes da Costa e Gabriel Ribeiro a confessar suas culpas. Bento Teixeira respondeu que esta era a atitude certa para todos, mas Lopo Nunes se dizia inocente das ditas culpas, *“como os mártires que padeciam na Inglaterra, que ele mártir, não precisou ir à Inglaterra, e que, os inquisidores tinham usado com ele, em Inglaterra não usavam os hereges com os católicos.”*²³² Salientou que quando os Inquisidores não encontravam as culpas, *“iam buscá-las no abismo”*.

Bento Teixeira prosseguiu em sua tentativa de convencimento, afirmando a Lopo Nunes que *“não podia haver em homens, consciência tão desalmada, que tivesse ali, alguém sem culpa.”*²³³ Mas a opinião de Lopo Nunes era bem diferente. Para ele, os inquisidores tinham por objetivo apenas encher cada vez mais os cárceres, e quanto aos padres perguntava *“como podiam ser homens de se chegar a Deus, se eles que se diziam seus ministros, andavam tão gordos, vestiam o melhor pano, comiam o melhor manjar, dormiam em camas brandas o seu sono, e não sabiam mais que usar violências e cruezas com os pobres moços que aqui estão encerrados”*²³⁴.

O prisioneiro ainda afirmou, segundo o texto de Bento Teixeira, que tudo o que se obrava nas Inquisições de Portugal, se fazia por meio dos familiares, que ele adjetivou por diabólicos, *“que moviam os humores dentro do cárcere, fazendo atormentar os negativos e constantes”*. Era por meio deles, em sua

²³² Processo 5206

²³³ idem

²³⁴ Processo 5206

opinião, que se sabia o que fazia a gente da nação nos cárceres. Um deles o “*atormetava há quatro anos, sem deixá-lo dormir noite ou dia*”²³⁵.

Bento Teixeira disse tê-lo repreendido, mas ele tornou à discussão e acusações, até que os outros presos pediram que se aquietassem.

Lopo Nunes expôs a opinião de que aos Inquisidores era inadmissível “que os cristãos novos possuíssem mais cultura que eles, *senão eles só querem ser no mundo*, matando a todos que se opusessem, ou mostrassem mais conhecimento que eles”.

Bento Teixeira e Lopo Nunes discutiram muito e Bento pediu ao Alcaide Gaspar de Molina que os separassem, porque ele se recusava a “*dividir uma cela com um homem que se emparelhava com Deus*”²³⁶.

O fato de Bento Teixeira redigir um texto com esse conteúdo, leva-nos de novo a pensar nas razões pelas quais o fazia. Para o historiador de hoje, seu texto é de inquestionável importância, pois nos traz informações preciosas não só do funcionamento desse Tribunal do Santo Ofício, como esclarece quais outras pessoas encontravam-se na mesma situação que ele, e que posturas tomavam perante a vida, a religião, as pessoas a eles ligadas e ao próprio Tribunal. Esse mesmo relato, que foi entregue aos inquisidores, era na verdade, à época em que foi escrito uma delação. O preso Gaspar Lopes, que se orgulhava em não confessar e levar à prisão outros possíveis heréticos foi denunciado claramente pelo seu companheiro de cela. É claro, que dentro da prisão, o que devia nortear tais pessoas deveria ser a tentativa de sobrevivência. Essa tática usada por Bento Teixeira pode ter sido vitoriosa, no entanto, por intermédio dela, o réu denunciou outros prisioneiros, que de formas diversas, também buscavam a liberdade.

A Corrupção do Santo Ofício

A Historiografia revestiu o tribunal do Santo Ofício das mais diferentes roupagens: Tribunal “religioso”, “político”, de “terror”, “benigno”. Bento Teixeira

²³⁵ *idem*

²³⁶ “Senhor Gaspar de Molina como quer V.M. que eu esteja em companhia de um homem que diz que está preso por se emparelhar com Deus, e que afirma que os senhores inquisidores quanto obram é por meio de familiares diabólicos?”

cético, descrente, heterodoxo nos deixou uma imagem que permanecerá para sempre, o testemunho do próprio “inferno”, e sua corrupção, de suas malignas intenções, de sua desumanidade e que vem à luz neste trabalho.

Em Bento Teixeira temos o raro testemunho de quem viveu o “horror”.

Regimento, regras eram manipulados pelos Inquisidores nos “Estaus”, que no dizer do poeta era a verdadeira “Escola de Satanás”. Bento Teixeira nos mostra como o desejo de “salvar as almas” se coadunava com o dinheiro que os funcionários do tribunal recebiam dos presos ricos, para facilitar-lhes a fuga. João Nunes, por exemplo, ofereceu trezentos cruzados ao Mestre do navio que o levou preso, para deixá-lo “andar por Lisboa uns quatro ou cinco dias, negociando papéis e pondo suas cousas em ordem”, e que o mestre o vigiou até que terminou suas negociações, e que parece ter sido a causa de sua fuga.

Compravam-se as absolvições como se compravam provas de “limpeza de sangue” sendo Inquisidor Martins Mascarenhas. Um fato desconhecido: foram os prisioneiros do Brasil que pagaram duzentos mil cruzados, soma enorme para o tempo, para comprar o perdão? Madri estava envolvida na compra desses “perdões” e os réus eram notificados do andamento das negociações com o rei e o Papa. Como Bento Teixeira teve acesso às cartas que tratavam dos “perdões” não sabemos. A vida dos cristãos novos entrava no jogo financeiro. Quem dava mais ao Papa, os cristãos novos ou o rei?

Aos presos considerados “negativos”, ou seja, que se mantinham sem confessar e denunciar, podiam ser aplicadas as torturas. Antes das sessões, o preso era avisado de que se sofresse alguma consequência, como quebrar membros, perder os sentidos ou mesmo morrer, a responsabilidade seria apenas do réu, uma vez que, a tortura poderia ser evitada com a “confissão verdadeira”.²³⁷

No tormento, a resistência diminuía. Pai, mãe, irmãos, familiares, amigos, todos ficavam implicados. É interessante que havia códigos para designar cada membro da família denunciado. Advertiam através de códigos, muitas vezes indecifráveis para o historiador, em que estágio se encontravam seus processos e como seus familiares deveriam se comportar, uma vez presos.

²³⁷ Novinsky, Anita; Confessa ou Morre. O Conceito de Confissão na Inquisição Portuguesa, op cit. Página 61.

Os códigos designavam como “confessado”, o preso que já tinha denunciado, e no tormento se calava. Nomeavam “Virgem da Vitória, Senhora minha, valei-me, que agora me martirizam”, quando sobreviviam à tortura. A denúncia contra esposa, marido era expressa como: “Já entreguei a vida a sacrifício”. E mães, pai, denunciando seus próprios filhos, mencionavam: “lá deixo com dor as meninas dos meus olhos”. Filhos contra pai e mãe diziam: “Lá me fica com dor salas(?) do meu coração”. Quando entregavam parentes, a mensagem era “Com dor lá me ficam os dentes”.

Iconoclastas, os cristãos novos não deixavam de invocar como código, ao ir para o tormento, ou durante o mesmo, o nome de uma santa ou santo.

O Esperado Perdão

Os homens da nação esperavam que Sua Majestade impetrasse o perdão geral, e para isso se preparavam para pagar a quantia de duzentos mil cruzados. Afirma que os presos negativos do Brasil, que eram da nação, esperavam o perdão pela quantia de duzentos mil cruzados e que ele mesmo viu cartas que vinham para Portugal e que diziam: “mostre este capítulo aos que vão para Madri, e diga que não reparem com sua Real Majestade em dinheiro, inda que seja dar-lhe um milhão e meio douro, porque pelo capítulo desta me obrigo a dar só trinta mil cruzados de letras, passadas à vista, e mais me obrigo só no Brasil tirar quatrocentos mil cruzados.”.

Os presos que chegavam aos Estaus já iam informados dessa possibilidade, e eram instruídos a confessarem logo as culpas, mas que se detivessem alguns meses até chegasse o perdão que se esperava de Madri, e se perguntados se queriam sair por ele, que dissessem que sim. Se ele não viesse, então que se confessassem todas as culpas²³⁸.

Os cristãos novos ricos, apostados no Brasil, como Miguel Dias e Antonio Lopes, o vesgo, que esperavam pelo perdão, se preparavam para

²³⁸ Assim fora orientada Beatriz Gomes pelo genro.

pagar embarcação que os levassem fugidos para Flandres, caso o pedido fosse negado pelo rei.

Em bilhete cifrado, que Bento Teixeira traduziu²³⁹, estavam os pontos que então se discutiam: O negociador do perdão era Heitor Mendes que estava em Madri, discutindo a liberdade para os cristãos novos com o rei Felipe. Heitor Mendes se esforçava por conseguir o que Manuel Duarte, que o antecedeu, não pode finalizar. Heitor Mendes garantia que alguns Inquisidores já estavam do seu lado, como o Moura e o Pedralvares. As negociações para o perdão levavam todo o ouro e a prata de que os cristãos novos podiam dispor. Contra a pretensão do perdão, em troca de dinheiro, estavam os Inquisidores Bartolomeu da Fonseca e Manoel Álvares Tavares, que pediam ao Rei que “não vendesse o sangue de Cristo por ouro, nem prata”.

Pelo texto, localizam-se os Inquisidores e como cada um se posicionava perante a questão da compra de perdão pelos cristãos novos. Comporta também considerações de como tratavam os presos de uma maneira geral. Assim, Bento Teixeira nos indica que em Évora eram Inquisidores Lopo Soares e D. João de Bragança; em Lisboa, serviam Bartolomeu da Fonseca (Fonte seca), que era caracterizado como “mar calmoso, sem vento e enfadonho”; Manoel Álvares Tavares, serviu em Évora, era “diligente e usava de brevidade para libertar os presos sambenitados”. O Inquisidor Ribafria, de “têmpera velha, era mais inclinado para os despachos que o Fonseca”; Antonio Matos, Bispo Delvas, dava “mostras de brandura”; ao passo que Diogo de Souza era caracterizado por sua “nobreza” e Marcos Teixeira por “estrangeira facilidade”.

Quanto aos Notários, destacaram-se pelos textos Bartolomeu Fernandes; Simão Lopes (Fonseca), que era “curto das vistas e pequeno de corpo, não era certo da diligência e tinha cuidado no que tocava a soltura e despacho dos presos”; Jorge Martins, que trabalhava diante do Fonseca, era “gotoso e estava aposentado”.

Os Inquisidores Fonseca, Ribafria e Tavares assistiam acompanhados pelo “benigno” Bispo Donselva e Antonio Barros, “homens bem inclinados e benignos, todo descanso e refrigério em todo o Arcebispado”.

²³⁹ Nos textos em anexo se encontram o bilhete cifrado e sua tradução.

Martim Gonçalves, a mando do rei Felipe visitou os Inquisidores em Évora, Lisboa e Coimbra e verificou que, se antes prendiam muitos homens da nação, agora prendiam muito mais. Lamentavam, por fim, a saída do Cardeal do Reino.

Capítulo Quinto

Os Depoimentos sobre o Poeta

Através dos testemunhos dados aos Inquisidores podemos ter uma visão das impressões que dele tinham os habitantes de Pernambuco através de seus depoimentos no processo inquisitorial.

Parte das testemunhas o via como homem íntegro, de bons costumes, bom cristão e bom mestre. Mas, um número também significativo de testemunhas o descreve como homem “brigoso”, de má índole, de idéias heréticas, presunçoso e orgulhoso de sua condição de cristão novo. Dessa maneira, podemos ter em mente que tipo de pessoa foi Bento Teixeira.

Inegável era seu preparo intelectual, que foi lembrado por todos os declarantes. Por isso mesmo, daí advinham as características de inconformismo, revolta com a situação financeira e perseguição tanto ideológica quanto religiosa. Esse inconformismo se revelava na disposição de brigar, reivindicar, xingar. Por outro lado, era homem de posturas humanitárias. Ajudava os necessitados, auxiliava nos enterros, defendia atitudes éticas nos relacionamentos social e conjugal, era amigo dedicado e fiel. Em todos os aspectos era apaixonado, passional, na verdade.

Os inquisidores passaram a levantar partindo das denúncias apresentadas, e das contraditas²⁴⁰ dadas pelo réu, os testemunhos que pudessem ratificá-las. O próprio réu na sessão de contraditas enumerava pessoas que pudessem testemunhar a seu favor, pedindo, por outro lado, que desconsiderassem as falas daqueles que lhe tinham “ódio capital”. Nas denúncias sempre era questionado pelos inquisidores quem, junto ao declarante estava, ouvira ou tivera notícia do relatado para servir também de testemunha. Dessa maneira era estruturado o processo de forma a levantar a maior quantidade de “provas” contra o réu.

²⁴⁰ Relação de pessoas que o réu acreditava terem sido seus denunciantes. Foi comum a expressão “aqueles que me têm ódio mortal”.

É inegável o esforço que dispensavam na busca desses testemunhos, que tinham por objetivo mais enredar o prisioneiro numa trama de difícil solução, do que buscar a verdadeira justiça.

A origem e profissões das testemunhas são das mais variadas. Passamos de homens da governança, ricos fazendeiros, mercadores, estudantes, padres jesuítas e de outras ordens a comediantes, lavradores, e pedreiros.

As considerações variaram. Assim, na ótica e palavras de alguns de seus contemporâneos Bento Teixeira foi um *grande cão, depravado, mau cristão, de má língua, desbocado, de ruim presunção contra a fé, mau ensinado, revoltoso, brigoso, de língua solta, cornudo e por isso tudo representava um mau exemplo*²⁴¹.

Por outro lado, apesar de “brigoso” e revoltado, era também de fácil reconciliação, o que nos demonstra que seu tipo característico era o de não guardar ressentimentos ou postergar soluções a problemas financeiros, mas de manter claras suas opiniões e posições tanto pessoais quanto profissionais. Após as discussões em que geralmente suas opiniões divergiam da maioria de seus interlocutores, retornava às falas e à amizade.

O fato das constantes traições da esposa o fez ser visto como talvez o mais célebre “cornudo” de Pernambuco da época. Isso, no entanto, não o fez desanimar de reconquistá-la e fazê-la voltar ao que era na ocasião do casamento. Suas incansáveis mudanças de morada foram tentativas frustradas de alcançar a paz e felicidade conjugal.

Outro fato que merece atenção é o de que apesar de sua fama de má língua, poucos na verdade haviam presenciado suas juras pelas partes mais vergonhosas da virgem ou descrever o ato sexual de forma injuriosa aos bispos e ao papa. A maioria relata ter ouvido dizer, ter sabido por intermédio de terceiros. Sua fama era na verdade maior que seus atos e falas.

Alguns testemunhos deixaram clara a postura que Bento Teixeira tinha diante de sua origem cristã nova. Esse posicionamento, no entanto, variou grandemente. Muitos testemunharam que ele era temente a Deus, evitando o contato e conversação com outros cristãos novos, fato que a princípio ele também defendeu em seus textos.

²⁴¹ Ver apêndice dois no final do trabalho especificando os testemunhos

Fernão Vaz, cristão velho, cavaleiro fidalgo da Casa do Reino disse que conhecera Bento Teixeira há um ou dois anos e que sempre o viu tratar e comunicar com homens cristãos velhos e que um dia em casa de Antonio da Rocha, vindo-se a falar dos cristãos novos, disse Bento Teixeira *“muito males deles, dizendo que eram muito ingratos aos grandes benefícios e mercês que Nosso Senhor lhes fizera até os meter na terra da promessa e, assim disse contra a gente da nação muitos males”*. Disse que por ser também da nação, isso lhe pesava muito.

Antonio do Couto, cristão velho, escrivão dos defuntos relata que viu o réu algumas vezes falar com cristãos novos e que muitas vezes o viu praguejar e dizer mal da gente cristã nova, *“que era má gente e que não podiam conversar porque eram mentirosos. Disse também que por não falar com eles, estes o queriam mal”*.²⁴²

Pero Garro, cristão velho afirma ter ouvido Bento Teixeira dizer mal dos cristãos novos e zombava-os, como a seus parentes e, que por isso não se davam bem com ele.

Pero Lopes, cristão velho, lavrador, disse que o réu dava mostras de bom cristão e algumas vezes testemunhou palavras deste que desejava *“ter muitas letras para lutar contra hereges e judeus e mostrar-lhes que eles estavam errados”*.

Francisco de Ataíde, mercador que tratava no Brasil e em Pernambuco afirma que apenas vira o réu ensinando meninos e conversando com os padres.

Outras testemunhas, por sua vez, lembravam que ele se vangloriava de ser cristão novo: Antonio de Madureira, cristão velho, que lhe ouvira o juramento pela partes vergonhosas da virgem, também presenciara Bento Teixeira num dia, cuspir contra Aires Serrão e dizer: *“que venha cá esse judeu de bosta que ele como os outros nos desonram, que eu e os outros da minha laia somos judeus honrados”*. Dessa maneira vangloriava-se de ser cristão novo.

²⁴² Processo 5206.

João Pinto disse ter ouvido de Bento Teixeira que a melhor parte que tinha era de cristã nova e também de jurar pelas partes da virgem. Constatava, além disso, que quando era repreendido, respondia com palavras de desprezo.

Quanto a essas denúncias, podemos discutir:

Se era judaizante, porque não vangloriar-se de ser judeu? Para a historiadora Anita Novinsky, o elemento cristão novo encontrava-se num “mundo ao qual não pertencia”, posto que não aceitava o catolicismo ao mesmo tempo em que não se integrava mais ao judaísmo, do qual estava afastado há tanto tempo. O próprio Bento Teixeira afirmou em sua confissão que já era impossível manter o judaísmo, visto que sem os livros e constantemente vigiados, apenas conseguiam manter algumas orações e costumes que os pais ainda passavam aos filhos. O cristão novo punha em dúvida os valores da sociedade, os dogmas da religião católica e a moral por ela imposta. Internamente, era um homem dividido, que para se equilibrar, se apoiava no mito de honra que herdou da sociedade ibérica.

Com frequência repetia que *“não trocaria todas as honras do mundo para deixar de ser cristão novo.”*²⁴³ Essa duplicidade, inconformismo e a incapacidade de integração dos cristãos novos à sociedade, impossibilitada ao menos em teoria, pelos Estatutos de Pureza de Sangue, são características evidentes em Bento Teixeira.

Mas, muitos foram os testemunhos por sua vez reforçavam a defesa que Bento Teixeira fez de próprio punho. Boa parte das testemunhas o considerava “bom mestre e cristão”. Outros atestavam desconhecer algo que o desabonasse em sua conduta. Essas inquirições iniciaram-se em setembro de 1595 no Brasil, mas se estenderam a Lisboa até o ano de 1597.

A primeira lembrança de todas essas testemunhas foi a da permanência de Bento Teixeira junto aos padres da Companhia de Jesus, com os quais, já sabemos que estudou, profissionalizando-se. Essas lembranças remontaram à chegada dos pais à Bahia com o filho ainda muito jovem e, se estenderam à sua dedicação aos alunos, como mestre de moços. Outra lembrança recorrente foi incompatibilidade que mantinha com Frei Damião, que era bem conhecida dentre todos:

²⁴³ Novinsky, Anita. Cristãos Novos na Bahia pg 162.

Manoel Cardoso, cristão novo disse saber que muitas vezes ouvira dizer ao dito Bento Teixeira que tivera palavras com Frei Damião sobre não querer lhe fazer uma farsa, em que dizia que *“o padre lhe tratara mau de palavras, chamando-lhe de judeu e, que o Padre haveria de queimar todos os judeus por lhes querer mal”*. Acrescentou que o réu era pacífico e não sabia ter mais inimizade com outro que não Frei Damião.

Reiterados são os testemunhos de seu bom desempenho como mestre de moços:

Pero da Costa²⁴⁴, cristão velho, disse que o réu tinha tido *“escola de moços e que era tido por bom mestre e cristão e que nunca ouviu dele cousa contra a fé, apesar de saber do juramento que ele fizera em ruim maneira”*.

Baltazar Leitão, cristão velho da governança afirmou que o réu mantinha escola de moços na Rua Nova por um ou dois anos e que *“fazia bem o ofício de bom mestre e cristão”*.

Antonio Motoio, cristão velho apenas sabia da escola de Bento Teixeira de ensinar doutrina e bons costumes.

Brás Afonso, cristão velho afirmou que o réu *“ensinava boa doutrina e exemplo, indo à missa e aos ofícios divinos e aos enterramentos, como outras coisas de bom cristão”*.

Antonio Casado disse que conhecera o réu na freguesia de Santo Antonio tendo escola de ensinar moços e reiterou as palavras de Brás Afonso

João Pais, cristão velho, dos principais da terra disse que *“há dois ou três anos Bento Teixeira foi morar no Cabo, nas terras dele, onde fez escola de moços e que o viu e a seus discípulos na Igreja a ajudar”*.

Ambrósio Fernandes Brandão, cristão novo e Simão Fernandes não ouviram nem vieram, a saber, *“cousa que Bento Teixeira fizesse contra a santa fé”*.

Diogo Correa, mercador, que vendia em Pernambuco disse conhecer Bento Teixeira de *“beber com ele há dez ou doze anos e que ensinava meninos e lhes dava a doutrina cristã, além de conversar com pessoas religiosas, padres da Companhia e de São Bento”*. Reitera que ele confessava e comungava e que nunca lhe viu guardar os sábados, mas trabalhou neles.

²⁴⁴ Testemunho a20 de setembro de 1595.

Vários foram os religiosos chamados pela Inquisição a falar do réu. Em seus textos de defesa, Bento Teixeira não se cansava de citá-los como testemunhas de seu caráter e comportamento religioso. Os testemunhos destes fizeram jus às expectativas do então réu.

Nas primeiras inquirições feitas em Pernambuco, logo após a prisão de Bento Teixeira ainda no ano de 1595, tivemos os testemunhos de:

Reverendo Padre Manuel do Couto, pregador e confessor no Colégio da Companhia de Jesus, sacerdote, que afirmou que o *“réu estudou com os padres e que foi seu condiscípulo na Bahia, ano e meio no latim e alguns dois anos nas Artes, e que nesse tempo só viu que ele era bom estudante e procedia como bom cristão”*. Confirma que ele foi favorecido pelo Bispo Dom Antonio Barreiros e que foi estimado, procedendo na *“forma dos bons estudantes, e que dele nada sabia que o desabonasse”*. Entendia que não queria bem aos cristãos novos;

Padre Calixto da Mota, sacerdote e confessor da Companhia de Jesus informou que Bento Teixeira foi seu condiscípulo no latim e nas artes algum ano e meio, e que nesse tempo viu que ele *“procedeu bem, sendo favorecido dos principais, por ser de bom engenho, tratava com gente nobre e com os principais da terra”*;

O licenciado Diogo de Couto, vigário da Matriz, disse que há muitos anos na Bahia, *“Bento Teixeira andou nas escolas dos padres, mas que não foi seu condiscípulo, porquanto já cursava teologia, mas que nunca lhe sentiu coisa por onde desmerecesse e que nunca lhe viu fazer ou ouviu dizer dele coisa que o conceituasse como mau cristão, e que sabia que no dito tempo, ele era bom estudante e que fez sonetos e trovas, além de ter sido favorecido por muitos da terra”*. Enquanto estudou com os padres cumpria com as obrigações dos estudantes, de se confessarem e comungarem nos tempos acostumados.

Paulo Serrão, cristão velho, mestre da capela na Matriz da vila disse que na Bahia havia sido condiscípulo de Bento Teixeira, nas escolas dos padres, onde ambos estudavam artes. Nesse tempo o réu trovava e fazia sonetos que eram de *“bons ditos”*. Sabia que de parentes, Bento Teixeira tinha na Bahia Henrique Roiz Barcelos e Miguel Fernandes. Não sabia precisar o parentesco entre eles, como também desconhecia se o réu se comunicava com os demais homens da nação. Mas informou, o que posteriormente Bento Teixeira

esclareceu em seus textos, que um desses homens dera-lhe com uma garrafa de sujidade. Acrescenta que seu mestre Manoel de Barros, padre da Companhia que já era falecido, dizia publicamente nas aulas que Bento Teixeira *não fosse com os estudos e letras por diante, para que não lhe acontecesse nenhum mal, posto que tinha muitas opiniões e dúvidas em suas argumentações e, lhe dizia mais o mestre, que se ele fosse letrado corria risco de dar em herege.*

Já Frei Francisco, irmão donato da Igreja de São Bento, cristão velho disse que quando o réu estava acoitado em seu mosteiro dissera palavras em ausência do Frei Damião, mas ele acreditava que os dois fossem amigos e que pois falava apenas a verdade.

Padre Gonçalo de Oliveira, cristão velho vigário da Igreja de Santo Antonio do Cabo disse que conhecera Bento Teixeira da Bahia e do Rio de Janeiro, sendo ele seu freguês no Cabo de Santo Agostinho, e que nas ditas partes o viu proceder como bom cristão, além de tê-lo visto “praguejar e dizer mal dos cristãos novos que são falsos e enganadores e que estes o queriam mal por ele não se dar com eles e contra eles praguejar”.

Já em Lisboa, no ano de 1597, ou seja, dois anos após a prisão de Bento Teixeira, o Padre Frei Belchior, guardião do Mosteiro de Santa Catherina, da Ordem de São Francisco disse que conhecia Bento Teixeira de ter notícia dele em Pernambuco, quando lá esteve e que somente *ouviu dizer* que jurara pelas partes vergonhosas da virgem, mas que não está lembrado de nada em particular. De seus parentes citou um João Teixeira, que vindo do Brasil o acolheu.

Frei Bernardo (o mesmo que Bento Teixeira em seu texto disse ser seu pai espiritual). Pregador da Ordem de São Francisco, disse que enquanto conheceu o réu, o teve por bom cristão, que “fazia trovas ao Divino e que lhe ouvira um soneto. Algumas vezes ouviu-lhe falar mal dos cristãos novos, conversando pouco com eles”.

Bento Teixeira tentando acertar as denúncias que o haviam levado ao cárcere apontou prováveis denunciadores. Dessas suas investidas também podemos inferir suas intrincadas e passionais relações sociais e profissionais. Ele lembrou de Gonçalo Veloso de Barros, que por umas diferenças que tivera com o irmão de Bento Teixeira, Fernão Roiz de Pais, por um pouco de açúcar,

que o dito Gonçalo não consentia que se metesse num barco, os mandou espancar.

Tristão Ribeiro que por um seu cunhado lhe jogou um púcaro de sujidade.

Maria Lopes, por ter tido palavras com ela sobre vinte mil réis que esta lhe devia. Por essa mesma razão lhe deveriam querer mal Lianor da Rosa, irmã de Maria Lopes e seu cunhado João Vaz, além de Maria de Peralta, neta de Maria Lopes, que tirara o filho da escola de Bento Teixeira.

Cosmo Neto, seu antigo aluno, por ter abandonado a escola pelo fato de não aceitar suas repreensões.

O clérigo Simão de Proença, (o mesmo a quem Bento Teixeira afirmou ter mandado correspondência do cárcere), por ter tido com ele palavras afrontosas, chamando Bento Teixeira de judeu e que o faria queimar.

Estevão Ribeiro por terem tido más palavras no jogo e que o fez desacreditado perante Gomes Lopes e Rodrigo Correa. Eram mercadores que Bento Teixeira afirmou serem judeus e que os faria queimar pelo Santo Ofício. Pelo ocorrido e por certa quantia que lhe deviam, os “ditos o prenderam e a partir de então não mais se falaram”.

Francisco de Sousa de Almeida, Paulo de Valcacena, um certo Menezes, Diogo de Barbuda e Padre Duarte Pereira também poderiam tê-lo denunciado por terem sido amantes de Felipa Raposo, bem como esta, que em vida já o ameaçava. Anna Lins por ter dito a ela que podia se recrear com um servidor seu, ao passo que Maria Maciel fora alcoviteira de Felipa Raposo.

Cosmo Borges que era seu devedor, assim como Jorge Thomás que lhe ficara devendo certa quantia de pau-brasil, mas que antes disso eram amigos. João Lins, porque emprestara ao réu um crédito de certo dinheiro e, este ao não pagar no tempo estipulado, teve com ele palavras.

Maria Menezes por ter sido repreendida por Bento Teixeira pelo fato de adulterar.

Brás da Mata porque os dois brigaram fisicamente e Brás requereu a prisão de Bento Teixeira.

Frei Damião por todas as discussões havidas entre os dois e, pelo provável ressentimento que tinha com relação a Bento Teixeira, por este possuir maior conhecimento e maior compreensão das Escrituras. Chegou a

afirmar numa briga que havia de queimar Bento Teixeira, por ter a faca e o queijo na mão, sendo amigo de Heitor Furtado de Mendonça.

Cristóvão Dalpoem também foi considerado provável denunciante, por ser parente de Frei Damião e por ter sido testemunha de algumas discussões que o réu e o Frei mantiveram.

Bento Teixeira ainda enumera os nomes de Pero Lopes por tê-lo chamado de judeu e o agredido fisicamente, Antonio Carvalho, por ter tratado mal a um criado deste, Jerônimo Pardo, cujo pai à beira da morte, ouvira de Bento Teixeira que “fizera bem em não deixar herança a Jerônimo Pardo, porque este era mau filho e matara a mãe”.

Das prováveis denúncias apontadas por Bento Teixeira foram concretizadas aquelas feitas por Frei Damião, Anna Lins, Tristão Barbosa e Brás da Mata.

Capítulo Sexto

O “Ladrão de Casas”

Sua Visão de Mundo

O Arrependimento

Com exceção do primeiro texto escrito ainda em Pernambuco, os redigidos na prisão de Lisboa deixam clara a intenção de salvar-se. Bento Teixeira apresenta-se como um homem arrependido da religião que adotou por orientação da mãe, das companhias cristãs novas com quem tratou²²⁸, das blasfêmias proferidas contra a Igreja Católica, seus dogmas e seus representantes.

Em confissão do ano de 1597, afirmou que estava arrependido dos erros passados, pedia perdão e misericórdia acenando com a intenção de confessar suas culpas. O notário escreveu que ao proferir tais palavras Bento Teixeira tinha lágrimas nos olhos e sinais de arrependimento.

Em seu texto esclareceu que tinha tal intenção há doze anos, ou seja, aproximadamente em 1585, não estando mais crente na lei de Moisés, pois que enfim “cintilavam-lhe umas faíscas de arrependimento”. As culpas o haviam posto num estado miserável, tanto a ele quanto a Diogo D’Orta, companheiro de cela, a quem orientava a “botar em si o esterco do arrependimento de quem era, (pois era terra arisca), e daria melhor fruto do que tinha dado até então. Deus havia-lhe chegado a tempo de lhe conhecer, e ia à mesa confessar como cristão, ao passo que os que assim não agiam ficavam como judeus”.

²²⁸ Tratos eram as conversas e discussões que os habitantes da colônia mantinham entre si.

A Confissão.

Bento Teixeira teceu considerações sobre diversos temas. Essas serão destacadas pela escrita do poeta.

As confissões que Bento Teixeira fazia tinham dois objetivos: o primeiro era o de continuar a viver; o segundo, fazer uma nova vida, reformando as quebras do passado²²⁹. Salientou que a importância da confissão era descarregar a consciência, “que ficava mais leve, mas que só viria depois de se fazer uma resenha desta”. Era boa para fazer a satisfação dos erros cometidos e viria com a quietude. Para os que estivessem fora da prisão, a confissão representava um dos maiores temores, pois acuados os presos acabavam dando nomes de pessoas que, envolvidas com os réus, estariam logo nas garras da Inquisição da mesma forma.

Bento Teixeira foi uma esperança de que tal não acontecesse, posto que na colônia acreditavam que ele seria capaz de guardar os nomes de seus companheiros judaizantes²³⁰.

Por fim, a confissão era necessária para que não houvesse a perda total das fazendas.

Numa postura de arrependimento afirmou que através da confissão se conseguiria também a salvação da alma, leit motiv dos Inquisidores.

Bento Teixeira afirmou que neste processo de conscientização que o levou ao arrependimento, às confissões e ao retorno ao catolicismo, a Mesa inquisitorial, os Inquisidores a quem se apresentava, e o Alcaide da prisão, Gaspar de Molina, foram peças fundamentais. A sua “confissão se originara na santa Mesa do Conselho a quem agradecia, bem como aos Inquisidores que o receberam e trataram com entranhas paternais e brandura”. A confissão, no

²²⁹ “Todas as causas devem naturalmente se conservar em sua espécie e o homem muito mais que todas donde vem a dizer os divinos escritos, e com receio que me acontecesse algo por onde perder a vida como fraco e mortal e desejoso enfim de a conservar para reformar as quebras do passado, e fazer outra nova deixava de acabar minha confissão perfeitamente pelas razões e causas que neste papel apontarei.”

²³⁰ “Não temais porque Bento Teixeira sabe mais do que cuidais, ele fará sua confissão de maneira que não culpe ninguém, porque muitos mortos há com quem pode falar”. Teriam sido palavras de Diogo D’Orta a Bento Teixeira na prisão sobre a confiança que tinham os colonos em sua integridade em não revelar nomes.

“E desde então até agora ando fazendo minha confissão, e vendo o Diogo Dorta que eu ia muitas vezes à Mesa, me disse, que pedia por amor de Nosso Senhor, que não quisesse trazer cá inocentes (que assim chamando eles a todos os que são presos, pelo Santo Ofício porque tem para si que não é culpa crerem na lei de Moisés, e reprovarem a de Cristo Nosso Senhor), as quais palavras (como eu fui ladrão de casa, e sei por onde os hei de levar), respondi: não tendes medo, que cá venha nenhum inocente por minha causa, e assim o prometo a Deus, e falei verdade como cristão, porque nenhum que estiver inocente das culpas de que me eu acuso, há de vir cá por minha causa, e aqueles a quem eles chamam inocentes, e são inocentes, e culpados no crime que eu era hão de perdoar, que todos hão de vir cá, aqueles digo que se declararam comigo”.

entanto, representou algo ainda maior, pois em seu texto o poeta afirmou que através dela transformara-se em um outro homem, livre do aleijão do judaísmo e pronto a abraçar a primeira religião, o Catolicismo.

Ele a fazia por dois respeitos: um era a honra do Nosso Senhor Jesus Cristo e de sua santa Fé Católica; o outro respeito que apontou foi o fato de que Jesus nunca o tinha abandonado, mas o acompanhava com seus divinos olhos de misericórdia²³¹. Seu retorno ao Catolicismo foi o retorno à razão, assim como o rio que retorna ao mar²³², e à imitação do rio, da figura circular e do ano, que acabam onde começam, ele também escreveu que quis acabar onde começou: no seio da Igreja Católica. Abandonou o povo antigo e se esqueceu da casa de seu pai, fugiu à observância da Lei Velha, a quem serviu²³³, enterrou os ídolos e retornou à verdadeira casa.

As confissões da Casa *“queriam mais de verdade, que de estudo, porque as injúrias que um homem faz a outro não se esquece, quanto mais as que se faz a Deus. Elas tirariam do cego enleio em que estavam todos os presos negativos”*.

O Alcaide Gaspar de Molina, por sua vez, com severidade e ao mesmo tempo com brandura, orientava a ele e a outros presos que ao se confessarem, *“lavavam de si a lepra do judaísmo, ao passo que a recusa em confessar os manteria em miserável estado”*²³⁴. Evidentemente, tal afirmação se insere no jogo que Bento Teixeira habilmente estruturou, estabelecendo relações entre a sua confissão e o papel que os Inquisidores tiveram nessa sua decisão, ressaltando que exigiam nela apenas a verdade. O entendimento teria se

²³¹ “E o outro, porque V.v.S.s. entendam que, quando o bom Jesus foi servido olhar-me com seus divinos olhos de misericórdia, não foi para os tirar logo de mim, nem para eu fazer de presente minha confissão ordinária, senão verdadeira e inteira”.

²³² “Diz o sábio rei da Palestina que todos os rios nascem do mar e a ele tornam; e pois, o princípio de minha confissão se originou desta santa Mesa do Conselho (centro de onde saem as direitas linhas da verdade para a circunferência da Cristandade). Parece conveniente à razão que, como o rio, torne a acabar nela, como em mar, donde posso dizer que nasci de novo e onde recebi da misericordiosa mão de Nosso Senhor Jesus Cristo tão afluentes bens, como foram deixar o Adão velho do Judaísmo pelo homem novo (que é o mesmo Cristo Jesus), as trevas palpáveis do Egito pelo sol da justiça, as cebolas e aos alhos de Memphis pelo maná celestial, a figura pelo figurado, a aparência pela existência, a matéria pela forma, a mentira já agora pela verdade permanente, a lei carregada e de tantas cerimônias pela evangélica e de jugo suave eleve de Cristo Redentor nosso”.

²³³ “Assim eu, depois de deixar o povo antigo e de me esquecer da casa de meu pai, e fugir da observância da lei Velha, a quem servi não catorze anos como Jacó, mas vinte e quatro, não pela formosa Raquel (que a lei e graça dá, que é a glória), mas pela remelosa Lia (que é a terra da promessa que os judeus enganados com temporalidade falsa e vãmente esperam), enterrarei aos pés de V.v.S.s. (que como árvores plantadas no jardim da Igreja Católica florescem no fruto de boas obras em flores de maravilhosas virtudes e doutrina exemplar) todos os mais ídolos que me ficaram de Labão, porque, se for caso, quem venha após de mim, e alguma lembrança do passado (como Labão veio atrás de Jacó) não ache dentro de mim cousa que conheça por sua”.

²³⁴ “Eu, se vou tantas vezes à Mesa, vou a fazer bens como cristão, e como tal me confesso de minhas culpas, e não a fazer males, e vós (Gaspar Lopes) fostes como judeu à Mesa dizer o rebotinho de vossas culpas, e se como judeu

iluminado para que a confissão finalmente fosse feita e que a partir de então, ele se tornasse um novo homem:

*De princípio fui à Mesa do Conselho diante dos senhores inquisidor mor o Bispo Delvas, e Diogo de Sousa, Bispo de Miranda, os quais todos em geral me receberam com entranhas paternas, e foram três anos por onde Nosso Senhor Jesus Cristo me acabou de abrir me olhos e comunicar a água perenal de sua divina misericórdia, afirmo-lhe Senhor meu que **ando tão outro do que o ia que me desconheço, já tenho a prisão por recreação, a solidão por companhia, a tristeza por prazer**, e finalmente já não choro nem quando tangem a campainha me treme o coração, mas antes alvoroçado estou esperando que me venham chamar para acabar minha confissão, e aqui verá o bem que traz a consciência que está descarregada, porque é como não que assim, como lhe não tirando a carga, assim fica mais leve, e mais senhora do mar, assim a consciência depois de leve fica senhora do mar dos trabalhos, e tribulações, e mais capaz de correr solta por eles.*

Os outros presos não se conformavam com a constância das confissões de Bento Teixeira e indagavam dele insistentemente por que ia tantas vezes à Mesa, ao que ele respondeu que o fazia “*para dizer suas culpas e agir como bom cristão*”, e então, conclui “*que ali se veria o bem que traz a consciência que se encontrava descarregada e leve*”.²³⁵ Os outros presos, por sua vez, acreditavam que “*nada levaria a um bom sucesso*”²³⁶, pois para conseguir que confessassem, os Inquisidores “usavam de todas as artimanhas, e quando conseguiam seu intento, afirmavam que os confessos continuavam a não passar de judeus”²³⁷.

fostes à Mesa, como judeu vos desdissestes, e judeu estais em vosso propósito, e judeu haveis de ser todos os dias de vossa vida”.

²³⁵ Processo Inquisitorial.

²³⁶ “O menos que nos dão são dois anos de sambenito, e ora andai pela cidade pedindo o que haveis de comer com aquele honroso brasão às costas que tanto nos vem, nos virá às costas, e fazem que nos não conhecem, ora depois de tudo ... que nos fazem os inquisidores depois do tempo acabado para nos tomarem a penitência, é outra nova prisão de cárcere, e não é muito que no cárcere foram partes, e juizes, e então são partes, juizes, e verdugos”.

²³⁷ “O confessado ganha o que nós diremos: Enquanto vai confessando fazem-lhe muitos mimos, careando com palavras brandas, e depois que o estancam do feito, e por fazer dão-lhe com o pé, e por prêmio da verdade que falou armam no de ponta em branco cavaleiro de Santo André com uma penada de tinta amarela que diz saibam quantos este instrumento: fazei de conta que se hão com ele como o lavrador com o cortiço, que enquanto tem mel, ou o espera dele faz-lhe todos os benefícios do mundo, mas depois que lho tira dá-lhe de pé. E por derradeiro dizem a alguns depois de feita a confissão ao ratificar, Calai-vos que por derradeiro confessados, e(m) negativos todos sois judeus”.

Bento Teixeira se propunha por seu lado, a corresponder com o que devia, ou seja, a confissão, posto que *para chegar a por a raiva onde o amor, zelo, caridade deles (que era apostólica) a punha, era necessário ser outra Águia caudal de Ezequiel, que subiu ao Monte Líbano e tirou a medula do cedro.*

A Consciência.

A consciência foi um tema recorrente de Bento Teixeira tanto nas confissões que fez como nos textos que redigiu, exatamente para descarrego dela. Parece ter sido a pedra angular de todo o seu raciocínio. Dessa forma, todas as vezes que ele se referiu às atitudes de companheiros e amigos da colônia que reprovava, ele se valia do peso que a consciência passava a ter. Na prisão, aliou a confissão à consciência, uma vez que a primeira só se validaria depois que a consciência tivesse passado por exame profundo e resultasse no arrependimento e na decisão de uma nova atitude perante a vida, os valores e a religião. Assim, ela ficaria “mais leve e mais senhora do mar dos trabalhos e tribulações, e mais capaz de correr solta por eles”. Com uma lógica contraditória, que era reflexo de seu tempo, Bento Teixeira associou a consciência à religião, uma vez que esta “não remorde, nem inquieta, senão quando cometemos algum crime contra a Lei Divina”, mas também a associou à razão, pois essa mesma consciência remorderia quando se cometesse algum crime contra a Razão ou a Lei Natural.

Saber que tinha errado e ter consciência do erro compungia-o, martirizava²³⁸ e remordia. Foi por este sentimento que chegou à confissão. Mas certamente essa consciência continuava a remordê-lo, pois essa mesma confissão, tão ampla e com tantos nomes, não pode tê-lo deixado sem remordimento da consciência.

Por fim, a confissão representaria o retorno ao catolicismo, objetivo dos processos inquisitoriais, e a aceitação da Lei de Cristo em detrimento daquela

²³⁸ “A consciência compunge-me e martiriza, logo algum crime tenho eu cometido, este é o ser judeu pertinaz, contra a lei de Cristo, logo o ser judeu é mau, e a lei de Cristo é boa, pois a consciência me remorde porque a não sigo, antes faço contra ela”.

que seguiram e o nortearam toda a sua vida. E concluiu: *inda que não houvera outra razão mais obrigatória, nem argumento mais eficaz para provar que a Lei de Cristo é a boa e verdadeira; e que nela só há salvação das almas que o tormento e o martírio perpétuo que a consciência de um judeu negativo, isto só bastava para o converter e reduzir ao prêmio da Igreja, e em fazer outro que não é.* Passaria a partir de então a abominar e detestar toda qualquer outra lei, cerimônia, seita e parecer, e opinião, crença, observância que não fosse no nível da santíssima fé, e do que cria, ensinava, mandava a Santa Madre Igreja Romana, e até por dar a vida quando fosse necessário.

Deus, Cristo, as Culpas, o Pecado, o Perdão.

Para a confissão verdadeira havia mister em reconhecer as culpas e os pecados para buscar o perdão, aceitando as penitências devidas. Os Inquisidores serviram de intermediários entre Deus e os pecadores, mostrando-lhes o caminho para a efetiva confissão que significaria, por sua vez, no efetivo retorno ao seio da Igreja, tanto almejado em discursos, por seus integrantes e pela Inquisição. Bento Teixeira destacou alguns posicionamentos, que seguiam, na verdade, as diretrizes que todos os cristãos novos tinham conhecimento, mesmo antes da prisão. Assim, chegar à confissão, entregando nomes de pessoas com as quais haviam convivido e tratado era a única forma de escapar às maiores torturas, ou interrompê-las, evitando a morte.

Bento Teixeira em seu primeiro texto redigido ainda em Pernambuco, negou todas as possibilidades de algum envolvimento com cristãos novos e o Judaísmo. Em seu segundo texto, redigido nos Estaus ele ainda manteve essa postura, mas com menos rigor, salientando sua condição de pecador²³⁹, confiando em Deus e no Tribunal para sua salvação. Considerava que por maiores que tivessem sido os delitos, ainda assim a possibilidade de perdão

²³⁹ “Vendo o pai das misericórdias e Deus de toda consolação ante cujos olhos (como o Psalmista) todas as cousas são nuas e descobertas que Adão se soltara do preceito que lhe dera e que o pecado o tinha preso e sua culpa não tinha desculpa para o forrar da pena em castigo que merecia, por não fechar as portas de sua costumada brandura, e misericórdia quis ver a razão que dava. Eu ainda que como humano, e pecador tivesse cometido gravíssimas culpas, pelas quais sem ser ouvido merecera rigorosamente punido sei contudo que infalivelmente neste tribunal supremo do Santo Ofício se me não negara a devida audiência; para em tudo se conformar com Deus que mui particularmente preside a ele”.

estaria expressa na própria existência do Santo Ofício²⁴⁰. Ele associou o pecado à condição humana, e o perdão aos Inquisidores, que representavam a misericórdia. As penas, principalmente a obrigatoriedade do uso do sambenito, tão odiado por todos os réus, era a princípio aceito por ele, que aguardava a penitência acertada²⁴¹ estipulada pelos Inquisidores.

Bento Teixeira confessou que negou a divindade de Jesus por muitos anos, mas que depois de três anos na prisão escreveu que o tinha por Messias verdadeiro, e que acreditou que mesmo no tempo em que se encontrava negativo, ele nunca o teria desamparado de todo²⁴². Se a princípio, Bento Teixeira aceitou que “não era pecado apregoar as maravilhas e grandezas que Deus tinha obrado ao povo judeu”, aos poucos foi reelaborando suas frases, e estabeleceu novos pareceres para tudo o que havia negado até então. Passou a temer aquele de quem esteve apartado tantos anos, mas não consentia mais em que tivesse a partir de então, “nada encoberto perante ele, mesmo que por pouco tempo”.

O Criador que salvou o mundo era “pai das misericórdias, ante cujos olhos todas as coisas são nuas e descobertas”. Com seu “sangue imaculado remiu a todos e por todos ganhou de condigno a glória”, bastando então que a partir daí cada um fizesse de sua parte o que devia. Cristo passou a ser qualificado de verbo eterno, resplendor da glória e morgado do céu, príncipe das Hierarquias, único filho de Deus vivo, suma verdade. Foi através dele, que é toda suavidade e brandura, que Bento Teixeira teve o caminho alumiado, os olhos abertos e comunicada a água perenal de sua divina misericórdia. A partir de então passou a pedir Mesa, para poder se confessar²⁴³, pedindo que tirasse os seus companheiros do *cego enleio em que estavam*, para poderem seguir o seu exemplo, e perante a suma verdade, que era Jesus, em nada discrepar.

²⁴⁰ “Aquela Mesa é de misericórdia, porque diz São Paulo que onde abundou o delito, sobreabundou, e transverteu graça em misericórdia”.

²⁴¹ : “E a mim não se dá nada de sair com penitência que me derem os inquisidores, porque é muito isto, e castigo dado pela mão divina que quem tanto se prezou de ser do rebanho de Jacó 24 anos”.

²⁴² “O Antonio Roiz me disse algumas vezes: Senhor, eu fi-lo, por isso confessei, se não fizera, não confessava, chorando algumas vezes, e dando mostras de arrependimento, eu o consolava, que posto que naquele tempo, era negativo, nunca o bom Jesus me desamparou de todo”.

²⁴³ “Meu Senhor Jesus Cristo se... de me alumiar o entendimento de maneira que pedi Mesa, e desde então até agora ando fazendo minha confissão”.

Suas posições também diferiram muito no que dizia respeito à Inquisição e aos Inquisidores. No princípio, deixou para Leonor Rodrigues, sua mãe já falecida, o papel de criticar o Santo Ofício através do tio rabino que, em Portugal, ensinara o Judaísmo a ela e às primas²⁴⁴. Vendo-se sem outra opção que mudar os posicionamentos que assumira até então, Bento Teixeira reviu o que escrevera e tratou a todos os seus algozes com mais condescendência. A estruturação de seus escritos trazia primeiramente suas considerações, sempre favoráveis ao Santo Ofício e seus representantes, para num segundo momento delatar as opiniões dos outros presos, que ao se abrirem com ele, demonstravam as colocações contrárias ao odioso Tribunal. Provavelmente concordava intimamente com elas, revoltando-se da mesma forma que os outros presos contra as violências praticadas.

A Heitor Furtado de Mendonça escreveu, ainda em Pernambuco, que tinha a obrigação de “ir reto, e como pai de benigno peito e amorosas entranhas, lhe pedia que mandasse perguntar às pessoas que nomeava pelos artigos de defesa” que redigira.

Como o arrependimento e as confissões estavam atrelados ao funcionamento da Casa, esta se transformou nos escritos de Bento Teixeira, em algo inimaginável, vindo de um judeu. De grande responsável pelas mazelas de um povo e a decadência financeira de um país, a Inquisição passou à “mãe redentora”, sempre pronta ao perdão e à reconciliação, não importando, nos meios de se chegar a eles, todos perfeitamente válidos dentro do processo de (re)conversão.

O Sagrado Tribunal, presidido pelo Espírito Santo, não lhe negava audiência, para em tudo se conformar com Deus, que o presidia. “Na Mesa sagrada do Conselho (que era de misericórdia), centro de onde saíam as direitas linhas da verdade para a circunferência da cristandade, se podia dar remédio mais facilmente aos inconvenientes que em qualquer outro”. Teria a porta sempre aberta a todos que não condenassem inimigos por ódio, ou

²⁴⁴ O tio lhe dissera que a Inquisição trazia grandes males a Portugal, fizera com que todos enterrassem seus livros sagrados, e os que puderam, partiram de Portugal. Processo inquisitorial.

perdoasse parente por afeição. A Inquisição justa, não prendia homens inocentes²⁴⁵.

Os Inquisidores aparecem em seus textos como homens sábios que agiam por determinação de Deus e de Jesus Cristo, e como Heitor Furtado, eram pais benignos que abriam os corações para o asilo da compaixão, incapazes de qualquer injustiça,²⁴⁶ uma vez que da parte deles nunca faltavam a fineza e quilates. Eram firmes como rochas, para quebra e prejuízo dos presos, e não grimpas²⁴⁷, que com qualquer ventozinho de novidades se descompunham. *Eram como árvores plantadas no jardim da Igreja Católica que floresciam no fruto de boas obras em flores de maravilhosas virtudes e doutrina exemplar.* O ofício apostólico era reservado aos Inquisidores.

Descrevendo suas relações com os outros presos no processo de convencimento de que tudo o que se passava na Inquisição era correto, Bento Teixeira salientou as figuras de alguns inquisidores que decidiram seu destino. O Alcaide Gaspar de Molina foi o mais citado. Ele era o responsável pelos presos, estando sempre presente. Suas atribuições era a organização da prisão (guardas, limpeza, alimentação, vigilância) e repreensão dos presos quando estes se exaltavam ou se comunicavam²⁴⁸. Pelo relato de Bento Teixeira também era de sua alçada fazer com que os presos se decidissem a confessar abreviando o inferno em que viviam. Sua descrição é a de um homem vigilantíssimo (tinha os olhos de Argos pastor), que com sua brandura e mansidão edificava os presos. Era o exemplo da perfeição apostólica dos Inquisidores através do seu bom modo de proceder. Mas, violento, impunha a ordem, e foi ele quem descobriu os buracos nas paredes por onde os presos se

²⁴⁵ Bento Teixeira respondendo ao preso, Licenciado Lopo Nunes, que se negava a confessar, disse que *não podia haver em homens (presos) consciência tão desalentada que tivesse ali alguém sem culpa*

²⁴⁶ “Abrem o coração de pai para o fortíssimo asilo da compaixão, o qual é certamente tão amplo que seja quem for, dentre vós assistentes e julgadores, que ouse falar sem pensar, a meu respeito, algo falso ou adulterado, despojar-se-á totalmente da natureza humana, antes que possa desviar-vos da costumeira clemência, para alguma desumanidade”. Processo Inquisitorial.

²⁴⁷ Aqui no sinônimo de ramos de pinheiros.

²⁴⁸ “Mas, contudo o alcaide dali por diante no dia da limpeza não quis que se abrissem mais as portas, o que foi impedimento de eu acabar de aconselhar a dita Beatriz Gomes para fazer perfeitamente sua confissão, antes a mudaram”.

comunicavam durante a noite, castigando os que encontrara conversando, fechando definitivamente as fendas e ruínas²⁴⁹.

As impressões dos outros presos sobre Gaspar de Molina também foram registradas nesses escritos. Assim, o Alcaide Velho era para os presos negativos, o “Belzebu do inferno, o qual é filho do mais reprovado homem que houve em Portugal, o qual usa inda do ofício de seu pai que é enlaçar almas; porque em entrando preso, com suas palavras brandas o faz confessar, e depois que o triste está metido na rede lhe diz: *Falai verdade*”. O Alcaide e os guardas também tinham o papel de informar aos Inquisidores tudo o que viam e ouviam dos presos, que tinham isso como certo, e lastimavam quando palavras ou expressões lhes escapavam diante deles²⁵⁰.

Para os presos, companheiros de Bento Teixeira a Inquisição representava o que de pior podia existir. Se os Inquisidores se prezavam em se dizerem cristãos, eram na verdade, saídos da escola de Satanás, piores que os hereges da Inglaterra. O que faziam na prisão, não ousava os hereges católicos na Inglaterra, porque em Portugal, eram homens cegos da razão e, sem culpa, metiam na prisão pessoas a padecerem violências e desventuras²⁵¹. Como podiam acreditar nos Inquisidores que os mantinham numa condição miserável e desumana, naquele inferno abreviado, enquanto vestiam suas melhores roupas e comiam do melhor pão²⁵²?

²⁴⁹ “Meus irmãos não quereis estar quietos, não queirais que convertam eu minha brandura em rigor”. Apesar de parecer prática corriqueira entre os presos a comunicação entre os presos parece ter sido suspensa depois que Gaspar de Molina castigou a Lopo Nunes e Adrião, alfaiate. Processo Inquisitorial.

²⁵⁰ “Saberá V.M. (teria dito Gaspar Lopes a Bento Teixeira) como tenho sete testemunhas contra mim cinco da nação, entre as quais conheço o testemunho de minha mulher, e de minha cunhada, e falam dos jejuns que dizem que eu fazia, sem comer senão à noite por guarda da lei de Moisés, e as outras falam de uma mortalha, dizendo que eu estivera numa casa aonde se amortilhara certa pessoa ao modo dos judeus, e as outras duas são cristãs velhas, e suspeito que são o alcaide, e um dos guardas aos quais eu disse, quando me deram os ditos das testemunhas, ou cuido que antes, que foi quando me deram o libelo; em que culpa tenho o que fez fulano”? Ao que Bento Teixeira teria respondido: “Pois foi parvo sua (seja) culpa?, vejo homens da nação que tirados da mercancia, são uns brutos animais. Esse testemunho do alcaide (se assim é como diz), e do guarda bastam para lhe atarem as mãos, porque contra o alcaide e guarda não acho eu contradita rigorosa, e que exima a V.M. de depor, mas contudo, não se desconsola, aguarde até ver se lhe recebem as contraditas, e quando não faça sua confissão chãmente, sem invenção”. Processo Inquisitorial.

²⁵¹ “Vós se as fizestes, bem as pode confessar, mas eu estou inocente, e tão isso quanto os mártires que hoje padecem na Inglaterra, que enfim para eu ser mártir não tive necessidade de ir à Inglaterra, porque comigo o que tem usado os inquisidores, em Inglaterra não usam os hereges com os católicos, porque homens tão cegos da razão, sem culpa nenhuma metem aqui há três anos padecendo tantas violências, e desventuras, e forçando-me o próprio alvedrio, e tirando-me as demais potências de seu curso natural, não consentindo que em uma só noite destes três anos tenho esse afligido corpo um pouco de repouso, tirando-me o vinho, e o mais necessário, e no cabo de três anos, mandarem-me lançar ferros que se pode presumir deles, senão que tendo só o nome de cristão são piores que os mesmos hereges de Inglaterra”!

²⁵² “Perguntei como se hão os homens de chegar a Deus, se eles que dizem que são seus ministros andam tão gordos,..., vestem o melhor pano, comem o melhor manjar, dormem em camas brandas o seu sono ante ambas as orelhas, e não sabem mais que usar violências e crueldades com as pobres moscas que aqui estão encerradas”. Palavras de Lopo Nunes a Bento Teixeira. Processo Inquisitorial.

Os Inquisidores faziam com que os réus confessassem mais do que eram denunciados, para que pudessem de posse dos nomes de parentes e amigos, aumentarem o número de condenados. Em particular, os Padres da Companhia de Jesus, que eram letrados, trabalhavam no convencimento aos presos para que mais rapidamente se confessassem. Usavam do estratagema de dizer aos presos que ao se confessassem teriam a chance de saírem nos Autos de Fé, que diziam se aproximavam. Buscavam as culpas por toda a terra, e quando não as achavam, iam buscá-las no abismo, agindo através de familiares diabólicos.

Os presos como Bento Teixeira e o Licenciado Lopo Nunes desacreditavam os Inquisidores, porque não aceitavam o seu saber e as grandezas e obras que Deus lhes dava, tendo então de destruí-los. Mandavam queimar pessoas sem provas, odiavam e temiam o saber dos cristãos novos, usando a fogueira para amordaçar o pensamento de mentes brilhantes²⁵³.

Bento Teixeira fazia suas confissões perante o inquisidor Manoel Álvares Tavares, brando, benigno de letras, o mesmo que permitia ao notário Manoel Marinho entregar ao réu as folhas de papel nas quais redigiu esses textos *para*

descargo de sua consciência, e a melhoria da qual e as mercês que hoje de presente recebo da misericordiosa mão começaram no dito senhor inquisidor Manoel Álvares Tavares foram para mim cada dia crescendo, como o pão ia nas mãos dos apóstolos, quando o Senhor só com cinco pães abastou aquela turba multidão que o acompanhava. Queira este mesmo Senhor e Redentor nosso conservá-lo nos anos de Nestor e na saúde de Macinissa para argumento da evangélica perfeição, pelas consolações espirituais e desenganos tão certos que me deu com sua rara virtude, e sólidas letras, e a V.V.S.S. por me darem um juiz (que foi senão benigno e amoroso pai). Ao preso Gaspar Lopes, no entanto, o mesmo Inquisidor se mostrara com muito rigor, ao contrário do que descreveu Bento Teixeira.

²⁵³ “Haveis de saber que o doutor Carlos, médico, estando preso em Coimbra, e pondo um dia na Mesa um silogismo com que os embaraçou aos inquisidores de Coimbra entrou neste comenos Frei Martinho de Ledesma lente de prima de teologia, e disse que o queimassem, e não o ouvissem mais, e desenganai-vos que o dia que fordes confessar vossa culpa, esse dia fazei de conta que vos ides meter na fogueira, porque eles não querem ver homem da nação que saiba, senão eles sós querem ser no mundo, se não vide o que fizeram aqui ao Travaços contiguamente com ser cristão velho, e há quatro anos a um francês parisiense, grande canonista, e agora a meu pai: por isso tende mão primo como bom, por lhe não dar essa glória e triunfo”. Palavras de Lopo Nunes a Bento Teixeira. Processo Inquisitorial.

Com entranhas paternas, o recebera Diogo de Sousa, Bispo de Miranda.

A Honra

Apesar de não muito freqüente nos escritos de Bento Teixeira, a questão da honra para os cristãos novos era o cerne em torno do qual versavam as discussões. Assim, se tudo o que passavam era passageiro, a honra era para sempre. Por isso assumiam, por grande parte do tempo, a postura de manterem-se fiéis a parentes e amigos, não lhes denunciando hábitos judaizantes, ou mesmo a proximidade que tinham tido. Ir adiante nesse propósito era essencial, porque nisto estava ficar homem por toda a sua vida, ou infame²⁵⁴. Era preferível morrer a confessar ser judeu e levar para a prisão inocentes. O preso negativo ainda que lhe apertassem, era tido em muita conta e reputação.

A honra continuava ferida depois da saída da prisão, porque outra prisão, o sambenito, os aguardava²⁵⁵.

Bento Teixeira confessou que andava em conflito com a honra do mundo, e com o crédito que dele tinha a consciência acompanhada de mil testemunhas. O conflito não se resolveu.

O medo

O sentimento de medo rondava os presos. A insegurança sobre os procedimentos inquisitoriais, talvez a tortura física, já que a psicológica era o fundamento em que trabalhavam os Inquisidores, era constante. Cada interrogatório, aguardado às vezes meses ou anos, trazia a expectativa de

²⁵⁴ “Disse o mesmo Diogo Dorta que V.M.(Bento Teixeira) e ele estavam negativos, dele não se me dá que o esteja, ou não, mas de V.M., folguei estranhamente, porque em ele está agora a chave do Brasil, e cria que assim mo escrevera de lá coisa minha, pelo que lhe peço por amor do Senhor Deus nosso que vá adiante com o seu bom propósito, porque bem sabe que nisto está ficar homem por toda sua vida, ou infame, e seus parentes, e amigos desonrados”.

²⁵⁵ “O menos que nos dão são dois anos de sambenito, e ora andai pela cidade pedindo o que haveis de comer com aquele honroso brasão às costas que tanto nos vem, nos virá às costas, e fazem que nos não conhecem, ora depois de tudo ... que nos fazem os inquisidores depois do tempo acabado para nos tomarem a penitência, é outra nova prisão de cárcere, e não é muito que no cárcere foram partes, e juizes, e então são partes, juizes, e verdugos”.

vitória ou derrota. O medo era de perder a vida, a família, os bens, tudo que havia sido construído ao longo dos anos. Mais: perdiam-se os sonhos e as expectativas de vida. Bento Teixeira exteriorizou de forma muito clara esse medo, quando afirmou que o homem, mais que qualquer espécie, precisa lutar pela conservação de sua vida. O receio da morte, presente em todo homem que é fraco e mortal, o fez reavaliar suas posições e acabar confessando que preferia reformar os erros do passado, buscando uma nova vida, para por fim, apenas conservá-la²⁵⁶.

As Penitências

As penitências impostas pelos Inquisidores eram impiedosas. Os que conseguiam convencer que poucas culpas haviam cometido, já que ninguém era considerado inocente, eram reconciliados e recebiam penas espirituais. Os casos mais graves recebiam penas que iam do desterro, ao uso do sambenito, à execução e seqüestro de bens e fazendas.

De todas as penitências a mais odiada era a do sambenito. O “saco santo”, que os presos deveriam usar quando estivessem nas ruas, era considerado por todos o mais aviltante, pois usá-lo era expor seu passado de apóstata e criminoso. Os passantes podiam dessa forma, afrontá-los, xingá-los. A honra nunca mais seria restabelecida para esses homens e mulheres²⁵⁷. Bento Teixeira lembrou que foram palavras de Diogo D’Orta que usar o sambenito era entrar em uma outra prisão, pois ao andar pelas ruas com o odioso brasão, os antigos amigos viravam as costas e faziam que não mais conheciam os que escapavam do cárcere inquisitorial.

Seriam apenas impressões de Diogo? Certamente com o gênio intempestivo que Bento Teixeira possuía, e sua antiga irreverência, auto estima, e menosprezo aos valores católicos, o uso do sambenito deveria ser

²⁵⁶ “Todas as causas devem naturalmente se conservar em sua espécie e o homem muito mais que todas donde vem a dizer os divinos escritos, e com receio que me acontecesse algo por onde perder a vida como fraco e mortal e desejoso enfim de a conservar para reformar as quebras do passado, e fazer outra nova deixava de acabar minha confissão perfeitamente pelas razões e causas que neste papel apontarei”.

²⁵⁷ “Senhor, meu da minha alma não sei o que faço, eu sou um homem conhecido na Rua Nova, e quase de toda Lisboa? Tenho parentas casadas com homens fidalgos, e que com que rosto hei de aparecer, quando sair no auto sambenitado”. Diogo D’Orta.

para ele também desonroso. Mas seu medo e o objetivo de manter-se vivo foi maior que a desonra pressentida.

A Fé

Bento Teixeira tinha uma aliada na prisão. A fé. Em que? No Judaísmo, no Catolicismo?

Acredito que sua fé era maior que qualquer religião pudesse especificar. Homem de letras, o mundo era para ele muito maior que as imposições da religião vigente. A religião de seus antepassados, proibida, era procurada com afincos, mas creio que se o Judaísmo fosse permitido abertamente na colônia, também seria criticado por ele. Seu espírito crítico recusava limites, e por mais aberto que fosse o Judaísmo em comparação ao Catolicismo, da mesma forma, estipulava por meio das obrigações o que todo judeu deveria seguir.

O espírito livre e renovador de Bento Teixeira se adequaria assim, mais ao Ceticismo, perante as religiões da época.

Dinheiro e Fazenda

O objetivo de todo preso era assegurar sua sobrevivência e livrar-se da prisão. Além da vida e da honra buscavam salvar os imóveis e bens materiais que tinham conquistado para que a família e eles, depois de libertos, pudessem continuar a desfrutá-los. Assim, a confissão e a delação de outros judaizantes era a única maneira de garantir que a perda de suas fazendas não fosse total.

O dinheiro garantia aos cristãos novos ricos a possibilidade de subornar os Inquisidores, diminuindo o tempo de prisão e aliviando as penas. Com o dinheiro também conseguiam barcos que os levavam a lugares onde a ação do Santo Ofício não era tamanha nem tão danosa, como foram os casos de Miguel Dias, sobrinho de Bento Dias Santiago e Antonio Lopes, ambos muito

ricos, que impedidos de irem às urnas, mandaram vir da Itália vasilhas para se embarcarem.

No conjunto, os cristãos novos buscavam comprar o perdão geral, e mantinham entre si, os presos e os de fora, cartas em código que tratavam do assunto, dando esclarecimentos sobre seu andamento. As cartas também serviam para determinar a continuidade de negócios pendentes.

Às mulheres, os presos aconselhavam que resistissem aos tormentos, porque dessa maneira não se desonrariam e não perderiam a fazenda, que sem ela não ficavam mais que irem à mancebia, como acontecera a muitas, que confessadas, fizeram de si mau recado.

Bento Teixeira também se preocupou com seus bens. Se durante sua defesa lembrou sempre da condição de homem pobre e necessitado, no final afirmou que por conselho de um amigo mercador, João Batista, o mesmo que lhe propusera os planos de fuga, vendeu quatro das nove peças da Guiné que tinha, entregando-as por quatrocentas patacas de oito reais cada uma, que cria serem o equivalente a 128 mil réis. O dinheiro deveria ficar com João Batista, porque assim estaria mais seguro do Santo Ofício, e devolvido a ele depois de sair da prisão, ou entregue ao irmão, Fernão Roiz, seu único herdeiro, caso algo lhe sucedesse no Estaus.

A Simbologia do “Ladrão de Casas”

A personalidade de Bento teixeira que emerge de seu discurso é a de um homem coerente na sua complexidade, dúbio e irreverente. Sabia de sua superioridade intelectual, e de sua capacidade de liderar. Tinha consciência da ignorância, da estupidez e da falta de integridade do universo que o rodeava. Como líder, era o orientador sobre os “valores do judaísmo”. Bento Teixeira era designado por alguns companheiros como um autêntico “rabino”. Em conversa

com o neto de Garcia D'Orta, com quem dividiu sua cela, comentava a ausência de autoridades religiosas na colônia, que ele próprio poderia suprir²⁵⁸.

Bento Teixeira foi um desvendador de segredos, e ele próprio se dizia simbolicamente um “ladrão de casas”, pois, no mais íntimo dos lares, procurava encontrar o que os cristãos novos “eram” realmente, e não apenas o que “aparentavam ser”, e os aconselhava a confessar para “assegurar a vida”²⁵⁹. *“Sabedor de todos os cantos dela, a conhecia profundamente, e como comerciante que era, conhecia o pano pelo ourelo”*²⁵⁹.

Autodenominava-se filósofo que perscrutava o mundo em busca de respostas e fazia jogo com as palavras. Assim se reportou a Lopo Nunes: *“Falais com um homem que toma no ar a palha de fino como um alambre, e com um filósofo que escasca esse céu como uma cebola”*. Nesta frase a palavra alambre pode ser lida como arame fino, mas também como pessoa esperta, arguta, sagaz²⁶⁰ que ele sabia que era.

O Mundo contraditório e o dualismo de Bento Teixeira

Bento Teixeira como muitos marranos desvinculava o Cristianismo do catolicismo. Suas idéias mais significativas foram as de que ser bom cristão estava acima de qualquer coisa.

Para ele a consciência era: *“a medida certa de cada pessoa”*, e a dissimulação dos ritos católicos nada representava. A consciência *“era o que atormentava a alma”*. Escreveu que se remordia ao confessar seu judaísmo. Bento Teixeira mente. Tudo leva a crer que Bento Teixeira ao mencionar “remordimento” de sua alma, não se referia aos ritos religiosos (judeus e católicos), mas às suas próprias posturas frente a vida.

Dava um extremo valor à “honra” que para ele era o que *“perduraria para sempre”*.

²⁵⁸ “Porque se no Brasil onde não vai senão alforria do mundo havia tão fino judeu como eu, que muitos mais finos os há de haver em Portugal que tem a nata do mundo abreviada em si”.

²⁵⁹ “Como eu fui ladrão de casa, e sei por onde os hei de levar”.

“Senhor Gaspar Lopes esses abonos faça V.M. diante de cristãos velhos, e não a mim que sou ladrão de casas, e sei os cantos dela, e conheço o pano pelo ourelo, como mercador de pano, digo-lhe que vá fazer sua confissão, e a fará dois bens; descarregará sua consciência..., o outro bem segurar a vida”.

²⁶⁰ Novo Dicionário Aurélio. Editora Nova Fronteira, 1ª. Edição.

Bento Teixeira era conhecido na Bahia e em Pernambuco como “judeu”. Querendo bajular os Inquisidores disse que esse fato o irritava imensamente. Na colônia, o termo “judeu” tinha uma conotação negativa e representava um risco para aqueles que assim fossem classificados.

Seus rivais não lhe pouparam tal designação. Antonio Lopes, por exemplo, durante uma discussão causada por problemas financeiros expressou seu anti-semitismo ao dizer: “*queimem esse judeu*”.

Muitos como ele, Pero Lopes Galego, Frei damião, Cosmo Borges, e Tristão ribeiro também o apelidaram de “judeu”.

Tanto dos textos escritos por Bento Teixeira quanto dos relatos expressos durante os interrogatórios inferimos seus conhecimentos sobre o judaísmo. Seus conhecimentos certamente foram herdados dos ensinamentos da mãe e acrescentados das suas numerosas leituras.

Durante as discussões, que manteve com as mais variadas pessoas, referiu-se à Festa das Cabanas, aos cabalistas, aos Talmudistas, a teoria que o mundo é dividido em quatro partes, os Macabeus e os “setenta e dois nomes de Deus”.

Suas opiniões sobre a religião católica evidenciam claramente seu desdém. Afirmou enfaticamente que confessava e comungava para “cumprimento do mundo, pois não podia acreditar num Deus que se tomava pela boca e se lançava pelo traseiro afora”.

Negou q eu tivesse intenção de se tornar clérigo, pois se andava com hábitos de clérigo era por imposição da Companhia de Jesus, enquanto estudante. E mais do que sarcasticamente afirmou que “antes rebentasse pelas ilhargas que chegar a se de missa”.

Seu ceticismo se revela quando, mesmo crendo na Leu de Moises, só na outra vida se comprovaria.

Como tanto outros cristãos novos, assumi a sua condição e orgulhasse mais ainda afirmando pertencer à casta dos “Macabeus”. Bento Teixeira mostrou-se revoltado pelos cristãos novos não demonstrarem a mesma dignidade. Deixa a agredir Aires de Serrão, ameaçando: “que venha cá esse judeu de bosta, que ele como os outros nos desonram, que eu e os outros da minha laia somos judeus honrados”.

Bento Teixeira revela-se caridoso, mas em momentos de dificuldades financeiras foi obrigado a pedir auxílio de outros. Frente às afirmações do poeta, resta uma contradição: declara-se carente de recursos, porém no final do seu processo, consta que possuía nove escravos que certamente não o colocou pelo menos em remediado. Outro fator que contra diz a sua afirmação de homem sem recursos, é sua residência que ficava situada na rua mais importante de Pernambuco, a Rua Nova, também habitada pelo cristão novo João Nunes, considerado o mais rico da colônia.

Bento Teixeira, apesar ter nascido meio século após a conversão forçada, dos judeus de Portugal, demonstra ter o profundo conhecimento do judaísmo. Segundo a tradição, uma viúva, após o falecimento do marido, deveria casar-se com o cunhado. Bento Teixeira tendo conhecimento dessa tradição repreende a Guiomar Mendes, por cumprir esse costume.

A confirmação da sua identidade, do ponto de vista religioso, fica evidente na negação do mote Uno, Sollo e Trino, que refuta rigorosamente. Bento Teixeira renega os dogmas do catolicismo. Nega a Santíssima Trindade e a virgindade de Maria, jurando “pelos pentelhos dela” recusa-se a colaborar reforma de uma igreja, alegando que “ sua morada era mais sagrada que a igreja”.

Capítulo Sétimo

O que era e o que parecia ser

1. As Sociedades Secretas

Anita Novinsky em recentes trabalhos salientou um fenômeno de importância fundamental para compreender a sociedade colonial: as sociedades secretas. Segundo ela, essas sociedades começaram a se organizar já com a chegada dos primeiros povoadores ao Brasil e seriam redes de comunicação e associações clandestinas das quais Portugal teve informação antes mesmo das Visitações. As Visitações serviriam dessa maneira, para investigar e desestruturar tais sociedades.

Parafraseando as “sociedades secretas” de Anita Novinsky, passarei a analisar a formação desses laços especiais firmados entre os cristãos novos aqui residentes. Se a distância da metrópole possibilitava, ao menos em teoria, uma maior liberdade de ação e de expressão de idéias, além da organização social menos preocupada com a ascendência étnica ou “pureza de sangue”, permitiu também a manutenção de alguns costumes judaicos que portugueses cristãos novos guardavam em sua memória. O século XVI dista mais de cem anos das expulsões e conversões forçadas, e se a partir das conversões, toda prática judaica ficou proibida, e todos os livros, base da religião, banidos, os cristãos novos tiveram que criar meios para se comunicar numa linguagem em códigos e gestos. Nas reuniões secretas discutiam e lembravam alguns dos velhos costumes. No Brasil, e principalmente através das confissões de Bento Teixeira, podemos vislumbrar o que foram essas sociedades secretas.

As reuniões eram geralmente denominadas pelos habitantes da colônia de esnogas. Tinham o objetivo de reunir pessoas da mesma origem, excluídas da sociedade pela legislação portuguesa. As redes que se formaram em torno desses judaizantes demonstram sua coragem e a pertinácia em salvaguardar a cultura judaica, que se remodelava a cada dificuldade e que permitia ao grupo se reconhecer através de uma identidade construída quotidianamente.

É importante destacar que perante as proibições feitas pela igreja oficial, a religião judaica passou a ser apenas a memória que oralmente se passava às gerações mais novas. Dado isso, fica mais fácil entendermos a sucessão de discussões descritas por Bento Teixeira em seus textos, que versavam sobre o que deveriam guardar os seguidores da Lei de Moisés. Essa reiteração pode também ter sido usada na tentativa do réu de chegar às denúncias que o levaram à prisão, ou ainda de mostrar aos inquisidores sua boa vontade em delatar aqueles que com ele tinham tido contato.

De qualquer forma o que mais se discutia, pelas confissões de Bento Teixeira, eram as atitudes que os cristãos novos deviam manter. As mais citadas foram às relativas ao descanso aos sábados e às práticas alimentares. Discutiam também o papel das mulheres que, mesmo sendo consideradas importantes, não poderiam participar de certas discussões, ao que Violante Fernandes, por exemplo, obedecia, porém ressentida, o que não as isentava de questionamentos, como saber se vindo o Messias, todos que já haviam morrido ressuscitariam. Às mulheres era proibido tocar em qualquer objeto durante os dias em que estivessem menstruadas, porque acreditavam que o simples toque poderia torná-lo imundo²⁶¹. Era ainda atribuição das mulheres o costume de amortalar os corpos dos defuntos com lençol inteiro e novo. Era também usual que se cortassem as unhas de pés e mãos e as enterrassem juntas aos corpos, assim como moedas ou medalhas deveriam ser colocadas na mão dos defuntos. Costumavam jogar a água dos cântaros da casa fora e, após o enterro, que deveria ser em terra virgem, fazia-se jejum, ceando alguns alimentos específicos em mesa baixa.

No plano formal, precisavam orar os salmos excluindo o gloria Patri e Espírito Santo. Os meninos se pudessem, deveriam ser circuncidados²⁶². Como a maioria dos cristãos novos entrava em contato com a religião judaica já na adolescência ou quase adulta, decidiam não raras vezes, a circuncisão

²⁶¹ O termo está textualmente citado no processo contra Bento Teixeira, não tendo sido encontrado dessa maneira em livros de orientação judaica.

²⁶² Bento Teixeira afirma em seu testemunho que alguns cristãos novos eram circuncidados. Nas denúncias há apenas uma denúncia de Guiomar de Fontes contra Antonia de Oliveira, que circuncidava os filhos logo após o nascimento. Denúncias da Bahia, 1591-1593. Edição de 1925, pg. 333.

em datas mais adiantadas²⁶³. Acreditavam que teriam a alma salva se seguissem a Lei de Moisés. Desdenhavam dos dogmas do catolicismo e negavam seus representantes, que como sabemos, não tinham os valores éticos por guia. Afinal, como podiam “*acreditar num Deus que se tomava pela boca e se deitava pelo traseiro*”?²⁶⁴

As confissões não eram bem vistas pelos cristãos novos. No seu entender eram uma invenção dos cristãos, mas salientavam que a boa confissão era aquela feita no tempo dos judeus. A idolatria a imagens também não era aceita.

Sobre esses temas em geral trataram Bento Teixeira e outros marranos no Brasil. Alguns destes com quem manteve contato pertenciam a famílias poderosas e tradicionais na região. Ligou-se a homens e mulheres importantes, que traziam como herança uma história de luta e como conquista a imponência dos grandes senhores coloniais. Entre todos se estruturou uma rede de solidariedade que permitia a manutenção de alguns dos valores da antiga religião, ao mesmo tempo em que garantia a possibilidade de sobrevivência e ajuda aqueles em dificuldades econômicas ou, e principalmente, aqueles que caíam na malha da Inquisição. Vejamos alguns deles:

A Esnoga de Camaragibe

Relativas à formação de sociedades secretas e instituição de esnogas na colônia, as denúncias contra a família de Branca Dias e Diogo Fernandes revelaram-se de forma expressiva. Quase todos os seus elementos foram denunciados por viver na lei judaica. Os denunciantes apontam Branca Dias²⁶⁵ e Diogo Fernandes como degredados da metrópole para o Brasil. Em Pernambuco, montaram engenho, dedicando-se depois ao comércio, enquanto a esposa para ajudar no orçamento familiar, manteve em sua própria casa,

²⁶³ Saliento que essas informações, em específico, são extraídas das confissões de Bento Teixeira, uma vez que não aparecem nos outros documentos inquisitoriais.

²⁶⁴ Processo 5206. Frase atribuída a Bento Teixeira em várias denúncias.

²⁶⁵ Branca Dias foi presa em 1543 em Lisboa, quando tinha 30 anos, acusada pela mãe e irmã também presas. Foi reconciliada em 1545 a dois anos de cárcere e uso de sambenito. Veio para o Brasil, onde já se encontrava o marido. In Assis, A Faria; Macabéias da Colônia, pg. 317.

uma escola voltada à educação das moças²⁶⁶. Nela, as meninas aprendiam a lavrar e a coser, passando alguns anos sob a orientação da matriarca. O contato constante das alunas de Branca Dias com a família possibilitou um grande número de denúncias sobre a famosa esnoga de Camaragibe. Relataram que em alguns dias da semana, as mulheres, mãe e filhas, se recolhiam no sobrado e lá permaneciam fechadas. A matriarca exigia a guarda dos sábados à família e às alunas, e que durante as missas referia-se à hóstia com a expressão de *cães encadeados*. Viram-na trazendo umas contas de rezar, com uma cruz pendurada no pescoço. Correndo-lhe a cruz para diante dos peitos, Branca Dias a tomou com as mãos, dizendo que dava-a ao Demo²⁶⁷, lançando a cruz para detrás das costas.

Diogo Fernandes, por sua vez, cuspiu a hóstia após a comunhão²⁶⁸. Causara também grande espanto, o fato de que antes de morrer se recusasse a nomear Jesus Cristo e nem sequer olhar para o crucifixo, que lhe apresentaram.

O casal não tinha nem desejava manter o respeito às coisas do catolicismo, não se mostrando também muito preocupado com o que deles se pudesse dizer, visto o grande número de denúncias contra eles.

Dos filhos²⁶⁹, quase todos foram denunciados²⁷⁰. As filhas se casaram com homens de ascendência cristã nova e velha, com exceção de Beatriz Fernandes, por alcunha a “velha”, que permaneceu solteira e foi presa pelo

²⁶⁶ Pelo relato de Bento Teixeira, também sua mulher Felipa Raposo, mantivera uma escola desse caráter, ensinando moças. O mesmo fizera sua mãe Lianor Rodrigues, dando aulas particulares a filhas de cristãos novos no Rio de Janeiro.

²⁶⁷ Denúncias de Pernambuco.

²⁶⁸ Assim pareceu ter visto Fernão Rodrigues, cristão novo, natural de Évora, lavrador.

²⁶⁹ Eram filhos: Violante Fernandes, casada com Antonio Barbalho, em segundas núpcias; Isabel Fernandes, casada com Bastião Coelho, Andresa Jorge casada com Fernão de Sousa; Inês Fernandes, casada com Baltazar Leitão; Guiomar Fernandes casada com Francisco Frasso; Jorge Dias da Paz, casado com Maria de Góes; Felipa da Paz, casada com Cristóvão Sarradas; Ana da Paz, casada com Diogo Fernandes; Beatriz Fernandes, a alcovorada, um filho aleijado de nome desconhecido que andava por Lisboa e Briolanja Fernandes, filha adúltera de Diogo Fernandes.

²⁷⁰ Constam processos contra Branca Dias, Violante Dias, Isabel Dias, Diogo Fernandes, Andresa Jorge, Brites Fernandes, Briolanja Fernandes, além dos netos; Ana da Costa Arruda, Catarina Favela, Beatriz de Sousa e Brásia Pinto, casada com um de seus netos.

Santo Ofício, tendo sido mandada a Lisboa na mesma embarcação que levou Bento Teixeira ao Estaus²⁷¹.

Bento Teixeira e a Família Fernandes

Bento Teixeira manteve estreita amizade com Violante Fernandes, que à época da visitação já era falecida. Ela parece ter sido figura importante em sua vida. Bento Teixeira chegou a lhe ensinar os filhos homens e com ela praticou, ou seja, judaizou, discutindo sobre a lei velha em sua casa, com irmãos e filha.

Assim é através das confissões de Bento Teixeira que sabemos ter sido ele professor dos filhos de Violante Fernandes e que foram apresentados por Diogo Meireles, cristão novo, tido como cristão velho, senhor de engenho em Ilhéus, onde Bento Teixeira pusera escola de latim. Diogo de Meireles²⁷², casado com Felipa de Medeiros sabia latim e lia as escrituras. Confessou-se crente na Lei de Moisés, que aprendera com um judeu velho que viera do Marrocos e exigiu de Bento Teixeira um juramento para não contar seu segredo.

Foi a Diogo de Meireles que Bento Teixeira pediu que o apresentasse a Violante Fernandes. Justificou seu pedido argumentando ser ele pobre e ela mulher de muitas posses. Diogo de Meireles lembrou a facilidade da aproximação, uma vez que Bento Teixeira já ministrava aulas aos filhos de Violante Fernandes. A apresentação dos judeus era precedida por palavras deixadas como perdidas, que se entendidas, demonstravam a crença e criavam um círculo de amizade e de ajuda mútua. Foi assim que se deu entre Violante Fernandes e Bento Teixeira²⁷³. Após terem percebido professarem ambos a mesma fé, uma grande amizade cresceu entre eles.

²⁷¹ Beatriz Fernandes recebeu por pena Prisão e Hábito Penitencial perpétuo no auto de fé de 31 de Janeiro de 1599. Neste mesmo auto saíram Bento Teixeira e Diogo D'Orta. Novinsky. Prisioneiros do Brasil pg. 197.

²⁷² Voltarei a ele mais a frente em "Mais esnogas".

²⁷³ Para aproximar-se de Violante Fernandes, Bento Teixeira num dia em que dava aula à filha, manteve com ela o seguinte diálogo:

Bento Teixeira: Ainda que Vossa mercê via em seus dias os filhos, que é uma das bênçãos que o Senhor lançava antigamente.

Violante: Por que, agora não os lança?

Bento Teixeira: Dizem os cristãos que já isto é acabado.

Violante Fernandes recebia Bento Teixeira junto à filha Guiomar Barbalho em quem confiava²⁷⁴, mas mantinha os filhos homens, nascidos de cristão velho, distantes das conversações, pois quando se aproximavam, a mãe fazia sinais a Bento Teixeira para que se calasse.

É informação das confissões que entre as irmãs de Violante Fernandes que com eles faziam esnoga, estava uma que ele não sabia o nome, mas já era velha, nunca se casara e teria ido com ele para Lisboa presa, e que no tempo de sua prisão morava em Pernambuco com um cunhado, Pero da Costa. Claro está que esta que Bento Teixeira não nomeou era Beatriz Fernandes²⁷⁵, que no tempo de sua mãe viva, era a única que se opunha às reuniões familiares que se sucediam às sextas feiras. As outras irmãs que junto a eles faziam esnoga eram Inês Fernandes, Andrea Jorge²⁷⁶, mulher de Fernão de Souza²⁷⁷, mercador de vinhos. Bento Teixeira achando pública a exposição, teve por resposta de Andrea Jorge que “*não cuidasse estar entre mulherzinhas, senão entre gente de pedra e cal*”²⁷⁸.

Violante Fernandes pediu a Bento Teixeira que voltasse à sua casa para ler a Bíblia a si e às suas irmãs quando o marido estivesse no engenho, o que ele fez por umas duas vezes. Leu certos capítulos do Levítico em português e a estória da rainha Ester. Alguns meses depois Violante Fernandes adoeceu e pediu que se não melhorasse e morresse, deveria ser amortalhada em um lençol de pano virgem, que lhe lavassem o corpo e cortassem as unhas e lhe metessem uma jóia na boca. Dois dias após seu pedido veio a falecer. Bento Teixeira nos informa que Violante Fernandes foi amortalhada e enterrada à moda judaica como pedira.

Violante: Acabados os veria eu e os nossos bem principiados.

Bento Teixeira: Quando isto há de ser?

Violante: Espero eu no Senhor que pôs o seu nome em quatro letras, que antes que morra os hei de ver os ditos bens.

²⁷⁴ Processo 5206. “*filha de minha alma a quem eu descubro o meu peito e sai a mim*”

²⁷⁵ Processo número 4580 de 1595. Novinsky. Prisioneiros do Brasil pg. 197.

²⁷⁶ Processo em 1593, número 6321, por crime de judaísmo. In Novinsky. Prisioneiros do Brasil, pg. 195.

²⁷⁷ Seria esse Fernão de Sousa o mesmo que o auxiliou ao lado de Nuno Fernandes?

²⁷⁸ Idem

Foram também numerosas as denúncias contra o casal Ana Rodrigues e Heitor Antunes. Este, Cavaleiro d'el Rey e homem de confiança do governador geral, tornou-se exemplo do avanço neoconverso no Brasil²⁷⁹. Foi comerciante de posses e senhor de engenho. Fixou-se com a família em Matoim, onde disseram que presidia a chamada esnoga de Matoim. Os laços de matrimônio dos filhos consolidaram as relações com as principais famílias da capitania²⁸⁰. As filhas²⁸¹, casadas todas com homens influentes e cristãos velhos, mantiveram os costumes judaicos herdados dos pais. Quando da Visitação da Bahia, Heitor Antunes já era falecido. Mesmo assim recebeu grande número de denúncias. Ana Rodrigues, já octogenária e muito doente, mas também contando com inúmeras denúncias, foi presa pelo Santo Ofício e levada a Lisboa em agosto de 1593, numa jaula especialmente comprada para a sua travessia²⁸². A provável morte pela fogueira, que deveria ter sido sua pena, não ocorreu, pois a anciã vem a falecer no cárcere setenta dias após a prisão, deixando na opinião de Elias Lipiner, frustrados os inquisidores que esperavam o acontecimento, pois Ana Roiz foi capaz de na colônia afrontar as regras estabelecidas e propagar o judaísmo entre a família²⁸³.

Ana Roiz ao se apresentar ao Inquisidor²⁸⁴ defendeu-se dizendo que aprendera os costumes ditos judaicos com uma parteira velha, que dizia ser cristã velha. Com ela, aprendera a fazer os jejuns, abstendo-se de determinados alimentos, a enterrar os mortos em terra vigem e a pranteá-los,

²⁷⁹ Assis, Angelo Adriano Faria

²⁸⁰ Ver Assis, Angelo Adriano Faria; Macabéias na Colônia. Criptojudaísmo na Bahia. Tese de Doutorado apresentado à UFF, agosto de 2004.

²⁸¹ Filhos de Heitor Antunes e Ana Rodrigues: Beatriz Antunes, casada com Bastião de Faria, Isabel Antunes, casada com Antonio Alcoforado; Violante Antunes, casada com Diogo Vaz Escobar; Leonor Antunes, casada com Henrique Muniz Tele; Jorge Antunes, casado com Joana de Bettencourt de Sá; Álvaro Lopes, casado com Isabel Ribeiro, a mesma que exclamou ao saber da chegada do Visitador: “Jesus, estávamos tão quietos”; Nuno Fernandes, que permaneceu solteiro e Antão, morto em Portugal em 1550.

²⁸² Informação de Assis, A.Faria

²⁸³ Lipiner, Elias op.cit.

²⁸⁴ Mendonça, Heitor Furtado de; Confissões da Bahia. Primeira Visitação do Santo Ofício às partes do Brasil 1591-1593. Confissões da família Antunes: Ana Roiz confessou-se a 1 de fevereiro de 1592, pg. 135, Beatriz Fernandes a 31 de janeiro de 1592, pg 132, Lianor Antunes a 1 de fevereiro de 1592, pg. 138, Isabel Antunes a 1 de fevereiro de 1592, pg. 141, Nuno Fernandes 1 de fevereiro de 1592, pg 143 e

como fizera ao marido. Não permitiu que o filho, Jorge Antunes, transferisse a ossada do pai, quando a ermida onde estava enterrado encontrava-se em abandono, indo às tardes chamá-lo em sua cova. Mandou também conservar as botas e roupas do marido detrás da capela onde estava enterrado e, a partir de então passou a comer sentada no chão atrás de uma porta. Fez o mesmo ritual quando lhe morreu a filha, Violante Antunes, e esta fizera o mesmo quando perdera o marido.

Juravam mãe e filhos pelo mundo que tinha a alma de seu marido ou pai. Além disso, confessou que não sabendo por que, passava a mão na cabeça dos netos, quando lhes lançava a benção.

Os genros Bastião de Faria e Henrique Muniz Teles intercederam em favor da matriarca, quando da sua prisão, alegando que ela havia casado as filhas com homens nobres, todos cristãos velhos. Apresentaram vários depoimentos a seu favor, como a manutenção de igreja e missas em seus engenhos, prática de caridade e obediência a todas as exigências do catolicismo, mas todas as tentativas foram em vão. Após sua condenação e a exposição de seu retrato que ficara exposto na porta da igreja de Matoim, Henrique Muniz Teles teria mandado um mancebo mameluco, de nome Adão Gonçalves, a roubar da porta principal da igreja o retrato do que “*Houve grande escândalo entre os cristãos velhos daquela freguesia*”.²⁸⁵

Beatriz Antunes, mulher de Bastião de Faria e os irmãos em suas confissões repetem os mesmos dados apresentados pela mãe. Questionado por Heitor Furtado de Mendonça, o Conselho decide pela prisão da mãe e, que se esperasse por mais culpas contra as filhas.

Em 1601, Beatriz Antunes e Leonor Antunes foram presas, tendo saído em auto de fé em 1603. Beatriz Antunes, anteriormente relaxada ao braço secular, voltou atrás em sua confissão, e recebeu a mesma pena que a irmã: cárcere e hábito penitencial perpétuo, com seqüestro de bens. Uma das netas de Ana Rodrigues, Ana Alcoforado, presa e processada, foi beneficiada pelo perdão papal geral decretado em 1605.

9 de fevereiro do mesmo ano, pg.166,D. Custódia de faria, 31 de janeiro de 1592, pg.130, Ana Alcoforado a 11 de fevereiro de 1592, pg. 173.

²⁸⁵ Idem págs.388 a 401.

Álvaro Lopes Antunes também é processado por sacrilégio ao dar duas ou três figas para um crucifixo que estava no altar de uma igreja.²⁸⁶

Nuno Fernandes, o caçula do casal que permaneceu solteiro, foi acusado e se confessou perante Heitor Furtado de Mendonça. O processo consta como crimes o sacrilégio de açoite a um crucifixo²⁸⁷, as juras pelo mundo que tinha a alma de seu pai, vestir camisas limpas e mandar os empregados trabalharem aos domingos e dias santos. Além de tudo confessou ainda ler e possuir livros proibidos, crime pelo qual não foi condenado. O processo datado de 1591 tem como observação o fato do réu ter se confessado no Tempo da Graça²⁸⁸. Em 1610, no entanto, há outra denúncia contra Nuno Fernandes, agora com 50 anos, da parte do Padre Manoel, capelão da sua fazenda, que afirmou que este proferia impropérios em sua presença²⁸⁹. Preso, foi levado aos Estaus, mas os Inquisidores consideraram as culpas insuficientes. Foi libertado uma vez que sua prisão foi considerada ilegal. Baltazar Coelho, que se apresentou como familiar do Santo Ofício e o prendeu, jurou ter recebido documento de Heitor Furtado de Mendonça para exercer tal ofício, mas que este lhe havia sido roubado. Sem nenhum conhecimento por parte da Inquisição de que ele pertencesse ao corpo de familiares da instituição, Baltazar Coelho passou à condição de réu²⁹⁰.

Bento Teixeira e os Antunes

Fernão Ribeiro de Sousa, cristão novo, almoxarife do rei na Bahia e depois senhor de engenho manteve estreito contato com Bento Teixeira, e foi o elo de ligação entre este e os Antunes. Em sua casa discutiam as coisas da Lei de Moisés, na qual acreditavam para a salvação da alma, uma vez que “*Os clérigos e ministros da Lei de Cristo, que a pregavam e divulgavam, faziam mais contra ela, com obras contra o que ela mandava*”.

²⁸⁶ Denúncias de Pernambuco, pg. 546 e 549.

²⁸⁷ Novinky, Anita. Inquisição: Prisioneiros do Brasil. Editora Expressão e Cultura., Rio de Janeiro, 2002.

²⁸⁸ Idem.

²⁸⁹ Assis, Angelo Adriano Faria op. Cit. Denúncia feita a 22 de novembro de 1610.

²⁹⁰ Assis, Angelo Adriano Faria. Baltazar foi condenado por ser apresentar como falso familiar e recebeu pena de 50 açoites e 2 anos de galés. Pgs. 376 a 384.

Fernão de Sousa auxiliou Bento Teixeira, ao lado de uma personagem de nome Lopo Fernandes, e ambos conseguiram o apoio de Sebastião de Faria.

Por intermédio de um cunhado, Bastião de Faria soube que Bento Teixeira tencionava sair dos estudos para acabá-los em Coimbra. Sendo rico e vendo a amizade que tinha com seu cunhado, mandou que lhe ensinasse a um filho seu e a dois filhos de Fernão Cabral²⁹¹. Pelo trabalho receberia trezentos cruzados fora benesses, tendo sido mandado a um dos engenhos, dos dois que possuía.

Com este cunhado de Bastião de Faria, **Lopo Fernandes**, mais Fernão Ribeiro de Sousa comunicou coisas da lei. Com Sebastião de Faria não chegou a se descobrir mais que implicitamente, porque este era tido em conta de cristão velho.

Ora, Bastião de Faria era casado com Beatriz Antunes desde 1563, filha de Heitor Antunes e Ana Roiz. Era proprietário de engenhos herdados do pai e, que somados aos dos Antunes, eram dos mais importantes da região do rio Matoim. Os familiares eram apelidados de *gente de Matoim* ou *gente de Bastião de Faria*, o que significava ao mesmo tempo, inveja e maledicência²⁹². Foi freqüente nas Denúncias que Matoim seria o centro das atividades dos cristãos novos na Bahia, como acima já se discutiu.

Sebastião de Faria não foi molestado pela Inquisição, como o restante da família.

O que nos intriga, voltando ao caso de Nuno Fernandes, é o fato de que ao confessar suas culpas ao visitador em 1591, disse que

“Sabendo ele que o livro chamado Diana era defeso ele, contudo leu por ele muitas vezes não lhe lembra quantas, e outrossim confessou que tem Ovídio de Metamorfoses em linguagem não sabendo ser defeso, confessou mais, que sabendo que Euforzina é defeso leu por ele uma vez

“E sendo perguntado pelos livros disse que somente tinha ora o dito Ovídio e foi lhe mandado que o trouxesse a esta mesa e prometeu ter segredo

²⁹¹ Ver denúncias contra ele acerca da seita indígena que abrigara em sua fazenda e pela qual foi preso.

²⁹² Lipiner, Elias; Judaizantes nas Capitanias de cima.

*pelo juramento que recebeu foi-lhe mandado que não se saia desta cidade sem licença do senhor visitador.*²⁹³.

Se possuía, ou apenas leu os livros acima, por que não foi processado, como Bento Teixeira que confessou ter lido apenas Diana²⁹⁴? Por que essa confissão não foi anexada ao processo que se abriu em 1591 e depois em 1610? Como não levantou outras suspeitas?

Deve ter sido ao lado de Bento Teixeira além de cristão novo judaizante, homem de letras e discernimento.

Quando Bento Teixeira afirmou ter sido auxiliado por um cunhado de Sebastião de Faria, ele o nomeou por **Lopo Fernandes**, que não existe. Os cunhados eram Nuno Fernandes e Álvaro Lopes Antunes. Ele deve ter se aproveitado dos dois nomes para confundir os Inquisidores, inventando esse terceiro nome. Pelas confissões de Nuno Fernandes, parece mais plausível que o amigo a lhe auxiliar e escrever tenha sido ele, que tinha o mesmo interesse pelas leituras que o então mestre de moços, e não se sentiu nenhum um pouco amedrontado perante o inquisidor quando confessou a leitura e posse dos livros, antes, as colocou de forma clara e consciente, de que transgredia as normas estipuladas pela Igreja.

Bento Teixeira em seu último texto aos inquisidores cita uma carta redigida por este Lopo Fernandes e endereçada a ele, com recado de Fernão de Sousa, quando já estava preso:

Irmão e Senhor meu dalma

O que sinto com a perda de sua boa conversação me faz não fazer caso de nenhuma outra, porque aquilo que com os olhos de afeição é visto, depois com suave coração..., e como eu vi a V.M. com olhos de amor daqui me nasce inda agora em ... a mão tanto, e não lhe encareço isso mais porque bem sabe

²⁹³ Confissões da Bahia, 1935. Pg 144

de mim que nunca fui de fazer muitos abonos e que minhas coisas valem mais a peso que a olho, quisera-me forrar de escrever esta para o efeito que é porque as pessoas da qualidade de V.M. nasceram mais para avisar do que para serem avisadas. Já lá saberá o que bem aparta que é a ira de Deus o qual foi servido de escaparem cá todos os fardos de casa, e assim permitiria por sua misericórdia que escapem todos os de lá... que esta vai selada com tais selos para os ... na sua boca, e quando não nasce em V.M. os ...daquela ... que seu bom saber e entendimento... ..permite ...de presente padeceram trabalhos mas creia que o a V.M. de haver com outro Aleides ? que foi ao inferno aonde V.M. não há de escapar discrepando um santo do que deve a quem há e do que deve ao Senhor Fernão Ribeiro de Sousa, e a mim, e a outras pessoas da conversação, o dito senhor Fernão Ribeiro e eu mandamos a V.M. uma letra de trinta mil réis para tapar algum buraco. Avise-nos de tudo que lá passar, e de suas necessidades se as tiver, porque acudiremos a elas como devemos, e somos obrigados, o dito senhor Fernão, portador desta, e eu escrevão dela beijamos as mãos de V.M. pedindo as Senhor Deus nosso vitória particular e geral desta guerra que agora anda...V.M. bom capítulo se anime lá os de casa pois para tudo tem.

Seu irmão dalma Lopo Fernandes

Como se vê a citada leitura e posse de livros não era a única coisa a ligar os dois homens. Eles trataram das coisas judaicas, Lopo Fernandes em situação mais favorável, pôde ajudar o amigo que pensava em terminar seus estudos em Coimbra e, se a carta foi realmente escrita e se apresentou este teor, chegamos muito mais longe, porque por ela depreendemos a sensação de que Bento Teixeira era para estes homens, Lopo Fernandes e Fernão Ribeiro de Sousa, mais que um irmão a ajudar em situações adversas, mas um irmão da alma, a quem tinham grande apreço e consideravam superior, visto que era da qualidade dos que avisam e não dos que são avisados, a quem

²⁹⁴ Paula de Siqueira também foi processada por ler este mesmo livro e além das penas espirituais foi-lhe mandado que lesse livros de doutrina católica e vida dos santos e santas. In Novinsky, Prisioneiros do Brasil, pg 245.

acudiriam como deviam e eram obrigados (em dinheiro) e a quem beijavam a mão, pedindo vitória na guerra que ele após a prisão passaria a travar.

A Família Lopes

Na família Lopes, Lianor da Rosa e João Vaz Serrão formavam um casal que manteve importantes laços com a família de Bento Teixeira.

Lianor da Rosa era filha de Fernão Lopes e sua mulher Branca Roiz. Por denúncia de Maria Loba contra as filhas do casal²⁹⁵ chegou-nos a informação de que Branca Roiz partira com as filhas fugidas da Inquisição de Lisboa, onde ficara o pai, Fernão Lopes, “*Que disseram que fora lá queimado*”²⁹⁶.

Os filhos que viveram intimamente com Bento Teixeira foram: Lianor da Rosa, casada com João Vaz Serrão, cirurgião, cristão novo, judaizante; Maria Lopes, casada com Mestre Afonso, cirurgião del Rei; Caterina Mendes, mulher de Antonio Serrão, cristão novo, católico; Ana Rodrigues, casada com Gaspar Dias da Vidigueira, cristão novo, judaizante e Beatriz Mendes, casada com Francisco Mendes em Pernambuco; Álvaro Pacheco, cristão novo, judaizante.

Mestre Afonso veio no navio que trouxe para o Brasil Mem de Sá. Neste mesmo navio encontrava-se Heitor Antunes, denunciado como o chefe da esnoga de Matoim. Era cirurgião em Lisboa, mas pediu sua remoção para o Brasil, provavelmente por medo das perseguições que se faziam em Portugal²⁹⁷ e foi responsável pelos doentes durante a vigem ao Brasil. Durante as Visitações recebeu acusações de açoitarem um crucifixo e comer carne de frango em dia de Endoenças. Com sua morte, sua mulher, Maria Lopes o pranteou ao modo judaico²⁹⁸.

²⁹⁵ Denúncia feita a 17 de agosto de 1591.

²⁹⁶ Denúncias de Pernambuco

²⁹⁷ postura defendida por Assis, Ângelo Adriano Faria de in Macabéias da Colônia pg. 304

²⁹⁸ idem

Maria Lopes²⁹⁹ ainda apoiou a atitude suicida, como uma morte honrada de um tio físico, de nome Roque, preso pela Inquisição de Évora e, foi quem questionou Bento Teixeira sobre serem legítimos os filhos de cristãos novos com cristãos velhos. Tinha 65 anos em 1591. Mestre Afonso³⁰⁰ já era morto quando Heitor Furtado chegou ao Brasil.

Na visão de Elias Lipiner foram os Lopes os que “com mais fervor e intensidade se entregaram às práticas judaizantes, destacando-se entre eles Maria Lopes e seu marido, o mestre Afonso Mendes”.³⁰¹

As denúncias mais freqüentes contra ela e as filhas foram relativas à guarda dos sábados, à manutenção de crucifixos embaixo de colchões ou no quintal onde lavavam as louças, derramarem a água dos potes quando alguém da casa vinha a falecer.

A família nunca primou por seu comportamento cristão: O tio de Maria Lopes, Anrique Mendes (o Mouco)³⁰², era alfaiate e mercador de pau brasil e, sua mulher Violante, irmã de Branca Rodrigues, foram denunciados por crime de judaísmo e esnoga em Pernambuco. O casal mais outras pessoas se dirigiam à então esnoga de Camaragibe.

Branca de Leão³⁰³, filha de Mestre Afonso, casada com Antonio Lopes Ulhoa³⁰⁴ era judaizante. O marido mantinha em seu engenho com o irmão Diogo Lopes Ulhoa³⁰⁵ uma esnoga de judeus. Esse mesmo Diogo mantinha outra esnoga em sua casa, na cidade do Salvador e teve um tio queimado³⁰⁶. Diogo Lopes participou da bandeira de Gabriel Soares de Sousa, quando este

²⁹⁹ Maria Lopes confessou a 3 de agosto de 1591, no Tempo da Graça e a 16 de agosto do mesmo ano. Confissões da Bahia. Edição da Sociedade Capistrano de Abreu, 1935. Pg.31 e 38 . E foi denunciada por. Isabel Ribeiro, pg.431, Madalena Pimentel pg.540, Maria de Oliveira pg.547, Maria Antunes pg. 345, Maria Loba pg.358, Maria d'Eça, pg 323, Antonia de Oliveira pg. 325, Padre Pedro madeira pg. 364, Diogo de Martim Cão pg.373/74, Jácome Queirós pg 399e por Bento Teixeira Denúncias de Pernambuco pg. 161.

³⁰⁰ Denunciado por Jácome Queirós pg. 399, Madalena Pimentel pg.540 Denúncias da Bahia, 1935.

³⁰¹ Os Judaizantes nas capitanias de cima.

³⁰² Denunciado por Antonio Dias a 16/8/1591. Denúncias da Bahia. Pgs. 337/338 e por João da Rocha Vicente a 24/8/1591. Pg.442.

³⁰³ Branca de Liam foi denunciada inúmeras vezes: Por Isabel de Oliveira pg. 242, Manoel de Freitas, pg. 270, Guiomar de Fontes pg. 333, Caterina de Fontes pg. 334, Antonia de Oliveira pg. 325, Maria Antunes pg.377, Madalena Pimentel pg.540, e Maria de Oliveira pg. 547, Denúncias da Bahia, 1935.

³⁰⁴ Antonio Lopes Ulhoa foi denunciado por Fernão Ribeiro de Sousa pg. 280, Maria Antunes pg.377, André Monteiro pg.413.

³⁰⁵ Diogo Lopes foi denunciado por Diogo Martim Cão pg 373/74, André Monteiro pg. 413, Fernão Ribeiro de Sousa pg. 280, Maria d'Eça pg. 323, Manoel Brás pg 420, Martins Lucas pg 464. Denúncias da Bahia pg. 464, Balthasar Nogueira pg. 502.

³⁰⁶ Informações dadas por Bento Teixeira em seu Processo Inquisitorial.

morreu em 1591. Tomou parte na conquista do Sergipe em 1589 ao lado de Cristóvão de Barros e de Bastião de Faria. Em recompensa, recebeu uma sesmaria. Foram ainda denunciados: um primo de nome Manoel Lopes-, que também fazia esnoga e um sobrinho, André Lopes Ulhoa³⁰⁷, que foi preso na Segunda Visitação. O filho de Mestre Afonso e Maria Lopes, Álvaro Pacheco³⁰⁸ foi denunciado por referir-se com desprezo a uma epístola lida na Igreja, comia antes de comungar e gostava das festas religiosas dos hebreus. Ensinara a prima Antonia de Oliveira³⁰⁹, filha de Ana Roiz, a seguir a lei judaica e foi por isso denunciado. O pai de Antonia, Gaspar Dias Vidigueira³¹⁰, se gloriava de ser cristão novo, foi denunciado por ler a Toura (novamente a confusão do livro com figuras, que em nada tem de comum com o judaísmo), e levava os filhos recém nascidos para uma ermida, para oferecê-los com dois pombos, ao modo judaico, conforme a Lei de Moisés.

A outra filha do casal, Ana de Oliveira casada com Belchior da Costa, recebeu a séria denúncia de que

*“Circuncidava as crianças que paria depois que vinham de batizar e que uma vez fora vista uma criança sua ensangüentada, e que fora ouvida chorar quando a circuncidava”.*³¹¹

Foi denunciada também por que

*“Sempre na Igreja vê muito inquieta, com pouca reverência a Deus buscando sempre com quem teve prática, correndo as mãos pelas contas para uma parte e para outra sem rezar em nenhuma conta”.*³¹²

³⁰⁷ Processado e preso em 1619, por judaísmo. Processo de número 5391 da Inquisição de Lisboa. Sentença foi de cárcere e hábito penitencial perpétuo sem remissão, com confisco. Saiu no auto de fé 4/8/1621. In Novinsky, Prisioneiros do Brasil, pg. 54.

³⁰⁸ Denunciado por Isabel Ribeiro pg. 431, Fernão Ribeiro de Sousa pg. 280, Maria d'Eça pg. 323, Gaspar Dias Figueiroa pg. 245, Jácome Queirós pg. 399, Pero Fernandes pg.515. Denúncias da Bahia, 1935.

³⁰⁹ Antonia de Oliveira denuncia Maria Lopes, a mulher de Antonio Serrão, Caterina Mendes e Branca de Liam a 18/8/1591. Pg. 325 Denúncias da Bahia, 1935.

³¹⁰ Gaspar Dias Vidigueira foi denunciado por João Garcez pg. 372, João da Rocha Vicente pg. 442. Denúncias da Bahia, 1935.

³¹¹ Denúncia de Guiomar de Fontes a 15 de agosto de 1591, pg 333. Denúncias da Bahia, 1935.

³¹² Denúncia feita por Maria Antunes a 20 de agosto de 1591. Denúncias da Bahia, pg. 377.

Salvador de Maia³¹³ que era casado com Caterina Gomes, irmão de Antonia de Oliveira, matara a primeira mulher por adultério, foi preso pela Inquisição³¹⁴, mas solto por não serem as suas culpas bastantes.

Como se vê o círculo familiar estreitava e facilitava as reuniões, disseminando conceitos, corretos ou não do judaísmo, que passava a vigorar como um tipo de lei.

Bento Teixeira e a família Lopes

Bento Teixeira esteve muito próximo dessa família. Foi amigo íntimo de Leonor da Rosa³¹⁵, João Vaz Serrão e Caterina Mendes³¹⁶, irmã de Leonor da Rosa.

João Vaz Serrão como médico fora cuidar de Lianor Rodrigues, mãe de Bento Teixeira, quando esta adoeceu. Com ele estava a mulher, Lianor da Rosa. Esta última dissera à mãe de Bento Teixeira que sendo setembro, era o mês em que tinham que jejuar, mas como Lianor Rodrigues se encontrava enferma, foi opinião de Gonçalo Nunes, cristão novo, de que essa missão seria de Bento Teixeira. Ainda fizeram o mesmo jejum o casal Serrão, a mãe de João Vaz, Maria Lopes Viana, e um genro de João, chamado Gonçalo. Morta Lianor Rodrigues, Lianor da Rosa a amortalkou ao modo judaico, lavando-lhe o corpo, embrulhando-a em lençol novo, tendo a ajuda de sua filha mais velha. Bento Teixeira foi aconselhado a não chorar, pois a *“defunta ia bem-aventurada”*.³¹⁷

João Vaz Serrão carregava um caderno no qual tinha sete ou oito capítulos do Levítico que traziam as cerimônias judaicas. Em certos dias do ano ele os lia a Lianor da Rosa e a sua irmã, Caterina Mendes, casada com

³¹³ Denunciado por inúmeras pessoas: Fernão Ribeiro de Sousa pg.280, Maria d'Eça pg 323, Gaspar Lobo de Sousa pg. 287, Belchior de Sousa, 273, Manoel de Freitas pg 270, João Brás pg 270, André Monteiro pg. 413, Ignácio de Barcelos pg. 458, João de Uzeda pg. 458, Antonio Luís Viegas pg. 463, Martins Seixas pg. 464. Denúncias da Bahia, 1935.

³¹⁴ Processo 2320 da Inquisição de Lisboa. Crime: Blasfêmia, saindo em auto de fé de 1592. In Novinsky, Prisioneiros do Brasil, pg.177.

³¹⁵ Denunciada por Phelipa de Freitas pg. 359, Maria Antunes pg. 410, Fernão Ribeiro de Sousa pg. 280, Maria Loba pg. 358, Isabel Ribeiro pg. 546,

³¹⁶ Denunciada por Maria Loba pg. 358, Maria Antunes pg. 377. Denúncias da Bahia, 1935.

³¹⁷ Processo 5206.

Antonio Serrão³¹⁸, irmão do mesmo João Vaz. Conta-nos Bento Teixeira que os dois irmãos não se falavam, porque Antonio não cria na lei de Moisés, mas na lei de São Pedro. Em outra ocasião, Bento Teixeira relata que o mesmo médico indo tratar de Jorge Tomás³¹⁹, estando este quase a falecer em casa de Francisco Meireles³²⁰, ouviu de João Vaz Serrão que não poderia salvar sua alma senão na lei de Moisés, e que trazia consigo um caderno, provavelmente o mesmo citado anteriormente, no qual tinha sete ou oito capítulos do Levítico, e algumas orações. Jorge Tomás, no entanto negou a oferta, respondendo

“deixai, que tenho como morrer”.

Bento Teixeira ainda nos conta que estando em casa de Maria de Peralta, cristã nova³²¹, esta lhe pediu que traduzisse para o português os sete Salmos de Davi penitenciais sem glória Patri. Justificou seu pedido dizendo que sua tia, Lianor da Rosa e sua avó Maria Lopes haviam declarado que Bento Teixeira fazia alguns jejuns e outras práticas da Lei de Moisés com elas, e que por isso, podia nele confiar. O mesmo dissera Sebastião de Peralta³²² ao entrar na casa e encontrar Bento Teixeira. Sebastião de Peralta pediu a Bento Teixeira que rezasse os Salmos por ele. Argumentou que sabia de seu Judaísmo também pela tia e pela avó, e que seus tios Lianor da Rosa e João Vaz Serrão o tinham introduzido na lei de Moisés. A irmã Maria de Peralta fora ensinada pela mãe e pela avó.

Para o cumprimento da lei de Moisés, Bento Teixeira relatou que quando havia impedimento para a guarda dos sábados, a família os guardava na vontade, não comendo carne que fosse degolada, coisa de sangue, peixe de couro. Quando se encontravam na roça, que chamavam de granja, seguiam melhor as práticas judaicas, por não encontrarem impedimento.

³¹⁸ Denunciado por Isabel Dávila pg. 553, Maria Gonçalves e Aleixo Lucas pg. 301. Denúncias da Bahia, 1935.

³¹⁹ Cristão Novo, Feitor e rendeiro no engenho de D. Fernando, Conde de Linhares. Informação do Processo Inquisitorial contra Bento Teixeira.

³²⁰ Mercador, morador em Pernambuco. Informações de Bento Teixeira em seu Processo Inquisitorial.

³²¹ Neta de Maria Lopes, casada com Tomás Barbintão. . Informações de Bento Teixeira em seu Processo Inquisitorial.

³²² Irmão de Maria de Peralta, solteiro. . Informações de Bento Teixeira em seu Processo Inquisitorial.

Bento Teixeira traduziu os Salmos sem Glória Patri para os irmãos. Confessou aos Inquisidores que fizera a tradução com tenção de judeu. A amizade com a família, no entanto, viria sofrer forte abalo um mês depois, quando ao voltarem a se reunir. Maria de Peralta nessa ocasião disse que estava desgostosa com Bento Teixeira. A razão do descontentamento foi o fato de Bento Teixeira ter açoitado a Belchior, filho de Maria de Peralta, a quem ensinava a ler e escrever, porque este tinha algo com a seita dos ingleses. Bento Teixeira denunciou a Thomás Barbintão como seguidor da seita dos puritanos.

Na sessão de contraditas Bento Teixeira lembrou de Lianor da Rosa e a qualificou como inimiga por uma dívida que tinha com ela, mas que antes haviam sido amigos. Negou a contradita a Maria de Peralta. Ele confessou tê-la denunciado por achar que o havia colocado no Santo Ofício. De qualquer maneira não há como negar que todos da família Lopes e Bento Teixeira mantiveram um intenso contato e desenvolveram o Judaísmo entre a população colonial. O simples fato do caderninho com orações que várias vezes foi lembrado, como pertencente a João Vaz Serrão, e que ele utilizava tanto nas curas, quanto no proselitismo, o confirma.

A rede que unia as sociedades secretas era muito extensa, e Bento Teixeira voltou no tempo, para iniciar sua confissão de Judaísmo a partir de 1597, e deu informações novas. Relatou sobre os marranos com os quais se comunicou entre os anos de 1574 e 1575, quando deveria ser da idade de 14 para 15 anos, ainda no Espírito Santo. Essas confissões contêm elementos de compreensão do judaísmo que então se praticava na colônia e da expectativa na formação de um rabino que os guiassem nas coisas da religião da qual tão pouco sabiam.

Nessa época, homens e mulheres se reuniam na casa de Lianor Rodrigues, mãe de Bento Teixeira, para lhe ouvir e aprender as coisas do Judaísmo. Dentre eles estavam Manoel Esteves, cristão novo, mercador de vinho, casado com Clara Nunes, que pela informação de Bento Teixeira, foi presa pela Inquisição e saiu com hábito penitencial. Além deles, Diogo Rodrigues, cristão novo, mercador; Gomes D'Avila, cristão novo e Diogo Hernandez, também cristão novo. Manoel Esteves era primo em segundo grau de sua mãe e acreditava que Bento Teixeira pudesse ser o novo guia dos

marranos no Brasil, deixando clara a idéia de que com os ensinamentos da mãe, o sobrinho chegaria a se tornar um fino rabi³²³, ao que Diogo Hernandez arrematou pedindo a Deus que o fizesse tão sábio na Lei quanto Moisés³²⁴. A previsão parece ter se realizado. Os conhecimentos sobre a religião judaica que Bento Teixeira possuía eram profundos e durante toda a sua vida não deixou de se dedicar aos estudos e a passá-los aos seus contemporâneos.

Tais pessoas mantiveram intenso contato durante o espaço de um ano, período em que praticaram nas coisas da lei, sendo da opinião expressa por Gomes D'Àvila que a

“Lei de Cristo era a melhor mais por honra e opinião, que por razão, que os pregadores sabiam a verdade como os judeus, mas não ousavam de a dizerem por medo do Papa”.

Os vizinhos também representaram uma influência fundamental sobre o menino. Fernando Lopes dissera a Bento Teixeira que Francisco Mendes possuía em sua casa uma Bíblia em linguagem, pela qual fazia muitas cerimônias da lei de Moisés. Bento Teixeira, impressionado, escreveu que com eles aceitou em ser judeu.

Fernando Lopes também dissera a Bento Teixeira que apesar dos jejuns e das cerimônias religiosas que fazia, também freqüentava as missas como cristão. Essa atitude foi comum entre os cristãos novos da colônia, que sempre tiveram a preocupação em manterem uma aparência de bons cristãos. Para Nelson Omegna, por exemplo, os “sefardins eram devotos do faz de conta”; isso porque o culto católico, feito de muito ritualismo, se “prestava à simulação”. O “culto pedia mãos, pernas, gestos, curvaturas, palavras, olhares, servicinhos, óbolos. Nesse programa, quem não tinha fé, podia entrar sem quaisquer compromissos da alma”.³²⁵ Ainda na opinião desse autor, os judeus estavam preparados para esse complexo programa de ritos e cerimônias, posto que o rito para o judeu nunca mudava.

³²³ Bento Teixeira escreve que foram suas palavras: “Que fino rabi virá a ser esse nosso sobrinho”. Processo Inquisitorial contra Bento Teixeira.

³²⁴ “Faca-o Deus tão sábio na Lei quanto rabi Moisés”. Processo Inquisitorial contra Bento Teixeira.

³²⁵ Omegna, Nelson; Diabolização dos Judeus.

Os templos receberam uma onda de simuladores, incrédulos dos dogmas e zombadores das coisas sagradas, sem emoção ou piedade. Eles persistiram na sua crença, mas fizeram todo o possível para manter as aparências e livrarem-se das garras da Inquisição. São inúmeros os exemplos que Bento Teixeira nos dá em seus relatos, não só relativo à sua pessoa, mas de todos que com ele conviviam. Por isso, não é de se estranhar o fato de que os marranos participassem como membros das irmandades religiosas, na maioria das vezes burlando os Estatutos de Pureza de Sangue, indispensáveis à aprovação de seus nomes para ingresso nessas irmandades; que fossem grandes doadores de dinheiro para obras pias; ajudassem em reformas ou em construção de igrejas. Os judeus precisaram se adaptar às exigências de seu tempo e de sua sociedade, para buscar a sobrevivência. Mesmo aqueles convertidos que realmente criam e professavam a religião católica, sem manterem laços com a religião de seus antepassados, ficavam à mercê da possibilidade de serem vistos como traidores, de estarem agindo como a maioria dos marranos da colônia, e como tal foram perseguidos também pela ação inquisitorial. A eles não era dada a chance de inserção na sociedade. Eram considerados párias dela, mesmo atuando de forma exemplarmente cristã, que deveriam pagar por seus erros e pelos erros de todo um povo. Foi nessas condições que tanto Bento Teixeira, como tantos outros marranos simularam uma forma alternativa de manterem a antiga religião, fingindo serem verdadeiros católicos, mas desenvolvendo o Judaísmo no interior dos lares.

As atitudes e considerações contrárias ao catolicismo e às obrigações impostas pela Igreja não podem ser consideradas práticas judaizantes, mas inúmeras vezes foram confundidas. Assim, em descrições de tratos com cristãos novos, Bento Teixeira misturava o judaísmo ao desrespeito aos dogmas, galhofas e princípios morais. Um exemplo foi Simão de Proença. Além de favorável à circuncisão, mantinha amante e zombava dos fiéis que devia guiar.

Simão de Proença era padre, morador em Porto Seguro e conheceu Bento Teixeira quando o agasalhou em sua casa durante uma viagem de negócios com o primo Rui Teixeira, de quem o padre era amigo. Junto a eles, declarou-se judeu, e como tal, não via mal em manter amante, uma vez que

“coisa natural e não pecado e que a lei é boa por Ter sido dada por Deus a tão santo profeta como Moisés, e não agora com tanta estreiteza e miséria, uma lei por quatro hipócritas romanos, que querem enganar o mundo e não deixam de terem por debaixo das capas mancebas. E que mais amigos são do pecado nefando do que eu sou de mulheres”

O padre referia-se a Salomão e a Davi terem tido muitas mancebas, e ele não se incriminava apenas por manter relacionamento com mulher casada, o que desagradava Bento Teixeira. Os quatro hipócritas a que ele se refere eram os cardeais romanos e os papas,

“Que eles elegem como querem, e como não devem e dão ocasião aos clérigos de viverem mal, não permitindo que se casem, que estes sacerdotes não tocam em coisas tão santas e sagradas quanto faziam os sacerdotes da lei antiga”

Tornaram-se amigos. Trataram sobre as coisas da lei ousada e abertamente. O padre zombava dos sacrifícios impostos pela Igreja e com Rodrigo da Costa e Estevão Vaz fez um homem de palha, que colocaram no altar da Igreja matriz, e lhe meteram uma hóstia de papel nas mãos. Os dois primeiros tocaram as campainhas que chamavam todas as pessoas da povoação, num Domingo de madrugada e, de joelhos começaram a adorar o homem de palha, cuidando que fosse sacerdote que levantava a hóstia. Enquanto rezavam eram observados pelos amigos que deles zombavam às gargalhadas. Bento Teixeira não fez um belo retrato do Padre Simão de Proença, pois escreveu que este tivera uma mão arrancada por Manuel Pinto e Estevão de Bezari e Vasco Rodrigues por ter cometido na confissão a uma mulher.

Não é estranho que o padre não tivesse sido denunciado, pelo menos, pelo fato de ter posto os fregueses de sua Igreja em situação tão constrangedora? Por que não encontramos maiores menções a este fato nas Denúncias? Teria sido a imaginação e a criação de Bento Teixeira assim tão férteis? Teria ele percebido o perigo em que colocava o amigo? Os episódios relatados apresentam coerência, lógica e muitos detalhes. Os nomes

das pessoas envolvidas vêm acompanhados de local de moradia, profissão, nomes de cônjuges e pais. Como a Igreja não percebeu quanto era desmoralizador para ela o Padre Simão de Proença? Temos dele apenas as denúncias de Vasco Rodrigues Bacelar que disse ter ouvido do Padre que iria denunciar Balthasar da Fonseca, pedreiro, por este se meter em coisas que não entendia³²⁶, e a de Thomé de Gouveia que afirmou que o Padre, enquanto aguardava a cruz para o enterro de um defunto, pronunciou: ³²⁷.

“aguardai, aguardai, daí ao diabo a cruz e vamos”

2. Representações contra o catolicismo

Através dos textos e confissões de Bento Teixeira perante o Tribunal da Inquisição podemos alcançar algumas concepções que nortearam o comportamento criptojuídeo dos brasileiros de origem judaica. Alguns deles estavam impregnados de exageros e superstições inexistentes na ortodoxia judaica. Entre as discussões travadas por Bento Teixeira e seus companheiros estavam a guarda dos sábados, os jejuns e as limitações alimentares.

Para os cristãos novos a “Lei de Moisés” era a verdadeira e imutável, diferentemente das civis que mudavam com o tempo. Mesmo que *“o mundo se revolvesse e se perdessem os livros em que estava escrita a lei, não se perderia a lei da nação dos judeus”* ³²⁸.

Bento Teixeira confirmou, pedindo perdão, ter passado grande parte de sua vida acreditando e ensinando aos outros cristãos novos que a “Lei de Moisés”. A salvação da alma se realizaria através de práticas judaicas que se transmitiam de uma geração a outra.

Era costume entre os cristãos novos usarem símbolos que indicavam sua crença, pronunciando palavras “como que perdidas” ³²⁹ nos primeiros encontros. Uma vez sabedores do Judaísmo de seus interlocutores,

³²⁶ Denúncia feita a 10/12/1594. Denúncias da Bahia, 1929, pg. 366.

³²⁷ Denúncia feita a 13/12/1594. Denúncias da Bahia, 1929, pg. 370/371.

³²⁸ Opinião de Gonçalo Nunes em conversação em 1589. Confissão ao s19/11/1597.

geralmente passavam a ter uma relação de amizade e confiança. Durante as datas festivas judaicas encontravam-se e presenteavam-se.

Os ensinamentos que recebeu transmitia aos outros cristãos novos, durante as freqüentes discussões. Bento Teixeira destacou que o Deus, no qual deviam acreditar e temer não era aquele no qual os cristãos acreditavam, mas o denominado de “verdadeiro” por Lianor Rodrigues, o criador do céu e da terra e que tirara o povo judeu do Egito³³⁰. *O resto eram demônios, que tinham ouvidos e não ouviam, que tinham boca e não falavam.*

O médico Manoel Esteves ia além. Afirmava que um profeta lhe havia ensinado que *“todo o gentio deveria se converter, quebrando o prepúcio de seu coração e guardando a lei que Deus deu a Moisés, para alçar uma bandeira vitoriosa nos muros de Jerusalém”*.

Dentre as prescrições da lei judaica constava a guarda do sábado, quando aos cristãos novos estaria vedado qualquer tipo de trabalho. Lianor Rodrigues lhe havia ensinado que no dia de sábado *“não se queimasse cera, porque era sujidade das abelhas, nem se deveria permitir que tecessem ou fizessem outro serviço”*.³³¹ dizia ainda que *não podiam dar mais que quarenta passos contados fora de casa, perdoar a tudo e não fazer mal a nenhuma criatura, não matando piolho ou pulga que lhe comessem nesse dia. Os que pudessem deveriam liberar os escravos para que eles também pudessem guardar o dia em louvor a Deus, caçando e folgando*³³².

Aos sábados os cristãos novos deviam usar camisa branca lavada. Deus lhes permitia o uso de apenas alguns tipos de tecidos na como a lã, o linho e a seda, mas proibindo o gorgorão.³³³

Às sextas feiras as casas deveriam ser limpas e impregnadas de aromas provenientes de alguns tipos de ervas (manjerição e alfavaca), já que Deus as visitava neste dia. As torcidas de pano dos candeeiros deveriam ser trocados e neles usados apenas *“azeite de peixe ou manteiga”*.³³⁴

A guarda do sábado foi o costume mais persistente entre os cristãos novos. Desde as origens do judaísmo, a guarda dos sábados foi considerado o

³²⁹ Ver Bento Teixeira e Violante Fernandes.

³³⁰ Confissão a 19/11/1597.

³³¹ Confissão a 17/12/1597.

³³² Outra razão para darem o dia aos negros era para poderem diminuir as tentativas de fugas e revoltas.

³³³ Confissão a 10/01/1597 relatando discussão com Baltazar pereira.

mais santo preceito. Independente da sinagoga ou da comunidade, sua observância só se fazia possível dentro das casas, tornando-o possível aos colonos. A guarda do Sábado trazia duas mensagens: de um lado, a limpeza, as orações e o estudo da Torá. De outro: a proibição do trabalho. O sábado era santo, porque era um tempo que devia ser destinado ao descanso e à reflexão, sendo as discórdias da semana relegadas a um segundo plano. A guarda era obrigatória por vinte e quatro horas, do anoitecer da sexta feira ao anoitecer do Sábado. Às sextas feiras, limpavam-se as casas e preparava-se a alimentação. Candeeiros deveriam ser limpos, o vinho abençoado e uma alegre reunião familiar se desenrolava durante a refeição. As crianças recebiam as bênçãos dos pais e a família tinha que se recolher cedo. Suas atividades giravam em torno do respeito a Deus, orações, estudo da Lei, descanso e encontros com a comunidade³³⁵. Homens e mulheres tentaram presevar na colônia o sábado de descanso, mas encontravam sérias dificuldades em fazê-lo.

Quanto aos jejuns, Bento Teixeira lembra que sua mãe indicava alguns desde a noite de sexta feira, e outros, classificados de “verdadeiros”, (desmerecendo assim os jejuns cristãos), deveriam ser feitos às segundas, quintas feiras e domingos. Por eles Deus perdoaria os pecados, trazendo muitos bens e merecimentos³³⁶. Lianor Rodrigues ensinara o filho que se jejuasse *lhe nasceria um dente de ouro*.

Baltazar Pereira lembrou a importância do jejum, uma vez que o próprio “*Moisés jejuara quando Deus lhe dera as leis*”³³⁷.

O jejum da Rainha Éster poderia restabelecer a saúde, curando as enfermidades. Assim o fez Maria Fernandes de Paços, quando ao comprar de Bento Teixeira três varas de pano, prometeu o jejum em agradecimento à mercadoria e para poder ajudar no restabelecimento deste, que se encontrava doente. Anos antes, Lianor da Rosa e João Vaz Serrão, ao atender a mãe de Bento Teixeira enferma, aconselharam o filho a fazer o jejum no lugar dela. Eles próprios o acompanharam. Violante Fernandes antes de morrer pediu à filha e às irmãs que fizessem o mesmo.

³³⁴ Confissão de 17/12/1597. Palavras de Diogo de Escovar.

³³⁵ Gitlitz, David M. Secrecy and Deceit: The Religion of the Crypto- Jews. Pág 317 a 344.

³³⁶ Ensino de Lianor Rodrigues.

³³⁷ Confissão a 10/01/1598.

Segundo Bento Teixeira Páscoa, em sinal da passagem dos filhos de Israel, devia-se comer pão ázimo com alfaces silvestres e o cordeiro pascoal³³⁸.

As prescrições alimentares eram várias e, Bento Teixeira vai aumentando a lista de alimentos impróprios na medida em que aumentavam suas idas à Mesa. Especificou os alimentos que os cristãos novos diziam evitar, uma vez que era quase impossível fugir a todos. A carne de porco foi a mais lembrada depois os peixes sem escama, os peixes de couro e “coisa de carne que fosse afogada ou devorada de besta fera, porque ao comer ofendiam a Deus.”³³⁹ Estavam proibidos também de cozer carne em panela que cozesse peixe e vice versa.³⁴⁰ Não poderiam comer queijo sobre carne de vaca, nem leite³⁴¹.

No entender de Paul Jonhson, o alimento era parte da religião e alimentar-se é uma comunhão com Deus, assim, não bastava que o alimento proviesse de uma espécie permitida, mas era necessário que se pronunciasse uma benção, enquanto se procedia ao abate. A faca não deveria ter mácula e deveria estar afiada. Procurava-se na carne sinais de enfermidade, retiravam-se veias que continham sangue, junto com a gordura proibida e músculos na parte de trás³⁴². Esses preceitos da lei foram reiteradas vezes abordados por Bento Teixeira.

O jejum, as limitações alimentares e a guarda dos sábados implicavam em problemas, posto que o conhecimento de realização de cada uma das obrigações deixava claro o caráter judaizante de quem o praticava. Para escapar à constante observação dos cristãos velhos, os judaizantes optavam por irem às granjas e fazendas para poderem jejuar e guardar os sábados longe de mulheres e maridos e, na impossibilidade, o guardavam na vontade. Os que precisavam trabalhar mentiam doenças, como foi com Francisco Gomes, que “às vezes se fingia de doente para não seguir Antonio Salema aos sábados”³⁴³.

³³⁸ Informação dada por Lianor Rodrigues em 1574. Confissão aos 15/12/1597.

³³⁹ Processo inquisitorial contra Bento Teixeira.

³⁴⁰ Confissão a 30/12/1597 descrevendo prática com Baltazar Pereira.

³⁴¹ Confissão a 13/12/1597 sobre conversa com Bartolomeu Fernandes em 1583.

³⁴² História dos Judeus, Parte três, A Catedocracia.

³⁴³ Confissão feita a 19/12/1597 relatando fatos de doze anos passados no Ri de Janeiro.

Abrigados da curiosidade estavam em condições de obedecer aos preceitos estabelecidos. Diogo de Meireles justificava o uso de camisas lavadas aos sábados, dizendo à mulher, cristã velha, que ia a audiência com o vigário e não comia porco dizendo que lhe fazia mal ao estômago³⁴⁴. Francisco Gomes Pereira mudara da capitania do Rio de Janeiro para a do Espírito Santo, e se confessava aliviado ao amigo Bento Teixeira: “se soubessem em que paraíso estou de receio e temor de vilãos ruins me puderem caluniar se sou judeu senão ficaria a vossa alma consolada, porque aqui nessa terrinha de eu estar quieto e comer o meu pãozinho, faço tudo o que quero por guarda da Lei, o que não podia fazer no rio, porque é terra de mais tráfico e gente”.³⁴⁵

Havia outros tipos de discussão, que se inseria no contexto social rígido da época. Dentre eles estava e o costume de poderem se relacionar fora do casamento. As mulheres não se eximiam dessa prática e de sua defesa. A fornicção era coisa tão natural quanto comer e beber e, por isso, não era pecado³⁴⁶.

Foram recorrentes os exemplos que Bento Teixeira deu sobre ajuntamentos fora do casamento: assim foi com o Padre Simão de Proença e Lianor Gomes, cristã nova, casada. Enquanto o marido viajava, ela encontrava-se com o Padre. Este retrucou que era coisa natural e não pecado. Salvador Mergante³⁴⁷ tinha manceba de portas adentro, que ele não considerava pecado, contanto que lhe pagasse pelos serviços a moça. Os judeus, em sua opinião, não consideravam defeito ter ajuntamento com mulher solteira. Pero Lopes Camelo mantinha um relacionamento com Barbosa Barreiros Denande, mulher de Diogo Barreiros, cristão velho, senhor do paço de Barreto. Repreendido por Bento Teixeira, respondeu Camelo que era a “salvação da alma fazer cabrão a um vilão ruim deles. Eu não ando com ela, mas meto-lhe o papa no palácio sacro e deixo-lhe os cardeais à porta³⁴⁸”. Guimar Mendes, cristã nova, viúva, estava amancebada com o sobrinho de seu marido e ao ser aconselhada a abandoná-lo respondeu que “mais vale um gosto só que a

³⁴⁴ Diogo de Meireles era cristão novo, senhor de engenho no qual Bento Teixeira colocara escola e com quem fez esnoga. Confissão aos 26/11/1597.

³⁴⁵ Confissão feita a 22/12/1597 sobre conversas que teve com Francisco Gomes Pereira no ano de 1578.

³⁴⁶ Confissão a 13/12/1597 em conversa com Bartolomeu Fernandes em 1583.

³⁴⁷ Senhor de meio navio e piloto em confissão a 3/12/1597.

³⁴⁸ Esse comentário, que a princípio disse não ter sido seu, mas ouvido de outrem foi uma das acusações que levou Bento Teixeira à prisão.

própria vida”. Achava ela que, mesmo não sendo letrada, sabia que não ofendia a Deus e acrescentava: “Bem sabei-vos que Nosso Senhor que os tios casassem com as sobrinhas sem pecado, e que um irmão, morrendo outro, se casasse com a mulher do que morreu, e isto sem pecado, tão-pouco peço eu em ter ajuntamento com o meu sobrinho”, Fernão Ribeiro de Sousa comentou que tinha duas mulheres; a sua e sua cunhada, e que nisso não pecava, uma vez que Jacó dormia com duas irmãs e nem assim pecara. Mesmo Felipa Raposo, esposa de Bento Teixeira reconhecia os adultérios, mas dizia não pecar porque o marido era judeu.

A preocupação com os menos favorecidos devia ser constante e a ajuda nunca negada. Bento Teixeira recebeu auxílio dos padres da Companhia e de homens importantes da colônia. Nem por isso eximiu-se de sua obrigação. Dava esmolas a Manoel Fernandes, o Papa que comentava com o amigo “fazeis aquilo que mandava o Senhor Deus a vossos pais Abraão, Isaac e Jacó, “que se na terra de promessa que vos dou, se houver algum pobre vosso irmão, não encolhais a mão, mas estendei-a e dai-lhe esmola, e que isto era o que Deus mandava”.

As mulheres tinham restrições quando menstruadas. Não deveriam tocar em objeto algum, pois o simples toque o tornaria imundo. Também não podiam ser tocadas. As relações sexuais mantidas nesse período podiam determinar o nascimento de crianças defeituosas³⁴⁹.

Era ainda atribuição das mulheres o costume de amortalar os corpos dos defuntos com lençol inteiro e novo. Era também usual que se cortassem as unhas de pés e mãos e as enterrassem juntas aos corpos, assim como moedas ou medalhas deveriam ser colocadas na mão ou boca dos defuntos. Costumava-se jogar a água dos cântaros da casa fora e, após o enterro, que deveria ser em terra virgem, fazia-se jejum, ceando alguns alimentos específicos em mesa baixa.

Para os judeus era importante não morrer como cristão, por isso, insistentemente recusavam os ritos católicos para a morte. Para os conversos, na opinião de Gitlitz, a reafirmação do judaísmo no leito de morte assegurava o seu lugar na continuidade da tradição ancestral. Para alguns, particularmente

³⁴⁹ Processo inquisitorial contra Bento Teixeira.

aqueles que aceitavam o conceito cristão de vida após a morte, isso significava a esperança de uma salvação judaica. Além do mais, a reafirmação das práticas judaicas no leito de morte significava por sua vez, que a rejeição ao cristianismo era sincera. Por esse motivo, neste momento específico não aceitavam as imagens cristãs, a consolação dos padres e a extrema unção.

O hábito de lavar os corpos era comum entre os judeus ibéricos durante a Idade Média. Ele deriva da crença de que quando a alma se separa do corpo, ela encara a face divina. Por isso, era aconselhável a limpeza do corpo antes de estar face ao Senhor. A tradição judaica também era específica no que diz respeito a como devia ser vestido o corpo para o funeral. Na Mishna Torá lê-se que “deve-se cobrir a face da morte para não envergonhar os pobres cuja desnutrição os tornou lívidos”.

O costume de embrulhar os corpos em lençóis de linho branco vem do Levítico. O linho é santo porque era usado para revestir o Tabernáculo e para as vestimentas dos sacerdotes. Além do lençol e roupas, os conversos da Península Ibérica tinham o hábito de colocar junto ao corpo ou à sepultura, moedas; anéis; ouro; pérolas e comida. Isso era feito para facilitar a jornada do morto, na medida em que muitos conversos viam a partida para uma vida após a morte como uma jornada, e para tal, deixavam as provisões para o viajante. Em contrapartida, não admitiam crucifixos, o que a Inquisição por sua vez via como muito suspeito.

O sepultamento tinha que ser feito em solo virgem, que nunca tivesse sido usado para outro propósito. O fato dos cristãos enterrarem os corpos de seus mortos para que depois de decompostos, seus ossos fossem novamente enterrados em outros lugares, era prática inaceitável para os judeus.

Quando da morte de sua mãe, Bento Teixeira foi aconselhado pela filha de Lianor da Rosa, que a amortilhava, a não chorar, pois a morta “ia bem aventurada”.³⁵⁰

As lamentações após os enterros pela tradição, continua Gitlitz, eram divididas em quatro períodos após os funerais: três; sete; trinta dias; e um ano. Nos três primeiros dias, que são os mais intensos, os parentes não recebem palavras de conforto de amigos e parentes. A primeira semana de lamentações

³⁵⁰ Opinião da filha mais velha de Lianor da Rosa ao amortilhar a mãe de Bento Teixeira, na Bahia, ano de 1580. Confissão aos 20/11/1597.

tem origem no Gênes e é seguida por vinte e três dias de lamentações menos intensas. Depois, vem o período até completar um ano, quando progressivamente as lamentações vão diminuindo. Esse ano inteiro geralmente é dedicado a parentes próximos. Tradicionalmente as lamentações exigiam, para demonstrar a tristeza e mágoa, a abstenção de atividades festivas ou ostentatórias. Também era comum produzir algum desconforto, como mortificar o corpo, ou destruir o que se considerava valioso, como roupas, por exemplo. Os espelhos da casa deveriam ficar virados para a parede, alguns chegavam até a redecorar a casa para esses dias, pois os sinais da mágoa deviam estar evidentes nos lares.

Os judeus viam a morte relacionada com impureza. Logo, qualquer pessoa que tivesse tido contato com cadáveres deveria ser limpa e purificada. Por extensão, a casa também deveria passar por limpeza. Ao mesmo tempo, uma vela precisava ser acesa por sete dias em honra do morto.

Por fim, um dos costumes mais citados nas Confissões e Denúncias, mas não presente nos relatos de Bento Teixeira, foi o de se jogar fora a água dos vasos e cântaros nas ocasiões de morte na casa. Este seria uma forma de informar o falecimento aos vizinhos sem proferir palavras, alertando-os de que a casa estava impura. Há ainda duas razões: que despejar a água é um símbolo de que a vida está extinta, ou de que a alma está despejada do corpo³⁵¹.

Os cuidados com esses preceitos nos foram relatados pelo réu, nos casos de morte de Lianor Rodrigues, sua mãe, amortalhada por Lianor da Rosa e filha e Violante Fernandes, cuidada pelas irmãs e filha.

Por fim, Bento Teixeira alinhavou o costume dos juramentos que se faziam entre os cristãos novos. Presentes nas Confissões e Denúncias eram feitos muitas vezes sem especificação, mas podiam ter por objetivo a cura.

A Circuncisão

A discussão sobre circuncisão era comum no grupo do qual fazia parte o poeta. Bento Teixeira cita os nomes de Francisco Lopes e Francisco

³⁵¹ Extarido de Gitlitz, David M; Secrecy and Deceit: The Religion of the Crypto Jews.. Pag 277 a 316.

Mendes, vizinhos de sua família, que teriam circuncidado um ao outro e o convencido a fazer o mesmo. A circuncisão só não ocorreu porque o pai de Bento Teixeira descobre a tempo e os denuncia. Outra figura a participar dos jejuns e discussões na casa de Lianor Rodrigues, mãe do poeta, foi Ana Tristão, que teria, por sua vez, circuncidado o marido, Gomes Anes.

Bento Teixeira contou ainda aos Inquisidores que ao adoecer na casa do padre Simão de Proença³⁵², este chamou para lhe curar o cirurgião Antonio Nunes que foi acompanhado de Rodrigo da Costa. O Padre pediu a Rodrigo que o alegrasse com a viola e que o cirurgião o curasse, mas Antonio Nunes arrematou dizendo que a cura da enfermidade nas partes secretas apenas se daria com o corte do prepúcio, ao que Bento Teixeira respondeu preferir a morte a tal dor. Antonio Nunes diante da negativa argumenta que o corte traria dois proveitos: a cura e a circuncisão, e que ele próprio era circuncidado.

Simão de Proença perguntado sobre a circuncisão disse que “antes que Deus desse a lei a Moisés, muitas centenas de anos havia que tinha feito pacto e concerto com Abraão, que ele e todos que dele descendessem, haviam de se circuncidar para se estremarem os gentios, e que esta era a causa dos judeus se circundarem”.

Para Bento Teixeira a razão da circuncisão “era a de que o Senhor Deus o queria para atalhar ao deleite sensual e apetite da carne, porque tendo o prepúcio fora, não provoca tanto a pessoa ao deleite da carne”.

Nas Denúncias há apenas uma denúncia que trata especificamente deste assunto. Na Bahia, Antonia de Oliveira foi denunciada por Guiomar de Fontes³⁵³, porque circundava os filhos, logo após o batizado. Maior negação de dogmas, impossível. No entanto, se era freqüente nas discussões de Bento Teixeira, e se as circuncisões citadas realmente se fizeram, não temos mais notícias.

³⁵² Morador em Porto Seguro, amigo de seu primo Rui Teixeira, mercador.

³⁵³ Guiomar de Fontes apresentou-se como cristã velha e amiga das pessoas que denunciou. Suas palavras sobre Antonia de Oliveira, transcritas pelo notário foram de que Antonia, “cristã nova, filha de Mestre Afonso, mulher que foi de Belchior da Costa circundava as crianças que paria depois que vinham de batizar e que uma vez fora vista uma criança sua ensangüentada e fora ouvida chorar quando a circundava”. Mendonça, Heitor Furtado, Primeira Visitação do Santo ofício às Partes do Brasil. Denúncias da Bahia. Série Eduardo Prado. Para melhor se conhecer o Brasil, São Paulo, 1925. Página 333.

Orações e Cantigas

Os cristãos novos rezavam muito, mas lhes era recomendado que nas orações que aprendiam desde criança não deveriam dizer Glória Patri e Filho e espírito Santo. Os judaizantes, apesar de reclamarem da falta de orações e cantigas preservaram inúmeras delas. Bento Teixeira confessou que muitos deles possuíam caderninhos com os textos que eram emprestados para cópia. Ele mesmo afirmou que depois de copiá-los e decorá-los, jogava-os fora, mas os mantinha na memória. Gonçalo Nunes tinha orações do testamento velho, João Vaz Serrão, cirurgião, trazia consigo para auxiliá-lo nas curas um caderninho com sete a oito capítulos do Levítico. As orações mais mencionadas foram: os salmos de Davi, sem glória Patri, mas *Benedicto et charitas et sapientia et gratiari actio honor virtuty et funditudo oconostro*³⁵⁴. Francisco Pardo rezava o Mardoqueu e a oração de El rei Manases, quando estava cativo na Babilônia,

Assim como João Vaz Serrão, o curara Manoel Esteves, médico e cirurgião, cristão novo, natural deste reino, que ao tentar curá-lo disse-lhe: “já que as mesinhas que lhe tenho aplicado não fazem nenhuma operação, quero lhe fazer um remédio mais divino que humano, e para fazê-lo não há de estar aqui mais ninguém, senão vossa mercê e eu e lhe pediu que jurasse pelo Senhor Deus do céu e da terra, que salvou seu povo do cativoiro do Egito, e que não havia de descobrir a ninguém as palavras com as quais o queria curar, e que ele cresse de viva fé em Nosso Senhor Deus, Adonai, que o havia de

³⁵⁴ Louvor, Glória, sabedoria, ação de graças, honra, virtude.

curar, e disse-lhe tocando o lugar enfermo:” Em nome do grande e poderoso Senhor dos exércitos que apareceu a seu servo Moisés, ele deu em braço estendido poder desfazer grandes prodígios e sinais e concedeu a Iliseo, profeta, e a todos os demais santos que nele cressem vivamente, e de cor soubessem os seus setenta e dois nomes, de obrarem por meio deles grandes maravilhas, e ressuscitar mortos, sarar lepra, endireitar coxos e aleijados em nome de Adonai, que com o som das trombetas dos Levitas, somente fez cair os muros de Jericó e as e a reza vera em caida e a razada? Esta enfermidade fora do corpo deste seu servo, que bem e fielmente crê nele“. Ele afirmava que com estas palavras tinha curado outras pessoas.

Assim, para ter saúde era preciso crer e seguir a lei de Moisés e manter junto de si durante os tratamentos, as orações e cantigas. Uma delas ficamos conhecendo através de Salvador Fernandes (Pipa Douro), músico, que encontrando Bastião Ferreira³⁵⁵ em casa enfermo, tentou alegrá-lo com o que ele chamou de soneto, que dizia:

“Sete anos de pastor Jacó serviu e depois in exitu Israel de terra Egito e pedindo que mais que se desmienta volve a seu natural e, digo isto porque ainda que queirais fingir que não sois cristão novo, não podeis”.

Pedro Henrique³⁵⁶ receberia o Messias com a oração *“Bento seja o Senhor Deus que nos juntou das quatro partes do mundo por onde andávamos espalhados”*.

Bento Teixeira rezava os sete salmos de Davi e nos ofícios dos defuntos o Réquiem eterno. Pedro Álvares³⁵⁷ que possuía um livro de orações, ofereceu uma a Bento Teixeira e a Gaspar Rodrigues, alfaiate. Eles a escreveram e a mandaram à memória. Bento Teixeira afirmou aos inquisidores que a rezava todas as manhãs e a repetiu:

“Muitas santas graças e louvores vos dou meu Adonai, Deus verdadeiro de meu pai Abraão, Isaac e Jacó pelos bens e mercês que me fizestes e fazeis e tendes para fazer, e primeiramente vos dou muitas graças pelo benefício tão

³⁵⁵ Cristão novo, sobrinho de Felipa Raposo em 1573. Confissão aos 19/12/1597.

³⁵⁶ Médico, cristão novo, natural do Porto, casado com uma mulher de sobrenome Duarte em conversação com Bento Teixeira em 1582.confissão aos 22/11/1597.

³⁵⁷ Cristão novo que ajudava financeiramente Bento Teixeira em agradecimento pelos ensinamentos que este lhe dava. Confissão aos 5/01/1598.

alto que me fizestes, não tendo eu ser nenhum por me alevantardes do povo da terra e me fazerdes à vossa imagem e semelhança, dando-me potências e alma racional com que vos adoro, e por me sustentando desde o instante que me destes o ser até o dia presente, com todos os mimos e regalos vossos, que eu nem tenho entendimento para compreender, nem memória para me lembrarem, nem palavras para referir, e por esse mesmo instante até hoje, me livrardes de tantos perigos e trabalhos, a quanta está sugerida a miserável vida, das quais força nenhuma humana fora poderosa para me livrar, se vós não fôreis meu Adonai, meu Deus Tethagramaton, em reconhecimento das quais mercês não tenho não tenho outro holocausto e sacrifício que vos oferecer, senão louvando-vos logo pela manhã, e reconhecer-vos e adorai-vos por Deus dos Deuses, senhor dos senhores, rei dos reis, princípio dos princípios, causa de todas as causas, por único autor da natureza angélica e humana, no céu de cima e na terra de baixo, e para vos louvar com mais suficiência, vos peço que vos apureis os meus beijos, para que minha boca denuncie vosso louvor em companhia dos anjos e dos santos, os quais prostrados diante de vosso divino acatamento, vos louvam com incansável voz, dizendo: santo, santo, santo, é o senhor dos exércitos. Salva-nos, meu Adonai e senhor, e ajuntai-nos das quatro partes do mundo por onde andamos espalhados, feito opróbrio, zombaria, falaula? provérbio das gentes, movimento de cabeça, aqueles que estão ao redor de nós, levados à matança como ovelhas e carneiros, não vos lembre senhor, os nossos pecados, mas antecipem-se nas vossas divinas misericórdias e rezemos? segundo a multidão de nossas amerceações ? em misericórdia e piedade na presença daqueles que nos tem cativos, fazei prodigiosos sinais, assim como jurastes a Abraão, Isaac e Jacó, vossos servos e aos demais santos e profetas. Lembremos que somos povo vosso, ajuntamento vosso que persiste desde o princípio, ovelhas vossas, herança vossa particular, porque fizestes tantas maravilhas na terra de Egito, tantos prodígios e sinais, no mar ruivo, tantas estranhezas na terra de Can, tantos milagres na transmigração de Babilônia, para que todos juntos digamos Bendito seja o senhor Deus de nossos pais e Nosso Senhor ajuntou das quatro partes do mundo por onde andavam espalhados, e para que assim ,todos os dias de nossa vida, glória a vosso santo Deus nosso e a nós pecadores, confusão de nossa face”.

As orações representaram uma das formas de resistência do grupo cristão novo. Por elas, sua história ficava gravada indelevelmente na memória. A expectativa da mudança dos tempos e a vinda de uma era em que os judeus pudessem ser finalmente incorporados à sociedade, sem os preconceitos conhecidos, continuaram a fazer parte do imaginário do grupo.

A característica que marca esta oração é um louvor ao pacto que Deus fez com o povo eleito. Ele, que foi escolhido pelo Criador, apesar das inúmeras vicissitudes, agradecia as bênçãos recebidas e pedia que Deus os ajuntasse das quatro partes do mundo por onde andavam espalhados. A expectativa por um tempo em que pudessem bendizer ao Senhor, nos remete à idéia do Messianismo, característica do grupo de Bento Teixeira. Comparando essa oração que Bento Teixeira nos deixou com alguns trabalhos sobre esse tema, pudemos perceber a manutenção das abordagens e preocupações nelas contidas. Manuel da Costa Fontes destacou que até o século XVII, as orações ainda traziam elementos desse Messianismo judaico. Transcreveu do Processo Inquisitorial contra Brites Henriques, presa aos 21 ou 22 anos pela Inquisição de Lisboa, a seguinte oração:

Dá-me ajuda e favores
Que prometeste a Daniel,
Esta vinda do Messias

A idéia de redenção aparece ainda em outra oração de Brites Henriques:

Encomendo-me a Adonay
Que ele é minha alegria,
Que ele ma há de guardar e salvar
De cão, danado e para danar,
De homem vivo meu inimigo,
De homem mau, mau encontro,
Do rayo do poder das justiças,
De fogos ardentes

E de boca má

A antiguidade das orações comprova o esforço do grupo cripto judeu, não só no Brasil, mas em todos os lugares aonde foram perseguidos de manter vivas tradição e história através da religião. Com variantes, as orações mantinham, no entanto uma estrutura similar. Assim, principiavam duas orações extraídas pela Inquisição de Coimbra no ano de 1583:

Alto Dios de Abraham,
Grande Senhor de Israel,
Tu que ouviste a Samuel,
Ouve minha oração.
Senhor que te apresentaste
Nesas mui grandes alturas,
Ouve a mim, pecador,
Que te chamo das
baixuras³⁵⁸

No ano de 1701, Antonio de Sá Carranca, tecelão bragantino preso pela Inquisição de Coimbra proferiu:

Ó alto Deus de Abraão,
Ó forte Deus de Israel,
Tu que ouviste a Daniel,
Ouve-me a mim e a todas
As minhas coisas³⁵⁹.

³⁵⁸ Fontes, Manuel da Costa; “Orações Criptojudais na Tradição Oral Portuguesa”. In *Hispania*, volume 74, number 3. September, 1991. Special Portuguese Issue. Published by the American Association of Teachers of Spanish and Portuguese, Inc. Páginas 513.

³⁵⁹ Fontes, Manuel da Costa; Mediterranean Language Review 6-7 (1990-1993). *Special Issue Commemorating the 5th Centenary of the Expulsion of the Jews from Spain: 1492-1992*. Harrassowitz Verlag. Wiesbaden, 1993. Página 93.

O louvor a Deus, como é descrito nesta oração aparece, de maneira muito mais simples do que nos apresentou Bento Teixeira, mas com a mesma intensidade, numa oração que dizia:

A honra e louvor
Do Senhor dos altos Ceos:
Seja a santa Formosura
De Adonay nuestro Dios
Perfeita a obra das minhas mãos compõe,
Perfeita a obra das minhas
Mãos comporá.³⁶⁰

Nestes estudos, fez-se também uma comparação com orações judaicas contemporâneas, e o que se constatou foi que muitas delas permaneciam com a mesma estrutura que as de séculos passados. Os marranos tinham sido vitoriosos nesse trabalho de colher, memorizar e perpetuar suas orações.

O Messias

A preocupação com o Messias foi constante nos relatos de Bento Teixeira, lembrando que o assunto abalava os rabinos. Desde as primeiras instruções pela mãe até sua prisão repetiu que a chegada do Messias era esperada e que ela tiraria os judeus da situação em que se encontravam. Acreditavam que ele ainda não era vindo, mas que quando chegasse, (pelas informações do tio que ensinara Lianor Rodrigues o Messias não tardaria mais que vinte anos) traria grandes bens e vingaria as afrontas que os cristãos lhes faziam e *“os reis da terra se hão de levantar contra ele e lê há de subir a um monte muito alto e com faíscas e labaredas de fogo os há de consumir e abrasar a todos... de lanças, arcos e flechas que mais de trinta dias não há de queimar o fogo... nossa outra lenha senão elas, porque assim o profetizou Davi e nos há de dar a terra da promessa liberta de maneira que nunca mais gentio*

³⁶⁰ Extraído de Fontes, Manuel da Costa; Mais Orações Criptojudias de Rebordelo. *Revista da Universidade de Coimbra*.Coimbra, 1992. Página 462.

*nem besta fera há de trilhar e meus filhos e avós, minhas sobrinhas, Haveis de pedir ao Messias que ressuscite o vosso pai e mãe e a mim, e ele o há de fazer e hão de ser santos os ressuscitados que há de ficar a terra da promessa muito estreita para todos nela caberem”.*³⁶¹

No tempo do Messias, haveria perfeição da vida, como tinham no tempo de Moisés, (quando se trata de Moisés entre os judeus, quer dizer perfeito), porque antes dele tudo era escória.

Inês Fernandes adotou a razão que lhe dera Francisco Pardo: *“que pelo messias que o Senhor nos tem prometido, nos hão de vir muitos bens e descansos, enquanto Cristo que os cristãos pensam que é o verdadeiro messias, não nos vem senão males e desventuras”, ao que Andréa Jorge, sua irmã respondeu: “quando não houver outra razão, esta parece que basta”.*

Bento Teixeira nessa ocasião lembrou que a discussão estava vedada a elas por serem mulheres, mas que a elas bastava crerem que o Messias não era vindo e terem *“a lei do Senhor escrita no coração”.*³⁶² A filha de Violante Fernandes, ao ser perguntada se havia entendido, respondeu que sim, que *“Deus não comia senão corações e que bastava ter em nome o coração do Senhor, sem a descobrir a ninguém”.*

O mesmo Francisco Pardo disse que viria um tempo que seu povo não diria: *“Bendito seja Deus, que nos tirou do cativeiro do Egito e da Babilônia”,* senão seria: *“Bendito seja o Senhor deus que nos juntou das quatro partes do mundo onde andávamos desgregados”, e isto não era cumprido, mas havia de se cumprir (porque Deus nunca mentiu, nem há de mentir) e deu mais razão que o Messias havia de dar à terra de promessa aos do povo de Israel, à qual os gentios não haviam nunca mais de trilhar*³⁶³.

Miguel Fernandes³⁶⁴ perguntou da dúvida que tinha a respeito do Messias, que não era vindo, *“por que não é possível Deus faltar tanto tempo”* e que, como dizia seu pai, *“mil anos na presença do Senhor Nosso era como um dia que passou ontem”.* A Resposta que obteve foi a de que quando o Messias viesse *“haveria de ter tantos bens que consigo havia de trazer e tanta felicidade*

³⁶¹ Confissão a 15/12/1597 relatando seu aprendizado religioso com a mãe.

³⁶² Confissão a 29/11/1597 relatando as comunicações com a Família Antunes.

³⁶³ Confissão a 29/11/1597.

³⁶⁴ Cristão novo, mercador, casado com uma sobrinha de Bento Teixeira, filha de Rui Teixeira. Confissão a 12/12/1597.

que os mortos haviam de ressuscitar, para que gozassem deles bem (ressuscitados)”, e que o Messias os ressuscitaria com muita facilidade. Lionel Mendes Pintão³⁶⁵ folgou em saber o que tinha que fazer por guarda da Lei até a vinda do desejado Messias, ao que Gonçalo lhe respondeu que “qualquer coisa basta com teres fixa a é do Senhor Deus em seu peito, porque ele não como senão corações, e basta fazermos qualquer cousa, pois estamos cativos”.

O Messias ainda reformaria e restauraria o templo de Salomão.³⁶⁶

Bento Teixeira respondeu aos amigos que os judeus, por não acreditarem em “Cristo como verdadeiro deus e Messias, não eram admitidos nos Concílios”.

OS JUDAIZANTES E CRISTO

Para todos os judaizantes, Cristo não era o Messias nem Deus verdadeiro, e sua lei não era melhor porque ele só pôde ensinar o que Deus permitiu e lhe deu poder. Sua Lei era melhor mais por honra e opinião, que por razão, e que os pregadores sabiam a verdade como os judeus, mas não ousavam de a dizer por medo do Papa³⁶⁷.

Lianor Rodrigues foi perguntada por Alonso Del Rio³⁶⁸ o que seu tio falava sobre o Cristo, se era verdade que fazia milagres, que “*ressuscitava mortos e fazia outras maravilhas*”. A resposta foi de Bento Teixeira que assegurou que Cristo “*fazia milagres em virtude dos setenta e dois nomes do Senhor Deus, que lhe ensinou um grande profeta, nomes que trazia em uma caixa escritos da mão de Deus.*”³⁶⁹ Diogo Rodrigues³⁷⁰, presente à discussão completou que Cristo foi discípulo desse profeta, que pedindo que lhe mostrasse sua divina presença, Nosso Senhor lhe respondeu que jejuasse uns tantos dias, e que no derradeiro, em meio dia em ponto lhe mostraria a sombra de suas costas pela caverna de uma pedra, na qual passando o Senhor Deus disse as seguintes

³⁶⁵ Presente à discussão, era cristão novo irmão de Gonçalo Mendes Pinto em confissão a 12/12/1597.

³⁶⁶ Confissão de 19/12/1597 relatando tratos com Diogo de Escovar há 22 anos.

³⁶⁷ Confissão a 16/12/1597 relatando conversação com Gomes D’Ávila.

³⁶⁸ Cristão novo, castelhano lavrador de canas e algodão em confissão a 16/12/1597.

³⁶⁹ Confissão a 16/12/1597.

palavras: “*Senhor Adonai, fazei-me tamanho com a tĩ*”(falando com o Nosso Senhor), e o profeta irado contra o Cristo lhe deu um empurrão e respondeu: “*Ladrão, seja isso na morte e não na vida*”³⁷⁰. Arrematou dizendo que “*daqui vem conceder-lhe Deus ser ele tamanho como o mesmo Deus na morte como vemos, que na vida bem apoucado foi*”.

Francisco Pardo³⁷¹ no entanto, aproxima judeus de Cristo ao dizer que os cristãos diziam que Cristo redentor ressuscitara, “*mas não o fizera da maneira como os cristãos diziam, pois os rabinos diziam que sendo os judeus os que mataram Cristo, e andando o povo levantado pelo crédito que tinha com o povo, os judeus com receio de lhe fazerem mal, tomaram os nomes de Nosso Senhor, que são setenta e dois e os botaram na boca de Cristo morto, em virtude dos quais nomes Cristo ressuscitou dizendo as seguintes palavras: “quem tocar em fariseu ou rabino toca no menino do meu olho e o povo com estas palavras de Cristo se aquietou*”.

OS JUDAIZANTES E OS CRISTÃOS

Se do Cristo tinham tal juízo, que dizer sobre aqueles que o seguiam e o consideravam Deus?

Para eles, os cristãos eram gentios, que criam em ídolos e abusavam do uso de imagens.

Por crerem que o Messias já havia chegado na figura de Cristo, impediam que os judeus expressassem sua ansiedade ao aguardar aquele que

³⁷⁰ Cristão novo, mercador. Em 1574.

³⁷¹ Ver nota 216.

considerariam por verdadeiro. Diogo D'Ávila ressaltava que os cristãos eram *“como procuradores que põem demandas injustas que alegam com a ordenação onde faz por eles, e onde faz contra eles, calam a ordenação”*.³⁷²

Miguel Fernandes estranhava o fato dos cristãos não acharem boa a Lei de Moisés, uma vez que levaram a nata dos dez mandamentos que Deus dera: *“levam o vinho e nos deixam a água”*.

Para o Padre Simão de Proença, os cristãos eram “piores que cães, porque cães conhecem a seu senhor, e a quem lhes faz bem, e eles não querem conhecer o Senhor Deus verdadeiro”.

Considerava uma afronta ter lhe toma do a honra e dado o filho a um carpinteiro, que *“o Messias os ia livrar de tudo, arrasando os gentios, que agora se tem por cristãos, e tirando-lhes a liberdade. Deus, seguindo a multidão de suas misericórdias, e não respeitando as nossas maldades e pecados, nos havia de fazer essas mercês tamanhas”*.

O comportamento dos padres era reputado como um dos piores da colônia. Eles mantinham amantes e famílias abertamente, abusavam da confiança das mulheres durante a confissão e não raras vezes foram surpreendidos em situações constrangedoras.

Os clérigos e ministros da lei de Cristo que pregavam e divulgavam faziam mais contra ela, com obras que iam contra o que ela mandava. Bento Teixeira nos dá os exemplos de Frei Damião, que além de pouca inteligência, saía com mulheres casadas e tratava mal aos seus subordinados chamando-os de cornos. Padre Duarte Pereira, amante de Felipa Raposo havia sido deportado do Reino para o Brasil, tendo sido proibido ministrar os sacramentos. Por tais motivos eram da opinião de que melhor seria se os padres fossem *“casados e não achados com mulher”*.³⁷³

Simão de Proença, padre, mas cristão novo se defendia do fato de possuir amante, culpando a estreiteza e miséria da lei instituída pelos quatro hipócritas romanos (cardeais romanos e os Papas, eleitos como eles querem e não como devem). Estes davam ocasião aos clérigos de *“viverem mal, não*

³⁷² Confissão aos 12/12/1597.

³⁷³ Discutiam Diogo de Meireles, Fernão Ribeiro e Bento Teixeira sobre o beneficiado na Sé da Bahia, Gaspar Gonçalves, encontrado com uma mulher. Confissão aos 26/11/1597.

*permitindo que se casassem, mas que enganavam o mundo, e não deixavam de ter mancebas debaixo das capas*³⁷⁴.

Os padres eram os principais responsáveis pela propagação do anti-semitismo na colônia. Os sermões que pregavam nas missas tinham o objetivo de ao consolidar as idéias da igreja católica, desmerecer qualquer opinião contrária a ela. Nisso concordavam os cristãos novos e assim o exemplifica Pero Vieira³⁷⁵ ao falar que um pregador da Companhia em todo o sermão “*nunca fez mais que encher a boca de judeus cegos,... mas mais cego ele e todos os mais que vão pela estrada por onde ele vai*”.

Apesar de tantas disposições contrárias aos cristãos novos, os casamentos entre eles e os cristãos novos foram uma constante. Tal procedimento se explica pelo pouco rigor que a Inquisição teve no Brasil, atuando basicamente através das Visitações, além de representar uma maneira de diminuir os impedimentos que os Estatutos de Pureza de Sangue instituíram. Eram da mesma forma uma possibilidade de manter as práticas judaicas em segredo, elaborando desculpas e idas ao campo, e os praticantes vistos com menor suspeita. Guiomar Mendes defendia que o casamento de cristã nova com homem cristão velho era preferível que homens casarem-se com cristãs velhas. Isso porque “*a sombra de ser casada com cristão velho faz o que quer secretamente na guarda da lei, e o mundo não suspeita*”.³⁷⁶

Bento Teixeira foi inúmeras vezes perguntado das razões de seu casamento, pois Felipa Raposo sendo cristã velha, não aceitaria em seguir a lei de Moisés por sua causa. Mas foi ele quem criticou o casamento de Manoel Fernandes³⁷⁷ com uma gentia, já que ele seguia a lei de Moisés, recebendo por resposta “que também Moisés fora casado com uma gentia, e que nem por isso lhe estranhara Deus”.

Os filhos dessas uniões podiam ser considerados ilegítimos. Foi essa a discussão entre Bento Teixeira, Maria Lopes, Lianor da Rosa e João Vaz Serrão. Maria Lopes perguntou se a irmã que casara sua filha com um cristão velho, se “*os filhos dela se foram na lei velha, se foram todos tidos como*

³⁷⁴ Confissão aos 20/12/1597 relatando fatos de 1578.

³⁷⁵ Cristão novo, casado com uma enteada de Gabriel Pinto com quem formou mais Bento Teixeira o Pai, O filho e o Espírito Santo, em 1585. Confissão aos 2/12/1597.

³⁷⁶ Confissão aos 15/12/1597 sobre conversação com Guiomar Mendes, cristã nova, viúva em 1583.

*legítimos, ou se os lançaria para fora do tempo”. João Vaz Serrão disse que lera que “quando os filhos de Israel vieram da transmigração da Palestina, que Deus mandara que todos os filhos que lá.....gentios, que os lançassem fora do templo. Para Gaspar de Almeida, cristão velho, eram ilegítimos, e que sua filha casada com um cristão velho estava em mancebia”,*³⁷⁸

OS JUDAIZANTES E A NEGAÇÃO DOS DOGMAS

Negavam o Cristo e os dogmas da Igreja Católica. O Deus não era o verdadeiro, as confissões não passavam de coisa inventada e introduzida pelos cristãos, sendo que a que se fazia no tempo dos judeus era a única boa e aceita.

João Vaz³⁷⁹ afirmou que aprendera com um rabino que os judeus quando faziam a confissão, *“tomavam um bode e diante dele, no tempo que era limitado para tal confissão..., confessavam suas culpas e pecados, e depois de confessarem, o bode fugia para o deserto, e lá desaparecia”*.

A postura da grande maioria dos padres também reforçava a negação da confissão, pois com pouca instrução e zelo, colocavam em descrédito os sacramentos e em consequência, os princípios de sua religião, que à época, todos deviam seguir sem discutir. Os marranos, no entanto, colocavam tais discussões na ordem do dia, como bem o demonstrou Bento Teixeira em seus relatos sobre os tratos que manteve com as pessoas da nação.

Os cristãos novos não acreditarem não mistério da Santíssima Trindade que consideravam, uma ilusão e que *“na passagem que Deus fizera o homem à sua imagem e semelhança, falava com os anjos e não com as pessoas da Santíssima Trindade”*.³⁸⁰

O Padre Simão de Proença na companhia de Rodrigo da Costa e Estevão Vaz por brincadeira, diversão e desrespeito fizeram um boneco de

³⁷⁷ Apelidado de O Papa, era cristão novo, era pobre e recebia esmolas de Bento Teixeira em 1586. Confissão aos 5/12/1597.

³⁷⁸ Discussão apontada em 1580. Confissão feita aos 20/11/1597.

³⁷⁹ Cristão novo, cirurgião, casado com uma mulher africana, cristã velha, em conversação em 1582. Confissão feita a 14/01/1598.

³⁸⁰ Opinião de Pedro Álvares em conversação com Bento Teixeira no ano de 1589. Confissão aos 19/11/1597.

palha, que colocado no lugar do padre, recebeu os fiéis após o toque do sino. Poderia haver negação maior à Igreja? Bento Teixeira por sua vez, negara a sacralidade da igreja ao negar-se a ceder seus tijolos para a reforma de uma capela³⁸¹.

Maria Lopes afirmara que *“para fazer um filho clérigo lhe sucedera morrer o filho no dia”*.

Bento Teixeira que usava hábito de clérigo, quando estudava com os padres na Bahia justificou que *“o fazia por cumprimento do mundo, mas que antes rebentasse pelas ilhargas que ser clérigo”*. *Pois como acreditar em um Deus que se toma pela boca e se deita pelo traseiro?*

A Bula da Cruzada, que um dia Bento Teixeira tomara, a levava ao encontro de Diogo de Meireles³⁸². Ele lhe disse que a bula era burla, o que o fez descobrir-se judeu perante Bento Teixeira.

Até mesmo alguns cristãos velhos arriscavam opiniões contra as imposições da Igreja. Pero Lopes Camelo³⁸³, numa Quinta feira do mês de maio na casa de Pero Lopes foi perguntado por Bento Teixeira se queria alguma coisa de Pernambuco, para onde ia receber uma dívida e tomar uma bula da Cruzada. Isso Bento Teixeira lhe disse a dissimular, porque naquela época era judeu e não cria nas bulas do papa, ao que Camello respondeu: *“Vedes aqui compadre, sou cristão velho de 4 costados, e quanto mais atrás, mais cristão velho, e creio na fé de Nosso Senhor Jesus Cristo, mas esse negócio das bulas nunca se me encaixou, nem meteu na cabeça por Felipe (entendendo nosso El rei D. Felipe) com tem necessidade de dinheiro logo impetra uma bula de sua santidade, então dão-nos com ela nas queixadas, como quem vos lança um gato nas barbas e daqui me na fee? não ter devoção a tomar uma ... nunca a tomei, todos os dias de minha vida”*.

³⁸¹ Ver os motivos que o levaram à prisão.

³⁸² Fato ocorrido em 1585. Confissão aos 26/11/1597.

³⁸³ Casado com uma filha de Antonio Fernandes, é criado de Miguel de Moura e foi fugido deste Reino por tirar uma freira do Mosteiro. Discussão em 1592, Confissão a 12/12/1597.

Conclusão

O Processo Inquisitorial contra Bento Teixeira constitui-se em um documento de profunda riqueza. Traz-nos informações preciosas não só sobre sua pessoa como também de todo um grupo com o qual conviveu no final do século XVI no Brasil. Como nos ensinou a professora Anita Novinsky, em uma sociedade totalitária e repressiva, a única luz que ilumina as sombras do pensamento obscurantista vem da subversão.

O poeta Bento Teixeira, pode ser caracterizado pela sua dupla vida – oficialmente português, e clandestinamente judeu. Sua história de vida, seus conflitos internos, sua luta contra o fanatismo e as superstições e sua mensagem humanitária, o colocam como um marco esclarecido no Brasil das trevas coloniais e como um pensador de vanguarda na luta contra o obscurantismo português. Sua crítica à sociedade de seu tempo e à imoralidade da governança colonial – principalmente no campo da religião, liderada pelos agentes inquisitoriais, tornaram Bento Teixeira um subversivo por excelência.

Bento Teixeira descendia de judeus convertidos à força ao catolicismo e recebeu da mãe os primeiros princípios de judaísmo. Foi criado num lar onde ficou conhecendo a essência sua essência: o monoteísmo, e aversão aos dogmas da Igreja.

Os Inquisidores portugueses, cientes das riquezas da colônia, enviaram seus agentes para fiscalizar, prender e punir os infratores da Lei de Cristo. Bento Teixeira consta entre as primeiras listas dos hereges subversivos do Brasil e foi denunciado por 12 testemunhas, a maioria apenas por “ouvir dizer”, sem provas concretas. Dentre eles, quatro eram cristãos novos; dois se disseram meio cristãos novos e seis eram cristãos velhos.

As principais denúncias que os Inquisidores, tão ávidos de novos prisioneiros, ouviram, referiam-se às suas críticas ao catolicismo. No campo intelectual mostrou-se aos Inquisidores ainda mais perigoso. Como homem de letras possuía livros, alguns proibidos, que confessou ler. E fez, a pedido de amigos e parentes, a tradução da Bíblia, o que na época era considerado crime.

No que dizia respeito ao seu Judaísmo, foi denunciado por não trabalhar aos sábados e por vangloriar-se de ser cristão novo.

Em matéria de religião, confessou perante os Inquisidores tudo o que eles desejariam ouvir. Conhecia exatamente as manobras que poderiam salvá-lo ou mata-lo, e as utilizou de forma inteligente e, até mesmo surpreendente.

Suas confissões deixam vir à luz uma comunidade secreta no Brasil do início do período colonial, que enquanto sentiu-se pouco ameaçada, no século XVI, pela distância dos Tribunais Inquisitoriais, conseguiu preservar as tradições herdadas de seus antepassados. Os cristãos novos em suas sociedades secretas desacreditavam dos dogmas da religião católica.

Bento Teixeira foi a maior expressão do pensamento crítico da sociedade colonial. Suas idéias expressam o seu desacordo para com a maioria dos valores de seu tempo. Entre os cristãos novos, ávidos por conhecer sua religião de origem devido a ausência de autoridades religiosas e livros, Bento Teixeira era considerado um erudito pela sua cultura e afortunado por ter recebido uma educação judaica. Muitas vezes, foi mencionada a possibilidade de sua eventual atuação como rabino entre seus correligionários.

Na prisão, considerada um “inferno abreviado”, escreveu vários textos através dos quais buscava externar seu arrependimento aos Inquisidores e alcançar a liberdade. De judeu, que efetivamente foi, Bento Teixeira tentou passar a imagem de arrependimento profundo, e retorno ao catolicismo, religião ensinada na primeira infância. Utilizou seus profundos conhecimentos e demonstrou ser um dos maiores escritores do Brasil Colonial. Seus textos, infelizmente, ficaram imersos nos Arquivos da Inquisição, ofuscando seu brilho por muitos anos.

Nestes textos a consciência foi um tema recorrente. Parece ter sido a pedra angular de todo o seu raciocínio. Dessa forma, todas as vezes que ele se referiu às atitudes de companheiros e amigos da colônia que reprovava, ele se valia do peso que a consciência passava a ter. Bento Teixeira não aceitava o fato de ter que simular uma religião na qual não cria, e a necessidade de aparentar sua observância o revoltava.

Para o convencimento dos Inquisidores, Bento Teixeira aliou a confissão à consciência, uma vez que a primeira só se “validaria depois que a consciência tivesse passado por exame profundo” e resultasse no

arrependimento e na decisão de uma nova atitude perante a vida, os valores e a religião.

Ressaltou, no jogo que estruturou que tinha errado e, a consciência do erro compungia-o, martirizava³⁸⁴ e remordia. Foi por este sentimento que disse ter chegado à confissão. Mas certamente essa consciência continuava a remordê-lo, pois essa mesma confissão, tão ampla e com tantos nomes, não pode tê-lo deixado sem remordimento da consciência.

A estruturação de seus escritos trazia primeiramente suas considerações, sempre favoráveis ao Santo Ofício e seus representantes, para num segundo momento delatar as opiniões dos outros presos, que ao se abrirem com ele, demonstravam as colocações contrárias ao odioso Tribunal. Certamente, concordava com elas, revoltando-se da mesma forma que os outros presos contra as violências praticadas.

Para Bento Teixeira e para os outros presos a Inquisição representava o que “de pior podia existir”. Pois se os Inquisidores se prezavam em se dizerem cristãos, eram na verdade, “saídos da escola de Satanás, porque em Portugal, eram homens cegos da razão e, sem culpa, que metiam na prisão pessoas a padecerem violências e desventuras”³⁸⁵. Como podiam acreditar nos Inquisidores que os mantinham numa condição miserável e desumana, enquanto vestiam suas melhores roupas e comiam do melhor pão³⁸⁶?

A máquina inquisitorial foi delatada por ele, em seus aspectos mais sórdidos em tom de denúncia aos próprios Inquisidores. Relatou a comunicação entre os presos dentro da prisão e destes com parentes e amigos

³⁸⁴ “A consciência compunge-me e martiriza, logo algum crime tenho eu cometido, este é o ser judeu pertinaz, contra a lei de Cristo, logo o ser judeu é mau, e a lei de Cristo é boa, pois a consciência me remorde porque a não sigo, antes faço contra ela”.

³⁸⁵ “Vós se as fizestes, bem as pode confessar, mas eu estou inocente, e tão isso quanto os mártires que hoje padecem na Inglaterra, que enfim para eu ser mártir não tive necessidade de ir à Inglaterra, porque comigo o que tem usado os inquisidores, em Inglaterra não usam os hereges com os católicos, porque homens tão cegos da razão, sem culpa nenhuma metem aqui há três anos padecendo tantas violências, e desventuras, e forçando-me o próprio alvedrio, e tirando-me as demais potências de seu curso natural, não consentindo que em uma só noite destes três anos tenho esse afligido corpo um pouco de repouso, tirando-me o vinho, e o mais necessário, e no cabo de três anos, mandarem-me lançar ferros que se pode presumir deles, senão que tendo só o nome de cristão são piores que os mesmos hereges de Inglaterra”!

³⁸⁶ “Perguntei como se hão os homens de chegar a Deus, se eles que dizem que são seus ministros andam tão gordos,...., vestem o melhor pano, comem o melhor manjar, dormem em camas brandas o seu sono ante ambas as orelhas, e não sabem mais que usar violências e crueldades com as pobres moscas que aqui estão encerradas”. Palavras de Lopo Nunes a Bento Teixeira. Processo Inquisitorial.

fora dela. Lembrou as torturas e maus tratos, os planos de compra dos perdões gerais e até mesmo os casamentos que lá se acertavam, numa tentativa que os presos tinham de manterem algum laço com o mundo do qual haviam sido arrancados.

Fazia parte do sistema inquisitorial insistir com os réus para que confessassem mais do que eram denunciados. Assim, de posse dos nomes de parentes e amigos, os Inquisidores aumentarem o número de condenados.

Destacam-se neste processo em Portugal, os Padres da Companhia de Jesus, que eram letrados, e trabalhavam no convencimento aos presos. Usavam do estratagema de dizerem aos presos que ao se confessassem teriam a chance de saírem nos Autos de Fé, que diziam se aproximavam. Para Bento Teixeira eles buscavam as culpas “por toda a terra, e quando não as achavam, iam buscá-las no abismo”.

Para os cristãos novos, a honra tornou-se o cerne em torno do qual versavam suas discussões, um ideal que dava sentido à vida. Assim, enquanto o sofrimento era passageiro, a honra era perene, razão pela qual muitos cristãos novos se mantinham, quando possível, fiéis a amigos e parentes, não denunciando seus hábitos judaizantes, ou mesmo a proximidade que tinham tido. Ir adiante neste propósito era essencial, “porque nisto estava ficar homem por toda a sua vida, ou cair na infâmia”. Mesmo ao confessar ampla rede de judaizantes, Bento Teixeira tomou cuidado em detalhar o que acontecera entre eles e cristãos novos já mortos, ao passo que aos vivos, não raras vezes trocou nomes e famílias. A honra maior para ele, no entanto, era pertencer e manter viva, a antiga religião de seu povo.

Homens como Bento Teixeira desafiavam os Inquisidores, porque estes “não aceitavam o seu saber, tendo então de destruí-los”. Mandavam queimar pessoas sem provas, odiavam e temiam o saber dos cristãos novos, usando a fogueira para amordaçar o pensamento de mentes brilhantes.

O poeta não foi um homem modesto. Tinha consciência de sua superioridade intelectual. O meio em que viveu, de poucas possibilidades e quase nenhuma abertura para o desenvolvimento de posturas críticas nunca o calou.

Dizia-se arrependido, pronto a iniciar uma nova vida, mas não esqueceu o que tinha sido, já que a prisão o aniquilara fisicamente. Ao confessar seu judaísmo, condição necessária para manter-se vivo, Bento Teixeira o assumiu em profundidade.

A Inquisição, que durante três séculos, mergulhou Portugal no ostracismo cultural, calou, aos 40 anos, uma das mais brilhantes vozes de sua colônia na América e impediu que o Brasil pudesse continuar a ouvi-la, e quem sabe, a segui-la.

A partir do processo podemos dizer que tivemos entre as testemunhas que falaram a seu favor cinco cristãos novos e 12 cristãos velhos, sendo que três delas não especificaram sua condição.

Dentre os clérigos, cuja maioria testemunhou a seu favor, três eram cristãos velhos e cinco não especificaram sua ascendência. O licenciado Diogo do Couto por sua vez, disse não saber se o pai teria sido cristão novo ou velho, sustentando dessa maneira sua fama de homem da nação, justificando o fato de pouco incomodar os marranos e, até mesmo protegê-los.

Tendo se posicionado a favor ou contra o réu, a verdade é que a grande maioria dos testemunhos partiu de cristãos velhos e uma pequena parcela de cristãos novos foi chamada ou compareceu espontaneamente à Mesa.

Fato relevante a se destacar foi a cumplicidade que os padres da Companhia de Jesus no Brasil apresentaram nesse caso. Bento Teixeira deve ter tido na verdade uma postura intocável enquanto estudante nas escolas da Companhia. Um das justificativas pode ter sido a dificuldade econômica pela qual passou a família e que se acentuou com a morte dos pais. Como os padres o sustentaram nos estudos, bem como o Bispo D. Antonio Barreiros, que não testemunhou no processo mesmo tendo sido apontado pelo réu em seus escritos, o comportamento do estudante não deveria indispor os mestres.

Ainda quanto a estes não foram poucos os que lembraram de que em seu tempo de estudante, Bento Teixeira fizera realmente sonetos, tercetos e trovas à virgem. Apenas Manoel de Barros, padre da Companhia, mestre de capela, que foi citado por Paulo Serrão, previra o que acabou acontecendo com Bento Teixeira, pois dizia publicamente nas aulas “que este não fosse com os estudos adiante, para que não lhe acontecesse nenhum mal, posto que tinha

muitas opiniões e dúvidas em suas argumentações e, que se ele fosse letrado corria em risco de dar em herege”.

Bento Teixeira seguiu os estudos e, mesmo como mestre de moços continuou a passar por dificuldades financeiras, mas aproximando-se sempre dos principais da terra, manteve com eles vivas discussões sobre a religião e a condição dos cristãos novos.

Era falante, tornava públicas suas idéias, parecendo não temer as conseqüências. De qualquer forma, o Reino estava distante e a preocupação com a Inquisição só veio a se tornar real somente a partir de 1591. A atividade comercial que praticou deu origem a diversos atritos com seus contemporâneos, tanto cristãos novos como velhos. De índole birrenta, não deixava que seus devedores o prejudicassem, mas também favorecido por alguns, teve dificuldade em pagar-lhes os empréstimos e contas, desentendendo-se com eles.

Foi homem apaixonado. Disse ter matado por amor. Verdadeira ou não sua defesa, o certo é que tentou até o assassinato, que sua mulher se regenerasse, mudando de morada para afastá-la dos amantes.

A família era um elo importante para ele. A mãe Lianor Roiz foi mais citada no seu testemunho pelo fato de ter sido responsável por sua educação judaica. Mas ao pai também parecia guardar afeição e respeito, principalmente quando este lhe esclareceu os males que o “judaísmo poderia lhe trazer”. Mesmo a marca que o pai lhe deixara no rosto, - durante uma discussão em que descobrira a iniciação religiosa do filho, - não foi descrita com raiva. O irmão Fernão Roiz é pouco citado. Seguiu a mesma carreira do irmão, sendo da mesma forma professor e mercador. Apesar de pertencer à mesma família e de ter recebido o mesmo tratamento e educação, se Fernão Roiz adotou e seguiu os ensinamentos judaicos da mãe, o fez com maiores cautelas que o irmão, sem nunca ter sido denunciado.

Quanto ao ensino da religião judaica cabe-nos lembrar como essa se dava na colônia e o papel da figura feminina dentro deste contexto. O judaísmo, propriamente dito, não teve possibilidades de ser praticado de forma consciente, visto não haver livros, escolas e sinagogas. O que se deu foi a transmissão de alguns valores guardados da herança oral que eram passados

principalmente pelas mulheres aos filhos, sobrinhos, netos ou vizinhos dentro da ambiente da casa, no qual a mulher era a figura principal.

Se a sinagoga³⁸⁷ era uma escola, a casa passou a ser uma continuação dela, pois nela se cumpriam os preceitos da lei³⁸⁸ e, no dizer da professora Anita Novinsky, o templo foi transferido para dentro da casa.

Quanto à discussão acerca dos tijolos a serem usados na reforma da capela, não teria Bento Teixeira interiorizado a noção judaica de sacralidade das casas? Ou talvez, sua situação financeira o impedisse de dispensar os tijolos e, com pouca afeição à Igreja, Bento Teixeira não se intimidou em negá-los?

Os cristãos novos eram contra a confissão. Também não entendiam nem criam na santíssima trindade. A canção do *Trino, sollo e uno* retoma o dogma da santíssima trindade que os marranos não aceitavam. Em sua defesa Bento Teixeira alegou que o mote da canção não ia bem por entender que o mistério da santíssima trindade era coisa impossível. Para ele todo bem da natureza de Deus é comunicável, e quanto mais bem, mais comunicável Nosso Senhor, que é sumo bem. Que tudo que implicasse em contradição não poderia Deus fazer. Explicitava assim, a inconsistência lógica da Santíssima trindade e defendia que todos, até os cristãos, haveriam de guardar sua lei, quando finalmente viesse o messias. Negava aqui, Cristo como messias.

A guarda do Sábado e os jejuns foram as grandes preocupações dos cristãos novos no Brasil. A descanso aos sábados representava um dos costumes judeus mais persistentes. Sua observância se fazia possível dentro das casas, servindo assim às possibilidades dos colonos, que não podiam exteriorizar sua crença. Suas atividades giravam em torno do respeito a Deus, orações, estudo da Lei, descanso e encontros com a comunidade³⁸⁹. Homens e mulheres tentaram seguir na colônia a guarda dos sábados, mas encontravam sérias dificuldades em fazê-lo. Bento Teixeira afirmou não tê-los guardado, visto ser público o seu trabalho. Se o fizesse, estaria claramente rompendo com a Igreja, possibilitando assim que o julgassem, com justa causa, como judeu. Como há apenas uma denúncia desse teor e nenhuma ratificação nos

³⁸⁷ Johnson, Paul. História dos Judeus. Sinagogas surgiram como o lugar em que se ensinava a Bíblia.

³⁸⁸ Ver artigos de Novinsky, Anita; Una nueva visión de lo feminino; O Papel da Mulher no Cripto Judaísmo Português.

³⁸⁹ Gitlitz, David M. Secrecy and Deceit: The Religion of the Crypto- Jews. Pag 317 a 344.

interrogatórios, não deve ter sido verdadeira a assertiva. Ele mesmo afirmou em conversações com outros marranos ter tencionado observar tal preceito da lei, mas como esta lhe estava impossibilitada, não sofreu recriminações dos demais. Elias Lipiner salienta que de todas as denúncias feitas contra Bento Teixeira, esta da guarda dos sábados foi a única de cunho realmente judeu, sendo que suas outras acusações ficavam no plano de livre pensador muito à frente do seu tempo, do que realmente judaizante.³⁹⁰

Com relação à quarta denúncia, Bento Teixeira na verdade acreditava que a “grande pena que todos pagavam era a da consciência, mas entre os da nação nunca pareceu descrever da existência do purgatório, e que depois da pena do dano que era estarem privados da visão beatífica de Deus, a maior pena das almas era o remordimento das consciências que os atormentava”. Em sua defesa, Bento Teixeira argumentou que, por não falar em fogo, a pessoa pode Ter entendido que não havia inferno.

Bento Teixeira chamou a atenção de muitas pessoas por atos que iam contra os princípios que ele considerava corretos, e cuja desatenção poderia levar a problemas de consciência. O casamento, na sua opinião deveria ser guiado pela lealdade, e não foram poucos os que ele repreendeu por adulterar. Às pessoas repreendidas sempre argumentou com os princípios de certo e errado. Homens com mais de uma mulher, mulheres adúlteras ou padres que desrespeitavam o celibato, como foram os casos de Maria Menezes, a própria Felipa Raposo, Frei Damião, Padre Simão de Proença e Padre Duarte Pereira.

A consciência que atormentava Bento Teixeira parecia ter pouca importância para a maioria dos outros cristãos novos. Isso chama a atenção numa terra tão carente de princípios, tão distante do reino e num momento em que a subsistência era mais importante que os valores morais. A religião era de fachada, mantendo falas e gestos cristalizados na prática cotidiana. Nesse programa, quem não tinha fé, podia entrar, sem quaisquer compromissos da alma.³⁹¹

Bento Teixeira era diferente. Apesar de seguir os rituais por cumprimento, acreditava nas atitudes, repreendia os que erravam e tentou até o fim salvar a mulher e o casamento. Era apesar de desbocado, brigoso, e

³⁹⁰ Lipiner, Elias; Os judaizantes nas capitânias de cima.

³⁹¹ Omegna, Nelson; A Diabolização dos Judeus.

revoltoso, crente nos valores morais. Não estranha pois que um grande número de pessoas tenha declarado ter reconhecido no réu um bom cristão, o que certamente não corresponderia necessariamente às atitudes morais, - visto ser o cristianismo uma religião de aparências -, mas poderia demonstrar uma personalidade que diferisse dos primeiros atributos a ele dedicados. Como ele próprio argumentou aos ³⁹²inquisidores: *não o respeitassem por ser cristão novo, senão ser bom cristão era o negócio.*

Com relação ao juramento feito pelas partes vergonhosas da virgem, Bento Teixeira declarou tê-lo feito num momento de cólera e que, repreendido, nunca mais o repetira. Num segundo momento admite tê-lo feito em tenção judaica e, por duvidar naquele tempo, da virgindade de Nossa Senhora³⁹³, idéia recorrente várias vezes em seus testemunhos. Para os judeus a idéia de virgindade de Maria sempre foi contestada.

No que dizia respeito à expressão usada para descrever o ato sexual, negou sua autoria, que seria na verdade de Pedro Camello e, que depois de ouvi-la, a adotou.

Confessou ter declarado a Bíblia algumas vezes por dinheiro, outras pelo trato que mantinha com os judeus.

E finalmente, quanto a que lei seria melhor, é evidente que depois de tudo confessaria que seria a de Moisés. Essa constatação era primordial para demonstrar seu arrependimento e alcançar a almejada liberdade. Nas descrições que fez das discussões entre os marranos, esse ponto foi uma constante.

Em parte de sua defesa, pediu que o soltassem. Dessa forma poderia desenvolver alguns serviços, sendo benemérito do Santo Ofício e buscando os meios acomodados para reconciliar muitos errados e apartados da fé. Bento Teixeira iniciara o jogo com os inquisidores que, de forma inteligente manteve até o final. Confessou culpas de judaísmo, denunciou parentes, amigos, conhecidos vivos e mortos. Ele bem tentou protelar a confissão, mas percebeu que mantendo tal postura, não teria salvação provável. Deu informações preciosas sobre o funcionamento das prisões, as comunicações dos presos

³⁹² Ver Guinsbug, Carlo; O Queijo e os Vermes em que a mesma contestação é feita pelo moleiro Menocchio.

³⁹³ Ver capítulo dois.

entre si e com parentes de fora, além da corrupção e venda de perdões aos cristãos novos mais ricos³⁹⁴. Por fim, depois de confessar ter sido judeu, atesta que abandonara a antiga crença perante aquela Mesa, assunto no qual vinha pensando há mais ou menos doze anos.

Os seus relatos sobre suas relações com pessoas importantes da época na Bahia e Pernambuco provam que as redes sociais se mantinham. A Inquisição, no entanto, maculava essas redes, separava as pessoas de uma mesma família, destruía as possibilidades de efetivo crescimento tanto econômico quanto intelectual e das idéias. Bento Teixeira se destacou nesse contexto por apresentar a verdadeira face do marrano, que além de ser um inconformado religioso, era um inconformado com os valores que vigiam e com os quais não podia concordar, por irem contra a liberdade das almas, das idéias e do pensamento.

Bento Teixeira, como aluno da Companhia de Jesus, tendo chegado a professor, se colocou numa posição privilegiada socialmente. No entanto, não deixou de manter estreitas e diferenciadas relações com as populações excluídas, tanto do ponto de vista ético quanto material.

Lembrando que se no Brasil poucos eram alfabetizados, a posse de uma cultura letrada possibilitaria a ele posturas diferenciadas, não só com as classes dominantes, mas também com as dominadas. Sendo parte da classe dominante foi ao mesmo tempo, fração dominada. E isso ele enxergou rápido. Podemos usar como exemplos a aproximação com os principais da terra, que foi uma constante. Mas, isso precisa ser visto com cautela, uma vez que dentre os principais da terra muitos eram cristãos novos, que eram mantidos como inferiores, impuros, infectos, sem condições de alcançarem, pelo menos teoricamente, cargos e distinções. Essa sua aproximação maior com a classe dominante traduziu-se na composição da *Prosopopéia*.

Mas, concordo com Luís Roberto Alves de que nesse momento não havia como escrever sobre outra classe social³⁹⁵. Bento Teixeira agiu inserido no seu contexto histórico, e a *Prosopopéia* foi um louvor ao capitão donatário como o precursor brasileiro da literatura que se fazia no mundo.

³⁹⁴ Ver capítulo específico sobre comunicação e corrupção no Santo Ofício.

³⁹⁵ Confissão, Poesia, Inquisição.

Aliou-se aos grandes proprietários de terra, pondo escolas em suas fazendas, defendeu os cristãos velhos perante os novos, mas também conviveu com os cristãos novos como “encoberto”, compartilhando com eles o conhecimento que tinha sobre a religião, contrapondo judaísmo e catolicismo, traduzindo textos da Bíblia, dividindo com estes a expectativa messiânica.

Esse messianismo, fruto do despreparo intelectual, do sentimento de perda da autonomia nacional (aqui colocada não só com relação aos judeus, que passavam pelo terceiro êxodo, bem como ao momento em que os portugueses estiveram sob o domínio espanhol), da perseguição da Inquisição e da miséria (Novinsky) foram vividos de diferentes (mas concomitantes) formas.

Tanto para os portugueses quanto para os judeus, a volta ou a vinda do Messias traria muitas riquezas (Novinsky). Inauguraria uma era de fartura para Portugal, enquanto os judeus encobertos acreditavam que seu Messias ressuscitaria os mortos, vingaria seus mártires, acabaria com as perseguições e representaria a possibilidade de viverem em harmonia com sua religião e costumes (Bento Teixeira). Mesclavam-se aspirações de portugueses cristãos novos e velhos, numa inspiração salvacionista (Novinsky).

Bento Teixeira não deixa claro se acreditava ou não nesses messianismos, mas aproveitou-se de ambos para estreitar suas relações sociais. Com a *Prosopopéia* aproxima-se da classe dirigente, fazendo de Jorge de Albuquerque o D. Sebastião brasileiro. O jogo para obter favores econômicos e estar ao lado dos principais (cristãos velhos) traduz-se em sua obra.

Mas, como os cristãos novos também faziam parte dos principais da terra, discutiu e disse em seus escritos também ter acreditado que o Messias judaico era o que ele esperava.

Bento Teixeira apresenta-se para mim, partindo dessas constatações, duplamente encoberto. Primeiro, porque podemos considerá-lo um tipo de marrano, visto que para sobreviver ocultava suas práticas religiosas proibidas após a conversão e expulsão dos judeus. Mantinha com outros cristãos novos discussões e leituras, formando uma rede secreta caracterizada pelos vínculos de amizade e solidariedade.

Segundo, porque encobria aos cristãos novos sua dedicação, afeto e reverência (verdadeiros ou não) aos cristãos velhos detentores do poder.

Mesmo com relação aos jesuítas, essa postura dúbia se manifesta. Fez-se querido por quase todos, recebeu auxílio material, financeiro e espiritual. Por que não o faria se representavam na sociedade de então a única forma de ascensão através dos estudos? Numa população que não lia sua história (porque não sabia ler) (Seabra), Bento Teixeira conseguiu ler não só o momento histórico, mas conseguiu transformá-lo, procurando relacionar-se de diferentes formas aos diferentes extratos sociais. Não foi diferente após a prisão pela Inquisição. Os textos de sua autoria e as confissões transcritas pelo notário denotam como ele foi capaz de ser o condutor de um jogo, com vistas a salvar sua vida, deixando os inquisidores à maneira de Sherazade, à espera constante de um novo e surpreendente desfecho.

Por fim, como negar que esse marranismo trouxera a ele uma criatividade exemplar? (Morin) A sua prática cotidiana, a sua vivência o ensinaram e nortearam, e os frutos dessa criatividade são explícitos em seus textos de defesa na Inquisição.

BIBLIOGRAFIA

Fontes Primárias

Documentos Manuscritos

Processo Inquisitorial contra o cristão novo Bento Teixeira de número 5206.

Instituto de Arquivos Nacionais da Torre do Tombo, Lisboa.

Processo Inquisitorial contra Paula de Sequeira. Instituto de Arquivos Nacionais da Torre do Tombo, Lisboa.

Documentos Impressos

MELLO, JOSÉ Antonio Gonsalves de, *Confissões de Pernambuco*, 1594-1595. Documentos para a História do Nordeste III. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1970.

MENDONÇA, Heitor Furtado de, *Primeira Visitação do Santo Ofício às partes do Brasil. Denúncias de Pernambuco*. Coleção para melhor se conhecer o Brasil. Homenagem de Paulo Prado, São Paulo, 1929.

Primeira Visitação do Santo Ofício às partes do Brasil. Denúncias da Bahia. 1591-1593. Série Eduardo Prado. Para melhor se conhecer o Brasil. São Paulo, 1925.

Primeira Visitação do Santo Ofício às partes do Brasil. Confissões da Bahia. 1591- 1593. Edição da Sociedade Capistrano de Abreu. Rio de Janeiro, 1935.

Crônicas , Viagens e Correspondências

ANCHIETA, Padre Joseph de; *Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Sermões. (1554-1594)*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1933.

ANTONIL, André João; *Cultura e Opulência do Brasil por suas drogas e minas* (1711). São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1967.

BRANDÃO, Ambrósio Fernandes, *Diálogos das Grandezas do Brasil*, Bahia, 1956.

CARDIM, Fernão; *Tratado da Terra e Gente do Brasil* (1584), terceira edição, São Paulo, Companhia Editora Nacional /MEC, 1978.

GANDAVO, Pero de Magalhães, *Tratado da Terra do Brasil*. Belo Horizonte, São Paulo; Itatiaia, USP, 1980.

NÓBREGA, Manuel da, *Cartas do Brasil, Correspondência do padre Manuel da Nóbrega*.

SALVADOR, Frei Vicente de, *História do Brasil*, 1500-1627. Melhoramentos, São Paulo, 1965.

SALVADOR, José Gonçalves, *Cartas de Duarte Coelho a El Rei*. Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 1997.

SOUSA, Gabriel, *Tratado Descritivo do Brasil*, 1585. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1938.

USQUE, Samuel, *Consolação às Tribulações de Israel*. Edição de Ferrara, 1553. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1989.

Manuais

EYMERICH, Nicolau, *Manual dos Inquisidores*. Rosa dos Tempos, Rio de Janeiro, 1993.

FONTES SECUNDÁRIAS

Obras de Referência Teórica

BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a História*. Série Debates. Editora Perspectiva. São Paulo, 1992.

BOURDIEU, Pierre; *A Economia das trocas Simbólicas*. Série Estudos. Editora Perspectiva, Segunda edição. São Paulo, 1987.

GINZBURG, Carlo; O Inquisidor como Antropólogo. Uma analogia e as suas implicações. In *A Micro História e outros Ensaio*s. Coleção Memória e Sociedade. Difel. Lisboa e Editora Bertrand Brasil S.A. Rio de Janeiro, 1989.

NOVINSKY, Anita e Carneiro, M. L. Tucci; *Inquisição: Ensaio*s sobre a *Mentalidade, Heresias e Arte*. EDUSP, São Paulo, 1992.

Inquisição: Prisioneiros do Brasil. Editora Expressão e Cultura. São Paulo, 2002.

A família marrana de Garcia de Orta. O Correio dos judeus in Révah, I.S. Memorial. *Études sur le marranisme, l'hétérodoxie juive et Spinoza*. *Revue des études juives*. Paris.

The Inquisition and the mythic world of a Portuguese Kabbalist in the Eighteenth century in *Eleventh World Congress of Jewish Studies*.

Una Nueva Vision de lo Feminino: La Mujer Marrana.

A Inquisição no Brasil in Cadernos de Programas Brasileiros da *Revista de Problemas Brasileiros* número 289. Janeiro/Fevereiro 1992.

Nouveaux chrétiens et Juifs séfarades au Brésil in Les Juifs d'Espagne.

Os cristãos novos no Brasil. Um resgate histórico in *Os Judeus Portugueses. Entre os Descobrimentos e a Diáspora*. Editora Fundação C. Gulbenkiani, Lisboa, Associação Portuguesa de Estudos Judaicos.

As gentes das "Bandas do Sul" in *O Estado de São Paulo*, Suplemento Literário, 15 de abril de 1967.

História e Memória. In *Ensaio Shalom Documento*

O Papel da Mulher no Cripto Judaísmo Português in *O Rosto Feminino da Expansão Portuguesa*. Congresso Internacional. Lisboa, 1994.

Consideraciones sobre los Criptojudíos Hispano-Portugueses: El caso de Brasil in Alcalá, A (org) *Judíos, Sefaraditas Conversos. La expulsion de 1942. Madrid*, 1992.

Jewish Roots of Brazil. In *The Jewish Presence in Latin America*. Boston, 1987.

Reflexões sobre o Anti-Semitismo (Portugal Séculos XVI-XX) in *Congresso Internacional Portugal no Século XVIII. De D. João V à Revolução Francesa. Sociedade Portuguesa do Século XVIII*. Universitária Editora. Lisboa, 1991.

Jewish Heresy in Colonial Brazil in the light of new Documents. In *Proceedings of the Sixth World Congress of Jewish Studies*. World Union of Jewish Studies. Jerusalem, 1973.

Cristãos Novos no Brasil, uma nova visão de mundo in Mauro Frederic, volume 24, Paris 1995.

O Papel da mulher na transmissão da identidade Judaica no Brasil (séculos XVI -XVIII).

Sebastianismo, Vieira e o Messianismo in A Diáspora Judaica. *Nova Renascença*. Publicação trimestral. Primavera/Outono de 1998.

Sistema de Poder e Repressão Religiosa. Para uma interpretação do fenómeno cristão novo no Brasil in *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, 1979.

Confessa ou Morre. O Conceito de Confissão na Inquisição Portuguesa. *Sigila*, 2000.

SARTRE, Jean Paul; *Reflexões sobre o Racismo*. Difusão Européia do Livro. São Paulo, 1960.

WACHTEL, Nathan, La foi du souvenir. Labyrinthes Marranes.

Obras sobre Inquisição

BETHENCOURT, Francisco, *História das Inquisições. Portugal, Espanha e Itália dos séculos XV ao XIX*. Companhia das Letras, São Paulo, 2000.

CUNHA, D. Luis da; *Instruções Políticas*. Lisboa, 2001.

HERCULANO, Alexandre. *História da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal*.. Publicações Europa- América.

MAX, Frédéric, *Prisioneiros da Inquisição. Relatos de vítimas das Inquisições espanhola, portuguesa e romana transcritos e traduzidos com anotações e precedidas por um levantamento histórico*. Editora S. A. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 1992.

MEA, Elvira Cunha de Azevedo; O Santo Ofício Português. Da Legislação à Prática. In Révah, I.S. Memorial. *Études sur le marranisme, l'hétérodoxie juive et Spinoza*. Collection de la Revue des Études juives. Paris.

NAZÁRIO, Luiz, *Autos de Fé como Espetáculos de Massa*. Coleção Histórias da Intolerância. São Paulo. Associação Editorial Humanitas, FAPESP, 2005.

RAMINELLI, Ronald J. *Tempo de Visitação. Cultura e Sociedade em Pernambuco e Bahia, 1591- 1620*. Dissertação de Mestrado à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1990.

SARAIVA, Antonio José; *The Marrano Factory. The Portuguese Inquisition and its New Christians. 1536-1765*. Leiden. Boston Köln, 2001.

VIEIRA, Padre Antonio; *Notícias Recônditas de proceder da Inquisição com os presos*. In Vieira. De profecia e Inquisição. Brasília, Senado Federal, 1998, Coleção Brasil 500 anos.

Obras sobre judeus e Cristãos Novos

ASSIS, Ângelo A F. “*Um rabi escatológico na Nova Lusitânia: Sociedade colonial e Inquisição no Nordeste Quinhentista- o caso João Nunes*”. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Federal Fluminense. Niterói, 1998.

Macabéias da Colônia: Criptojudaísmo feminino na Bahia- Séculos XVI-XVII. Dissertação de Doutorado apresentada à Universidade Federal Fluminense. Niterói, agosto de 2004.

AZEVEDO, João Lúcio de; *História dos Cristãos Novos Portugueses*. Terceira edição, Clássica Editora, Porto, 1989.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; *Preconceito Racial no Brasil Colonial, Os Cristãos Novos*. Editora Brasiliense, São Paulo, 1983.

CAROLLO, Denise Helena Monteiro de Barros; *Homens de negócios cristãos novos portugueses e a transformação do Antigo Regime*. Dissertação de Mestrado apresentada á Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1995.

GITLITZ, David; *Secrecy and Deceit: The Religion of the Crypto Jews*. The Jewish Publication Society. Philadelphia and Jerusalem, 1996.

GOLDBERG, David J. e RAYNER, Jonh D. *Os Judeus e o Judaísmo. História e Religião*. Xenon Editora e produtora Cultural Ltda. Rio de Janeiro, 1989.

GORENSTEIN, Lina Ferreira da; *A Inquisição Contra as Mulheres. Rio de Janeiro, séculos XVII e XVIII*. Coleção Histórias da Intolerância. São Paulo. Associação Editorial Humanitas, FAPESP, 2005.

Heréticos e Impuros. Secretaria Municipal de Cultura. Departamento geral de Documentação e Informação Cultural. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1995.

HAIM, Beinart, *Los Judíos en España*. Colecciones MAPFRE.

Moreshet Sepharad: The Sephardi Legacy. Jerusalem, 1992. The Magnes Press, the Hebrew University.

HERMAN, Jacqueline *O Sonho da Salvação*. Companhia das Letras. São Paulo, 200.

JONHSON, Paul; *História dos Judeus*. Imago, Rio de Janeiro, 1995.

KAYSERLING, Meyer; *História dos Judeus em Portugal*. Editora Pioneira, São Paulo, 1971.

LIPINER, Elias, *Os judaizantes nas Capitanias de Cima*. São Paulo, 1968.

Os Batizados em Pé. Estudos acerca da origem e da luta dos cristãos novos em Portugal. Coleção Documenta História. Série Especial. Veja Limitada, Lisboa, 1998.

MELLO, JOSÉ Antonio Gonsalves de; *Gente da Nação. Cristãos Novos e Judeus em Pernambuco*. Segunda edição, Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana, Recife, 1996.

Estudos Pernambucanos. Crítica e Problemas de Algumas Fontes da História de Pernambuco. 2ª. edição aumentada. Governo de

Pernambuco. Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes. Diretoria de Assuntos Culturais. Recife, 1986.

NOVINSKY, Anita; *Cristãos Novos na Bahia. A Inquisição*. Editora Perspectiva, São Paulo, 1972.

OMEGNA, Nelson, *Diabolização dos Judeus. Martírio e presença dos sefardins no Brasil Colonial*. Distribuidora Record, Rio de Janeiro/ São Paulo, 1969.

POLIAKOV, Leon; *De Cristo aos Judeus da Corte*; História do anti-semitismo I. Série Estudos, Editora Perspectiva. São Paulo, 1979.

De Maomé aos Marranos. História do anti-semitismo II. Série Estudos. Editora Perspectiva, 1996.

ROTH, Cecil, *Pequena História do Povo Judeu- 1492-1962*. Fundação Fritz Pinkuss. Congregação Israelita Paulista. São Paulo, 1964.

SALVADOR, José Gonçalves; *Cristãos Novos, Jesuítas e Inquisição*. Pioneira, São Paulo, 1969.

Os Cristãos Novos e o Comércio no Atlântico Meridional. Pioneira, São Paulo, 1978.

Os Cristãos Novos, Povoamento e conquista do solo brasileiro. EDUSP. São Paulo, 1976.

SANTOS, Maria Helena Carvalho dos, Da Extinção da designação de cristão novo à extinção da Inquisição: 1773-1821. In Révah, I.S. Memorial. *Études sur le marranisme, l'hétérodoxie juive et Spinosa*. Revue des Études Juives. Paris.

SARAIVA, Antonio José; *Inquisição e Cristãos Novos*. Coleção Civilização Portuguesa. Editorial INOVA. Terceira edição, Porto, 1969.

YERUSHALMI, YOSEF Hayim; *Sefardica. Essais sur l'histoire des juifs, des marranes e des nouveaux-chrétiens d' origine hispano-portugaise*. Péninsules. Chandeigne. Paris, 1998.

WACHTEL, Nathan. La foi du souvenir. *Labyrintes Marranes*. Editions du Seuil.

Obras sobre o Brasil

ABREU, Capistrano de, *Capítulos de História Colonial*. Rio de Janeiro. Livraria Briguiet, 1954.

BARRETO, Carlos Xavier Paes; *Os Primitivos Colonizadores Nordestinos e seus descendentes*. Editora MELSO Sociedade Anônima. Rio de Janeiro, 1956.

CALMON, Pedro, *Espírito da Sociedade Colonial*.

DEL PRIORE, Mary. *Ao Sul do Corpo: Condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colonial*. Segunda edição. Editora José Olympio. Rio de Janeiro, 1995.

FREYRE, Gilberto, *Casa grande e senzala*. Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil. Editora Record, Rio de Janeiro, 1998.

Sobrados e Mucambos. A continuação de Casa-Grande e Senzala. Decadência do patriarcado Rural e Desenvolvimento do Urbano. 10edição. Editora Record. Rio de Janeiro/ São Paulo, 1998.

LEITE, Serafim; *Histórica da Companhia de Jesus no Brasil* (Assistência de Portugal) Tomos I e II. Século XVI. O Estabelecimento. Livraria Portugália, Lisboa, 1938.

LIMA, M. de Oliveira, *Pernambuco e seu desenvolvimento histórico*, Segunda edição, Recife, 1975.

OMEGNA, Nelson; *A cidade colonial*. Livraria José Olympio, Rio de Janeiro, 1961.

PALACIN, Luís, *Sociedade Colonial- 1549 a 1599*. Editora UFG, Goiânia, 1981.

PIERONI, Geraldo, *Os Excluídos do Reino. A Inquisição Portuguesa e o Degredo para o Brasil Colônia*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2000. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 2000.

Vadios e Ciganos, Heréticos e Bruxas, Os degredados no Brasil Colônia. Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 2000.

SIQUEIRA, Sonia, *A Inquisição Portuguesa e a sociedade colonial*. Editora Ática, São Paulo, 1978.

VAINFAS, Ronaldo; *Trópico dos Pecados, Moral, Sexualidade e Inquisição no Brasil*. Editora Campus, Rio de Janeiro, 1989.

PRADO JÚNIOR, Caio; *Evolução Política do Brasil: Colônia e Império*. São Paulo, Brasiliense, 1987.

Formação do Brasil Contemporâneo. São Paulo, Brasiliense, 1979.

PRADO, Paulo, *Retrato do Brasil. Ensaio sobre a tristeza brasileira*. São Paulo, Ibrasa, 1981.

PORTO, Costa, *Nos tempos do Visitador. Subsídio ao estudo da vida colonial pernambucana nos fins do século XVI*. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1968.

RODRIGUES, Francisco S.J. *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*. Tomos I: A Fundação da Província Portuguesa 1540- 1560. Apostolado da Imprensa. Porto, 1931.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Formação Histórica do Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979.

SOUTHEY, Robert, *História do Brasil*. Editora Obelisco, São Paulo, 1965.

STELLA, Roseli Santaella, *O Domínio Espanhol no Brasil durante a Monarquia dos Felipes*. Centro Universitário Ibero-Americano, São Paulo, 2000.

VARNHAGEN, Francisco, *História geral do Brasil*. Volume 1 Tomo I. Editora Itatiaias, Belo Horizonte, 1981.

VIANA, Hélio, *Estudos de História Colonial*. Companhia Editora nacional, São Paulo, 1948.

WIZNITZER, Arnold, *Os judeus no Brasil Colonial*. Editora Pioneira, São Paulo, 1966.

Obras sobre Bento Teixeira

ALVES, Luís Roberto, *Confissão, Poesia, Inquisição*. Editora Ática, São Paulo, 1983.

“Prosopopéias Inquisitoriais na Composição Barroca do Brasil” In Novinsky, Anita e Carneiro, M. Tucci; (org) *Inquisição: Ensaio sobre Mentalidade, Heresias e Arte*. Expressão e Cultura. EDUSP, São Paulo, 1992.

AMORA; Antonio Soares; A Prosopopéia e seus temas de interesse. *O Estado de São Paulo*. Suplemento Literário. 22 de Dezembro de 1956.

CASTELO, José Aderaldo; Bento Teixeira, um iniciador. *O Estado de São Paulo*. Suplemento Literário. 26 de Janeiro de 1957.

COSTIGAN, Lúcia Helena; Intelectuais Pós Modernos e Letrados Barrocos (Criptojudéus) Globalização, Meio ambiente e Crítica de Oposição. In *Revista do Instituto de Filosofia, Artes e Cultura*. Universidade Federal de Ouro Preto, número 4, Dezembro de 1997.

MORAES, Rubens Borba de; Muitas Perguntas e Poucas respostas sobre o Autor da Prosopopéia. *Comentário*, 1º. Trimestre, 1964.

MUHAMA, Adma. O Prosopopéia de Bento Teixeira: epopéia de derrotas. in *Literatura Portuguesa Aquém –Mar*. Programa de Pós Graduação em Literatura Portuguesa. Editora Komedi, 2005.

PEREIRA, Kênia Maria de Almeida. *A Poética da Resistência em Bento Teixeira e Antonio José da Silva, o Judeu*. Editora Anna Blume. São Paulo, 1998.

SIQUEIRA, Sonia Aparecida; O Cristão Novo Bento Teixeira: Cripto Judaísmo no Brasil Colônia. *Revista de História*, São Paulo, v. XLIV, número 90. 1972.

SOUSA, José Galante de, *Em torno do poeta Bento Teixeira*, IEB, São Paulo, 1972.

VILAR de CARVALHO, Gilberto; *Onde se conta a história de Bento Teixeira, cristão novo, instruído, desbocado e livre, primeiro poeta do Brasil, perseguido e preso pela Inquisição*. Marco Zero, São Paulo, 1995.

DIVERSOS

ARAÚJO, Nelson de, 1591. *A Santa Inquisição Na Bahia e outras histórias*. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1991.

BAROJA, Julio Caro; *Inquisición, Brujería y criptojudaismo*. Galáxia Gutenberg. Círculo de lectores, 1996.

BOXER, C.R.; *Relações Raciais no Império Colonial Português*. 1415-1825. Edição Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, 1967.

BRUNO, Sampaio; *O Encoberto*. Lisboa, 1904.

BURKE, Peter; *A Cultura popular na Idade Moderna. Europa- 1500- 1800*. São Paulo. Editora Companhia das Letras, 1989.

CAROLLO, Denise Helena Monteiro de Barros, *A Política Inquisitorial na Restauração Portuguesa*. Dissertação de mestrado do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1995.

COHN, Norman; *Los demonios familiares de Europa*. Alianza Editorial, 1975.

DAMÁSIO, Antonio; *Looking for Spinoza. Joy, Sorrow and the Feeling Brain*. A harvest Book. Harcourt. Inc.

DELUMEAU, Jean, *A Confissão e o Perdão. A confissão católica dos séculos XII a XVIII*. Companhia das Letras, São Paulo, 1991.

O Pecado e o Medo. A Culpabilização no Ocidente (séculos XIII a XVIII) Edusc, São Paulo, 2003.

ELEUTÉRIO, Victor Luis; Inquisição amordaça o primeiro Poeta do Brasil. *Notícias Magazine*. Suplemento Dominical do Diário de Notícias de Lisboa. 05.05.1992.

FONTES, Manuel da Costa; “Orações Criptojudais na Tradição Oral Portuguesa”. In *Hispania*, volume 74. number 3. September, 1991. Special Portuguese Issue. Published by the American Association of Teachers of Spanish and Portuguese, Inc.

Mais Orações Criptojudias de Rebordelo. *Revista da Universidade de Coimbra*.Coimbra, 1992.

Mediterranean Language Review 6-7 (1990-1993). *Special Issue Commemorating the 5th Centenary of the Expulsion of the Jews from Spain: 1942-1992*. Harrassowitz Verlag. Wiesbaden, 1993.

FOUCAULT, Michel; *Vigiar e Punir. História da Violência nas prisões*. Editora Vozes, Petrópolis, 1986.

GEBHARDT, Carlos, *Spinoza*. Editorial Losada, S.A. Buenos Aires.

GINZBURG, Carlo; *O queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Companhia das Letras, São Paulo, 2001.

Os Andarilhos do Bem. Feitiçarias e Cultos Agrários nos séculos XVI e XVII. Companhia das Letras. São Paulo, 1990.

KARNAL, Leandro; *Teatro da fé. Representação Religiosa no Brasil e no México do século XVI*. Editora Hucitec. História Social, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998.

LACERDA, Daniel, Nouvelles données sur l'avié du libre-penseur Uriel da Costa. *Latitude*. Número 26, Avril 2006.

LE GOFF, Jacques. *Histoire et Memoire*. Paris, Gallimard, 1981.

As Raízes Medievais da Intolerância. In *A intolerância. Foro Internacional sobre a Intolerância*, 1997. Academia Universal das Culturas. Bertrand Brasil.

Marx, Karl; *A Questão Judaica*. Editora Moraes, São paulo, 1991.

MARTINS, Wilson; *História da Inteligência Brasileira*. Volume I (1550- 1794) Quarta edição. Quatro Editor Ltda. São Paulo, 1992.

MORIN, Edgar; *Meus Demônios*. Editora Bertrand do Brasil, Quarta edição. Rio de Janeiro, 2003.

SEABRA, José Augusto, A Inquisição no Pensamento de Sampaio Bruno in *Inquisição: Ensaio sobre Mentalidade, Heresias e Arte*. Novinsky, Anita e Carneiro, Maria Luiza Tucci. Expressão e Cultura. EDUSP. São Paulo, 1992.

SILVA, Lina Gorenstein Ferreira da; *Heréticos e Impuros*. A Inquisição e os cristãos novos no Rio de Janeiro, século XVIII. Coleção Biblioteca Carioca, 1995

STONEQUIST, Everett V. *The Marginal Man. A Study in personality and culture conflict*. . Charles Scribner's sons. New York.

VOVELLE, Michel; *Ideologias e Mentalidades*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1987.

Windmüller, Käthe; “Omissão como Confissão: Os Diálogos das Grandezas do Brasil, de Ambrósio Fernandes Brandão”. In Novinsky, Anita e Carneiro, M. Tucci; (org) *Inquisição: Ensaio sobre Mentalidade, Heresias e Arte*. Expressão e Cultura. EDUSP, São Paulo, 1992.

WINTER, Jean Pierre; *Os Errantes da Carne. Estudos sobre a Histeria Masculina*. Editora Companhia de Freud.

APÊNDICE

Os escritos de Bento Teixeira

Ilustríssimo senhor Heitor Furtado de Mendonça, Inquisidor nessas partes do Brasil a heréticas pravidades e apostasia. Eu, Bento Teixeira, homem pobre e necessitado, preso pelo Santo Ofício nesta vila de Olinda, capitania de Pernambuco, vendo que há quatro semanas que estou preso e em todo esse decurso de tempo me não manda fatos a feito e por algumas conjeturas vou entendendo que V.M. se havia para com o favor divino ir a Portugal, e me levar preso consigo ou mandar, e lá pela larga distância e dificuldade de mar que há a esta capitania estarei no cárcere padecendo até vir de cá minha prova de contraditas e abonação da pessoa por lá em Portugal a não ter. Requiero a V.M. da parte do Santo Ofício como inquisidor que é e a obrigação que tem de ir reto, e como o pai piedoso de benigno peito, e amorosas entranhas me mande perguntar pelos artigos abaixo escritos as pessoas que no fim de cada um nomear; em modo que no Tribunal do Santo Ofício em Lisboa metropolitana ante o senhor inquisidor faça fé.

Primeiramente em como é verdade que o dito Bento Teixeira veio com seu pai e mãe do Reino à capitania do Espírito Santo, parte do Brasil de idade de cinco para seis anos e na dita capitania e sendo de tal idade começou a aprender com os Reverendos Padres da Companhia de Jesus, a doutrina cristã, ler, escrever e os demais bons costumes que necessários são a um fiel cristão, procedendo em tudo catolicamente, como discípulo desses mestres, e só de bons cristãos, que por tais foram sempre tidos e havidos. Testemunhas: Manuel de Andrade, Maria Álvares, mulher de Luís Antunes, Maria Maciel, Beatriz Fernandes, a parteira.

Segundo. E como é verdade que daí com seu pai Manoel Álvares e sua mãe Leonor Roiz foi para o Rio de Janeiro, onde aprendeu a latinidade tendo por mestres o padre Antonio Ferreira da Companhia de Jesus, Domingos G , Antonio Andrade, Baltazar Álvares , Antonio da Rocha, Pero Soares, Ventídio Baiardo. E nos casos o Padre Amaro e Jose Morenello, Padre Geronéz E sempre no decurso do tido tempo

viveu católica e exemplarmente sem nunca ser redargüido de cousa suspeitosa à fé católica, antes tido e havido por bom cristão como filho dos que sempre o foram. Testemunhas Simão Fernandes, alfaiate e sua mulher, todos os padres da Companhia de Jesus.

Terceiro. E como depois veio ter com os ditos seu pai e mãe à Bahia do Salvador de Todos os Santos onde faleceram. E o Bispo Dom Antonio Barreiros vendo o seu bom modo de proceder lhe dava de vestir, e sustentava no estudo da latinidade, como dos casos e Artes, aspirando-o também Cosmo Rangel que então servia de ouvidor geral tendo todos em geral dele bom conceito por ser bom cristão, e diligente estudante, respondendo em tudo com os ofícios divinos, freqüentando as igrejas, confessando-se e comungando cada mês, como tinham de costume os bons estudantes sem nunca se lhe notar falta nem defeitos nenhum nas cousas de nossa santa fé. Testemunhas: o mesmo Bispo, o Padre Heitor Vicente Gonçalves, Padre Manoel do Couto e Calixto da Mota que foram meus condiscípulos e Diogo do Couto e Paulo Serrão, mestre da capela.

Quarto. E como é verdade que em todo este intervalo de tempo tratou sempre com homens nobres e cristãos, principalmente com todo o gênero de religiosos que então havia na dita Bahia, fugindo sempre à conversação de gente cristã nova não tendo trato nem comércio com ela, abominando e detestando seu depravado modo de viver em muitas coisas, chegando a tanto extremo que eles queriam entranhamente mal a ele, e ele a eles pelo qual respeito um Tristão Ribeiro, cristão novo mandou um seu irmão mais moço, por nome não perca, e um seu cunhado Manoel de Góes que depois se meteu em São Bento fizesse uma injúria atroz a ele dito Bento Teixeira como fizeram o dito Manoel de Góes e seu companheiro irmão do dito Tristão Ribeiro o que foi uma das principais causas por ele dito Bento Teixeira não acabar seus estudos e se foi para os Ilhéus, e se casou com Felipa Raposo, cristã velha por parte de seu pai André Gavião que é homem nobre. Testemunhas: Os mesmos padres acima ditos e de como me casei, Frei Damião, e vivi bem nos Ilhéus

pôs logo meu inimigo como adiante direi e também Paulo Serrão de como me injuriaram.

Quinto. E como é verdade como antes de se ir tem palavras com João Vaz Serrão e sua mulher Leanor da Rosa pelos respeitos que tudo tem na Mesa do Santo Ofício na mês da graça e também sua irmã Márcia Lopes, mulher que foi de Mestre Afonso, por ele dito Bento Teixeira não querer levar algumas vezes os presentes que lhe mandava seu tio Henrique Rodrigues Barcelos que estava amancebado com ela publicamente e também por lhe ele Bento Teixeira chamar publicamente Marcia subtil ?, pelas manhas e as diz que usava com o dito seu tio, pelos quais respeitos assim a dita Maria Lopes, João Vaz e Leanor da Rosa, prima da dita Maria Lopes lhe tinham capital ódio, dizendo que eles poriam em tal estreiteza que só Deus lhe seria bom.

Sexto. E como depois de ser casado nos Ilhéus veio ter nesta Vila de Olinda onde pôs escola de ler e escrever como latinidade, e ensinou mais de sessenta moços no espaço de dois anos pouco mais ou menos. Instruindo-os na doutrina cristã e cousas de nossa Santidade, e bons costumes com toda a reputação devida a um bom mestre e a um bom cristão procedendo em tudo católica, exemplarmente, sem nunca ter notado de cousa contra nossa santa fé. Testemunhas: Baltazar Leitão, Antonio da Rocha, Álvaro Velho, Álvaro Barbosa, Pero da Costa, Ambrósio Fernandes Jorge e todos os mais da terra.

Sétimo. E como é verdade que indo a dita sua mulher Felipa dos Ilhéus, achando o dito Bento Teixeira por lhe a câmara dar tenção que depois lhe tirou Martim Leitão, se foi para Igaraçu. Testemunhas: Ari Barbalho, Fernão de Sousa, Pero da Costa.

Oitavo. E como na dita Vila de Igaraçu ensinou muito tempo, como sempre costumou procedendo então como devido bom cristão, ensinando a seus discípulos a doutrina cristã e mais os bons costumes fazendo-os freqüentar as Igrejas e freqüentando-as com eles. E andando o tempo de lanço em lanço se veio a danar a

dita sua mulher, adulterando com muitos homens e dizendo-lhe muitas pessoas e ouvindo-as com aspereza e rigor de palavras a pouco razão que tinha de adulterar, achando-se culpada dizia que ele Bento Teixeira não era seu marido, e que havia de se desquitar dele, E que quando não pudesse, esperava pelo senhor inquisidor Heitor Furtado de Mendonça para o acusar de mau cristão e judeu e que assim ficava a sua vontade o que tudo dizia não somente a Francisco de Sousa de Almeida e Paulo de Valcacena e a Antonio Lopes Sampaio e Diogo Roiz Lagartixa com quem adulterava, mais ainda, Agnes Fernandes de Igaraçu, e chegou a tanta demência e cegueira que cometeu a Gaspar Gonçalves mulato, mestre de açúcar matasse a ele Bento Teixeira, e isso por muitas vezes, ao que respondeu não matava tais homens como Bento Teixeira por dinheiro. Testemunhas: A. Figueireda, que está em casa de Antonio de Albuquerque, o mesmo mestre de açúcar, Gaspar Gonçalves de como adulterava, por cujo respeito levantava todas essas coisas. Testemunhas: Marcos da Rocha, seus dois sobrinhos, Francisco Fernandes, o moço morador na Ilha de Tamaracá, Francisco Fernandes Língua, e quase todo o Igaraçu.

Nono. E como por suspeitas ruins que o dito Bento Teixeira teve dela a trouxe outra vez para Marim onde tornou a ensinar como dantes, procedendo em tudo regularmente como dantes, pelo qual respeito homens principais da terra cristãos velhos tiraram como de princípio seus filhos do Colégio da Companhia os quais ensinou como tinha cá por hábito, e estando aqui nesta vila por palavras afrontosas que teve com o Padre Simão de Proença em Igaraçu e por lhe querer mal por respeito de uns seus primos dele dito Bento Teixeira terem meio morto por ter difamado Leanor Gomes, mulher de um deles, vindo Simão de Proença da Bahia, disse a uma sua concubina por nome Isabel Lopes que se tinha vingado de Bento Teixeira, por o ter posto no Santo Ofício de maneira que só Deus lhe seria bom. Testemunhas: Padre Manoel Diaz a quem ela disse, e ela, que foi para Portugal.

Décimo. E como é verdade que vendo ele pouca emenda que tinha a mulher a levou para o Cabo de Santo Ângelo, terras de João Paes e ensinou ali mais de trinta moços tudo aquilo que é obrigado a um católico mestre freqüentando os

sacramentos com eles ditos moços como ele seu mestre, ouvindo missa, confessando e comungando e cumprindo como devido bom cristão. Testemunhas: Fernando Ribeiro, coadjutor do padre vigário de Olinda, Pero Lopes, João Paes.

Décimo Primeiro. E como é verdade que a dita Felipa Raposo adulterou com o Padre Duarte vigário que sei não usa a freguesia de Santo Antonio o qual Duarte Pereira dizia publicamente que havia de destruir e por em estreiteza a ele dito Bento Teixeira. Testemunhas: Pero Lopes Galego, Gaspar Dias Algarino, vaqueiro que foi de Antonio da Rocha, Amaro Pereira, Guimar Fernandes Cabo Verde que está em casa do dito Pero Lopes, e chegou o dito padre tanto dele que cada dia se “aseava” na Igreja com eles as mesmas testemunhas.

Décimo Segundo. E como é verdade que o dito Bento Teixeira viveu em todo esse tempo e atrás católica e exemplarmente. Testemunhas: o mesmo João Paes, Antonio Gonçalves Montoya, Antonio Casado, Brás Antonio, Gonçalo de Oliveira e todo o Cabo.

Décimo Terceiro. E como é verdade que sempre fugiu da conversação de gente cristã nova, e de toda aquela que se podia ter suspeita dela pelo qual todos os homens da nação lhe queriam e querem mal e a ele perseguindo, e tendo por costume favorecerem uns aos outros a ele dito Bento Teixeira sempre perseguiram. Testemunhas: Manoel Garro, Pero Garro, Manoel Carneiro, Fernão Vaz, Antonio do Couto, Antonio da Rocha.

Décimo Quarto. E como estando ele dito Bento Teixeira homiziado em São Bento pela morte de sua mulher Felipa Raposo pelo ódio dessa nação cristã nova lhe tem e um caudilho deles por nome Duarte Dias Henrique disse em uma visita que fez a um seu primo Miguel Dias publicamente que todo o homem da nação que ia visitar ao dito Bento Teixeira era infame como ele e que assim o provocava. Testemunhas: Luís de França, Manoel Vaz Pimentel, Manoel Lopes Martins, Simão Franco e muitos outros. Por onde hoje em dia de presente lhe querem mal e folgaram com a

sua prisão dizendo que quem tanto enchia a boca de judeus que justo era o prenderem por isto. E isto diz que anda lá por provérbio ante eles donde certa proportione se pode dizer por ele. Viderunt ilú monerens capta sua.

Décimo Quinto. Além do que atrás requer e pede Bento Teixeira a V.M. senhor Inquisidor torna a pedir e requer da parte do Santo Ofício tenha por nulo e tudo o que dele tiver dito e disseram Felipa Raposo e seus adúlteros ou outras pessoas a quem ela disse que ele dito Bento Teixeira ser mau reputado e o poria no Santo Ofício. E assim tudo o que de mim disser ou tiver dito mais o Padre Frei Damião porque poderia pelo capital ódio que me tem torcer algumas palavras minhas e vi-las dizer a V.M. em um diferente sentido do que eu as disse em alguns argumentos nos quais sempre por entender seu zelo não ser bom- dizia “Servatis”. E a causa dele me ter ódio. É a seguinte. Estando eu em São Bento e vendo que tratava mal os religiosos lhe disse que lembrasse que o conhecia eu dos Ilhéus e que já por lá fora irmão e não dos mais cientes, e fora maltratados diante de mim muitas vezes pelo Padre Frei Jerônimo que tratasse agora com os irmãos, e que lhes não chamasse filhos de vilãos ruins, e também que sua reverência, pois era religioso não devia de chamar aos homens cornudos, nem trazer calções de cetim, nem comprar couras de seis mil réis. Testemunhas: Frei Honório, o irmão Frei Francisco, Frei Jorge e Frei Pedro.

Décimo Sexto. Além do acima dito o repreendi muitas vezes de sua dissolução como foi de o acharem de noite com uma Catherina Fernandes, filha de uma velha que pousa detrás de São Bento, o qual foi achado por homem do mercado e Duarte Dias de Frandes sabe desse caso e doutros. Pelos quais respeitos lhe queria e lhe quer o dito padre mal dizendo que ele o metera no lago dos leões por onde V.M. deve em rigor haver por nulo tudo o que dele houver dito o padre. E sendo caso que V. M. me sentencie requero a V.M. não seja ele acólito em minha causa nem sentença.

Décimo Sétimo. Também requero que tudo o que de mim tiver dito Diogo de Meireles, o Padre Jerônimo Brás, capelão de Antonio da Rocha, Margarida Fernandes, viúva de Domingos de Meireles ser tudo nulo por serem meus inimigos pelas cousas que alegarei a seu tempo. E mais todas aquelas pessoas que em minha acusação tenho nomeado e nomeei no tempo da graça em um caderno de minha acusação que deixei a V. M., e por isto assim passar no rigor da verdade, me assino neste cárcere do Santo Ofício, sete de setembro de 1595.

Bento Teixeira

Décimo Oitavo. Mais protesto ser muito nulo o que de mim disser e disse Jerônimo, Pardo, por termos grandíssimas diferenças.

Décimo Nono. E também protesto contra o que de mim disser João Luís Homem, cristão novo, cirurgião ser nulo e de nenhum rigor por trazer demanda dele sobre um crédito de Ambrósio Fernandes e chegar com ele a ter tais diferenças que todos os cristãos novos me quiseram e querem por seu respeito mal, e me tiraram muito tempo a fala, e por eu fazer com Manoel que fizesse autos dele e fosse preso por meu respeito. Testemunhas: Manoel , Brás de Mesquita, mulato que estava com Simão Mendes e Diogo Correa, mercador.

Ilustríssimos Inquisidores

Vendo o pai das misericórdias e Deus de toda consolação ante cujos olhos (como o Psalmista) todas as cousas são nuas e descobertas que Adão se soltara do preceito que lhe dera e que o pecado o tinha preso e sua culpa não tinha desculpa para o forrar da pena em castigo que merecia, por não fechar as portas de sua costumada brandura, e misericórdia quis ver a razão que dava. Eu ainda que como humano, e pecador tivesse cometido gravíssimas culpas, pelas quais sem ser ouvido merecera rigorosamente punido: sei, contudo que infalivelmente neste tribunal supremo do Santo Ofício se me não negara a devida audiência; para em tudo se conformar com Deus que mui particularmente preside a ele. Quanto mais vindo preso por testemunhos evidentemente falsos que os zelos dominados, e tenções depravadas de meus capitais inimigos contra mim traçaram, só eclipsarem minha honra, e acabarem meu crédito. E para que a verdade que sempre de semelhantes é odiada fique com a clareza e evidência que de si tem: e V.S.M.S. neste caso a saibam de raiz será necessário espriarem-me algum tanto: posto que (*Longa solent sperni, gaudent brevitare moderni*)²³⁰ com o que aqui disser tocante a meu livramento protesto provar por pessoas que estão nessa cidade de Lisboa, dando-me por V.S.M.S. mandado.

Primeiramente sendo de idade de cinco para seis anos, pouco mais ou menos parti dessa cidade de Lisboa com meu pai e mãe para a capitania do Espírito Santo (terra do Brasil) onde todo o decurso de tempo que ali moraram viveram católica, e exemplarmente sem nunca serem acoimados de maus cristãos: e logo desta idade tenra comecei a aprender com os reverendos padres da Companhia de Jesus a doutrina cristã os demais honestos e bons costumes que eles ensinam nas terras onde residem. Testemunhas: Todos os padres da mesma Companhia que estiveram no Brasil, e hoje estão nesta cidade: como o são o Padre Pero Dias, Francisco Lopes, Francisco Soares e muitos outros. Leigos que me conhecem daquele tempo: Henrique Rodrigues Barcelos, Manoel de Medeiros seu sobrinho, Manoel Álvares que há pouco veio de Pernambuco; e sua mãe Catherina Álvares.

Depois indo os ditos meu pai e mãe a viver à cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro aprendi com os ditos padres da Companhia a latinidade, tendo por mestres religiosos insignes nas letras e virtude procedendo assim na vida e costumes como no estudo cristãmente. Testemunhas disto: os mesmos padres atrás referidos. Leigos: Simão Fernandes e sua mulher que eu pedi ao visitador Heitor Furtado de Mendonça tirasse em uns artigos que fiz de minha abonação: É um Domingos João, pedreiro, e sua mulher Catherina Álvares: é um Belchior da Costa sapateiro por alcunha, e sua mulher os quais hoje residem nessa cidade de Lisboa.

Depois indo com os ditos meu pai e mãe para a Bahia do Salvador a ouvir as artes foi Deus servido chamá-los a si. Pelo qual respeito fiquei órfão e muito moço. E vendo o Bispo Dom Antonio Barreiros (pai benigno de pobres) a boa ordem com que procedia assim na vida, como nos estudos me sustentou dando-me o necessário. E não somente ele, mas inda Cosmo Rangel que então servia de ouvidor geral vendo a forma de meu minor? E estudar, me dava de vestir. Testemunhas: O mesmo Bispo que eu pedi a Heitor Furtado de Mendonça tirasse nos artigos de minha abonação; e o sobredito Cosmo Rangel que hoje reside nesse Reino. E todos os padres da Companhia que foram meus condiscípulos: a saber, Manoel do Couto, Calixto da Mota, Vicente Gonçalves, reitor do Colégio de Pernambuco, acólito que era da Mesa do Santo Ofício da dita Capitania. E Marcos de Mesquita de Oliveira que ora reside nessa cidade que também foi meu condiscípulo. Os padres acima referidos requeri também a Heitor Furtado de Mendonça tirasse nos artigos de minha abonação.

E como o caminho do mancebo na primavera de sua mocidade será dificultado (segundo o sábio) de entender, pelos inconvenientes de que vem acompanhada, sem exame de consideração (por cuja falsa as cousas geram desavisados efeitos). E pela da experiência que então não tinha deixei de acabar meus estudos, e fui ter à capitania dos Ilhéus, e ali preso do lascivo amor de uma Felipa Raposo, filha de André Gavião me casei com ela, sendo a dita tão nobre na geração como em seus próprios vícios: o qual segundo tenho alcançado foi a fonte donde se originaram meus trabalhos, e a prisão que de presente padeço como V.S.M.S. verão distintamente mais adiante. Vendo-me com... do matrimônio (peso

²³⁰ O que é longo costuma ser desprezado; os modernos apreciam o que é breve.

desigual então às minhas forças) e que a enfadonha pobreza nos molestava, fiz viagem a Pernambuco para ver se nele achava algum meio acomodado à vida. E sendo chegado á dita vila, os magnatas da terra, tendo notícia de mim instaram com muita eficácia lhes quisesse ensinar seus filhos à latinidade, e mais bons costumes necessários à vida cristã. E eu me condescendendo a seus rogos me deixei ficar no dito Pernambuco: ensinando publicamente assim latim, como doutrina cristã, e os demais costumes que um aprovado mestre pode ensinar: e vendo todos em geral quanto imprimia meu ensino, e doutrina nos moços tiraram seus filhos da escola, e escola dos reverendos padres da Companhia, e mos entregaram. E em todo esse decurso de tempo que ensinei vivi católica, e fielmente freqüentando as Igrejas e os sacramentos da Santa Madre Igreja, compelindo umas vezes, e outras persuadindo meus discípulos a fazerem o mesmo: pelos quais respeitos todos em geral tinham de mim bom conceito. É testemunha disto o reverendo padre Frei Belchior comissário da ordem de São Francisco, nesse estado do Brasil, que me via ensinar publicamente, e sabe a opinião que a gente assim política, como popular tinha de mim, pelo que lhe ouvia. E sabe em todo o decurso de onze anos em que ensinei na dita capitania o que publicamente se dizia de meu ensino, e doutrina. Testemunhas leigas: Francisco de Taíde que foi o que então me fez ficar em Pernambuco: e me ordenou a casa e modo para viver. Francisco Lopes Correa e seu primo Diogo Correa, James Lopes, Gaspar de Sousa, Diogo Lourenço, Jerônimo Martins, águas mortas por a Lenha?, Tomás Pinel que foi muito tempo meu vizinho na rua Nova: estantes hoje moradores ora de presente nesta cidade de Lisboa. E também o dito Frei Belchior veio nesta frota e reside nesta dita cidade.

E é isto tanto assim, que vendo os do regimento da Repub.? O finito que os moços colhiam de meu ensino, para me obrigarem a ficar na terra de remate, me consignaram cinqüenta mil réis de prêmio em cada um ano, com condição que mandasse vir a consorte e esta vindo com um irmão Martim Leitão que então servia de ouvidor geral, regido mais pela cegueira da opinião que pela luz da razão me tirou os sobreditos os cinqüenta mil réis com o pretexto de que a Câmara não podia consignar renda a nenhuma pessoa. E vendo eu tão incerto o meu remédio, e cortadas as raízes em que prendiam minhas esperanças me mudei para a vila dos

Santos Cosme e Damião que dista de Pernambuco cinco léguas, aonde pus outra vez escola de ler e escrever, contar e latim, e ensinando como dantes adotei a doutrina cristã e os demais regulados e bons costumes aqueles moços, que então não tinham mais que o puro natural. Testemunhas de como a Câmara me deu tença: Álvaro Barbalho e Baltazar Leitão que então eram oficiais dela.

E os quem isso ordenaram aos quais eu pedi ao visitador Heitor Furtado de Mendonça tirasse em minha abonação e de como ensinei na dita vila dos santos Cosme e Damião, e vivi católica, e exemplarmente. Testemunhas: Diogo Correa, James Lopes, Diogo Lourenço, João Moreno, Jerônimo de Mendonça todos ora estão estantes na cidade de Lisboa.

E como o inimigo do homem, semeador de cizânia, onde como o leão rugindo (segundo diz o príncipe dos apóstolos) e buscando todos os meios para seu intento alcançar o fim desejado, encontrasse no coração de Felipa Raposo trazendo-lhe à memória lembranças do passado. Lascívia e regalada brandura com que era tratada pelos mártires diabólicos de seu amor fez com ela (deixando á parte a obrigação; e vínculo do matrimônio) que adulterasse com muitos homens da dita vila de Igaraçu, o que foi a causa de se extinguir algum amor que me mostrava, para se verificar o dito do sulmonês (*successore novo pellitur omnis amor*)²³¹e as figuras principais com que representava os atos venéreos era um Paulo de Valcacena, sobrinho de Jorge Camelo, Francisco de Sousa de Almeida, Antonio Lopes Sampaio mulato, por não ficar animal que nela não entrasse, como noutra arca de Noé; aos quais dizia que seus pecados a ajuntaram comigo; porque era um homem mal acondicionado; e que era um cristão novo fedorento, e ela cristã velha, e de nobre geração, aludindo a isto que havia de se descasar; e que quando Diogo do Couto (que então era ouvidor da vara) o não quisesse fazer esperava pelo inquisidor do Santo Ofício Heitor Furtado para me acusar de mau cristão; o que não somente dizia aos ditos adúlteros, mas a muitas pessoas da dita vila de Igaraçu, e principalmente a uma Inês Fernandes, a pilota por alcunha que lhe servia de alcoviteira; e uma mulher de sobrenome Figueireda que eu tive por amor de Deus muito tempo em minha casa estando na mata do Brasil. De como adulterava com os

sobreditos em Igaraçu, e com muitas outras pessoas são testemunhas Diogo Correa, James Lopes, que então residiam em Igaraçu, Manoel Carvalho, Diogo Lourenço. Todos residem nesta cidade de Lisboa hoje de presente. E para V.S.M.S. acabarem de conhecer a tenção danada e zele luciferino desta hidra de sete cabeças, açoitava de mim essas coisas ante os sobreditos e outras pessoas, para que se referisse nela, quando viesse o Santo Ofício e ele diante do visitador vomitasse sua peçonha e veneno infernal. E que isto ia no nível da verdade pudesse coligir do que depois de sua morte sucedeu. E foi que estando eu homiziado por sua morte no mosteiro de São Bento me foi visitar ao alpendre da igreja a dita Figueireda e me disse que os anos atrás quando eu fora á mata do Brasil, e a deixara por amor de Deus em minha casa, e vendo a desenfreada soltura com que a dita Felipa Raposo vivia a repreendera com aspereza, e rigor de palavras: e vendo-se penhorada da verdade que lhe dizia e da pouca razão que tinha para fazer o que não devia, lhe dava por respostas estas palavras: Figueireda, não posso viver essa vida, este homem é enterrado da cólera, sabendo que faço o que não devo há me de matar, hei de descascar dele e quando não espero pelo inquisidor para o fazer queimar, que é um homem mau cristão, fala cousas contra a fé, e que quando vira que o inquisidor tardava cometera a um Gaspar Gonçalves, mulato, mestre de açúcar que então vivia no dito Igaraçu que me matasse para ficar a rédea solta correndo pela estrada de seus vícios: Ao que ele respondeu que não matava homens da minha maneira por dinheiro e que se aquietasse pois não tinha razão de cometer tamanha temeridade. Por onde a dita Figueireda que hoje reside na casa de Antonio de Albuquerque no dito Pernambuco e podia dizer no Santo Ofício os sobreditos que lhe ouviu a ela Felipa raposo, acrescentando outras (que sempre semelhantes cousas em boca de semelhantes pessoas cresce a olho). Estas duas pessoas pedi a Heitor Furtado de Mendonça tirasse em minha abonação e defesa (como V.S.M.S. verão num requerimento que lhe fiz por escrito de que dará sua fé o notário Manoel Francisco, não sei se as tiraria.

E, dado que fora costa acima, e mui dificultoso ao homem casado que responde em forma com o que deve, crer que sua mulher é adúltera: no entanto pelo

²³¹ Cada amor é expulso pelo novo que o sucede.

rasto do pouco que entendia, vim a entender que a dita Felipa Raposo andava trocada em outra da que era, e que fazia o que não devia pelo qual respeito e pela eximir da perversa conversação da já referida Ines Fernandes, pilota sua alcoviteira, a levei outra vez caminho de Pernambuco; onde segunda vez tornei a por estudo de latim, ler, escrever e contar ensinando como dantes fiel e catolicamente sem nunca ser notado de mau cristão, antes de fiel, útil e exemplar mestre. É disto testemunha o reverendo Padre Frei Belchior, pelo que de mim ouvira, como dito tenho, e Frei Bernardo, religioso da mesma ordem que no meu tempo residiu na dita vila de Igaraçu, e era o meu padre espiritual, e sabe o conceito que de mim se tinha. E além dos sobreditos religiosos, James Lopes, Diogo Correa, Manoel Álvares cujos filhos ensinei; João Moreno e Pedro de Gallegos que desta derradeira vez me viram ensinar em Pernambuco. Os quais todos residem hoje nesta cidade de Lisboa.

E como o hábito facilite... (segundo o cristão) ficou o ruim costume facilitando tanto a Felipa Raposo, que se em Igaraçu fazia seus excessos ocultamente, em Pernambuco à bandeiras estendidas. E eu vendo que estas cousas com o tempo tinham adquirido força, e já não tinham remédio senão o da divina mão, tentei o derradeiro que foi cercear-lhe todas as ocasiões com a levar do tráfego de Pernambuco para o Cabo de Santo Ângelo (terras de João Paes), no qual pondo escola de ler, escrever, contar e latim na freguesia chamada Santo Antonio, ganhando honradamente ainda, a sobredita Felipa Raposo, por não ficar estado em que não tomasse a salva adulterou com Frei Duarte Pereira, vigário da dita freguesia sendo sua filha espiritual.

Este Duarte pereira é um clérigo facinoroso e também entregue a insultos que veio degredado por sentença definitiva do prior do convento de Thomar, e dos mais religiosos dele, (donde ele foi religioso) por toda a vida para o Brasil, e privado do hábito da dita religião, e que não tivesse vos ativa nem passiva, e jejuasse às quartas e sextas feiras de dois meses a pão e água, e que pedia com toda a eficácia devida ao Bispo do Brasil não dispensasse com ela para dizer missa; e isto por dar inteira satisfação ao grande escândalo que dera a todos os religiosos e à nobre vila de Thomar por sair do mosteiro numa Quinta feira de Endoenças, em ser achado em hábito feminino em noite tão santa na companhia de Manoel Vilela, alfaiate da dita vila

que lhe servia de alcoviteiro para umas irmãs suas, isto consta claramente de sua sentença cujo treslado teve em seu poder Antonio de Abreu, escrivão que veio nessa frota por lhe acostar Pero Lopes Gallego em um feito crime que traz com o dito Duarte Pereira sobre uma ferida que lhe deu no rosto por lhe submeter sua mulher, sendo sua comadre, e filha espiritual: e além do sobredito foi a dita sentença mostrada ao visitador Heitor Furtado de Mendonça pasmou de a ver: geral protesto dar por testemunha neste artigo e noutros sendo por V.S.M.S. mandado.

E é tão devasso o dito Duarte Pereira e tão pouco temente ao senhor que toma em suas mãos que na confissão cometeu muitas de suas filhas espirituais, como consta claramente de muitas testemunhas que no dito feito se tiraram de que era escrivão o dito Antonio de Abreu, e que o sobredito seja verdade consta evidentemente pois pelo tal lhe tiraram a vigararia. E que adulterasse com a dita Felipa Raposo (sendo sua filha espiritual) a olhos vistos consta de testemunhos de muitas pessoas de crédito moradoras nas freguesias de Santo Antonio, e principalmente pelo testemunho de Gaspar Dias Centeio que diz os viu estar em coito carnal ambos no dito feito por Pero Lopes, de que dará sua fé o escrivão Antonio de Abreu.

Tudo isso a ser tão descoberto e público que rompendo-me eu em palavras afrontosas com o dito Pero Lopes Galego me disse diante de muitas pessoas da dita freguesia; quiséramos eu valente para cortardes os cornos, e matardes o irregular Duarte Pereira que dormiu com nossa mulher publicamente um milheiro de vezes, e eu vendo que o negócio era público, e que minha honra andava empenhada por casas alheias, e se fazia inventário de minha vida foi necessário por me conformar com o poeta (*immedicabile vulnus, ense rescindendum est, ne pars sincera trahatur*)²³² matá-la.

E dando-lhe a primeira ferida sentindo ser mortal me pediu pelas chagas de Cristo que lhe deixasse dizer para descarga de sua consciência certas palavras: as quais foram que lhe perdoasse por amor de Deus os muitos adultérios que contra mim tinha cometido, e mais a infâmia grande em que me tinha posto em Igaraçu com muitas pessoas em Pernambuco, e na dita freguesia de santo Antonio dizendo

que era judeu, e homem mau cristão: eu lhe perdoei por amor do dito Senhor não deixando de ficar espantado de tão danada tenção, e zelo diabólico porque como andava simplesmente vivia confiado conforme o dito do sábio (Qui ambulat simpliciter, ambulat confidenter) ²³³cessei de então de lhe dar mais ferida mas da que lhe dei morreu dois dias depois, perdendo a fala, sem poder confessar. Agora considerem V.S.M.S. pelas chagas de Cristo Jesus que tais eram essas duas consciências, de Padre Duarte Pereira e de Felipa Raposo. Por onde tenho para mim que do dito Duarte Pereira e dela me veio este mal que tenho ou que foram eles as principais figuras desta minha triste e lamentável tragédia. Pelo tudo que de mim tiverem dito é falso e adulterino como eles próprios o eram, sem temor do senhor Deus ante cuja soberana presença ela terá dado estreita conta, e ele se não se arrepender andará mais estreita por ser sacerdote, e tomar o senhor em tão indignas mãos, mas não há que espantar que do colégio de Cristo saiu um Judas, e não é muito guardar fé a criatura que a não guardou ao criador... e ofendendo nos dias em que ele obrou nossa redenção, de como a matei por amor do dito Duarte Pereira, e ele adulterasse com ela toda a devassa...

Além do sobredito ponderem V.S.M.S. uma mulher adúltera sem temor do senhor Deus que com tantas instância procurou minha morte homens adúlteros, um padre sacrílego que podiam testemunhar de mim. E porque dado um absurdo do inconveniente da sua morte me resultou outro não menor e foi desta maneira:

Foi Nosso Senhor servido nesse tempo chamar a si Frei Bento, por presidente da Ordem de São Bento em Pernambuco, e não havendo nenhum religioso de missa que pudesse presidir em seu lugar ficou no seu um Frei Damião, o qual sendo na Ilha de Itamaracá com o visitador Heitor Furtado de Mendonça me fui recolher no seu mosteiro pela morte da dita Felipa Raposo. E como o dito Frei Damião (que esteve muito tempo na capitania dos Ilhéus donde eu conheci, e sabia como vivera) me tivesse capital ódio (pelo que direi a V.S.M.S. por não ocupar papel com cousas que ofendam seus honestos ouvidos) tomou em grosso e repreendeu o frade que me acolheu: mas não mo deu admoestar, antes com a voz de Jacó (tendo

²³² A ferida incurável deve ser destruída pela espada, para que não se contamine a parte sã.
³ qUEM anda com simplicidade, anda confiante.

as mãos de Esau me recolheu). Sucedeu que estando um dia em conversação falando em cousas das divinas letras o dito Frei Damião (sendo presente Cristóvão Dalpoem seu parente e Frei Honório, religioso do dito mosteiro) viera a dizer que se Adão não pecara inda que Deus deixara à sua natureza, que não houvera de morrer, nem nos seus filhos. Sobre estas palavras por me parecerem mal frases instei tomando a devida salva, como às vezes se costuma nas escolas falando em matérias graves. E disse Padre, *servantis servandis*, que provar que inda que Adão não pecara que se Deus o deixara á sua natureza que houvera de morrer e argumentei assim: todo aquele que tem dentro de si a causa de sua corrupção é corruptível, Adão tinha em si a causa de sua corrupção, que eram as contrárias qualidades, logo Adão de sua natureza era corruptível, et ex consequenti deixado à sua natureza por tempo havia de vir a se corromper. Respondeu o padre então: Não diga isso, porque é heresia de Pelágio²³⁴ e por tal condenada. Ao que repliquei: Se é heresia eu não a sustento: mas só argumentandi gratia o faço: mas se o não é toma V.R. fraco escudo para se defender do argumento, e confesse que não respondeu more scholastico.. E entenda que é certa levada de idiotas aprovarem ou reprovarem sem darem o quia, nem o propter quid, porque, se Aristóteles não perdoou ainda a Moisés (falando uma verdade abonada por Deus) só porque não provava o que dizia, por que não chamarei eu a V.R. o que quiser, pois reprova e calunia meu argumento sem dar razão nem Concílio que tal reprove. Respondeu o padre: Eu não tenho que dar razão às heresias de Pelágio nem doutros. Quando vi o Revrendo tão ferrado com isso, lhe disse, Padre: se os legistas dizem *erubescimus cum sine lege loquimur*,²³⁵ quanto mais se há de corar um pregador que se alfaia de teólogo como V.R. não dar razão do que diz. Ponho por caso que argumentara com ele um herege, com quem o houvera de convencer; quanto mais que, ainda que o meu argumento saiba a heresia, como V.R. diz, eu, como estudante católico tomei a devida salva, das quais palavras ficou o dito Frei Damião ficou escandalizado pelo argüir de idiota diante do parente. Sucedeu também que daí uns quatro ou cinco dias estando o mesmo seu parente Cristóvão Dalpõem, o dito padre frei Damião em

²³⁴

²³⁵ Envergonhamo-nos quando falamos sem lei (razão)

conversação juntamente com o dito Frei Honório que dissesse o mesmo Frei Damião que Deus Nosso Senhor destruíra o mundo com o dilúvio porque vira que os filhos de Deus desejaram as filhas dos homens. Perguntei eu então: Padre o que se entende por filhos de deus. Respondeu que dizia São João Crisóstomo, que se entendiam os filhos de Enoque, disse eu então essa exposição leva caminho, e parece boa, e não levam que dizem uns autores antigos, dizendo, que naquele passo, pelos filhos de Deus eram os anjos, que parece cousa mal soante, e que contradiz a razão. Disse então o padre que em toda escritura se não acha que os anjos se chamem filhos de Deus. Respondi eu então: Padre não faça essa proposição tão geral: porque a mim me lembra que no primeiro capítulo de Jó diz a sagrada escritura, que vinham os filhos de Deus, e entre eles Satanás: donde parece que pelos filhos de Deus se entendem os anjos, e assim me parece que o ouvi já a homens teólogos. Acolheu-se então a seu costumado valhacouto dizendo isto é heresia sem mais razão nem prova. E eu vendo que o padre era perigoso e não me tinha afeição havia muito tempo dei-lhe o silêncio por resposta, dizendo somente que bem sei que se V.R. dissesse essas palavras tão em uso nas escolas que lhe haviam de patear?. Por onde o dito Frei Damião podia torcer as minhas palavras no Santo Ofício, e alegar com o dito seu parente Cristóvão Dalpóem e Frei Honório, os quais nem ainda sua própria linguagem sabem falar, e que o dito Frei Damião seria meu inimigo mortal consta claramente, pois diante de Frei Jorge, Frei Pedro e Frei Francisco religiosos da mesma ordem tivemos ruins palavras e ele me ameaçou por vezes dizendo que ele poria nisto? alguma hora. Pedi a Heitor Furtado tirasse esses religiosos por testemunha em uns artigos que fiz receando-me do ódio intrínseco, e mau zelo do dito Frei Damião não sei se o farias. Além do sobredito tive palavras com o dito frei Damião por dizer publicamente, que havia de meter todo o seu cabedal para fazer queimar toda nação cristã nova de Pernambuco, e que rogasse a Deus não fosse eu um deles. E o respeito que o dito Frei Damião concebeu contra a dita nação indiferentemente ódio foi por o acharem de noite vestido a indiática ?, em casa com mulheres solteiras, como casadas, alguns mancebos da dita nação e vingarem com ele as punhadas, como foi um Tomé do Mercado e Duarte Dias de Frandes, e publicamente se dizia que o dito padre tinha

acesso com uma Isabel Raposa e Anna Lins, mulheres casadas e com outras muitas comprando cousas de seis, sete mil réis para trazer de noite: E como homem pouco temente a Deus dizia publicamente que o visitador lhe queria bem por dois respeitos: o primeiro, porque quando notava nunca discrepava de sua opinião, e segundo, porque naturalmente queria mal à nação cristã nova como ele. Testemunhas disto Afonso Fidalgo, Manoel Carvalho, Diogo Dias, Diogo Correa, e de como comprou coisa Francisco Pessoa que veio nesta frota. Vejam V.S.M.S. que acólito este para usar na Mesa do Santo Ofício em Pernambuco, sendo por amor dele repudiado o Bispo, e Frei Belchior, pessoas de tanta virtude, autoridade e letras. Isto passa na realza da verdade, sem discrepar nec ad dextram, nec ad sinistram.²³⁶ E que Cristóvão Dalpoem seja meu inimigo é claro dever, por ser parente do dito Frei Damião, e iria onde ele, e não a razão quisesse, e por ser cunhado de Pero Lopes Galego, meu capital inimigo, cujo testemunho em minhas cousas deve ser nulo e de nenhum rigor, como atrás consta, juntamente com o de Simão de Proença clérigo: com o qual tive muitas vezes palavras em Igarauçu, e me ameaçou por vezes com o Santo Ofício o qual clérigo além de ser da parcialidade de Duarte proença vindo da Bahia disse a uma sua concubina por nome Isabel Lopes que ora reside com seu marido nesta cidade que já se tinha vingado de mim no Santo Ofício. E esta mulher dava neste particular verdadeira informação ante V.S.M.S. porque ela me disse cá em Pernambuco que quando fosse o mês de graça estivesse advertido por o dar por suspeito o que fiz , como V.S.M.S. acharam em um caderno de minha acusação que o visitador Heitor Furtado de Mendonça me tomou, dizendo que importava ficar-lhe o qual padre com outras muitas pessoas no dito caderno incluídas por serem minhas inimigas capitais ante V.S.M.S. não devem Ter crédito. E além das ditas tudo o que de mim tiver dito João Luís cirurgião morador em Pernambuco deve ser de pouco momento por ser meu inimigo mortal: a razão é pelo fazer meter na cadeia ao juiz Antonio Tavares e fazer com o escrivão Manoel Chaveiro fizesse dele autos . Pelo qual respeito jurou muitas vezes que todo o mal que pudesse fazer me havia de fazer. Testemunhas disto: Francisco Lopes Correa e Diogo Correa seu primo o qual estiveram mal comigo por amor do mesmo João Luís neste caso. Finalmente menos

²³⁶ Nem à direita, nem à esquerda, mas sim no meio.

me deve por indicar o dito de Estevão Ribeiro morador que foi em Igaraçu, e agora é em Pernambuco por ser meu inimigo capital, e induzir muitos homens contra mim, e acreditar-me mal com algumas pessoas honradas como foi com James Lopes nomeado nos artigos atrás, e o sobredito Diogo Correa, fazendo-os conceber ódio contra mim. Se fora destes meus inimigos aqui nomeados neste papel, e no caderno da minha acusação e artigos feitos a Heitor Furtado de Mendonça, houver alguma pessoa, ou pessoas que com zelo cristão viessem à Mesa do Santo Ofício denunciar de mim alguma coisa, requero a V.S.M.S. da parte de Cristo Jesus me declarem o que cometi, quando e aonde porque como estive em toda a costa do Brasil poderia falar como frágil, e humano alguma coisa de que não estou advertido, e sendo o dela protesto desde agora pedir misericórdia a V.S.M.S. nessa santa mesa como fiel, católico, e verdadeiro cristão: e se for pelo dito de algumas das pessoas por mim nomeadas nos ditos papéis requero a V.S.M.S. da parte da divina imagem ante cuja presença havemos de aparecer, me despachem com aquela facilidade que depois de informados da verdade se requer, e dado que sejam Deuses da terra sicut homines moriemini et sicut unus de principibus cadetis.²³⁷ E pois o Espírito Santo preside a esse sagrado tribunal ... e por amor do Senhor peço a V.S.M.S. não respeite eu ser cristão novo, pois não isso, senão em ser bom cristão está o negócio. Que, se antes que eu nascesse, me perguntaram qual seria, se ser filho de cristão velho, se de novo, e eu, por minha eleição tomara de ser cristão novo, merecera ante V.S.M.S. castigo; mas se Deus Nosso Senhor foi servido que meu pai fosse cristão novo e eu fosse seu filho, que culpa tenho eu? Qua de causa recipiam me ipsum atque ad vos non dolum inquisitorum personas habentes, sed paterna viscera aperientes ad fortissimum pietatis vestrum asyllum confugiam, quod quidem ita amplum est, ut quicumque vobis assistentibus, et indicantibus aliquid de me falsum et adulterinum ausus fuerit effutire, prius humano se prorsus exuat ingenio, quam uram humanissimam natura a solita clementia ad immanitatem aliquam possit inflectere. Si nemo adhuc e vestris manibus liber evasit, nimis audacter, ne dicam imprudenter, peto, sin passim quibus hoc concesseritis reperiuntur, cur ego de vestra benignitate desperaba? Sistam ergo meae prolixae orationis cursum, scribendoque metas

²³⁷ Como homens morrereis e caireis como qualquer dos príncipes.

praescribam, illud tamtum modo vobis eztreum enuntiabo, si me liberum dimiseritis, id non solum Christi optimi, et sapientissi Redemptoris laude, sed etiam vestra magnificentissima redundaturum.²³⁸

Bento Teixeira

Inda que seja tornar a molestar V.S.M.S. tenham que me disse Diogo do Couto, vigário que foi e ouvidor da vara em Pernambuco, que inda em vida de Felipa Raposo lhe dissera por vezes o dito Duarte Pereira que eu era homem suspeito, pelo qual respeito cuidando ser assim e não...em sua maldade lhe disse, pois padre disse-lhe que se tem de que seria vinha acusar diante mim enquanto sou ouvidor da vara mas que depois que vira que por amor dele matara a dita Felipa raposo ficara alheio de si considerando a maldade... e que se fosse necessário sendo perguntado assim diria na Mesa do santo Ofício. Por onde tenho por mim que assim estava dito nos artigos de minha abonação aonde pedi ao visitador Heitor Furtado de Mendonça o tirasse.

Em minha abonação perante V.S.M.S. dou por testemunha o visitador Heitor Furtado de Mendonça o qual sabe muito bem o conceito que tinha de mim todo o Pernambuco, e sabe melhor que eu (pelo que disseram) ser a dita felipa Raposo a que atrás dito tenho a adulterar com o dito Duarte Pereira e é isto tanto assim que estando eu homiziado no mosteiro de São Bento, e vindo a falar no caso...Bento Teixeira que quem aguardou tanto tempo a sua mulher sem lhe fazer mal, que lhe havia de perdoar toda vida. E perdoar para diante do tribunal divino no dia do juízo a acusar de adúltera donde de pode inferir o que dito tenho.

²³⁸ Por tal motivo, recolher-me-ei em mim mesmo e me abrigarei em vós, que tendes não só função de inquisidores, mas abris o coração de pai para o vosso fortíssimo asilo de compaixão, o qual é, certamente, tão amplo que, seja quem for, dentre vós assistentes e julgadores, que ouse falar sem pensar, a meu respeito, algo falso ou adulterado, despojar-se-á totalmente da natureza humana, antes que possa desviar-vos da costumeira clemência para alguma desumanidade. Se ninguém até aqui escapou livre de vossas mãos, de modo excessivamente audacioso, para não dizer impudente, peço ... Deixarei portanto, o prosseguimento de minha prolixa oração, e por escrito, escreverei o final; declarei apenas o

Jesus Maria
Ilustríssimos e Reverendíssimos Senhores

Diz o sábio rei da Palestina que todos os rios nascem do mar e a ele tornam; e pois, o princípio de minha confissão se originou desta santa Mesa do Conselho (centro de onde saem as direitas linhas da verdade para a circunferência da Cristandade). Parece conveniente á razão que, como o rio, torne a acabar nela, como em mar, donde posso dizer que nasci de novo e onde recebi da misericordiosa mão de Nosso Senhor Jesus Cristo tão afluentes bens, como foram deixar o Adão velho do Judaísmo pelo homem novo (que é o mesmo Cristo Jesus), as trevas palpáveis do Egito pelo sol da justiça, as cebolas e aos alhos de Menphis pelo maná celestial, a figura pelo figurado, a aparência pela existência, a matéria pela forma, a mentira já agora pela verdade permanente, a lei carregada e de tantas cerimônias pela evangélica e de jugo suave eleve de Cristo Redentor nosso. E, se os matemáticos (quando provam que a perfeição da figura circular está em ser redonda), dizem que por isso é perfeita, porque começa onde acaba e acaba onde começa (donde diz o Psalmista) benedices coronae anni benignitatis tuae²³⁹, à imitação do rio, da figura circular e do ano quis acabar onde comecei, que enfim no ato do amor santo e singelo que há de haver reciprocção, e pois V.S.M.S., de sua parte, nunca faltam com a fineza e quilates deste, quero eu também de minha parte corresponder com o que devo, posto que, para chegar a por a raiva onde o amor, zelo, caridade de V.S.M.S. (que é apostólica) a põem, é necessário ser outra Águia caudal de Ezequiel, que subiu ao Monte Líbano e tirou a medula do cedro..

Mas, pois, não posso (por minhas carregadas penas dos pecados me impedirem) voar tão alto, farei para responder com o muito que devo a Nosso Senhor Jesus Cristo e a essa santa Mesa e probática piscina (onde sarei da enfermidade e aleijão do judaísmo, em que estive entrevado vinte e tantos anos à

essencial para vós, se me deixardes ir livre. Isso haverá de redundar, não só em louvor de Cristo glorioso e sapientíssimo Redentor, mas também de vossa magnanimidade.

²³⁹ Coroastes o ano com vossos benefícios.

imitação do paralítico) e que fez o patriarca Jacó, fugindo de Labão, e foi enterrar os ídolos que lhe trouxe ao pé de uma árvore chamada terebynto, que se interpreta confissão.

Assim eu, depois de deixar o povo antigo e de me esquecer da casa de meu pai, e fugir da observância da lei Velha, a quem servi não catorze anos como Jacó, mas vinte e quatro, não pela formosa Raquel (que a lei e graça dá, que é a glória), mas pela remelosa Lia (que é a terra da promessa que os judeus enganados com temporalidade falsa e vãmente esperam), enterrarei aos pés de V.v.S.s. (que como árvores plantadas no jardim da Igreja Católica florescem no fruto de boas obras em flores de maravilhosas virtudes e doutrina exemplar) todos os mais ídolos que me ficaram de Labão, porque, se for caso, quem venha após de mim, e alguma lembrança do passado (como Labão veio atrás de Jacó) não ache dentro de mim coisa que conheça por sua. E isto farei por dois respeito: o primeiro e principal, por honra do Nosso Senhor Jesus Cristo e de sua santa fé católica. E o outro, porque V.v.S.s. entendam que, quando o bom Jesus foi servido olhar-me com seus divinos olhos de misericórdia, não foi para os tirar logo de mim, nem para eu fazer de presente minha confissão ordinária, senão verdadeira e inteira. E para que soltando-me das cadeias em laços enganosos o Leão infernal me tinha posto, lhe pudesse lá fora fazer alguns serviços, sendo benemérito desta Santa casa, buscando meios acomodados para reconciliar muitos errados e apartados de sua Santa Fé com essa mesa sagrada. E, posto que este ofício seja apostólico, e como tal reservado a V.v.S.s. e Deus Nosso Senhor não comunique suas verdades senão por instrumentos mais acomodados aos ouvidos de homens que eu, sei contudo que Saul, guardando asnas, foi depois profeta e que uma asna foi parte para desviar a Balan do mau caminho e zelo que levava para maldizer o povo de Deus, o qual depois bem disse. Assim, quererá o verbo eterno filho de Deus vivo, que é Jesus Cristo que à imitação de outra asna de Balan tire aqui alguns e lá fora muitos do ruim caminho que levam, para que assim bendigam o seu Criador, que os salvou e remiu com seu imaculado e precioso sangue e para todos ganhou de condigno a glória, fazendo eles de sua parte o que devem.

Aviso Primeiro

Como os trabalhos e necessidades apurem e finalizem o entendimento (segundo aquilo de Isaias) em os que esta miserável, e odiosa nação padece de ordinário não sejam pequenos, eles lhe apuram o juízo, e lhe fazem inventar cousas, que postas na praça de qualquer outro entendimento mais livre que o seu, parecem impossíveis; das quais cousas algumas tenho já ditas ao inquisidor senhor Manoel Álvares Tavares as quais ele me mandou escrever em seis folhas de papel que para isso me mandou assinadas como estas pelo notário Manoel Marinho, o que fiz guardando em tudo o rigor da verdade, não como quem fui senão como quem sou, e pretendo ser (mediante graça de Nosso senhor Jesus Cristo) que ser bom e fiel cristão. Ficavam-me contudo quatro cousas que por serem de mais importância que as outras me pareceu necessário declará-las nesta santa Mesa do Conselho porque é suprema e mais facilmente pode dar os meios para se remediarem semelhantes casos, e começando digo

Que é necessário que V.v.S.s. terem muita vigilância e cuidado que os presos que vieram de fora do reino, e principalmente do Brasil que chegando as naus ao cais ou à Torre de São Grão? Sejam logo trazidos à esta santa casa, pelo respeito que direi. Os homens da nação em Pernambuco, como me tinham por sua cevadeira, e por homem em quem seguramente se podia depositar qualquer cousa, por mais grave, e importante que fosse, me disseram que João Nunes quando veio de lá preso, peitara trezentos cruzados ao mestre do navio em que veio, que o deixasse andar quatro ou cinco dias por Lisboa negociando uns papéis, e pondo suas cousas em ordem, e que para segurar o dito mestre da suspeita que tinha dele dito João Nunes lhe poder fugir trouxera o dito mestre consigo todos esses dias sem o largar da suailharga, e depois de negociar à sua vontade tudo, dissera ao dito mestre que o entregasse à esta santa casa, o que me disseram da nação em Pernambuco, ser causa dele sair solto e livre. Além do sobredito, dois flamengos que sabiam latim, e eram marinheiros da urca? em que eu vim, chegando nos a Cascaes este Natal, faz dois anos, estando defronte da torre surtos oito dias sem podermos entrar por respeito dos ventos contrários, me cometeram que lhe desse cinquenta patacas, e que uma noite me levaram a uma de duas naus levantiscas ?e

iam então para a Itália, e saíram daqui com a armada dos cônsules, e foram a ancorar a Cascaes, e isto sem ninguém o entender porque ia todas as noites tomas a crápula à dita vila de Cascaes, e que quando não tivesse cinqüenta patacas lhe desse um escrito meu para algum parente aqui em Lisboa, o que eu bem poderia fazer, mas como Nosso Senhor Jesus cristo me tinha guardado este bem tamanho como foi alumiar-me o entendimento, e reduzir-me a sua santa fé, nunca me imprimiu...que cometesse esta empresa: mas o que eu não fiz então, pode ser que não falte avante quem o faça, e principalmente cometeram isto algumas pessoas que eu declarei em minha confissão por ser gente mui rica, e principal do Brasil, por onde convém se as naus forem flamengas fazer lhe dar grossas fianças no Brasil, que importe três vezes mais que o que os ditos; e juntamente que o meirinho desta santa casa em pessoa busca, e não mande Francisco Martins, ou Geraldo da Costa ou outros como eles em busca dos presos, como fizeram a mim que se puseram a comer e a beber comigo.

Segundo Aviso

Fui certo e sabedor que algumas pessoas da nação que cá ficavam reservadas de um auto para outro saiam livres da maneira seguinte, tanto que sentiam o primeiro dia de tratos, tomavam manteos de canequim, lenços ou pano de linho delgado, quando não tinham papel, e engomavam-se essas cousas, e punham-se a escrever largamente a seus parentes lá fora dando-lhes conta do que cá passava, e em que termos ficavam os seus negócios e o porque ficavam, e se eu verbi gratia, estava já tratado, e como tal sabiam que haviam de sair, ou se era confessado, entregavam-me aqueles, e eu os cozia comigo no gibão, ou no colchão, e lá fora os entregava a quem me mandavam, e dizia mais de palavras? de outras coisas de mais importância dizendo que estavam presos pelos ditos de fulano, ou fulana, em que me revelava para sair solto, e livre (estava) provar a ausencia ou os que estavam mal com as tais pessoas por tantos cristãos velhos, para o qual negócio Ter melhor efeito lhe dariam todo o dinheiro que pedissem, porque os ditos da nação cá não tinham vigor, e desta invenção usavam, e eu usei também neste

cárcere donde escrevi dentro a Pernambuco a Diogo de Meireles, e ao padre Simão de Proença, cristão novo a cada um sua carta, para que quando de cá me mandassem dar provas de contraditas me tivessem lá as testemunhas abicadas armando-me já contra tudo quanto me podia sair de culpas nesta santa Mesa, o que fiz em duas folhas de papel, de quatro ou cinco, que comigo trouxe cozidas em meu forro de gibão, e sabia muito bem que só uma pessoa da nação me culpara que era Maria Lopes, a qual pelo seu próprio neto, Sebastião de Peralta, me mandou dizer que só duas palavras me acusou ante o visitador, só por se abonar de boa cristã mas não por Ter tenção de me fazer mal, o qual Sebastião de peralta mas disse interminis? Assim como mas levaram em culpa nesta santa casa, e porque o aviso foi já fora do tempo da graça, e não... sair em auto pelas ditas palavras em Pernambuco, por não ser desonrado aonde tinha tanto crédito, quis antes vir preso. Sabia além do sobredito que pessoas cristãs velhas foram as que me culparam, e se nas contraditas não dei logo de fresca? nelas foi por V.V.S.s. não suspeitarem que sabia diretamente que pessoas eram, e assim fui antremetendo algumas pessoas de que me não temia, ante as de suspeita, por V.v.S.s. não caírem nesta invenção de que usam os cristãos novos, e desenganem-se V.v.S.s. que todo cristão novo que aqui entra, e acerta com quem o culpou, que fez a culpa, entendo se a pessoa que disse dele é também da nação, porque se for cristão velho então tem outro desvio, e o que não acerta estava inocente, e que lhe levantaram falso testemunho, ou conjuraram contra ele. Além do sobredito, admito a V.v.S.s. que todo homem que daqui sai confessado, e eles lá fora sabem que trouxe cá gente principal. Lá buscam invenção para lhe acabarem os dias da vida, e isto é principalmente se confessou antes de ir à Mesa, que eles chamam roxa, ou não esteve às mãos atadas, ou não confessou preto do auto, porque então dizem, aquele fez o que pode, não se pesa-lhe por culpa, e fiam-se dele, mas se confessou sem nenhuma das sobreditas cousas concorrem?, creia-me V.v.S.s. como a quem tratou toda a sua vida com eles e os conhece melhor que a si próprio que além de se não fiarem dele, e o terem ante si por infame, quem os ajuda muitas vezes, ou o afrontam de maneira que não fica homem sem o pobre saber donde lhe veio o mal: e não quero exagerar isto mais, senão que no auto de outubro que se fez nesta

santa casa, se deixam? lá fora a duas pessoas com garrafas de tinta pelo rosto, sem saberem donde lhe veio o mal, e parentes seus muito chegados porque os culpavam em suas confissões.

Aviso terceiro

E estando uma velha por nome a caminho na primeira deste pátio com as cozinheiras se soube, e para melhor dizer escrevo a uma filha sua por nome Francisca Ximenes, que estava na quarta do corredor do meio com três companheiras, uma das quais sabia ler, que ela tinha dado em Diogo Lopes de Calles? Que veio preso comigo, o qual estava na Sexta deste pátio em companhia de Nicolau Nunes e de Gil Lopes, e que se a levassem aos tratos e a apertassem muito com ela que havia de dar no Ximenes, seu parente aqui de Lisboa, e sabendo-se isto aqui no cárcere fez tanto abalo, e por escritos que de várias casas se escreveram a cozinha que serão todas as mulheres afogar a pobre nela, e a Francisca Ximenes disse, e respondeu que faria outra coisa e essa não... que soubessem morrer nos tratos; pois não tinha outra honra nem remédio, senão seu tio Ximenes.

O que vendo a velha caminha? e estimulada das freqüentes admoestações que as cozinheiras lhe faziam ordinariamente determinirasse ? a sofrer a que estão de tormento que lhe deram como sofrer. E dirão V.v.S.s. como puderam acabar com uma velha tão fraca isso? Como lhe dizerem que assim como assim inda que disse no Ximenes não aproveitava nada, porque tinha um rescrito do Papa para não poder ser preso nesta santa casa, senão que o metessem com as culpas a Roma, e que lá se livraria, e que saindo ele que esperaria ela que lhe fizesse o dito Ximenes? Pela qual razão, e por outras a dita velha deixou de culpas o dito Ximenes.

Quarto Aviso que é como corolário deste terceiro

Hão de saber V.v.S.s. que todos os cristãos novos ricos e principais deste Reino, principalmente de Lisboa têm lançado fama que têm rescritos de sua

santidade para não poderem ser presos nesta santa casa, senão que com suas culpas sejam remetidos à Roma para lá se livrarem. E a razão porque até agora não tem dado os judeus pequenos nestes grandes é por cuidarem que é isto assim: porque os pequenos davam o que não tem por verem um destes grandes metido nesta casa, e dizem não virá um destes besouros zunidores e de gualdrapas a esta casa para crerem o mal das pobres moscas que confessam? Os outros respondem que aproveita dizer nada deles, pois têm breves do Papa. E desta maneira escapam por onde nossas senhorias este caso de lançarem fama de que tem rescritos mandem publicar que seja caso reservado à santa Mesa do Conselho, e então verão se escapam esses pássaros de unha curva, e também advirto a V.v.S.s. que antes de se darem os tratos, dois ou três dias, apartem os presos que hão de ficar dos que hão de sair, porque então escusam os escândalos de os apalparem, que é cousa que mais sentem que o sambenito, e não terão os que ficam meio nenhum para suas depravadas tenções terem o efeito desejado.

Quinto e último Aviso

V.V.s.s, dizem que à gente da nação a vinda do seu Messias que esperam lhe faz o mal- e eu digo, que já o tempo tem desenganado a muitos, e os milagres evidentes, e a verdade enfim que é mais poderosa que tudo, e que como um sol fermoso, e resplandecente desfaz e anula a nuvem escura da cegueira, e que o Messias que ...estorva e que desvia os que estão negativos nesta santa casa de confessarem as suas culpas, e a muitos lá fora não se virem reconciliar à esta santa mesa, é o perdão que esperam impetrar de Sua Majestade, e assim há homens no Brasil da nação de duzentos mil cruzados, a quem eu notei cartas para este reino que diziam nelas o seguinte: Mostrem este capítulo aos que vão para Madri e digam-lhes que não reparem com sua real majestade em dinheiro, inda que seja dar-lhe um milhão e meio douro, porque pelo capítulo desta me obrigo a dar trinta mil cruzados de letras passadas à vista, e mais me obrigo só no Brasil tirar quatrocentos mil cruzados. E isso mais depressa do que eles o hão de fazer em Portugal na demasia. Pelo que V.V.S.S. busquem algum meio para, e desenganarem estes que estão aqui

dentro por confessar, porque lhes afirmo que este é o Messias que de presente lhe faz o mal, os de fora cuido eu que já estão desenganados. Isto é o que ao presente me ocorreu, em que me pareceu ser necessário manifestar nesta santa Mesa como fiel, católico e verdadeiro cristão, e conduzido à luz da verdade que é a fé de Cristo Jesus Redentor e Senhor Nosso, na qual protesto viver e morrer, e nela só salvar-me, abominando, e detestando toda, e qualquer outra crença que não for ao nível dela, e de tudo que assina a santa e católica Igreja Romana crê, e tem, até por a vida pela confissão desta verdade quando for necessário. Pedindo a Nosso Senhor Jesus Cristo a V.v.S.s. na perfeição evangélica, dilatando-lhe a vida como dilasa? A de Henoc, e Elias no paraíso terreal, para que como três rios caudalosos que dele saem, Eufrates, Ganges e Tigre fertilizem e reguem o campo espaçoso da Igreja católica com as cristalinas e prateadas águas de sua doutrina, Amém. Declaro mais, que todas as vezes que me ocorrer alguma coisa de que me parecer necessário advertir à santa Mesa, que protesto fazê-lo como bom, e verdadeiro cristão. E por ser verdade me assino e declaro que todo o conteúdo nestas duas folhas de papel assinadas pelo notário Manoel Marinho e de minha letra e sinal, as quais duas folhas de papel, tintas e pena me mandou dar o inquisidor, senhor Manoel Álvares Tavares para descargo de minha consciência, a melhoria da qual e as mercês que hoje de presente recebo da misericordiosa mão começaram de V.V.S.S. mas no dito senhor inquisidor Manoel Álvares Tavares foram para mim cada dia crescendo, como o pão ia nas mãos dos apóstolos, quando o Senhor só com cinco pães abastou aquela turba multidão que o acompanhava. Queira este mesmo Senhor e Redentor nosso conservá-lo nos anos de Nestor e na saúde de Macinissa para argumento da evangélica perfeição, pelas consolações espirituais e desenganos tão certos que me deu com sua rara virtude, e sólidas letras, e a V.V.S.S. por me darem um juiz (que foi senão benigno e amoroso pai) protegat sacrossanctus Deus; atque redemptor noster Jesus Christus sub umbra alarum suarum²⁴⁰ ... Neste cárcere, hoje, de dezembro de 1597.

²⁴⁰ Proteja Deus sacrossanto Jesus Cristo nosso redentor sob a sombra de suas asas.

Jesus Maria
Mui Ilustres Senhores

Vossa Senhoria me mandou que neste papel entregasse a custódia das letras tudo com o que tenho passado nesse cárcere com pessoas da nação, e o que sei do dito cárcere, o que farei, contando tudo no rigor da verdade sem me desviar net ad dextram, nec ad sinistram²⁴¹, para me conformar com o dito do poeta (medio tutissimus ibis)²⁴², e principalmente por honra de Nosso Senhor Jesus Cristo e da Santa fé católica e pelo que toca a conservação do segredo sê-lo quem se requer na mesa do Santo Ofício.

Título do que passei com Manoel Lopes, o mareante. Artes de se fazer auto

Estando eu na terceira deste pátio e Manoel Lopes na Segunda me pediu com muita instância, que pois ficava cá dissesse a seu irmão o mareante por alcunha, que confessasse logo sem mais dilação suas culpas porque ele Manoel Lopes dera nele, e nas irmãs Inês Lopes e Beatriz Gomes, e mudando-me o alcaide às vésperas de São Matias (um dia antes do auto) para esta nona do pátio aonde estava de presente, achei na parede da dita nona, uma ruína, pela qual falei à dita Beatriz Gomes que logo em lhe batendo acudiu: e dizendo-me ela que era irmã do dito Manoel Lopes lhe dei o recado do? Principio caepit (et Petrus) nagare: mas exagerando-lhe eu com largueza de palavras o perigoso estado em que se punha se

²⁴¹ Ver nota 6

²⁴² Irá mais seguro pelo meio.

não confessasse as suas culpas, pois tinha o dito de seu irmão contra si. Depois de tomar de mim a devida salva e saber que eu era da nação, soltou as seguintes palavras: Senhor, eu já fora confessar minhas culpas, mas dizem lá fora que quando homem confessa pedem a filha, irmãos, maridos e mais obrigações. A qual ... querendo eu atalhar disse: Isso que falam é falso, que a consciência de cada um é aqui a medida certa. Mas, contudo se fazem isso têm razão, porque se vos confessais que sois índia, e tende filhas, e irmãos, não é provável que também o são como vós. Contudo se negais que as ditas pessoas o não são, para isso vos dão tratos para saber a verdade por vós: mas, enfim não obrigam ninguém a trazer cá parentes ou pessoas que são inocentes. Então me disse que ela confessaria sua culpa, mas que seu genro Afonso Gomes Fanqueiro? Por alcunha lhe dissera quando para cá vinha presa que se avisasse que não confessasse suas culpas logo, mas que se detivesse alguns meses até vir o perdão que por horas se esperava de Madri. E que se viesse, e os inquisidores lhe perguntassem se queria estar pelo perdão que dissesse que sim. Neste passo, respondi ou lhe perguntei; e se for caso que não venha (que enfim o que é em nosso dano, esse é o mais certo) que há de fazer? Então, respondeu ela, confessarei minha culpa, e vossa mercê, se não o mudarem, me avisará de que maneira o hei de fazer. E querendo eu instar mais sobre a sua confissão veio a alcaide Gaspar de Molina e lançou-nos a cada um seu gatto, e privou-nos de candêa por espaço de um mês estranhando o caso com aspereza e severidade pelo qual respeito desabei mão dali por diante de aconselhar porque castigata vetuspede tentím flumina tranat . E por me forrar de palavras e em poucas compreender tudo o que tratei com a dita Beatriz Gomes. Agora haveria seis semanas mais ou menos dizendo-me Diogo Dorta (de quem adiante tratarei extensamente) que Inês Lopes, irmã de Beatriz Gomes estava por cozinheira com a filha do Viegas na cozinha do meio (e isto por pancadas na parede contadas pelo A, B, C) lhe mandei dizer o mesmo recado do irmão pedindo-lhe com eficácia que pedisse logo Mesa e confessasse suas culpas, o dito Orta deu pelo A, B, C (pela maneira que dito tenho) o meu recado a Gaspar Lopes, homem da Ilha de Madeira, que está na décima do meio, e junto à cozinha, o qual Gaspar Lopes o disse assim, e da maneira como lho mandei: A dita Inês Lopes disse que Nosso

Senhor Jesus Cristo me livrasse pela boa obra de santidade que me fizera, mas me fazia saber que já fazia alguns dias que estava confessada, e que Diogo Dorta lhe mandava dizer por Gaspar Lopes como eu tinha por vizinha a sua irmã Beatriz Gomes que me pediu pelas chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo lhe dissesse as palavras seguintes: Sua irmã Inês Lopes que está na cozinha do corredor do meio lhe beija as mãos e lhe faz saber que estava confessada, e que deu em todos os irmãos e irmãs, e só em seu marido não, e lhe pede por amor de Deus que vá sem mais detenções nenhuma confessar suas culpas. E, posto que a estreiteza do estado em que me via, e o castigo passado pelo alcaide me dificultava dar este recado à dita Beatriz Gomes, contudo porque era obra de caridade, e serviço de Deus chegar a esta santa, e probática piscina, resolvi eu lho dar pela mesma forma de palavras referida (sendo o alcaide Gaspar de Molina na mesa, e os guardas a levar presos doutros cárceres) e a dita Beatriz Gomes inda que me ouviu muito bem, dissimulou alguns dias com o recado, não se dando por achada: e vendo eu que o negócio era de peso, e não soferia? dilação (que em semelhantes casos gera desvariados efeitos) aventurei-me numa Quarta feira, dia de limpeza a dizer-lho pela porta com boa pronúncia, como fiz, porque a dita Beatriz Gomes não tivesse depois escusa que me dar, e disse-lhe as palavras seguintes: Senhora Beatriz Gomes, sua irmã Inês Lopes que está na cozinha do meio lhe beija as mãos, e lhe faz a saber que está confessada, e que deu em todos os seus irmãos e irmãs, e só em seu marido não, e que o mesmo faça V.M. sem mais detenção, o qual recado ouvindo a dita Beatriz Gomes começou a derramar lágrimas, e a dizer mal à sua ventura; perguntando, Pois senhor, também deu em mim? E eu lhe disse que sim. E logo me tornou a perguntar: Pois Senhor, hei de trazer cá meu marido Duarte Lopes e minhas filhas? E eu lhe respondi: Esses serão os primeiros se o devem. E ouvindo o alcaide Gaspar de Molina estas palavras as veio abaixo e quis me castigar. E eu lhe disse: Bem pode V.M. fazer o que quiser que aqui estou em obediência, mas esta mulher tem culpas e confessar para que é andar com caixas encouradas? O bom é enganar-lhe logo, e não em tempo em que o próprio dano lhe não dê lugar para o fazer livremente, e como deve, e tem de obrigação, e a dita Beatriz Gomes ouvindo estas palavras chamou dali a pouco o alcaide, e pediu Mesa. Mas, contudo o alcaide

dali por diante no dia da limpeza não quis que se abrissem mais as portas, o que foi impedimento de eu acabar de aconselhar a dita Beatriz Gomes para fazer perfeitamente sua confissão, antes a mudaram, e agora está na dita casa, e um preso novo que me importuna, que o encaminhe (o qual de princípio se me fez mulher), e eu lhe tenha dito: Meu irmão, temor? De Deus diante, verdade de nossas culpas, e com quem as cometestes, e com estes dois padrinhos vos salvareis sem vossa alma fazer naufrágio, que isto é o que querem nesta Casa.. Outro dia me disse que pediria Mesa, mas que não sabia como havia de ordenar suas cousas, e eu lhe respondi: Meu irmão, as confissões desta Casa querem mais de verdade, que de estudo, porque as injúrias que um homem faz a outro não esquecem, quanto mais as que se fazem a Deus.

Título do que passei com Antão de Castro, Quinta feira antes do Auto

A Quinta feira antes do auto, andando os guardas com o alcaide Gaspar de Molina, dando de comer pelo corredor de todo cima, depois que Manoel Lopes acabou de falar comigo, Antão de Crasto que havia estado na terceira deste pátio, e com quem eu de Quarta por uma ruína da parede tinha falado algumas vezes, me disse: Peço-lhe por amor de Deus que diga à minha irmã Isabel de Crasto e à minha mãe, e mulher (se com alguma delas falar) que o Senhor Bispo Delvas, inquisidor mor me tem dito que se eu fizer bem minha confissão que sairei neste auto: donde me fora forçado dar nelas todas, e em meu irmão; que lhe peço pelas chagas de Deus Senhor vão logo confessar suas culpas, e não esperem mais. E eu prometi (oferecendo-se ocasião conveniente) de lhe dizer assim como ele me pedia. E foi desta maneira. A mulher do Crasto que também estava na cozinha do meio, vendo o recado que eu mandei a Inês Lopes mandou-me dizer pelo Gaspar Lopes (da maneira como tenho declarado) se conhecera neste cárcere a Antão de Crasto, ou se o ouvira nomear que era seu marido. E eu ouvindo esta nova cordialmente folguei, e lhe mandei dizer interminis o recado assim como seu marido mo disse: o qual ela ouvindo, logo a outro dia me mandou dizer que Nosso Jesus Cristo me livrasse como ela lhe pedia, e que ela andava fazendo sua confissão: e sabendo

também da filha do Viegas que a tinham bastarda estava negativa, lhe mandei dizer que seu pai dera em ambas, e na mulher Antonia de Oliveira nos tratos (o que eu fui certo e sabedor por Jorge Lopes, que saiu livre, e que antes de me apartarem foi meu companheiro, na terceira do pátio, trinta e tantos dias) pelo que lhe pedia á honra de Nosso Senhor Jesus Cristo fosse dizer sua culpa, e afirmam Francisco Viegas por suas inteligências lho fez a saber e me mandou dizer pelo mesmo Gaspar Lopes (uts relatum est) que quase no mesmo tempo que a mulher do Crasto andava confessando, fazia sua irmã o mesmo: somente me pesou nalma mandar-me dizer à mulher do Crasto que lhe diziam que sua cunhada Isabel de Crasto estava algum tanto incircuncisi cordis, e apóstata a morrer.

Título do que passei com o Licenciado Lopo Nunes

Indaque infinitu... no potest absolu E as cousas deste Lopo Nunes sehabeant ut infinitu: contudo une summa se quar fastigia rerum (como diz o poeta). Estando eu nesta nona do pátio com o dito Lopo Nunes, viemo-nos a achar parentes da maneira seguinte: Perguntou-me por um seu tio de nome Fernão Álvares, licenciado em leis, o qual era irmão de seu pai, e serviu de procurador do número nesta cidade, era famoso pelas letras, do que ia dizendo eu que era meu primo segundo, e que por tal se tratava em Pernambuco comigo, e perguntou-me de que parte, e eu lhe disse que da parte da mãe, e ele disse logo: Lá não temos por parte de meu pai mulher parenta nenhuma, senão Leanor Roiz que há mais de trinta anos é ida para o Brasil, e há muito que é falecida. Aqui me vieras as lagrimas aos olhos, e lhe disse: Pois essa que Deus tenha em glória foi minha mãe. E o dito disse logo: é V.M. porventura Bento Teixeira o poeta seu filho? Eu então respondi: Eu sou esse que nunca fora Qui utinan consumptus essem ne ocnlusme virderet, fussem quae non essem de utero traslatus adtu mulum? E logo o dito licenciado me abraçou e dali por diante começou a comunicar suas cousas comigo, posto que ad unt trata Qua da” efígie, e apartando-nos dali a quinze dias, dali a dois meses me tornaram a juntar com ele: mas deixando agora o ido quero contar o que passei nesses dois meses com Diogo Dorta, e Antonio Lopes de Santarém, e Antonio Roiz.

Título do que passei com estas três pessoas

Na parede da décima estava uma ruína, ou fenda que passava de parte a parte, a qual deixaram com as mais, que dito tenho, feitas os presos velhos, as quais faziam da maneira seguinte: tiravam rachas das tábuas da décima, ou de baixo, e arrancavam alguns pregos do mesmo tauoado? Os maiores quebravam em um resto, pedra ou tijolo, ou inda na mesma parede lhes faziam as pontas, e engastavam logo cinco ou seis rachas que tiravam do dito tauoado ?, e depois uns e outros se revezavam, e em duas , três noites faziam um buraco que passava de parte a parte, o qual tapavam com cal de madrugada (pelo qual tinham tigelas de cal amassadas debaixo do mesmo tablado), e depois que os guardas á noite visitavam as casas abriam os ditos buracos, e se punham a falar, com um acento tão brando e sossegado que nem os próprios que estavam na casa, seus companheiros entendiam o que falavam se não chegavam muito perto. E por estes mesmos buracos se casavam alguns com mulheres, porque eram buracos por onde se enxergavam muito bem os rostos, e se davam, e tomavam presentes. E, por um buraco que está hoje tapado na Quarta deste pátio; me recebi (ou, para falar mais propriamente) prometi diante de cinco testemunhas de Pero Vaz, Gregório Lopes de Beja, Simão Fernandes, cristão velho, mulato, e da outra parte das senhoras sendo presentes Leanor de Vera, Inês Alvares, e Margarida Duarte das Ilhas que tirando-me Deus daqui com vida de qualquer maneira que fosse, de receber por mulher a Maria Henriques de salva terra?, obrigando-nos ambos, e cada um per si diante das testemunhas com solenes juramentos e promessas, e para o dito casamento Ter mais segurança e ficar mais celebrado, o dito Pero Vaz se obrigou com solene juramento Ter a dita Maria Henriques em sua casa com sua mulher, e sustentá-la do necessário até minha saída. E pedindo-me a dita Maria Álvares pelas chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo que se me sentisse culpado que pedisse Mesa, e que dissesse minhas culpas, que pode ser sairia no auto, e à mercê moveu-se sobre o

caso dívida, dizendo que não podia sair porque era perto do auto, e que me acordara tarde, pelo qual respeito à míngua do homem não fui à Piscina: mas o mais certo é que Nosso Senhor Jesus Cristo não era inda então servido, nem permitiu que por respeito nenhum humano fizesse então minha confissão, e dado que a fizera, não houvera de ser inteira, inda que verdadeira, porque o Pero Vaz houvera-me de ... o denunciar das pessoas que tenho denunciado, por ser gente principal, e a mais dela conhecida dele. Assim que da maneira sobredita se fizeram alguns casamentos neste cárcere, como foi também Afonso Fidalgo com Margarida de Lemos, irmã do dito Pero Vaz, por saber cá dentro que o marido Pero Fernandes, cristão velho, era já falecido. E tiro eu daqui um corolário, que se a nação quisesse abrir os olhos achara, que ainda em terra tenebrosa, e operta mortis coligime, terra mis, tenebrarum... Ihe faz Nosso Senhor Jesus Cristo tantas mercês (estando ela cega com as palpáveis trevas de sua cegueira, e perfídia) como é casarem aqui mulheres e (sem nada) ,e que lá fora postas em sua liberdade, e com arrazoados dotes não foram aceitas. Assim que por ruína das sobreditas vim a falar e a Ter comércio com Diogo Dorta: o qual me disse que os homens da nação de Pernambuco que eram alguns vindos, e que estavam pedindo a Deus minha soltura, e que muitos diziam que em vendo prender ou vindo preso qualquer de Pernambuco, ou do Brasil, se haviam de por em cobro?, mas que outros diziam: não temais porque Bento Teixeira sabe mais do que cuidais, ele fará sua confissão de maneira que não culpe ninguém, porque muitos mortos há com quem pode falar. E conto todas essas cousas tão extensamente a V.^aS.^a nesta santa Mesa, porque o temor de Nosso Senhor Jesus Cristo, de quem andei tanto tempo apartado me não consente Ter eu nada encoberto, inda que seja de pouco momento. Disse-me mais o dito Diogo Dorta, que estivera em Veneza, que lá comunicara com muitos judeus e que cada dia iam da dita Veneza para Solenique que era metropolis e cabeça de todas as sinagogas dos judeus, onde havia grandes rabinos e sábios na Lei de Moisés, e como eu então era negativo (não fiava), ou para melhor dizer tão judeu quanto os que ele falava, não havia do dito Diogo Dorta nada, porque me tinha dito que estava confessado, e que tinha culpado seu irmão Fernão Dorta, o que me contou da maneira seguinte. V.M. sabe que eu sou filho de um homem a quem

chama Manoel Dorta contratador da Casa da Índia, o qual é falecido já alguns anos, e ficou com sua casa, e trato, no mesmo crédito, e reputação um irmão meu de nome Fernão Dorta. Eu, desejoso de correr mundo fui à Índia, e depois à Angola, e ao Brasil, e bem conheço V.M. de vistas, e pela fama, inda que V.M. não me conheça. Depois de vir do Brasil fui Ter a Veneza, aonde estive com uns primos meus alguns meses, e lá conheci Simão Fernandes Trancoso que era aqui um mercador mui reputado na Rua Nova, e por tal tratado de todo o fidalgo, e fugiu daqui, e anda lá em Veneza em trajos, e com divisa de judeu publicamente, e se casou conforme a lei de Moisés com uma sobrinha sua sem dispensação do Papa. E estando Veneza movido das saudades de ver meus irmãos, mãe, irmãs, e mais parentes me determinei de vir para esta cidade 9inda que meus primos lá em Veneza como quem adivinhavam este mal e desventura me disseram por muitas vezes que arrenegasse do Diabo, e que, pois estava bem não quisesse tentar o Senhor Deus), e embarcando-me para a Itália vim ter a pisa, aonde está o senhor seu primo com irmão Rui Teixeira, que já lá sabia de sua prisão. E disse por muitas vezes: ele o quis, ele o tenha, e juntamente estão com ele das partes adentro os dois primos mais de V.M. Sebastião Ferreira e Miguel Fernandes ambos casados com cada uma filha de Rui Teixeira, e perguntando-lhe eu se viviam lá católica e exemplarmente respondeu que sim, sed hoc que adme implicat ga (gratia?) dictione, ut pet in mea confessione de Michael e Fernandes aly vero duo, Rui Teixeira e Bastião Ferreira fama tantu mihi not sunt. E dilatando mais sua prática, disse o dito Orta que na nau em que viera da Itália para esta cidade vinha em sua companhia um judeu de sua nascença com o qual se descobrira, e declarara no mar acerca da Lei de Moisés, o qual judeu vindo a esta cidade fora preso pelo Santo Ofício, o qual culpara a ele Diogo Dorta, e fora causa de o prenderem, e sendo preso disse que V.^aS.^a o mandaram meter numa casa só, na qual ele esteve cinqüenta dias sem companhia tratado com todo o rigor, aspereza e violência do mundo, e que vendo-se ele em trançe ? tão riscoso, e em estado tão miserável, sendo um homem criado em muito mimo, e regalo, constrangido e forçado dos maus tratos que lhe mandavam dar culpara seu irmão. Depois muitas vezes me importunara que soubesse de Beatriz Gomes sobredita, pois havia pouco tempo que era, se os filhos de Manoel

Dorta, entendendo seus irmãos, (porque me havia dito que eram dois, Fernão Dorta, o mais velho, e outro mais moço de onze ou doze anos) estavam em Lisboa ou se haviam ido para Veneza ou para qualquer outra parte fora do Reino, e perguntando-lhe eu depois do decurso de alguns dias o por que desejava saber disto, ele o dito Diogo Dorta (sendo já tapadas as fendas e reformadas as paredes) pelas letras do A, B, C, me contou o seguinte: Eu tive lá em cima um cristão velho por companheiro, o qual por lhe terem os inquisidores posto seu feito em bons termos esperava de sair no auto. E eu vendo isto debaixo de solene juramento fiei meu segredo ao dito cristão velho, e lhe dei um escrito para meu irmão, no qual lhe dava de espaço certo tempo que me a mim pareceu bastante, para ele ordenar e compor bem seus negócios, e nele lhe dizia o miserável estado e aperto em que ficava, e que no dito por mim limitado se aviasse e saísse fora do Reino, porque eu forçado dos inquisidores, e o mau trato que me davam o havia de culpar por necessidade, e para o cristão velho fazer isso de boa tinta, lhe dei um certo sinal (para lhe dar o dito meu irmão uns tantos cruzados. Mas, enfim eu não sei se lhe acharam o escrito, ou se o vilão ruim o foi entregar aos inquisidores, não se me quieta o coração, saber se meu irmão é ido, se não. Enfim, depois de passado o dito tempo que eu lhe limitei, fui à Mesa e disse o que sabia, parecendo-me que seria já fora do reino, mas a mim dá-me no coração que ele é preso, e se o negócio assim passa hei de me desdizer, inda que me custe a vida. A isto respondi, se vos desdizerdes hão-vos de dar libelo de revocante, e então só Deus vos pode ser bom, e mais agora, vos quero perguntar uma coisa, a qual não tendes escusa nem satisfação que dar, ou o que vós dissestes de vosso irmão, é verdade ou mentira, se é verdade, ou fizestes confissão como judeu, ou como cristão, se como cristão está bem feita, se também como judeu não pecastes, pois falastes verdade, e não negastes a lei em que criei-vos, e nosso irmão se foi com tenção de vos converter, e mais a ele; se falastes mentira, ninguém vos obrigou a dize-la, porque o discreto não faz coisa que depois havia de se arrepender em tempo em que lhe não val? o arrependimento, logo por todas as vias não tendes escusa, nem menos razão de vos irdes desdizer. Depois correndo mais o tempo, soube da filha do Viegas, que falava com o Gaspar Lopes, como o irmão Fernão Dorta estava preso Et tanquam à mentis potestste dejecting? Lucis

impatiens se foi desdizer do que tinha dito, e V.^a S.^{as} lhes mandaram tirar a companhia, que era o Antonio Lopes, e o Antonio Roiz dos quais direi, antes que trate mais das cousas desta... O Antonio Roiz me disse algumas vezes: Senhor, eu fi-lo, por isso confessei, se não fizera, não confessava, chorando algumas vezes, e dando mostras de arrependimento, eu o consolava, que posto que naquele tempo, era negativo, nunca o bom Jesus me desamparou de todo: chorava esse pobre pela mulher, e filhos, e nunca lhe ouvi nada que fosse para lançar à má parte, nem ao Antonio Lopes, mais que dizer e apregoar sua inocência, dizendo que havia de morrer pela verdade, e que não havia de confessar o que não fez. Isto só falavam esses dois presos, com quem o Orta ordinariamente tinha diferenças, e ... soltando palavras ignominiosas, o que era causa de muitas vezes pelejar com o Orta, e repreendê-lo pelas letras do A,B,C, mas aproveitava pouco porque quod natura dedit tollere namo potest. A qual Orta sem virtude, vendo-se arrancada, ou melhor dizer, privada de ortaliza? da companhia, e conversação de dia e de noite, não fazia senão consultar comigo como outro Oráculo de Delfos sobre o que faria: até que um dia, desesperado me bateu com um ímpeto tão furioso, que cuidei que endoidecera (porque eu havia quatro dias que lhe não respondia ... e depois assento em seus negócios) , e eu condoendo-me das lástimas tristes que dizia, e lágrimas que derramava lhe respondi: E ele então começou a dizer-me o seguinte: Senhor, meu da minha alma não sei o que faço, eu sou um homem conhecido na Rua Nova, e quase de toda Lisboa? Tenho parentas casadas com homens fidalgos, e que com que rosto hei de aparecer, quando sair no auto sambenitado. A isto respondi logo: Dirlhe-eis que se vem, e a esses do hábito por no estado em que vos vistes, e que hoje estais, e que pode ser que entraram cá dentro, com o de cristão, e com o de São Tiago, e saíram com o de santo André. A isto respondeu: Senhor, tem V.M. muita razão, mas à esta estreiteza em que me vejo, o que farei? Que vades àquela Mesa e não ponhais em tanta dieta nossa alma e vida, e que digais que tudo o que tendes dito é verdade, mas que se vos desdissestes, foi por pura ignorância, e por serdes moço menor, e por verdes metido há tanto tempo em grilhões. Ora, respondeu ele, eu pela manhã vou sem falta fazer o que V.M. aconselha, e ele foi e me disse que tudo tornara afirmar ser verdade tudo quanto tinha dito, somente

dissera que o que tinha denunciado de seu irmão era falso. E eu vendo que este homem (se tal nome merece) somente em ser mudável tinha firmeza, pus-lhe em extremo de não lhe falar mais, nem de lhe bater ainda na parede. E ele vendo-se num caos e confusão religiosa, sem ter quem lhe falasse nem respondesse, pediu Mesa um dia à tarde, e vindo de lá me bateu na parede, pedindo-me pelas chagas de Jesus Cristo que lhe falasse, e respondendo-lhe lhe disse as palavras seguintes: Quanto agora (meu senhor) suceder o que suceder: já me fui desdizer de tudo quanto havia dito, e perguntando-lhe eu se se fizera termo, e ele assinara, respondeu: fiz três sinais em vez de um: porque para soltar meu irmão que é luz dos meus olhos assim é necessário, o qual confio em Deus que hão de soltar logo com a declaração que fui fazer: e zombando eu dele lhe respondi o seguinte: Vós sois o homem que diz que correu o mundo, e que se entende? Não sabeis que se Salomão fora vivo, e viera nesta casa preso, que houvera de perder aqui o norte? É certo que cuidais que vosso irmão está preso por espada mais de marca, e que com vos ficardes por fiador da pena, o hão de soltar? Enganai-vos e entendei pois tão aferrolhado tendes o entendimento para negócios de tanta importância que o virdes-vos agora desdizer, foi dardes mais claro sinal de vosso irmão, e os mais de quem tendes tido serem culpados, porque os inquisidores não são grimpas (e inda mal porque tão firmes rochas são para nossa quebra e prejuízo) que com qualquer ventozinho de novidade se descomponham do intento aonde tem a prova. O que sei dizer é que vos ponhais... avante para ouvirdes um libelo de revocante, que é o algoz que vos começa a emprazar para a morte. A estas palavras respondeu: Antes quero morrer dez mortes porque morrendo acabo eu, e acabasse a minha infâmia, e não sair com o sambenito, e dizerem: Olhai aquele é o filho de Manoel Dorta, tão conhecido, e honrado, ele saiu sambenitado como judeu. Mas contudo me soubera eu ouvir, mas quando cuido que hei de trazer para cá parentes meus (grifado) tão nobres, e parentas casadas com homens do hábito de Cristo digo, e assim o determino de morrer antes dez mortes que traze-los cá. E não tenham os inquisidores mais saúde do que eles hão de ver cá nenhum por minha parte: porque se eu de princípio soubera o que hoje sei desta casa, nem eu confessara, nem meu irmão cá viera, porque o que de me acusavam no libelo era quase nada, e o de que

me eu acusei, e a outrem é os demônios de quem arrenego. Para o desviar de intento tão avesso, e fora do que convinha à sua vida e salvação (que enfim já neste tempo cintilavam em mim umas faíscas de arrependimento) lhe dei muitas razões urgentes, e que bastavam a convencer outro sujeito mais bem arredado, e doce para a rédea da razão, mas por então foi arence semina mandare. Dali não sei quantos dia que houvera cinco semanas pouco mais ou menos foi à Mesa, e vindo logo me bateu, e acudindo eu começou com muitas palavras lastimosas a dizer que V.V.S.S. lhe lançaram dois padres da Companhia para o convencerem por palavras, e razões, e que ele confessava que por serem letrados o convenceram, e tomavam em palavras, mas que bem podiam enganar-se, que não se havia de desdizer do que tinha assinado, nem havia de trazer cá ninguém inda que morresse.

E vendo eu que esta hidra de tantas cabeças enchia, e vazava mais vezes no dia que a lagoa Epiro, receando (como se perdeu Aristóteles) de me perder nas suas enchentes e vazantes, resolvi-me a não o aconselhar mais, nem a lhe responder quando batesse: senão dali a quatro ou cinco dias foi chamado à Mesa por V.V.S.S., e vindo de lá (depois do alcaide descerrar a sua porta) se pôs num vivo grito a chorar, e gritar, e a dizer, e fazer mais lamentações, que um Jeremias sobre o monte Sião. E eu todavia deixando de parte à aposta que tinha feito em minha vontade de lhe não falar, vendo o miserável estado em que tanto à sua custa o tinha posto suas culpas, como em mim as minhas, e condoendo-me das lágrimas, e chora que por mais de duas horas fez, lhe bati na parede, e perguntei, por que chorava. E ele então disse: Ai, senhor meu da alma, bem me dissera V.M. que me haviam de dar libelo de revocante, agora mo deram, e bem rechaçado. Eu lhe respondi: Ora, não vos agasteis, e entendei que aquele Mesa é de misericórdia, porque diz São Paulo que onde abundou o delito, sobreabundou, e transverteu graça em misericórdia: mas há de ser com vos fazerdes de novo vossa confissão, e falardes verdade, não perdoando a parente por afeição, nem condenando a inimigo por ódio, e crede que isso assim é e em todo o tempo se fizerdes isso, tendes a porta aberta. Isso passou há trinta e três dias mais ou menos, E neste tempo que amanhã, Terça feira, 16 de dezembro presente de 97 faz quatro semanas, que se bem conto são 28 dias, foi o meu Senhor Jesus Cristo (verbo eterno, resplendor da glória, morgado do

céu, príncipe das Hierarquias, a quem confesso, e a quem adoro por único filho de Deus vivo, por verdadeiro Messias prometido nas divinas Letras para remédio das gentes, e como tal, por ela desejado, em cuja Lei espero, e prometo viver, e salvar-me, e fora dela, em outra nenhuma, abominando, e detestando, toda, qualquer outra Lei, e cerimônia, seita, e parecer, e opinião, crença, observância que não for muito ao nível se sua Santíssima fé, e do que tem , e crê, ensina, manda a Santa Madre Igreja Romana, e do que tem determinado os santos Concílios, e sagrados D.D, e padres santos, e isto até por a vida quando for necessário pela mostra desta verdade) foi como dito tenho, meu Senhor Jesus Cristo se ... de me alumiar o entendimento de maneira que pedi Mesa, e desde então até agora ando fazendo minha confissão, e vendo o Diogo Dorta que eu ia muitas vezes à Mesa, me disse, que pedia por amor de Nosso Senhor, que não quisesse trazer cá inocentes (que assim chamando eles a todos os que são presos, pelo Santo Ofício porque tem para si que não é culpa crerem na lei de Moisés, e reprovarem a de Cristo Nosso Senhor), as quais palavras (como eu fui ladrão de casa, e sei por onde os hei de levar), respondi: não aiais? medo, que cá venha nenhum inocente por minha causa, e assim o prometo a Deus, e falei verdade como cristão, porque nenhum que estiver inocente das culpas de que me eu acuso, há de vir cá por minha causa, e aqueles a quem eles chamam inocentes, e são inocentes, e culpados no crime que eu era hão de perdoar, que todos hão de vir cá, aqueles digo que se declararam comigo, porque já que o tempo, e a verdade católica, abonada com tantos milagres, e desenganos dados a eles por Deus, os não desenganem, que os tire Nosso Senhor Jesus Cristo do cego enleio em que estão por meio desta Santa Casa, como fez a mim que enfim, Vexatio (como diz isaías) dat intellectum, e destes usam eles mal com a prosperidade, riquezas e boa vida que têm, donde veio a dizer Demétrio, que mais fácil era o homem saber se reger nos trabalhos, que nas prosperidades, e que assim como a semente de qualquer coisa tinha virtualmente o fruto, assim a tribulação tinha virtualmente muitos bens. Ia tornando outra vez o dito Diogo Dorta. Saberá V.^aS.^a que Sábado passado, que fora treze de dezembro deste presente de 97 vendo o dito Diogo Dorta que eu os mais dos dias continuava minhas confissões, me chamou com as pancadas do a, B, C, me dizendo o seguinte: Espantados estamos

Gaspar Lopes, e eu de tantas ida quantas V.M. faz desta Mesa, e não sem dor, e grande tristeza de nosso coração, porque temos para nós que desta feita vem cá toda gente da nação que há no Brasil, por amor de Deus que veja o que faz, e que olhe que estão livres, e não queira que venham padecer eles, o que V.M. padeceu, e padece até agora, que nem por tantas quantas vezes vai à Mesa, o vejo melhorado, e eu atalhando-lhe disse: Eu, se vou tantas vezes à Mesa, vou a fazer bens como cristão, e como tal me confesso de minhas culpas, e não a fazer males, e vós fostes como judeu à Mesa dizer o rebotalho de vossas culpas, e se como judeu fostes à Mesa, como judeu vos desdissestes, e judeu estais em vosso propósito, e judeu haveis de ser todos os dias de vossa vida, pois os dias passados me dissestes, que se sairíeis daqui fora, que cumpria à vossa honra não viverdes no Reino: e a mim não se dá nada de sair com penitência que me derem os inquisidores, porque é muito isto, e castigo dado pela mão divina que quem tanto se prezou de ser do rebanho de Jacó 24 anos, que ande ao magrado ? como ovelha seca para que es extremando de Cristo Jesus Nosso Senhor, e disse a Gaspar Lopes que digo eu, que muito melhor ficar atrás com sua cegueira, e ruim propósito em que está, que não querer ir adiante com ele, porque se no Brasil onde não vai senão alforria do mundo havia tão fino judeu como eu, que muitos mais finos od há de haver em Portugal que tem a nata do mundo abreviada em si, e vos horta? Botais em vós o esterco da arrependimento de quem sois (pois sois terra arisca), e dareis melhor fruto do que tendes dado. Esse Diogo Dorta é casado com a filha de Francisco Viegas, sendo medianeiro Gaspar Lopes que dá pelo A, B,C., e leva os recados, porque me tinha dito o Orta que essa moça era sua prima, e lá fora estava, e que se Deus o tirava daqui, que a havia de receber por mulher, o que eu respondi: Para homem que tanto deseja a vida para servir damas, mui pouco faz por ela, pois diz que quer antes morrer que falar a verdade. Isto é o que passei, até ontem Domingo ao jantar com este Orta que fora 14 do presente de dezembro de 97, e depois de jantar me chamou, e me disse o seguinte: Afirmo a V.M. que lhe tenho já hoje em veia à sua quietação, porque o já não ouço chorar, nem fazer extremos como fazia, hei de ir à Mesa, e pedir aos senhores inquisidores que me dêem a V.M. por companheiro, para me guiar e ensinar o caminho, que hei de seguir em meus negócios. A isto lhe

respondi: Para isso basta, por Deus diante a verdade, como eu fiz, e não era mister mais: que estas são as verdadeiras guias. Isto é em suma o que tenho passado com o dito Diogo Dorta.

Título do que passei com Gaspar Lopes, homem da Ilha da Madeira.

Este Gaspar Lopes é irmão de Francisco Lopes, homem que há sete anos pouco mis ou menos, e este julho passado que há agora cinco meses, pouco mais ou menos, sendo Diogo Dorta na mesa bateu, de cima, da décima, e me disse o seguinte: Diogo Dorta me tem dito que V.M. é Bento Teixeira, de quem eu tive novas lá fora viera preso em companhia de Afonso Fidalgo que é sobrinho de minha mulher, e criam que por muitas razões tenho obrigação de Ter misericordioso amor à V.M.: a primeira pela sua fama, a Segunda por Antonio Teixeira, sobrinho de V.M. e filho de Rui Teixeira, que hoje está em Pisa, casado com uma sobrinha minha, filha de minha irmã aqui em Lisboa. Disse o mesmo Diogo Dorta que V.M. e ele estavam negativos, dele não se me dá que o esteja, ou não, mas de V.M., folguei estranhamente, porque em ele está agora a chave do Brasil, e cria que assim mo escrevera de lá coisa minha, pelo que lhe peço por amor do Senhor Deus nosso que vá adiante com o seu bom propósito, porque bem sabe que nisto está ficar homem por toda sua vida, ou infame, e seus parentes, e amigos desonrados. Eu lhe respondi que o meu intento era antes morrer que confessar ser judeu, e trazer cá inocentes (Qui sego modo nocentes jure optimo roco?) E, então me tornou a dizer que assim esperava de um homem de minhas prendas; e que fazendo assim fazia dois bens: um geral a todos os que me conheciam assim de fama, como de vista, e outro particular a mim e a meus parentes, e nisto veio o dito Diogo Dorta que tinha dito a Gaspar Lopes que eu estava negativo, pelo qual respeito Gaspar Lopes se fiava dele, o que hoje não faz senão com a devida cautela, o que foi causa de nos não espriarmos mais na prática por então. Mas este outubro passado que faz agora

dois meses, pouco mais ou menos, me tornou a bater (dando para isso consentimento o Orta, porque dantes não queria, e nos estorvava dizendo que corressem os recados por sua via, por respeito do alcaide não ouvir as pancadas, porque era muito solícito e diligente escudrinhar- esquadrinhar? tudo, o que ele não fazia tanto por este respeito inda que fosse causa parcial, como porque se temia que dissesse eu a Gaspar Lopes que ele estava confessado, e que culpara o irmão),e batendo-me o dito Gaspar Lopes (como dito tenho) me disse pelo A, B,C. o seguinte: Senhor meu Deus o livre assim como eu desejo para mim. Saberá V.M. como tenho sete testemunhas contra mim, cinco da nação, entre as quais conheço o testemunho de minha mulher, e de minha cunhada, e falam dos jejuns que dizem que eu fazia, sem comer senão à noite por guarda da lei de Moisés, e as outras falam de uma mortalha, dizendo que eu estivera numa casa aonde se amortalhara certa pessoa ao modo dos judeus, e as outras duas são cristãs velhas, e suspeito que são o alcaide, e um dos guardas aos quais eu disse, quando me deram os ditos das testemunhas, ou cuido que antes, que foi quando me deram o libelo; em que culpa tenho o que fez fulano? E nomeei a pessoa quem quer era por seu nome. E eles parece, foram denunciar isto à Mesa, porque nos ditos das testemunhas vinham referidas essas minhas palavras. Pelo que peço a V.M. pelo amor de Nosso Senhor me diga o que hei de fazer. E eu lhe respondi o seguinte: Pois foi parvo sua seia (seja) culpa?, vejo homens da nação que tirados da mercancia, são uns brutos animais. Esse testemunho do alcaide (se assim é como diz), e do guarda bastam para lhe atarem as mãos, porque contra o alcaide e guarda não acho eu contradita rigorosa, e que exima a V.M. de depor, mas, contudo, não se desconsolle, aguarde até ver se lhe recebem as contraditas, e quando não faça sua confissão chãmente, sem invenção nenhuma, contestando com suas culpas, e se me não tirarem daqui, eu o encaminharei com o favor do Senhor Deus, se o galante Diogo Dorta (que por estar confessado não quer consentir que nos comuniquemos) não impedir nosso comércio. Neste pasto, o dito Orta, parece que entrará nele as três fúrias infernais, e começou com um tijolo a bater com um estrondo tão alto na parede que não nos podemos mais entender: até que V.V.S.S. mandaram ir o Orta à Mesa para lhe darem o libelo de revocante (que assim mo disse quando veio), e então bateu o dito

Gaspar Lopes, e me disse o seguinte com palavras lastimosas: Senhor da minha alma saberá V.M. como me não receberam as contraditas, estou tal que nem coração tenho para lhe bater, que farei desventurado de mim? E, eu lhe respondi o seguinte: Se eu fora V.M. confessara minhas culpas, e não me guardara para a tarde, porque de Nicolau Nunes (que é de lá da Ilha) e, de Brás Dias de Évora, se guardarem para a tarde, e Adrião Álvares, alfaiate (inda que este teve mais a chegar) foram para as galés, e às vezes se não contestam, e fazem sua confissão como devem vão povoar uma fogueira, por isso agora, enquanto os inquisidores chamam a V.M. porque depois receio que se os chamar fora do tempo que se façam surdos. Aqui começou Gaspar Lopes a bater alto e dizer o seguinte: Se V.M. me conhecera fora, não me dissera isso: E bem eu judeu? Como hei de confessar o que nunca fiz? Aqui lhe tornei a bater, e lhe disse: Senhor Gaspar Lopes esses abonos faça V.M. diante de cristãos velhos, e não a mim que sou ladrão de casas, e sei os cantos dela, e conheço o pano pelo ourelo, como mercador de pano, digo-lhe que vá fazer sua confissão, e a fará dois bens; descarregará sua consciência (e já neste tempo, andava em conflito campal com a honra do mundo, e com o crédito que se de mim tinha a consciência acompanhada da força de mil testemunhas, que assim diz o provérbio (consciência mille testes) e como este o aconselhava), o outro bem segurará a vida, que enfim é boa para soldar quebras da passada, e fazer satisfação dos erros cometidos, e até que V.M. me nomeie, perca saudades à fazenda, que esta lança a perder os mais dos que aqui entram. Nisto veio o Orta, e não falamos mais. Neste tempo depois de não sei quantos dias, ouvindo ele, ou dizendo-lhe o Orta, que eu andava fazendo minha confissão, me bateu um dia, antes de eu ir à santa Mesa, e me disse o seguinte :Pasmado estou de tantas idas quantas faz V.M. az à Mesa por amor de Deus lhe peço que lhe lembre o que lhe tenho pedido, e que não faça mal a seus parentes e amigos. A isto não tive paciência, e lhe disse essas palavras ásperas: (que às vezes em semelhantes trances são boas) porque diz Salomão (responde stulto jixta sbelti tiam suam, ne sidi videatur sapiens) donde, e também pode inferir que ao homem a quem Deus deu entendimento, senão há de responder com segura, e aspereza de palavras de palavras, senão com brandura, porque enfim é laço com que se prendem vontades, principalmente

quando é para fazer inclinar o colo às almas, para receberem o jugo de Nosso Senhor Jesus Cristo, que é toda a suavidade e brandura, (lu' effusum momenturim). Gaspar Lopes, vós que estais cego, como estive até agora, não me queirais depois que Deus me deu vista guiar, porque mui depressa tornareis a dar comigo no barranco, o que vos aconselho como amigo, é que vades fazer o mesmo que eu faço, porque vos nem quanto há no mundo não deseja mais de salvar sua alma que eu, chegou-me Deus a tempo de me conhecer ide fazer o mesmo. E se me estranhais ir tantas vezes à Mesa, das poucas que vou me pesa, eu vou como cristão, vós ficais como judeu, e assim como esse tereis vosso prêmio. Estas palavras parece que imprimiram no Gaspar Lopes, porque há dez dias, pouco mais ou menos, que me bateu com licença do Orta (que se este me não impedira a bater-lhe, já Gaspar Lopes com o favor divino andava fazendo a sua confissão), e me disse o seguinte: Por vida de V.M. que me diga a que Mesa vai fazer sua confissão, e eu lhe respondi: De princípio fui à Mesa do Conselho diante do senhores inquisidor mor o Bispo Delvas, e Diogo de Sousa, Bispo de Miranda, os quais todos em geral me receberam com entranhas paternais, e foram três anos por onde Nosso Senhor Jesus Cristo me acabou de abrir me olhos e comunicar a água perenal de sua divina misericórdia, a afirmo-lhe Senhor meu, que ando tão outro do que o ia que me desconheço, já tenho a prisão por recreação, a solidão por companhia, a tristeza por prazer, e finalmente já não choro nem quando tangem a campainha me treme o coração, mas antes alvoroçado estou esperando que me venham chamar para acabar minha confissão, e aqui verá o bem que traz a consciência que está descarregada, porque é como não que assim, como lhe não tirando a carga, assim fica mais leve, e mais senhora do mar, assim a consciência depois de leve fica senhora do mar dos trabalhos, e tribulações, e mais capaz de correr solta por eles. Pelo que lhe peço a V.M., e rogo da parte de Nosso Senhor Jesus Cristo, e verá se acha verdadeiro o que lhe digo. A estas palavras (que enfim alguma coisa lhe imprimiu), respondeu. E eu fizera a minha confissão, e não se me dera nada dizer de mim, mas trazer cá inocentes isso me dá que fazer. A isto respondi: os inocentes não traga V.M. cá, que esses da nação, mandou degolar Herodes, mas traga os inocentes como V.M. e eu, Aqui repicou ele como quem festejava o que eu disse, e

logo respondeu o seguinte: Tenho pejo de ir ao Conselho diante de varões tão qualificados, pois para ir diante do meu juiz e inquisidor Manoel Álvares Tavares, tem me mostrado tanto rigor. E eu lhe disse: pois diante dele é que faço a minha confissão de não sei quantos dias para cá porque os senhores do Conselho estão ordinariamente ocupados em negócios árduos, e de importância, e afirmo a V.M. que só no cargo, ou dignidade lhe levam os do Conselho vantagem ao inquisidor Manoel Álvares Tavares, mas na brandura, benignidade, letras, e virtude não, e isto digo pelo que experimento cada hora, e vejo palpavelmente. Em resolução, ele Gaspar Lopes me disse; Ora faça V.M. sua confissão, e diga como se achou com Manoel Álvares Tavares, que conforme a isso eu farei a minha. E afirmo a V.^a S.a que se esse Gaspar Lopes estivera onde me ouvira, ou outro qualquer demais ser, e bojo que ele com o favor de Nosso Senhor Jesus Cristo, eu os ... às duas palavras, e os fizera pedir Mesa, mas eu confio em Deus que não tardarão muito a pedir, que para todo bem tem Deus tempo preciso, e conveniente. Isto é em suma o que passei com Gaspar Lopes.

Prosseguindo o que passei com o Licenciado Lopo Nunes

Que por me não perder neste Labirinto de Dédalo deixarei atado no ferrolho da porta (à imitação de Teseu) um fio para me depois saber sair com ele, de tão intrincados, e cegos rodeios. Depois deste Licenciado estar dois meses só como eu na sétima deste pátio, cuido que a dois de maio, pouco mais ou menos, o trouxesse para minha companhia o alcaide Gaspar de Molina, e depois de cometer industriosamente alguns desatinos, para me provar, como foi ficar um mês em cama sem me falar, nem dar os bons dias, fiando numa roca como mulher, fiado de lã, de que faz já cordas, um dia já desenganado do tempo, que eu era negativo, e como tal me tratavam com igual castigo como a ele (porque dantes iria? que vossas S.S. me mandaram meter em sua companhia para o converter, ou para dar fé do que ele fazia, o que era coisa dele rezar todos os dias o ofício de Nossa Senhora, veio um dia me dizer: Primo, por amor do Deus que me perdoeis, porque eu até agora cuidei que os inquisidores nos mandaram meter aqui para dardes fé do que eu fazia, e que

vos haviam de fazer mercês a conta disto, e que vejo que até agora sois tratado com igual violência como eu, com grilhões, com aspereza, fome, e outros infinitos meios sem meio, e saídos da Escola de Satanás, por onde daqui por diante vos tratarei como quem está no meu andar, e uma hora praticaremos na ciência, outra encomendar-nos-emos a Deus, e às vezes havemos de pelejar, e por fiar, porque não venham a entender o alcaide e guarda que somos parentes, e assim nos apartem se nos virem unidos, que enfim nesta Casa não folgam dever os homens como nós científicos em paz, senão em perpétua guerra e dissensão, e também é necessário ser assim, porque se nos apartarem, tenhamos contraditas um contra o outro. E logo começou a me dar novas de Adrião Álvares, o alfaiate, que estava na sétima deste pátio, dizendo que lhe falava pela ruína da parede, mas o alcaide Gaspar de Molina que nisso, e em tudo mais é vigilantíssimo, e que tudo vigia com os olhos de Argos pastor achou o dito Adrião Álvares e Lopo Nunes um dia falando, e castigou-os asperamente com lhe tirar a candeia (segundo o Lopo Nunes disse), e com outra pena que me agora não lembra, e procurou logo com muita instância fazer tapar bem todas as ruínas, e fendas dos cárceres de tal maneira que boje em dia nenhum prego consente pregar-se nas paredes da parte suspeitosa, e por onde lhe parece que pode haver fala, ou comércio, o que é causa do cárcere estar hoje quieto, e bem se vê a melhoria que há em tudo depois da sua entrada, porque os presos com sua brandura e mansidão se edificaram (e afirmo a V.^aS.^a que não foi ela pequena parte para eu me ir lavar de minha lepra a esse caudaloso rio Jordão que perenemente nesta santa Mesa aonde assiste o Espírito Santo está manando misericórdia), e assim de presente todos os presos estão muito quietos, e não têm aquela antiga perturbação que lhe causava o saberem uns dos outros, porque estando quietos, e sem ouvirem novas esquecerão de seu povo, e da casa de seus pais, e inclinarão a orelha, e dirão com Davi audiam quid loquatur in me dneus Dens, qm loquetur pacem etc e eu fico que com o favor de Deus que é o principal agente, e com a singular brandura de V.V.S.S. e apostólica perfeição, e acessoriamente com o bom modo de proceder do alcaide se edifiquem de maneira que todos os que vierem à esta Casa confessem suas culpas. Mas tornando a Lopo Nunes, ele quando veio dali a pouco mais de um mês, me contou o seguinte: Adrião, o alfaiate

me disse que meu pai padecera (seja Deus louvado para sempre, que por não trazer cá inocentes, escolheu antes a morte), e que minha irmã Antonia Nines saíra à mercê, e que Manoel de Medeiros, James Lopes da Costa, e Gabriel Ribeiro

, que me dissesse o que sucedeu a meu pai: e eu lhe responde que faria resenha na consciência, e que achando-me culpado o faria: mas o Adrião como saiu sujo quer ver todos assim, porque meus parentes não haviam de fiar de Adrião alfaiate coisa de tanto peso. E dizendo-lhe eu: é fé, primo o que vós e eu havíamos de fazer e irmos confessar nossas culpas. E, ele respondeu: Vós se as fizestes, bem as pode confessar, mas eu estou inocente, e tão isso quanto os mártires que hoje padecem na Inglaterra, que enfim para eu ser mártir não tive necessidade de ir à Inglaterra, porque comigo o que tem usado os inquisidores, em Inglaterra não usam os hereges com os católicos, porque homens tão cegos da razão, sem culpa nenhuma metem aqui há três anos padecendo tantas violências, e desventuras, e forçando-me o próprio alvedrio, e tirando-me as demais potências de seu curso natural, não consentindo que em uma só noite destes três anos tenho esse afligido corpo um pouco de repouso, tirando-me o vinho, e o mais necessário, e no cabo de três anos, mandarem-me lançar ferros que se pode presumir deles, senão que tendo só o nome de cristão são piores que os mesmos hereges de Inglaterra! E, dizendo-lhe eu que não podia haver em homens consciência tão desalmada que tivessem aqui ninguém sem culpa. Respondeu ele o seguinte: eles querem mais que encher o cárcere ou por fas, ou por nefas? Quantas é culpas minhas para mas darem já buscaram toda a terra como Satanás que disse circuivi omnem terram, e não a achará, agora há nas de ir buscar ao abismo, e ao alcaide disse; disse a V.M. aos senhores inquisidores que em culpas minhas particulares eu lhe largo quanta corda eles quiserem), e entendi (disse indo mais por diante), meu primo, que terem-vos aqui há um ano e meio em grilhões, e deixarem-vos cá não foi senão porque as vossas culpas não são graves nem menos de cerimônias. A isto lhe respondi: também cá ficaram Antonio Fidalgo, e Diogo Lopes meus companheiros que a fé que devem estar bem carregados pelo que sei. Andando mais o tempo morria por saber se esse James Lopes da Costa, Gabriel Ribeiro e Manoel de Medeiros eram idos para fora do Reino, e por muitas vezes perguntou ao Diogo Dorta pelo A, B,C

se os conhecia, e juntamente perguntou por um Diogo da Costa, irmão do dito James Lopes da Costa que daqui se foi para a Itália, e levou em sua companhia um irmão do dito Lopo Nunes, e o dito Digo Dorta lhe disse que o dito seu parente, Diogo da Costa ficava em Veneza, e o seu irmão era ido a Flandres, digo a Hamburgo a um negócio de importância, com a qual nova folgou, porque me disse que tinha feito uma declaração ante o senhor inquisidor Bartolomeu da Fonseca em que dissera deste Diogo da Costa. Perguntei-lhe para que perguntava ao Orta sobre os ditos Manoel de Medeiros e James Lopes (os quais eu conhecia do Brasil) e por Gabriel Ribeiro, seus parentes? Ele respondeu: porque se forem idos farei uma coisa que tenho para fazer ante os inquisidores, e se não forem idos, não farei nada. E o dito Diogo Dorta disse que não conhecia os ditos seus três parentes, mas que o dito Diogo da Costa e o irmão do dito Licenciado. Perguntou-me mais por um irmão seu, de nome Miguel Vaz, cirurgião casado cá no Reino com uma cristã nova, a qual não sei o nome, o qual Miguel Vaz veio rico nesta frota (em que eu vim preso) para este Reino. E dizendo-lhe eu que era vindo e que vinha rico, respondeu ele: há de ser acolhido para bem, porque assim lhe releva, que minha mãe e irmã haviam de dar nele. E eu respondi: pois se elas deram nele, também haviam de dar em vós. Ele respondeu: Não, eu sou...com quem senão ... sempre tive a fé de Nosso Senhor Jesus Cristo, imaculado em respeito, e não foram parte argumentos de meu pai, nem por sua ... de mãe para me desviarem desta verdade, e sabeis quanto é isto assim que os próprios inquisidores sabem isso muito bem, e sabem que eu respondia aos argumentos que me punham lá fora os da nação (como era um licenciado de quem tenho dito na Mesa, letrado em leis e visto na escritura que é gotoso) mais argutamente que o padre mestre Inácio, mas se nem hoje os inquisidores desatinados, e perdem o norte, e não sabem o que hão de dizer quando lhe perguntarem por que tivestes quatro anos um homem preso sem culpa? Já eles tomarão por partido não me terem preso. E eu lhe disse: Primo, certo que estou espantado sendo vosso irmão Miguel Vaz e vossa irmã, e mais consangüíneos (de que tendes dito) judeus, e vós não o serdes, porque é impossível sendo vosso pai e mãe ingadores de bola?, e ingarem canto por dentro a ela, e derribarem todos os demais paus de vossos irmãos e vos ficardes em pé no meio como dez. E ele disse;

ora, desenganai-vos, que o fogo deles todos não se pegou nunca em mim. E eu lhe disse: quanto homem mais vive, mais vê, e sabe, tinha lido de um Loth, que escapara do fogo de Sodoma, e agora vejo outro segundo Loth escapar doutro fogo pior. Louvado seja Deus para sempre. Então disse ele, pois desenganai-vos que assim é, e não cuideis outra coisa, que os inquisidores me têm aqui preso, senão porque cuidam que eu matei com meus medicamentos e purga, um clérigo grande homem de Ponte de Lima, e porque têm de mim conceito que as grandezas que Deus tem obrado por mim lá fora não podem ser de homem humano, aqui disse eu três várias a isto, e porque o que não é natural, não se pode fingir por muito tempo, por discurso dele se veio a descobrir esta religião a catasolada ?, e aparente de Lopo Nunes, e foi desta maneira, estando-nos neste julho passado uma noite feitos na amizade, e união um ditongo: me soltou o dito licenciado estas palavras: Ora, primo, desenganai-vos que é já grande pecado que cometo não pregoar à bandeiras despregadas as maravilhas e grandezas que Deus tem obrado por mim neste cárcere, e lá fora, e agora vos digo que por amor de mim há Deus de fazer grande bem a seu povo. Isto é o que faz pasmarem os inquisidores, e fazem esse discurso consigo, nós temos metido todo o resto de nosso saber, e poder, e nada basta para concluir este, não é possível que este saiba, nem obre por virtude humana, nem por diabólica, porque se fora por qualquer destas já caíra, logo, obra por alguma virtude, ou ciência a nós incógnita, e esta não pode ser senão divina, logo não é quem cuidamos, senão quem não sabemos; por onde é bom temo-lo ? preso, porque lá fora nos não vão desacreditar . E sabeis além que a vós e a mim, nos hão de consumir, porque nos bastamos aos desacreditar lá fora, e a descobrirmos seus excessos e, demasias, que não seriam demais que de enredar almas, e, contudo isto aqui nem confiados quando vêm nos visitar como se fora eles sós no mundo aqueles por cujos braços Deus obra. Perguntei como se hão os homens de chegar a Deus, se eles que dizem que são seus ministros andam tão gordos,..., vestem o melhor pano, comem o melhor manjar, dormem em camas brandas o seu sono ante ambas as orelhas, e não sabem mais que usar violências e cruezas com as pobres moscas que aqui estão encerradas. E eu respondi: Nisto tendes vós razão, primo, e crede que a mim mais edificaria ver capuchos- mas dizerdes que nos hão de

consumir sem merecermos não pode caber em praça de nenhum entendimento humano, porque quando falassem justiça do Senhor Deus nosso, que é impossível faltar os próprios elementos se levantariam contra eles. E então disse ele: Ora, por que não digais que falo sem fundamento, haveis de saber que o doutor Carlos, médico, estando preso em Coimbra, e pondo um dia na Mesa um silogismo com que os embaraçou aos inquisidores de Coimbra entrou neste comenos Frei Martinho de Ledesma lente de prima de teologia, e disse que o queimassem, e não o ouvissem mais, e desenganai-vos que o dia que fordes confessar vossa culpa, esse dia fazei de conta que vos ides meter na fogueira, porque eles não querem ver homem da nação que saiba, senão eles sós querem ser no mundo, se não vide o que fizeram aqui ao Travaços contiguamente com ser cristão velho, e há quatro anos a um francês parisiense, grande canonista, e agora a meu pai: por isso tende mão primo como bom, por lhe não dar essa glória e triunfo. E creiam V.as.S.as. que logo a primeira face? Me fez anteparar e ficar suspenso com estas palavras; mas como a verdade seja filha do tempo, e este juiz? sem suspeita neste caso, e no mais que passei com Lopo Nunes deu sentença contra ele. E foi desta maneira: disse-me este agosto passado que agora em dezembro faz cinco meses, e isto antes que o mudassem obra de quinze dias; que tudo quanto se obrava nas inquisições de Portugal era por meio de familiares diabólicos, e que estes moviam aqui os humores neste cárcere aos homens, e lhes transtornavam o entendimento, para dizer o que não fizeram, fazendo atormentar os negativos e constantes, e que por meio destes familiares sabiam quanto a gente da nação fazia assim lá fora como nos cárceres, e que com um destes familiares o atormentava havia quatro anos sem o deixarem dormir de noite nem de dia, 9e para me imprimir o dito Lopo Nunes isto, falo verdade diante de Deus, fingia que falava com ele de noite, e lhe dizia vai-te ao inferno, e deixai-me que sou fiel na lei de Cristo) fazendo com os próprios gatos desta Casa que me venham miar às portas, e com... dos inquisidores para que ornem? para que não durma, e dizendo-lhe eu que como podiam V.V.S.S. usar de familiares semelhantes, pois castigavam as pessoas que os tinham ...rosamente?. Respondeu: o Papa lho concede adevitanda maira mala?, E vós por que cuidais que o rei Felipe obra que obra senão por meio de algum familiar? E Dom Antonio por que escapa de

tantas, senão porque tem, segundo dizem um familiar superior ao de Felipe que lhe descobre todos os embustes, e enganos que maquinam contra ele? E para que não entendessem que falava em tal familiar dali por diante... lhe o nosso catecúmeno. E perguntando-lhe eu quem lhe descobrira que V.V.S.S. tinham os tais espíritos ímpios respondeu: ipse mitri cathecumenus significava per signa et conceptus, a isto respondi eu: E isso como pode ser? Pois só os anjos e os que estão na pátria gloriosa se entendem por conceitos, sem se comunicarem por meio da voz e da prática? E, ele respondeu: imprime mena fantasia às espécies das coisas, e por ali as sei; e, eu então gastado já de paciência lhe disse: Lopo Nunes, com quem cuidais que falais?, por ventura cuidais que falais com Adrião alfaiate, ou com outro idiota como ele? Falais com um homem que toma no ar a palha de fino como um alambre, e com um filósofo que escasca esse céu como uma cebola, e ele então disse: pois agora vos descubro, Bento Teixeira que até agora vives enganado comigo, que vos tomais com um homem que está preso não por venalidades, e baixezas como as vossas, senão por se emparelhar com o mesmo Cristo, tune ego, obstupui, steteruntqz co mae, & Vox faucibus easil: E diante do Senhor que remiu o mundo com seu precioso sangue, que estive para não escrever tais palavras neste papel, mas lembrando-me, que quando era judeu como Lopo Nunes dissera outras palavras de blasfêmia piores que estas determinei de as escrever, e também que meu pressuposto é Ter Nosso Senhor Jesus Cristo que é suma verdade diante da qual em tudo o que tenho contado não discrepo em coisa alguma, porque primeiro que escreva a palavra, prins bis vadit ad Lima, quam semel ad Linguam. Eu ouvindo-lhe palavras tão perigosas, e alheias de cristão comecei a gritar alto, dizendo-lhe homem, vai-te acusar de tantas blasfêmias quantas tens ditas. E ele respondeu, bem sei o que digo, e por onde ponho os pés, e nisto vieram os guardas a escutar a porta, e eu disse que negro sabor é o vosso, ou que entendimento tem homem que diz que os senhores inquisidores obram, e fazem o que fazem, por meio de familiares diabólicos? E ele disse: digo muito bem, e torno a dizer, e assim lho direi no rosto a eles. E eu lhe tornei a dizer: Homem, vai-te acusar logo à Mesa, e senão ir-te-ei eu acusar, e estas palavras tenho para mim que ouviu Antonio Gonçalves ou Aleixo Correa, porque deram umas pancadas na porta com ímpeto para que nos

aquietássemos. E, vindo logo o alcaide Gaspar de Molina abaixo que não perde em semelhantes trances, nem em outros pontos, disse: Meus irmãos não quereis estar quietos, não queirais que convertam eu minha brandura em rigor, lançando-vos cada um seu gato, e logo disse: Senhor Gaspar de Molina, como quer V.M. que eu esteja em companhia de um homem que diz que está preso por se emparelhar com Deus, e que afirma que os senhores inquisidores quanto otram é por meio de familiares diabólicos? E se eu naquele dia, ou depois não fui denunciar dele à santa Mesa, foi porque não cuidasse V.V.S.S. que eu por pelejar com ele estimulado de ódio, ou enlevado da cólera o fazia. Antes de termos estas... me disse o dito Lopo Nunes, que lhe dizia o dito catecúmeno, que V.V.S.S. o tinham preso, porque ele pela guarda da lei de Moisés não dormia com as freiras dos mosteiros que curava porque não eram da sua lei. E também porque suspeitavam que ele pela ciência incógnita que sabia matara o inquisidor Ribafria, de digna memória, mas que ele o não matara, mas que morrera de paixão, porque indo o senhor inquisidor Manoel Álvares Tavares diante de sua alteza o cardeal Alberto sobre qual havia de preceder na Mesa do Santo Ofício, o dito senhor cardeal dera por sentença que precedesse o senhor inquisidor Manoel Álvares Tavares, aludindo a isto outras muitas coisas que para as dilucidar, e definir houvera mister, um entendimento, que andasse mais ocioso do que o meu anda esses dias, os quais inda que foram tamanhos como os que Deus deu a Josué, para alcançar vitória, para historiar, e contar coisas deste Lopo Nunes ficaram sendo muito pequenos. Pelo que finem faciam, ne vestras honestíssimas asfendam?, para tratar outras coisas que também importam saber-se para atalhar a malícia de maus cristãos. Isto é em suma o que passei com os homens da nação neste cárcere em todo o rigor da verdade. E como tal me assino, hoje 17 de novembro de 1597.

Bento Teixeira

Título das palavras que usa a gente da nação quando de cá escrevem ao Brasil a seus parentes, o que passa acerca do Santo Ofício, e do perdão que esperavam.

Sabereis que nosso Troiano é na realenga a negociar com a águia do bico revoltado aquilo de que menos temos, e de que mais havemos necessidade, temos esperança em Nosso Senhor Deus que acabará o que Manoel sem arte não pôde levar a nós, temos para isso na nossa cevadeira das azeitonas, e a pedra alva, que não é mau terço de Nápoles para esta postema de tantos anos vir a furo, além dos sobreditos, temos por melhores terceiros Martim Louro, e Paschoal Branco que são os que mais acabam no tempo de agora, mas sai-nos ao encontro a fonte seca de Castello Branco, e Arriba Canes arriba, com um Deus sem nosco que serviu o cano real, eles escreveram à A guia no ante que ponha os olhos no seu sol, e que não venda o cordeiro pascal por respeito de Martim Lopes e Paschoal Branco, que se isto não fora, já não houvera tomar tantos fardos por perdidos como se tomam nessa alfândega real. E nas trevas exteriores da Palestina, e no cano real que tudo recolhe aonde presidem por oficiais dele o polo dos maus ares, e o chegada à traidora casa, que como nem os fardes pendurados diz que os desçam que ele fica por seu fiador, e assim move aos donos dos fardos a dizerem que guardaram toda a sua vida a palavra ao gago envelezado, o que é causa dos pobres fardos saírem todos lacrados com umas serapilheiras por cima dando sinal que lhe cantaram reis à porta. Na alfândega real servem os seguintes; a fonte seca de Castello Branco, que assim como é seca lava os fardos devagar e é um mar de enfadamento primeiro que nos desembargue um. O outro é o Deus sem nosco que serviu como tenho dito no cano real do tempo, este não sofre dilação para desembargar, ou julgar por perdidos os fardos, tem esta mago dema, tudo remoi em breve tempo, é mecânico de seu ofício, e assim querem os donos que os fardos saiam la erados mais da mão destes, que desembargados da mão da fonte de Castello Branco, o outro é Arriba Canes arriba Portugal, o velho, algum tanto mais inclinado ao desembargo dos fardos que o de Castello Branco. Mas no meio desse rigor foi o Senhor Deus ... dar-nos por provedor

mor da alfândega um ... alegre, e previsível, que com suas verduras nos dá boas esperanças. pinto dele um que se ousa a intitular de padroeiro de Espanha, que o não deixa de ser para os fardos, e logo a par destes dois, os Marcos tecidos na ponte de Paris tendo por cabo de esquadra o esfolado da Arabida. Diante do Castello Branco serve o Abexim de meia vista, que ainda que curto dela, e muito mais dos nós? não no é para o despacho dos fardos. O gotoso... está aposentado em umas casas que foram a um fardo que da alfândega saiu lacrado, e tinha por título a Luís, rei de França, e o santo de Assis. Assistem também com a fonte seca, e com Deus Senhor sem nosco? E se Arriba canes, o benigno Sebasto pastor anular em quem adora toda Boalis descanso do mor pastor castrense, e junto do anular do Barro padrense todos de boa... estes anos atrás mandou a águia voante visitar a alfândega real as trenas exteriores, e o cano real, por o Bogio manco, que no tempo do Sebasto foi letra nogal do A,B,C. português, e tal fora a sua vida, e tal fora sua vida e saúde qual fora a visitação, que se muitos fardos se tomavam por perdidos dantes, mais se tomam agora depois dele, perdemos muito ... da porta se ir ao Reino- rogai a Deus que enderece tudo suavemente. Este texto convertido para o português, dizia:

Haveis de saber que nosso Heitor Mendes está na corte de Madri a negociar nossa liberdade com el Rei Felipe. Temos esperança em o Senhor Deus que acabará o que Manuel Duarte não pôde. Temos de nossa mão, para efeito disto, o Moura e Pedrálvares, que não são mais que terceiros para este negócio que há tanto que se procura Ter bom fim. E além destes terceiros, temos por melhores terceiros, e que com el-Rei de agora acabam todo o ouro e prata, mas nesta nossa pretensão temos por contrários os inquisidores Bartolomeu da Fonseca, natural de Castelo Branco, e Manoel Álvares Tavares que serviu de inquisidor ... anos em Évora, Estes escrevem a el Rei que ponham os olhos em o Senhor Deus, e que não venda o sangue de Cristo por ouro, nem prata, que se isto não fora, já não houvera prender tanta gente da nação nos cárceres de Lisboa, como prendem cada dia, nem em Évora, nem em Coimbra. Em Évora são inquisidores Lopo Soares, D. João de Bragança, o qual como nem os presos no tempo dos tratos pendurados para lhe ...tratos, diz ... que eu fico por fiador que ele confessa sua culpa, com que é causa

de dizerem, e confessarem que toda sua vida foram judeus, e de saírem sambenitados todos. Na Inquisição de Lisboa servem os seguintes: Bartolomeu da Fonseca, natural (como já disse de Castello Branco, que assim como tem nome de fonte seca, despacha os presos de nagar?, e é um mar calmoso sem vento, e mui enfadonho primeiro e faça um auto. O outro é Manoel Álvares Tavares que serviu em Évora (como tenho dito) muito tempo inquisidor, este diligente, e não sofre, e não sofre dilação, e dá digestão aos negócios de preça, e assim querem os presos sair antes de sua mão sambenitados, pela brevidade de que usa, que livres da mão de Bartolomeu da Fonseca. O outro é o inquisidor Ribafria, homem de tempera velha, e mais bem inclinado para despacho dos presos que o Fonseca, mas no meio de tanto rigor como usa o Fonseca, foi o Senhor Deus nosso servido, dar-nos um D. Antonio Matos, Bispo Delvas, e um Diogo de Sousa junto dele logo, com Marcos Teixeira. E este D. Antonio Matos nos dá aprazíveis mostras, e boas esperanças com sua brandura, e Diogo de Sousa com sua nobreza, e o Marcos Teixeira com sua estrangeira facilidade, e por notário serve diante destes Bartolomeu Fernandes, que esteve recolhido na Arrábida. Diante do Fonseca serve Simão Lopes de notário, inda que curta das vistas, e pequeno do corpo, não é curto da diligência, e cuidado no que toca a soltura e despacho dos presos. Jorge Martins que era notário diante do Fonseca, por doente da gota estava aposentado em umas casas que foram de Luís Francisco, o qual saiu penitenciado, e perdeu as casas- com os três inquisidores a saber: Fonseca, Ribafria e Tavares assistem por acompanhados o benigno Bispo Donel Donseba?, e Antonio de Barros, e homens bem inclinados, no Donseba São Bispo adora toda Lisboa por ser benigno, e é inclinado, e é todo o descanso, e refrigério em todo esse arcebispado, a Dom Miguel de Castro, arcebispo de Lisboa. Estes anos atrás mandou el Rei Felipe visitar as inquisições deste reino a saber, a dela, a de Évora, e Coimbra, a qual visitou Martins Gonçalves, da Câmara, e tal seja a sua saúde e vida qual foi a visita que ele fez, que se antes disso prendiam muita gente da nação, muita mais prendem agora. Perdemos muito em se ir o Cardeal do Reino. Rogai todos ao Senhor Deus, que encaminhe, e ordene todas as nossas coisas bem, e suavemente, isto quer dizer em português (pelo juramento dos santos

evangelhos) traduzida bem, e fielmente, e por verdade me assino, hoje 17 de dezembro de 1597 anos.

Bento Teixeira

Jesus Maria

Mui Ilustríssimos Senhores Inquisidores

Depois de ter escrito algumas coisas que me pareceram de importância, assim para descargo de minha consciência, como pela obrigação que tinha de advertir a santa Mesa, como verdadeiro confidente de algumas coisas tocantes a ele, me ocorreram além das sobreditas, as seguintes, que me parecendo também necessárias escrever, para o qual escrito pedi a V.^aS.a essas duas folhas de papel, assinadas pelo notário Manoel Marinho, as quais coisas são as seguintes:

Aviso Primeiro

Parecendo-me também necessário fazer lembrança a V.V.S.S., que se for possível se evite muito se meterem preso novo com o velho negativo, porque além de danar assim com sua danada pertinácia pega sua pravidade ao novo que vem muitas vezes com tenção de confessar logo em indo à Mesa santa, suas culpas. Isso não o digo temerariamente, senão com todo o devido exame da razão, e experiência como a quem aconteceu, e como que viu acontecer a outros. A mim primeiramente já disseram alguns presos velhos negativos o seguinte: Irmão meu de boa entrada haveis de saber que fostes ditoso em vir à companhia de preso velho negativo, e que sabe das coisas desta Casa quanto baste para saber como se há de haver por isto daí muitas graças a Deus por não irdes Ter a parte e companhia aonde as duas palavras dessem convosco na lama. Primeiramente haveis de saber que estais metido num inferno abreviado, e não lhe chamamos purgatório, porque lá visitam os anjos às almas, consolam-nas em seus tormentos, mas aqui não há anjos que nos consolem, senão um de má fama mais mau inclinado que o Belzebu do inferno (e isso diziam ao alcaide velho) o qual é filho do mais reprovado homem que houve em Portugal, o qual usa inda do ofício de seu pai que é enlaçar almas; porque em entrando preso, com suas palavras brandas o faz confessar, e depois que o

triste está metido na rede lhe diz: Falai verdade. E isto faz principalmente com os presos que comem do del Rei, porque não tira nada de sua pauta. Que se ele é preso donde ele pode interessar alguma coisa calar-se, e não lhe diz nada. Secundariamente, haveis de saber que o negativo aqui inda que lhe apertem mais a vida? É tido dos próprios inquisidores em muita conta e reputação, já lá fora não falamos que se sai livre, se idolatrado de todos os da nação, acatado dos cristãos velhos, e enfim respeitado de todos, é verdade que para gozar desta glória passa pela... dos tratos, e doutros inconvenientes, mas enfim isto é coisa que dura poucos dias, e a honra dura para sempre. O confessado ganha o que nós diremos-enquanto vai confessando fazem-lhe muitos mimos, careando com palavras brandas, e depois que o estancam do feito, e por fazer dão-lhe com o pé, e por prêmio da verdade que falou armam no de ponta em branco cavaleira de Santo André com uma penada de tinta amarela que diz saibam quantos este instrumento: fazei de conta que se hão com ele como o lavrador com o cortiço, que enquanto tem mel, ou o espera dele faz-lhe todos os benefícios do mundo, mas depois que lho tira dá-lhe de pé. E por derradeiro dizem a alguns depois de feita a confissão ao ratificar, Calai-vos que por derradeiro confessados, e(m) negativos todos sois judeus, como disseram este auto passado fez três anos o inquisidor Bartolomeu da Fonseca, e Manoel Álvares Tavares a alguns... disto senão confessais logo ...o menos que nos dão são dois anos de sambenito, e ora andai pela cidade pedindo o que haveis de comer com aquele honroso brasão às costas que tanto nos vem, nos virá às costas, e fazem que nos não conhecem, ora depois de tudo ... que nos fazem os inquisidores depois do tempo acabado para nos tomarem a penitência, é outra nova prisão de cárcere, e não é muito que no cárcere foram partes, e juizes, e então são partes, juizes, e verdugos. Porque de ambas as sortes a melhor é negar como São Pedro, porque quando mal for ides às gales lá não trazeis penitência, e se tendes vinte cruzados que dais ao capitão da galé, senão remais nem por isso nos mata. Vedes gente, vão-nos os nossos, sabem todos que fizestes o que se de nós esperava, folgam de nos favorecer, e prover do necessário. Pelo qual respeito, e razões com outras muitas que não digo por não molestar a V.V.S.S. persuadem o preso novo lá estar pertinazmente negativo fazendo-lhe padecer mil morsos da

consciência, que afirmo a V.V.S.S. que inda que não houvera outra razão mais obrigatória, nem argumento mais eficaz para provar que a Lei de Cristo Nosso Senhor é a boa, e verdadeira, e que nela só há salvação das almas que o tormento, e martírio perpétuo que a consciência dá a um judeu negativo, este só bastava para o converter e reduzir ao prêmio da Igreja Católica, e(m) fazer outro que não é. Porque o primeiro discurso que fez comigo (além doutros muito depois) foi este, ou a Lei de Cristo é boa, ou não, se não fora boa, não tinha a consciência de que me inquietar, nem remorder, (porque ela não remorde, nem inquieta, senão quando cometemos algum crime contra a Lei divina, ou contra o que dita a razão, ou lei natural) mas ela compunge-me e martiriza, logo algum crime tenho eu cometido, este é o ser judeu pertinaz, contra a lei de Cristo, logo o ser judeu é mau, e a lei de Cristo é boa, pois a consciência me remorde porque a não sigo, antes faço contra ela.

Assim que em resolução os presos novos como quem sabe o que passa neste caso por amor de Nosso Senhor Jesus Cristo peço a V.V.S.S. sejam metidos com confessados, e de consciência desembaraçada, e V.V.S.S. verão o fruto que se daqui colhem. Porque além das inspirações divinas que tive, e bons discursos, foi Nosso Senhor Jesus Cristo servido tirar –me de uma ruim companhia e pertinaz negativo, que com sofisticadas, e aparentes razões me ... de meu intento.

Aviso Segundo

Os presos negativos quando as mulheres negativas ou confessadas que por não fazerem retamente suas confissões hão de ir aos tratos, choram e dizem que são fracas, e que como hão de poder sofrer tão rigoroso tormento dizem o seguinte: Vem cá mulher mal afortunada, e a poucada do ânimo partiste já, se ela diz sim, tornam ele então a dizer: Pois faz de conta que aquelas duas outras horas de tratos são dores de parto, quanto mais que algumas que as levaram dizem que não são tamanhas, e sofre, porque assim honras a ti, e a tua geração, não trazes cá inocentes, poupas tua fazenda que tu sem ela não te fica mais que ires à mancebia, como muitas mulheres virtuosas e honradas de Évora, que saindo confessadas com

pura necessidade, fizeram de si mau recado. E, se a mulher é donzela, e diz que não pariu, diz-lhe fazei de conta que vos levam de vossa honra.

E, pois neste trance não vos indo nada... também sofri agora aonde tanto vos importa a vós e a vossos parentes, os quais ainda que fizestes o devido vos traíram? por estampa, e casaram mui honradamente, e assim todos a quem eu ouvi dizer isto sofreram os tratos, como foram as filhas do velho Gregório Lopes de Beja, Helena Lopes, e Beatriz Lopes sua irmã Leanor de Vera, Inês Álvares, e outras que agora me não lembra.

As inteligências que tem para saberem os que estão nos tratos se são negativos, se confessados.

Se a pessoa que está no tormento diz não tenho que dizer, dizem encomendemos aquele, ou aquela se é mulher a Nosso Senhor que lhe dê vitória de seus inimigos, que a fé que tem espírito não bate Deus. Deus te anime e confunda teus inimigos, e alguns rezam os Salmos que diz *ya habitat utuminatio mea altissimi*, outros rezam, *Dominus Illuminatio mea, et salus mea*²⁴³, outros que se querem mostrar mais caatólicos rezam Deus que contritorum *Non despicias gemitum et maerentium no spernis affectu*.²⁴⁴ Se é confessado diz: Já falei a verdade, não tenho mais que dizer, e assim sabem que é confessado, mas que nos tratos cala a boca. Se sai bem dos tratos dizem por onde passam: Virgem da Vitória, Senhora minha valeu-me, que agora me martirizaram se é homem, se é mulher diz por cristã, e chamam pela Senhora da Vitória para que saibam que alcançou vitória de seus inimigos.

Para se conhecer que pessoas são as que estão no tormento

Eu agora *verbi gratia*, suspeito o usei pelo meu processo que hei de ir aos tratos, digo pelo A,B,C , quando eu estiver no trato se me ouvir chamar pela Nossa Senhora das Angústias faça de conta que ...eu, outras dizem: se me virem chamar

²⁴³ O Senhor é a minha luz e a minha salvação

²⁴⁴ Ó Deus, que não desprezas o lamento dos arrependidos e não desdenhas o sentimento dos aflitos.

pela Nossa Senhora da Conceição façam de conta que soe eu, e assim cada um toma a invocação do santo, ou das santas que quer, e pelas invocações conhecem o homem ou a mulher que está nos tratos.

Quando a pessoa confessa nos tratos, principalmente se dá em pai, mãe, marido, irmão, filhos ou parentes diz o seguinte para onde vai

Se deu marido na mulher, ou mulher no marido dizem: Já entreguei a vida a sacrifício.

Se é mãe e dá nos filhos e filhas, ou é pai e dá nos filhos e filhas dizem: Lá deixo com dor as meninas dos meus olhos.

Se os filhos ou filhas dão no pai ou na mãe dizem: Lá me fica com dor a carne, e o sangue. Se é irmã ou irmão e dá no outro, dizem: Lá me fica com dor a sala do meu coração. Se dão em algum primo ou prima, dizem: Tanto puxaram pela caravela até que arreventou a ...Se foi parente em que deu, diz: Com dor lá me ficam os dentes.

E dirá V.V.S.S. como é isto certo, di-lo-ei eu. Quando tratarem? os vigias passando por cima lhe ouviram: Lá me fica a vida em sacrifício, e ambas as meninas dos meus olhos com dor. E os presos disseram logo: Pelos santos evangelhos que largou Viegas agora o mialheiro, e entregou a mulher Antonia de Oliveira, e ambas as filhas, maldito seja judeu tão afirmado e pusilânime, e perguntando eu como sabiam aquilo, então me disseram as inteligências que havia para isso que são as que tenho dito.

Um Aviso muito importante

Importa muito para descargo das consciências de Vossas Senhorias fazerem exame, ou para falar mais próprio, mandarem ao físico e cirurgião desta santa casa o façam mui extensamente primeiro que ponham a tormento mulher alguma compelindo-as a jurar pelos santos evangelhos se andam com seu menstuo, ou não, porque se lho perguntam o físico e cirurgião simplesmente, e sem juramento,

dizem que não por não, e não estarem com a penosa incerteza se a chamaram aos tratos outra vez, senão, e não digo isso sem causa, porque Lianor de Vera e Inês Álvares que foram vizinhas minhas neste pátio na Quinta estiveram muito mal, por se lhe subir o mensturo à cabeça, e foi porque quando foram aos tratos iam com ele, e com as dores represou-lhe a natureza, e estiveram perigosas alguns dias, e foram tão contumazes que nem ao próprio cirurgião o disseram nunca, mas eu o soube de Maria Anriques de salva terra, que para lhe tornar amiga lhe deu certos xaropes e beberagens.

Título do que passei mais com Lopo Nunes

Quando Lopo Nunes me perguntou por seu irmão Miguel Vaz, e como já tenho dito no outro papel a V.V.S.S., disse o dito Lopo Nunes: Ele revelava-lhe ser acolhido, e assim o deve ser, e perguntei-lhe eu por quê? Disse o seguinte: Minha mãe e minha irmã haviam de dar nele de necessidade, porque estavam todas idas portas adentro, e lá faziam suas cerimônias, e praticavam na Lei de Moisés. E aqui nesse passo me lembra a mim que lhe disse o que escrevi no outro papel, pois como é possível que comunicando vossa mãe, pai, e irmã com Miguel Vaz, vosso irmão, isso o não comunicassem com vós, parece que implica contradição, e mais sendo vosso pai, e mãe tam bons ingadores de bola, e ingando canto por dentes? Como pode ser que derrubando os mais paus de vossos irmãos ficásseis vós em pé, como diz no meio? E o dito Lopo Nunes disse: Pela bondade de Deus em mim nunca tocou o fogo da apostasia, posto que queimou a eles todos, a afirmo-vos que minha mãe me ... que cresse na Lei de Moisés, e meu pai me punha argumentos que me metia por debaixo da água, e quando eu tornava a surgir tina bem de que louvar a Deus, e assim lhe respondia argutamente, e de maneira que ficava ele pasmado, e dizia que nem o Padre Mestre Inácio lhe podia responder também, e que V.V.S.S. bem sabia essa verdade, e que estavam pasmados lá consigo sem o demonstrarem pelas grandes maravilhas que Deus lá fora tinha obrado, e obrara aqui dentro por ele, Lopo Nunes. Disse mais: que Adrião, o alfaiate lhe dissera depois do auto, estando ele na sétima, e Adrião na Sexta deste pátio, que seu tio, o

Licenciado Fernão Dálvares falecera no mar, vindo de Pernambuco para este Reino, e que folgava dele ser falecido porque tinha que dizer? na Mesa dele, e que este Licenciado lhe pusera muitas vezes argumentos, como os que lhe punha seu pai, o qual seu pai se morrera, como disseram, negativo, que seria ou era por não trazer cá este Licenciado, chamado Fernão Dálvares, que era seu irmão, e outras pessoas como eram James Lopes da Costa, Gabriel Ribeiro, e Manoel de Medeiros seus parentes; os mais parentes lhe deram ajuda para se embarcarem, como embarcaram, e que estes mesmos ajudaram daqui a embarcar para Flandres a mulher de um Antonio Fernandes, cristão novo, mercador chamado da Alemanha ou do Porto, o qual Antonio Fernandes era meu parente, e esteve muito tempo na Bahia, no tempo em que eu estava no Rio de Janeiro, e da dita Bahia se veio para este Reino muito rico, e me contou o dito Lopo Nunes que estava Antonio Fernandes aqui em Lisboa praticando com um homem da nação, que viera o meirinho do Santo Ofício e que prendera o dito homem, e que o dito Antonio Fernandes atônito de ver tal espetáculo se resolveu a não estar mais neste reino, e dentro em oito dias se embarcou para Flandres, e de lá mandou buscar sua mulher, a qual embarcaram os sobreditos seus parentes. No fim dessas razões ele me disse o seguinte: Primo meu, haveis de saber que eu fui fazer diante do inquisidor Bartolomeu da Fonseca uma declaração, assim de meus irmãos, como do Licenciado Salazar, para com isso me mandarem soltar, e folgara de saber que James Lopes da Costa, Gabriel Ribeiro, e Manoel de Medeiros eram idos para acabar de fazer minha declaração, porque sendo idos, não lhes faço mal nenhum. Aqui me vi eu gastado da paciência, e lhe disse o seguinte: De maneira, Lopo Nunes que à vista de todas essas pessoas que nomeais vos quereis fazer cristão? Que cuidais! Por ventura os inquisidores são bilhafas Lagarteiros

Que os Haveis de enganar com estas mostras...? E ora desenganou-os que já passou Lot que escapou do incêndio de Sodoma e Gomorra, porque é impossível sendo estes todos tocados do fogo da apostasia (como vós dizeis) escapardes vós só como Lot. Isso me pareceu necessário declarar também para descargo de minha consciência.

Aviso último

Alguns cristãos novos ricos, e poderosos estão apostados no Brasil se Sua Majestade não conceder o perdão de se embarcarem nas urcas que lá vão Ter para Flandres, como já fizeram dois receosos de se não poder impetrar; os quais foram Miguel Dias, sobrinho de Bento Dias de São Tiago, e Antonio Lopes, o vesgo, ambos muito ricos. E dizem que se Sua Majestade impedir que não vão lá à urcas, que de dentro de Itália, e Veneza hão de mandar vir vazilhas para se embarcarem. E isto é o que passa na verdade, pelo juramento dos santos evangelhos, sem acrescentar coisa nenhuma, como fiel católico, e verdadeiro cristão, e declaro que o conteúdo nessas duas folhas de papel é de minha letra, e sinal, e que protesto que todas quantas coisas me mais ocorrerem à memória, de que tiver escrúpulos ou que me parecerem necessárias manifestar na santa Mesa de o fazer em todo rigor da verdade. No cárcere, hoje sete de janeiro de 1598 anos.

Bento Teixeira

Escritos de Bento Teixeira (Microfilme Rolo II)

Ilustríssimos e Reverendíssimos Senhores Inquisidores

Todas as causas devem naturalmente se conservar em sua espécie e o homem muito mais que todas donde vem a dizer os divinos escritos, e com receio que me acontecesse algo por onde perder a vida como fraco e mortal e desejoso enfim de a conservar para reformar as quebras do passado, e fazer outra nova deixava de acabar minha confissão perfeitamente pelas razões e causas que neste papel apontarei, as quais quis manifestar à V.V.S.S. nesta Mesa sagrada do Conselho, aonde (como suprema) se pode dar remédio mais facilmente aos inconvenientes que se pode seguir que em outro nenhuma. E, fazendo princípio digo: Que na capitania de Pernambuco do Brasil está um mercador castelhano, cristão novo, que se chama João Batista, o qual me disse ser dos conversos de Castela, aonde diz tem muitos parentes ricos e principais. Com o qual João Batista vindo eu a Ter comércio e amizade... particular, depois de nos declararmos por muitas vezes seguidores da lei de Moisés como declarei em minha confissão ante o inquisidor Manoel Álvares Tavares, vim eu depois que faleceu minha mulher Felipa Raposo Ter a casa do dito João Batista, o qual me disse o seguinte interminis: Irmão de minhas entranhas, fizestes muito bem em matar vossa mulher porque tão somente não o merecia por adúltera, senão porque o teria entregue à Inquisição. E eu espantado de ouvir tal, lhe perguntei: que de onde sabia aquilo, e quem lho dissera. E ele me disse que Antonio de ponte, criado do visitador Heitor Furtado o dissera, e que também Frei Damião e Cristóvão Dalpoem me tinham posto no Santo Ofício. E perguntando-lhe eu que remédio me dava para escapar de ser preso me disse que vendesse as melhores peças que tinha da Guiné, e que ele me empregaria o dinheiro delas em fazenda, e que me iria com ele para o Peru ou Tucumã, para onde o dito João Batista estava a caminho, e que as outras peças que ficassem ele se obrigava a mas levar para o navio em que fosse sem nenhum frete, e que não tinha necessidade em fazer matá-lo tais? em para minha pessoa, que eu

passaria como ele. E eu, parecendo bom o conselho que o dito João Batista dava, tomei quatro peças da Guine, de nove que tinha, e entreguei-as ao dito João Batista, as quais quatro peças ele vendeu por serem ladinas, e boas serviçais por quatrocentas patacas de oito reais cada uma, que vem a ser cento e vinte e oito mil réis. E andando ele por empregar o dito dinheiro em ruões, olandas e panos pardos que é mercadoria que dizem vai muito no Tucumã, e fazendo-se prestes para partir no mês de abril (que faz três anos) e eu com ele fugindo da Inquisição com o pressuposto de mudar o nome e me chamar Júlio Batista, fazendo-me sobrinho por parte de pai do dito João Batista, e sendo isso no mês de março, sucedeu no abril próximo virem os ingleses, e saquearem a fazenda da nau da Índia por onde se suspendeu por então a nossa ida. E no junho próximo querendo o dito João Batista prosseguir sua viagem vieram novas que Sua real majestade proibia sob graves penas que nenhuma pessoa do Brasil ou de outra parte fosse ao Tucumã pelo Rio da Prata, que é pela costa do Brasil, mas que só os do Tucumã poderiam vir Ter ao Brasil para poderem passar o seu dinheiro por letras, e virem seguros por amor dos ingleses, o que foi causa do dito João Batista desistir e eu com ele da ida que fazíamos.

E logo depois disto em vinte de agosto próximo, que este que agora vem faz três anos fui eu preso pelo Santo Ofício, e sendo eu embarcado para este reino aos 22 de novembro, digo de outubro, este que vem faz três anos, o dito João Batista foi me visitar à urca de noite, e lá me tinha visitado no Recife dois dias antes, e ali vieram os parentes de todos quantos presos para cá vinham porque os criados de Heitor Furtado que comiam e jogavam conosco não os tolhiam, nem defendiam, e depois do dito João Batista chorar muitas lágrimas comigo, e me fazer presente de algumas coisas do Reino, ... me metia na mão uma letra para um seu Respondente, a qual era de cento e quarenta mil réis, a saber 128 dos que tinha em seu poder, e do que me dava grátis, o qual letra eu não quis aceitar que tanto me levaria o Diabo, que deixasse ficar as quatrocentas patacas em seu poder, porque ali debaixo de usa fé, amizade e confiança estavam seguros do Santo Ofício e melhor que em minha mão. O que vendo o dito João Batista disse que não seguia enganado, e que acabava de entender a firmeza e fé do amor que nós tínhamos um ao outro, e que

sendo caso que Nosso Senhor fizesse de mim alguma coisa, o que ele não permitisse, ele juraria ao Senhor Deus verdadeiro de Israel de entregar as ditas quatrocentas patacas ao meu irmão Fernão Roiz de Pais, como legítimo herdeiro delas, e que saindo bem como esperava no mesmo Senhor por cujo amor e honra eu vinha preso, que fizesse de conta que as tinha na mão. E depois de praticarmos sobre o segredo, fé, e lealdade que um ao outro éramos obrigados a ter me disse: Irmão de minhas entranhas, haveis de saber que ides para o mais rigoroso juízo que há no mundo, e não somente o necessário o saber que tens, mas o de Salomão: cinco coisas haveis de saber depois de o encomendardes ao Senhor que os deu o ser, ter humildade, forças, saber, paciência e prontidão de vontade. Humildade para não irardes contra nenhum ministro da Inquisição; força para resistir aos altos combates ordinários e extraordinários que os hão de dar os inquisidores para que confessais; saber, para saberdes reger e governar, e dizer Não, não, não. Paciência para sofrer as injúrias e afrontas que os hão de dizer os ministros, os inquisidores, que o hão de chamar de judeu, e outras mil outras injúrias, e prontidão de vontade para os oferecerdes a todo o mal que suceder, e sobretudo o encomendo que depois de cumprido tudo isso, que às vezes não aproveita que tal é a prisão se os apertarem ... com os mortos, porque se falar com os vivos, principalmente comigo, eles e eu passaríamos algum tempo mau como nós, mas ao fim vós os arrependeréis do que tiveres feito, porque os faço saber que em Castela, e em Portugal tenho parentes aos quais não haveis de escapar nem no ventre de Balena. Mas sobretudo, se chegares ao trance de mãos atadas, e for necessário dar em todos que convosco trataram, logo o trate (faça), mas para eu saber que tem dado em mim, direis que em meu poder tem ficado sob confiança quatrocentos pesos, e eu quando vier o Fisco me pedir por parte do Santo Ofício hare calças de Vila Diego, e falar-se com os cardeais, e então venha-me o Diabo tomar. E por resolução me fez jurar pelo Senhor que fez o céu e a terra, mar e areias de cumprir os juízos muito inteiramente, sem discrepar em um só ponto.

Assim que ilustríssimos senhores eis aqui a causa porque não dizia deste João Batista. Porque fazia esse discurso. E eu se não digo desse homem a minha confissão não é de cristão, ... se digo é por necessidade de descobrir as

quatrocentas patacas que me ficaram que me ficaram para meu remédio, porque saindo de presente, não tenho depois de Deus outro, se digo dele e descubro as patacas, corro risco de vida porque ele é poderoso, e rico, e tem parentes honrados a todo o tempo se satisfaria de mim. Enfim, resolvi-me dar a conta a V.V.S.S. de tudo isso, porque se for caso que o prendam pelas culpas que dele disser eu, ou outras pessoas, que não lhe peçam o dinheiro que me deve antes de o prenderem, porque senão a colha, senão que lhe confisquem na fazenda, e para as ameaças que estes como outros de quem falarei adiante me fizeram, darei com o favor de Nosso Senhor Jesus Cristo, remédio mui acomodado o qual V.V.S.S. terão por bom porque é justo o que nele peço, mas antes de vir a tratar dele quero que saibam V.V.S.S. mais:

Haverá quinze anos pouco mais ou menos, na cidade da Bahia em que eu acabava o curso das Artes vim a Ter amizade muito particular com um Lopo Fernandes, cristão novo, mancebo, solteiro, muito rico, cunhado de Bastião de Faria que é casado com uma irmã do dito Lopo Fernandes, que então era solteiro, e agora segundo me disseram ao tempo de minha embarcação é casado, o qual Sebastião de Faria ouvindo dizer que eu me queria sair dos estudos, e ir acabá-los em Coimbra, e sabendo, e vendo a estreita conversação, e amizade que eu tinha com o dito seu cunhado Lopo Fernandes me mandou cometer por ele que lhe quisesse ensinar um filho seu o latim e outros dois de Fernão Cabral, e que ele me fazia bons em sua mão cada ano trezentos cruzados afora as benesses e para isso Ter efeito me mandou com o dito seu cunhado a um dos seus engenhos de dois que tem, o qual se chama engenho de Ottun, no qual engenho depois de estar alguns dias com o dito Sebastião de Faria, e Lopo Fernandes seu cunhado e, Fernão Ribeiro de Sousa, de quem tenho dito em minha confissão, e depois de Ter comunicado com eles algumas coisas da observância da Lei de Moisés, a saber com Fernão Ribeiro e Lopo Fernandes principalmente, porque com o Sebastião de Faria não cheguei a me descobrir mais que implicitamente porque é tido e em conta de cristão velho, (posto que o cunhado Lopo Fernandes e a mulher do dito Sebastião de Faria, irmã do dito Lopo Fernandes sejam cristãos novos) me vim caminho da cidade, e fingindo que me vinha apartar de meu irmão aos Ilhéus para lhe vir ensinar seu filho, e os do dito

Fernão Cabral, me deixei ficar nos ditos Ilhéus aonde me casei e de onde daí a um ano pouco mais ou menos me vim para Pernambuco aonde por muitas vezes tive cartas dos ditos Fernão Ribeiro de Sousa e Lopo Fernandes encomendando-me muito e coisas de sua honra, e muitas vezes me mandavam a letra dos vinte, trinta e quarenta mil réis. Finalmente, por não molestar a V.V.S.S. naquele comenos? Que Heitor Furtado veio à capitania de Pernambuco me escreveu o dito Lopo Fernandes uma carta da maneira seguinte:

Irmão e Senhor meu dalma

O que sinto com a perda de sua boa conversação me faz não fazer caso de nenhuma outra, porque aquilo que com os olhos de afeição é visto, depois com suave coração ..., e como eu vi a V.M. com olhos de amor daqui me nasce inda agora em ... a mão tanto, e não lhe encareço isso mais porque bem sabe de mim que nunca fui de fazer muitos abonos e que minhas coisas valem mais a peso que a olho, quisera-me forrar de escrever esta para o efeito que é porque as pessoas da qualidade de V.M. nasceram mais para avisar do que para serem avisadas. Já lá saberá o que bem aparta que é a ira de Deus o qual foi servido de escaparem cá todos os fardos de casa, e assim permitiria por sua misericórdia que escapem todos os de lá ... que esta vai selada com tais selos para os ... na sua boca, e quando não nasce em V.M. os ...daquela ... que seu bom saber e entendimento... ...permite ...de presente padeceram trabalhos mas creia que o a V.M. de haver com outro Aleides ? que foi ao inferno aonde V.M. não há de escapar discrepando um santo do que deve a quem há e do que deve ao Senhor Fernão Ribeiro de Sousa, e a mim, e a outras pessoas da conversação, o dito senhor Fernão Ribeiro e eu mandamos a V.M. uma letra de trinta mil réis para tapar algum buraco. Avise-nos de tudo que lá passar, e de suas necessidades se as tiver, porque acudiremos a elas como devemos, e somos obrigados, o dito senhor Fernão, portador desta, e eu escrivão dela beijamos as mãos de V.M. pedindo as Senhor Deus nosso vitória particular e geral desta guerra que agora anda

V.M. bom capítulo se anime lá os de casa pois para tudo tem ...

Seu irmão dalma Lopo Fernandes

Aqui verão V.V.S.S. se tinha eu razão de Ter receio de confessar minhas culpas por este medo. Mas enfim resolvi-me a consumir de todos os números e partes minha confissão esperando na misericórdia de Nosso Senhor Jesus Cristo que já que me livrou a alma das trevas em que estava, também me livrará o corpo dando-lhe vida para o servir, e quando permitir que eu por falar a verdade e confessar o que devia e sou obrigado para salvação da alma, padeça detrimento de vida, direi como diz o glorioso ou também como dizia a santa Susana? Que melhor nas mãos dos homens que nas de Deus. Mas como ele é pai de misericórdia e Deus de toda a consolação tudo isso V.V.S.S. com sua ajuda podem remediar com uma coisa que hei de pedir a V.V.S.S. em Mesa quando quiserem despachar o meu feito, e é o que de palavra direi que aqui não convém por . E porque cuido que tenho satisfeito com tudo o que devo a minha consciência depois de agora declarar ante o senhor inquisidor Manoel Álvares Tavares o que passei com estas pessoas quero-me forrar de palavras pedindo a V.V.S.S. que é já também tempo de me ampliarem os favores, e restringirem os males, e castigos, porque diz o glorioso São Basílio que se o vaso de vidro está cheio de pó que basta sacudirem-no, e não esfregarem-no tanto que quebre, pois que coisa mais vidrosa que o mísero mortal, e lembro a V.V.S.S. em resolução o que diz o Doutor Angélico sit erranti medicina confessio²⁴⁵, e pois, e de minha parte tenho correspondido em forma ... da boa e verdadeira confissão, resta agora a V.V.S.S não faltarem da sua, com a qual nunca faltaram a quem faz o que deve nesta santa Mesa.

E declaro que todo o conteúdo nestas duas folhas de papel que o senhor inquisidor Manoel Álvares Tavares por lhas pedir me mandou assinadas pelo notário Simão Lopes é de minha letra e sinal e para isso me foi dada pena e tinta e tudo passa na verdade sem falência nenhuma pelo juramento dos santos evangelhos como fiel e bom cristão. E por ser assim me assino, neste cárcere, janeiro de 1598.

Bento Teixeira

²⁴⁵ Que a confissão seja remédio para quem erra